

ÉMILE  
ZOLA

*A BESTA  
Humana*



ÉMILE ZOLA

A BESTA HUMANA

*Tradução:* EDUARDO NUNES FONSECA

*Título original:* LA BÊTE HUMAINE  
1890

© Copyright 1982 by Hemus Editora Ltda.

# I

Roubaud, ao entrar no quarto, colocou sobre a mesa o pão, o pastel e a garrafa de vinho branco. Como, porém, antes de descer para o seu trabalho, a tia Vitória tinha colocado uma grande quantidade de lixo no fogão, o calor era sufocante. E o sub-chefe da estação, abrindo uma janela, encostou-se a ela.

Era na última casa à direita, no beco de Amsterdam, uma casa alta, onde a Companhia do Oeste aloja alguns dos seus empregados. A janela do quinto andar, na esquina da água-furtada, dava para a estação, essa larga faixa que atravessava o bairro da Europa, um desenrolar brusco do horizonte que parecia tornar ainda maior, naquela tarde, um céu pardacento de meados de fevereiro.

Em frente, sob aquela pulverização de raios, as casas da rua de Roma confundiam-se, esvaeciam-se, ligeiras. À esquerda, os alpendres dos hangares cobertos abriam os seus pórticos gigantes, de vidraças enfumaçadas; o das grandes linhas, imenso, em que o olhar mergulhava, e que os edifícios do correio separavam das outras linhas menores, as de Argenteuil, de Versalhes, e as de subúrbio; ao passo que a ponte da Europa, à direita, cortava com a sua estrela de ferro a trincheira, que se via aparecer e deslizar para além, até o túnel de Batignolles. E, embaixo mesmo da janela, ocupando toda a vastidão do campo, as três vias duplas que saíam da ponte, ramificavam-se, desviavam-se em forma de leque, cujas varetas de metal, subdividindo-se, se iam perder debaixo dos alpendres. Os três postos dos agulheiros, adiante dos arcos, deixavam ver os jardimzinhos nus. No apagamento confuso dos vagões e das máquinas, atulhando as vias férreas, um grande sinal vermelho manchava a palidez do dia.

Por um momento, Roubaud interessou-se, comparando, pensando na sua estação do Havre. De cada vez que ele vinha passar um dia em Paris, e que subia até a casa da tia Vitória, tomava-o o espírito da profissão. Debaixo dos alpendres das linhas principais, a chegada de um comboio de Mantes animara o cais; e ele seguiu com os olhos a máquina de manobras, uma maquinazinha *tender*, de três rodas baixas e emparelhadas, que começava o desmanchar do comboio, ativa, mexida, levando, empurrando os vagões para as vias de armazenagem. Outra máquina, essa mais poderosa, máquina de expresso, com duas grandes rodas devoradoras, estacionava isolada, lançando pela chaminé uma grossa fumaça preta, que subia direita e vagarosa, no ar tranqüilo. Mas toda a sua atenção foi atraída pelo comboio das três e vinte e cinco, com destino a Caen, já cheio de viajantes e que esperava apenas pela máquina. Não podia ver esta máquina, pois estava parada além da ponte da Europa; ouvia-a apenas pedir passagem com pequenos silvos apressados, como alguém que começa a impacientar-se. Foi dada uma ordem; ela, com um silvo breve, mostrou que compreendera. Depois, antes de pôr-se em marcha, foram abertas as válvulas da frente, o vapor silvou rasando o solo num jacto ensurdecador. E viu então aparecer por cima da ponte

aquela brancura que se alastrava, redemoinhante como uma penugem de neve, voando através das armações de ferro. Um bom espaço ficou branco do vapor, ao passo que o fumo sempre crescente da outra máquina alargava o seu véu negro. Por detrás, abafavam sons prolongados de cometas, vozes de comando, abalos de plataformas girantes. Produziu-se um rasgão, e ele distinguiu, ao fundo, um comboio de Versalhes e outro de Auteuil, um ascendente e outro descendente, cruzando-se.

Quando Roubaud ia sair da janela, uma voz pronunciando o seu nome obrigou-o a debruçar-se. Reconheceu, embaixo, no terraço do quarto andar, Henrique Dauvergue, um rapaz de cerca de trinta anos, condutor-chefe, que ali morava em companhia do pai, chefe-adjunto das grandes linhas, e das irmãs, Clara e Sofia, duas loirinhas de dezoito e vinte anos, adoráveis, governando a casa com os seis mil francos que os dois homens traziam, vivendo em contínua alegria. Ouvia-se o riso da mais velha, enquanto a mais jovem cantava, rivalizando com um bando de pássaros das ilhas numa alegre chilreada.

— Oh! O senhor Roubaud! Está agora em Paris? Ah! sim, por causa da sua questão com o sub-prefeito!

Encostando-se de novo ao parapeito, o sub-chefe da estação explicou que fora obrigado a deixai o Havre, naquela manhã, pelo expresso das seis e quarenta. Uma ordem do chefe da exploração chamava-o a Paris, para uma grande repreensão. E por muito feliz se dava por lhe não terem tirado o lugar.

— E a senhora? perguntou Henrique.

A senhora quisera também vir, para fazer umas compras. O marido esperava-a naquele quarto, cuja chave a tia Vitória lhes mandava, em todas as viagens, e onde gostavam de almoçar tranqüilos e sozinhos, enquanto a boa mulher se conservava, lá embaixo, no seu posto. Naquele dia tinham comido um pãozinho em Mantes, querendo primeiro desembaraçar-se das coisas que tinham a fazer. Mas como eram já três horas, ele estava a cair de fome.

Henrique, para ser amável, fez ainda uma pergunta:

— E dorme esta noite em Paris?

Não, não! Voltavam ambos para o Havre naquela noite, pelo comboio das seis e trinta.; O quê! Feriados! Ele, se saía lá do seu lugar, era para tratar dos negócios, e depois, corria para o seu posto!

Por um momento os dois empregados olharam-se, abanando a cabeça. Mas já não ouviam um ao outro; o diabo de um piano acabava de fazer ouvir suas notas sonoras. Eram naturalmente as duas irmãs que estavam juntas a tocar nele, rindo alto, excitando as aves das ilhas. Então o mancebo, que, também se ria do caso, cumprimentou e recolheu-se ao seu quarto; e só o sub-chefe se deixou ficar por um instante com os olhos no terraço, donde subia toda aquela alegria de mocidade. Depois, com os olhos erguidos, avistou a máquina, que fechara já as válvulas, e que o agulheiro encaminhava para o comboio de Caen. Os últimos flocos do vapor branco perdiam-se por entre os grossos turbilhões de fumo negro, maculando o céu. E também ele se retirou da janela.

Diante do cuco que marcava três horas e vinte, Roubaud teve um gesto desesperado. Que é que/ fazia demorar Severina? Quando entrava numa loja, não havia maneira de a fazer sair! Para enganar a fome que lhe trabalhava no estômago, teve a idéia de pôr a mesa. O vasto aposento, com duas janelas, era-lhe familiar, servindo ao mesmo tempo de quarto de dormir, de sala de jantar e de cozinha, com os seus móveis de nogueira, o seu leito com colcha vermelha de algodão, o seu bufê de alçado, a sua mesa redonda, o seu armário normando. Foi ao bufê buscar guardanapos, pratos, garfos, facas e dois copos. Tudo isto era de uma limpeza extrema, e entretinha-se nesses cuidados de casa, como se estivesse brincando de casinha, feliz com a brancura da roupa, muito enamorado da mulher, rindo já de antemão, do bom riso fresco que ela iria soltar, quando abrisse a porta. Mas, depois de ter posto o pastelão em cima de um prato e, ao lado, a garrafa do vinho branco, mostrou-se inquieto e procurou com a vista. Em seguida, vivamente, tirou do bolso dois embrulhos esquecidos, uma lata de sardinhas e queijo Gruyère.

Deu meia hora, Roubaud passeava de cá para lá, voltando, ao menor rumor, o ouvido para a escada. Enquanto esperava sem-nada fazer, ao passar por diante do espelho, parou e mirou-se. Não envelhecia; aproximavam-se os quarenta anos, sem que o ruivo ardente dos cabelos encaracolados tivesse empalidecido. A barba comprida, era loira. De estatura mediana, mas de um extraordinário vigor, comprazia-se na sua pessoa, satisfeito da ua cabeça um quê de chata, de testa estreita, de nuca espessa, a face redonda e sangüínea, iluminada por dois grandes olhos vivos. As sobrancelhas ligavam-se, dando-lhe à frente a risca dos ciumentos. Como casara com uma mulher mais moça que ele quinze anos, aqueles olhares freqüentes lançados ao espelho tranqüilizavam-no.

Sentiu-se um ruído de passos; Roubaud correu a entreabrir a porta. Mas era uma vendedora de jornais da estação, que regressava a casa, ao lado. Voltou e interessou-se por uma caixa de conchinhas que estava sobre o bufê. Conhecia-a bem, aquela caixa, um presente de Severina à tia Vitória, sua ama de leite. E bastara esse pequenino objeto para se lhe desenrolar no espírito toda a história do seu casamento. Ia fazer três anos. Nascido no sul, em Plassans, filho de um carroceiro, saído do serviço com os galões de primeiro sargento, por muito tempo fator-misto da estação de Mantes, passara como fator-chefe para a de Barentin; e fora aí que ele a conhecera, à sua querida mulher, quando ela vinha de Doinville tomar o trem, em companhia da senhorita Berta, a filha do presidente Grandmorin; Severina Aubry era a filha mais nova de um jardineiro, falecido ao serviço dos Grandmorin; mas o presidente, seu padrinho e seu tutor, estragava-a de tal modo, fazendo dela a companheira de sua filha, mandando-as ambas para o mesmo colégio de Ruão, e ela mesma tinha uma tal distinção natural, que, por muito tempo, Roubaud se contentara em a desejar de longe, com a paixão dum operário encantado por uma jóia delicada, que ele julgava inacessível. Fora esse o único romance da sua existência

Tê-la-ia desposado sem um soldo, só pela alegria de a possuir, e, quando enfim se atrevera, a realidade ultrapassara o sonho; além de Severina e de um dote de dez mil francos, o presidente, hoje aposentado, membro do Conselho de Administração da

Companhia do Oeste, dera-lhe a sua proteção. Logo no dia seguinte ao do casamento, passara a sub-chefe da estação do Havre. É verdade que tinha a seu favor as suas notas de bom empregado, sólido no seu posto, pontual, honesto, dum espírito limitado mas muito reto, tudo qualidades excelentes que podiam explicar o pronto acolhimento feito ao seu pedido e à rapidez da sua promoção. Preferia acreditar que devia tudo a sua mulher! Adorava-a.

Quando abriu a lata das sardinhas, Roubaud perdeu decididamente a paciência. O encontro era para as três horas. Onde podia ela estar? Com certeza não se ia desculpar dizendo que, na compra dum par de sapatos e de seis camisas, levara o dia todo.

E como passasse de novo à frente do espelho, notou com as sobrancelhas eriçadas, que tinha a fronte cortada por uma linha dura. Nunca, no Havre, suspeitara dela. Em Paris imaginava todas as espécies de perigos, de astúcias, de crimes. Uma onda de sangue lhe subia ao cérebro, os seus punhos de antigo carregador contraíam-se como no tempo em que empurrava os vagões. Tornava-se o bruto inconsciente da sua força; tê-la-ia esmigalhado, num lance de furor cego.

Severina empurrou a porta e apareceu fresca e alegre.

— Sou eu... bem! Já supunhas que eu me tinha perdido? No esplendor dos seus vinte e cinco anos, ela parecia alta, esbelta e muito flexível, nutrida, mas de ossos delgados. À primeira vista não era bonita; o rosto comprido, a boca forte, iluminada por dentes admiráveis. Mas só um olhar para ela, seduzia pelo encanto, pela estranheza dos seus grandes olhos azuis, sob espessas trancas pretas.

E como seu marido, sem responder, continuasse a examiná-la, com o olhar perturbado e vacilante que ela bem conhecia, acrescentou:

— Oh! o que eu andei!... Imagina! Foi impossível tomar um ônibus. Então, como não quis gastar dinheiro num carro, tive que correr... Olha como estou quente!

— Vejamos, disse ele violentamente, não quererás que eu creia que vens só do Bon-Marché.

Porém, em seguida, com uma gentileza de criança, ela lançou-se-lhe ao pescoço, pousando-lhe sobre a boca, a sua mãozinha acolchoada.

— Feio, feio, cala-te!... Bem sabes como eu te amo.

Brotava tal sinceridade de toda a sua pessoa, ele sentia-a tão cândida, tão reta, que a apertou perdidamente nos braços. Suas suspeitas acabavam sempre assim. Ela abandonava-se, deixando que ele a mimasse. Roubaud cobria-a de beijos, que ela não retribuía; era essa a sua inquietação obscura, essa grande criança passiva, duma afeição filial em que não despertava a amante.

— Então esvaziaste o Bon-Marché?

— Sim e vou contar-te... Mas antes disso, vamos comer. A fome que eu tenho!... Olha! ouve, trouxe-te um presente. Dize: "Dá cá o meu presente".

Ela ria-se muito próxima do rosto dele; colocara a mão direita no bolso, onde segurava um objeto que não tirava.

— Dize depressa: "Dá cá o meu presente".

Ele ria-se também como bom homem. Por fim decidiu-se:

— Dá cá o meu presente.

Era uma navalha que ela acabava de comprar, para substituir outra que ele perdera e que deplorava havia quinze dias; todo ele eram exclamações, achou-a soberba aquela linda navalhinha nova com o seu cabo de marfim e a lâmina muito reluzente. Ia imediatamente servir-se dela. Severina encantava-se com a alegria do marido; e, gracejando, pediu que lhe desse um soldo para não se quebrar a amizade.

— Vamos comer, vamos comer, replicou ela. Não, não! Peço-te, não feches ainda. Tenho tanto calor!

Tinha-se aproximado, com o marido, da janela, e demorou-se alguns segundos, encostada ao ombro dele, olhando para o vasto campo da estação. Naquele momento os fumos haviam-se esvaecido, o disco acobreado do sol descia na bruma, por trás das casas da rue de Roma. Embaixo, uma máquina de manobras rebocava, já completamente formado, o comboio de Mantes, que devia partir às quatro horas e vinte e cinco. Deslizava ao longo do cais; chegando ao fim do alpendre, foi desatrelada. Ao fundo, da estação de subúrbio, o choque das bombas anunciava a atrelagem imprevista de vagões que se lhe juntavam. E só, no meio da estrada, com o seu maquinista e o seu foguista, negros do pó da viagem, estava imobilizada uma pesada máquina de comboio misto, como cansada, sem outro vapor além dum delgado fio saindo de uma válvula. Esperava que lhe abrissem caminho para voltar para o Depósito de Batignolles. Apareceu e desapareceu um sinal vermelho. A máquina partiu.

— São alegres as pequenas Dauvergne! disse Roubaud ao retirar-se da janela. Ouves como batem no piano?... Vi ainda agora o Henrique, que me deu recomendações para ti.

— Para a mesa, para a mesa! exclamou Severina.

E atirou-se às sardinhas, devorando-as. Ah! o pãozinho de Mantes estava longe! Embriagava-a isto de vir a Paris. Estava ainda vibrante do prazer de ter corrido as ruas, mantinha ainda a febre das suas compras no Bon-Marché. Em cada primavera, gastava duma assentada, todas as suas economias do inverno, preferindo comprar tudo naquele estabelecimento, dizendo que as economias que fazia lhe davam para as despesas da viagem. Assim, sem perder uma garfada, não parava de falar. Um pouco confusa, corada, acabou por declarar o total das somas que gastara, mais de trezentos francos.

— Safa! disse Roubaud, surpreendido, não gastas pouco, não, para mulher dum sub-chefe!... Mas só tinhas de comprar meia dúzia de camisas e um par de sapatos!

— Oh! meu filho; ocasiões únicas!... Uma seda de riscas, deliciosa! Um chapéu de tanto gosto! Um encanto! Saías já feitas com volantes bordados! Tudo isto por uma bagatela; no Havre ter-me-ia custado tudo o dobro! Não tardam aí, vais ver!

Ele tomara o partido de rir, tão bonita ela era, na sua alegria, com o seu ar de confusão suplicante. E depois era tão encantador aquele jantarzinho improvisado no fundo daquele quarto onde eles estavam sós, muito melhor do que no restaurante. Ela, que comumente, bebia água, agora esvaziava o seu copo de vinho branco, sem reparar. A lata das sardinhas estava acabada, encetaram o pastelão com a bela navalhinha nova. Foi um triunfo, de tal



maneira ela cortava bem.

— E tu, vejamos, a tua questão? perguntou ela. Fazes-me falar e não me dizes como isso acabou para o sub-prefeito.

Então Roubaud contou com pormenores o modo por que o chefe da exploração o recebera. Oh! uma lavagem de cabeça em regra! Ele defendera-se, dissera a verdade, como aquele janotinha do sub-prefeito se obstinara em subir com o cão para a carruagem de primeira classe, quando havia uma carruagem de segunda reservada para os caçadores e para os animais que eles levavam, a questão que se dera e as palavras que trocaram. Em suma, o chefe dava-lhe razão por ter querido fazer respeitar o regulamento; mas o pior foram as palavras que ele pronunciara: "Os senhores não hão de mandar sempre!" Suspeitavam ser ele republicano. As discussões que acabavam de marcar a abertura da sessão de 1869, e o receio surdo das próximas eleições gerais tornavam o governo sombrio. Por isso, tê-lo-iam por certo removido, se não fosse a recomendação do presidente Grandmorin. Mas, ainda assim, tivera de assinar a carta de desculpa, aconselhada e redigida por este último. Severina interrompeu-o exclamando:

— Hein?! Não tive eu razão em escrever-lhe e em fazer-lhe esta manhã uma visita contigo, antes de teres ido ouvir o teu sermão... Eu bem sabia que ele nos havia de tirar de dificuldades.

— É fato, ele gosta muito de ti, respondeu Roubaud, e tem braço bastante comprido na Companhia... Mas repara também em que serve de alguma coisa ser-se um bom empregado. Ah! Não me pouparam elogios: não muita iniciativa, mas bom comportamento, obediência, coragem, enfim tudo! Pois bem, queridinha, se tu não fosses minha mulher e se Grandmorin não houvesse advogado a minha causa, por amor de ti, estava arranjadinho, mandavam-me de penitência para o fundo de alguma estação de segunda ou terceira ordem.

Ela olhava fixamente o vácuo, e murmurou como falando consigo mesma:

— Oh! de certo, é um homem bastante poderoso.

Houve um silêncio, e ela permanecia com os olhos muito abertos, perdidos ao longe, esquecendo-se de comer. Sem dúvida evocava os dias da sua infância, lá longe, no palácio de Doinville, a quatro léguas de Ruão. Nunca conhecera sua mãe. Quando seu pai, o jardineiro Aubry, morreu, ia ela fazer treze anos; e fora nessa época que o presidente, já viúvo, a conservara junto da sua filha Berta, sob a vigilância de sua irmã, a senhora Bennehon, a mulher dum manufatureiro, igualmente viúva, a quem hoje pertencia o palácio. Berta, mais velha do que ela dois anos, casara seis meses depois com o senhor de Lachesnaye, conselheiro no tribunal de Ruão, um homenzinho seco e amarelo. No ano anterior o presidente estava ainda à testa daquele tribunal, na sua terra, quando pediu a sua aposentadoria, depois de uma carreira magnífica. Nascido em 1781, substituto em Digne logo depois de 1830, posteriormente em Fontainebleau, mais tarde em Paris, em seguida procurador em Troyes, advogado geral em Rennes, finalmente primeiro presidente em Ruão. Possuidor de muitos milhões, fazia parte do conselho geral desde 1855; haviam-no agraciado com a comenda da Legião de Honra no próprio dia em que se aposentou. E tão

longe quanto se lembrava, revia-o tal como ele era ainda, atarracado e sólido, os cabelos à escovinha, brancos muito cedo, dum branco dourado de antigo loiro, barba cortada rente, sem bigode, com a face quadrada, que os olhos dum azul duro e o nariz grosso, tornavam severa. Tinha o trato rude, fazendo tremer tudo a volta de si.

Roubaud teve de levantar a voz repetindo por duas vezes:

— Então! Em que estás pensando?

Ela estremeceu, teve um sobressalto como surpreendida e sacudida de medo.

— Em nada!

— Não comes mais, já não tens fome?

— Se tenho... Vais ver.

Severina, esvaziou o seu copo de vinho branco e acabou a fatia de pastelão que tinha no prato. Mas houve uma surpresa: tinham acabado o pão e não ficara nem um bocadinho para comer com o queijo.

Foram exclamações, depois risos, quando rebuscando tudo foram descobrir no fundo de uma gaveta da tia Vitória, um pedaço de pão já muito seco. Apesar da janela estar aberta, continuava a fazer calor, e Severina, que tinha a lareira atrás de si, estava cada vez mais corada e excitada pelo imprevisto daquele almoço alegre, naquele quarto. A propósito da tia Vitória, Roubaud voltara a falar de Grandmorin; mais uma, aquela que lhe devia também um círio! Jovem seduzida, cujo filho morrera, fora ama de leite de Severina, que custara a vida a sua mãe; mais tarde mulher de um foguista da Companhia, vivia mal, em Paris, dalguns trabalhos de costura, o marido comendo-lhe tudo até que, ao encontrar sua filha de leite reatara os antigos laços, fazendo dela também uma protegida do presidente; e hoje obtivera-lhe um lugar na limpeza, a guarda dos gabinetes de luxo, o lado das senhoras, o que há de melhor. A companhia dava-lhe apenas cem francos por ano, mas ela fazia os seus mil e quatrocentos, com as gratificações, sem contar o alojamento, e aquele quarto, em que até lareira havia. Enfim, uma situação muito agradável. E Roubaud calculava que, se Pecqueux, o marido, trouxesse os seus dois mil e oitocentos francos de foguista, ao invés de andar na pândega nas duas cidades onde o comboio estacionava, o casal teria reunido mais de quatro mil francos, o dobro do que ele, sub-chefe da estação, ganhava no Havre.

— Decerto, concluiu ele, nem todas as mulheres se prestariam a ser guardas dos gabinetes. Mas não há profissões más.

Entretanto, a fome que eles tinham havia-se acalmado, e agora já comiam com ar cansado, cortando o queijo aos bocadinhos, para fazer durar o prazer. As palavras também se lhes tornavam lentas.

— A propósito, exclamou ele, esquecia-me de perguntar-te... Por que recusaste ao presidente ir passar dois ou três dias em Doinville?

O seu espírito, no bem-estar da digestão, refazia a sua visita da manhã, perto da estação, ao palacete da rua de Rocher: e via-se no grande gabinete severo, ouvia ainda o presidente dizer-lhe que partia no dia seguinte para Doinville. Depois, como cedendo a uma idéia súbita oferecera-lhes tomar nessa mesma tarde, com eles, o expresso das seis e trinta e levar

consigo a afilhada até à casa de sua irmã, que a reclamava havia muito tempo. Mas Severina alegara toda a espécie de razões para furtar-se ao convite.

— Sabes que eu, continuou Roubaud, não via mal nessa viagensinha. Podias ficar lá até quinta-feira, e eu me arranjaría como pudesse. Não! te parece? Na nossa posição, precisamos deles. Não me parece delicado recusar-lhes delicadezas daquelas; tanto mais que a sua recusa pareceu causar-lhe verdadeiro desgosto... Por isso não cessei de impelir-te a aceitar, até que me deste sinal de não insistir. Então respondi como tu, mas sem compreender. Por que não quiseste ir?

Severina, com o olhar vacilante, teve um gesto de impaciência.

— Poderia eu deixar-te sozinho?

— Isso não é razão... Depois do nosso casamento, em três anos, já foste duas vezes a Doinville passar uma semana. Nada te impedia de voltar lá terceira vez.

O mal-estar de Severina aumentava; voltara a cabeça.

— Enfim, não me apetecia. Não me irás decerto obrigar a coisas que me desagradam.

Roubaud abriu os braços, como para declarar que não a obrigava a coisa alguma. Contudo retorquiu:

— Hum! Ocultas-me alguma coisa!... Da última vez que lá foste, a senhora Bonnehon recebeu-te mal?

Oh! não, a senhora Bonnehon acolhera-a sempre muito bem. Era tão agradável! Alta, forte, com magníficos cabelos loiros, bela ainda, apesar dos seus cinquenta e cinco anos! Depois que enviudara, e mesmo no tempo do marido, contava-se que ela tivera muitas vezes o coração ocupado. Adoravam-na em Doinville, ela fazia do palácio um lugar de delícias, toda a sociedade de Ruão ia visitá-la, principalmente a magistratura. Era na magistratura que a senhora Bonnehon tinha mais amigos.

Era certo que, depois do seu casamento com o senhor de Lachesnaye, Berta deixara de ser para ela o que fora antigamente. Não era nada boa, aquela pobre Berta, tão insignificante, com o seu nariz sempre vermelho. Em Ruão as senhoras gabavam-lhe a distinção. Assim um marido como o dela, feio, duro, avarento, parecia destinado a influir muito no carácter da mulher e torná-la má. Mas não, Berta mostrava-se afável para com a sua antiga companheira, e esta não tinha razão de queixa contra ela.

— Nesse caso, será o presidente que te desagrada? Severina que, até ali, respondera lentamente, com voz igual, foi tomada de impaciência:

— Ele! Que idéia!

E continuou em pequenas frases nervosas. Mal o viam. Ele tinha reservada no parque um pavilhão, cuja porta dava para uma viela deserta. Saía a entrava sem ninguém saber. Nem a própria irmã sabia ao certo o dia da sua chagada. Tomava um trem em Barentin, chegava à noite em Doinville, vivia dias inteiros no seu pavilhão, ignorado de todos. Oh! não era ele que incomodaria fosse quem fosse.

— Falei-te nele, porque me contaste tantas vezes que, na tua infância, te causava um medo doido.

— Oh! Um medo doido! Exageras, como sempre... Está claro que ele nunca se ria. Olhava para nós com tanta fixidez, com os seus olhos enormes, que nós baixávamos logo a cabeça. Vi pessoas perturbarem-se, não lhe poderem dirigir a palavra, de tal modo ele se impunha com o seu grande renome de severidade e prudência... Mas comigo nunca ele ralhou, até creio que tinha um fraco por mim.

De novo se lhe arrastava a voz, perdendo-se os olhos ao longe.

— Recordo-me... quando era garota e brincava com as amigas nas aléas, se ele aparecia, todas se escondiam; até sua própria filha, Berta, que tremia incessantemente com medo de cometer alguma falta. Eu, não; eu esperava-o tranqüila. Ele passava, e vendo-me sorridente, de nariz para o ar, dava-me uma palmadinha na face... Mas tarde, aos dezesseis anos, quando Berta queria algum favor dele era sempre a mim que encarregava de o pedir. Eu falava, não baixava a vista, e sentia que os olhos dele me penetravam. Mas eu ria-me disso, tinha tanto a certeza de que ele me havia de conceder tudo quanto eu quisesse!... AM sim, lembro-me, lembro-me! Não há lá na quinta uma árvore do parque, um corredor, um quarto do palácio que eu não seja capaz de evocar de olhos fechados.

Calou-se, as pálpebras unidas; e no seu rosto, quente e intumescido, parecia passar c sobressalto daquelas coisas de outros tempos, as coisas que ela não dizia. Por um instante permaneceu assim, com um leve bater de lábios, como um tique involuntário, que lhe repuxava dolorosamente um canto da boca.

— Ele foi sem dúvida muito bom para ti, retrucou Roubaud, acendendo o cachimbo. Não só te mandou educar como uma moça da sociedade, mas administrou com muito cuidado o teu pequeno dote, e arredondou-te a soma por ocasião do nosso casamento... Sem contar que deve deixar-te alguma coisa, disse-o ele diante de mim.

— Bem sei, murmurou Severina, aquela casa da Croix-de-Maufras, aquela propriedade que o comboio cortou. Íamos lá às vezes passar oito dias. Mas eu não conto com isto, os Lachesnaye hão de trabalhar para que ele não me deixe nada. E depois nada, nada!

Ela pronunciara estas últimas palavras com uma voz tão viva, que ele se admirou e retirou o cachimbo da boca, fitando-a com os seus olhos muito redondos.

— Estás doida! Dizem que o presidente tem milhões; que mal haveria em que ele contemplasse a afilhada no testamento? Não era caso para surpreender e isso resolveria muito bem os nossos negócios.

Depois uma idéia que lhe passou pelo cérebro fê-lo rir-se.

— Nunca te passou pela cabeça que podes ser filha dele,... Não sei se sabes que do presidente, apesar do seu ar frio, se contam algumas de estarrecer... Parece mesmo que no tempo em que a mulher era viva, não havia criada que lhe escapasse... Enfim, um pândego a quem, hoje ainda, as mulheres não metem medo... Meu Deus, e se tu fosses filha dele?

Severina levantou-se, violenta, o rosto inflamado, com o vacilar assustado do seu. olhar azul, sob a massa pesada dos cabelos pretos.

— Filha dele, filha dele!... Não quero que tenhas gracejos desses, ouves? Posso lá ser filha dele! Eu pareço-me com ele porventura? Bem, basta, falemos noutra coisa! Não quero

ir a Doinville porque não quero, porque prefiro voltar contigo para o Havre.

Ele abanou a cabeça, tranqüilizou-a com o gesto. Bem, bem! Desde o momento em que isto lhe mexia com os nervos... Ele sorria, nunca a vira tão nervosa. Fora o vinho branco, decerto. Desejoso de fazer-se perdoar, pegou outra vez na navalha, extasiando-se diante dela, limpando-a cuidadosamente; e para mostrar que cortava como uma navalha de barba, pôs-se a aparar as unhas com ela.

— Já quatro e um quarto, murmurou Severina de pé diante do relógio. Tenho ainda umas voltas a dar... É preciso não esquecer o comboio.

Mas, como para acalmar-se melhor, antes de pôr um pouco de ordem no quarto, voltou a encostar-se à janela. Ele então, pondo de parte a navalha, pondo de parte o cachimbo, aproximou-se dela, tomou-a por detrás, entre os braços, docemente. E tinha-a assim enlaçada, pousara o queixo sobre o ombro dela, e encostava-lhe a cabeça contra a sua. Nem um nem outro se mexia, olhavam.

Lá em baixo, as pequenas máquinas de manobras continuavam a ir e a vir sem descanso; e mal se ouviam ativar,, como donas-de-casa vivas e prudentes, as rodas não fazendo ruído, os silvos discretos. Uma delas passou, desapareceu sob a ponte da Europa, levando para o depósito os carros de um comboio de Trouville, que se estava desmembrando. E, lá ao fundo, além da ponte, passou por uma máquina que vinha sozinha do depósito, como passeante solitária, com os seus cobres e os seus aços luzidios, fresca e pronta para a viagem. Esta parará, pedindo, com dois silvos breves, caminho para o seu comboio, já formado, no cais, debaixo do alpendre das grandes linhas. Era o comboio das quatro e vinte e cinco para Dieppe. Uma onda de viajantes se comprimia; ouvia-se o redar dos carros carregados de bagagens; homens empurravam um a um os fardos para as carruagens. Mas a máquina e o respectivo *tender* haviam batido no furgão da frente, num choque surdo, e ouviu-se o chefe do pessoal apertar ele mesmo o parafuso da barra que engata os carros uns aos outros. O céu escurecera para os lados de Batignolles: uma cinza crepuscular, afogando as frontarias, parecia cair já sobre o leque aberto dos caminhos, ao passo que nesse esvaecimento, ao longe, se cruzavam incessantemente as partidas e as chegadas dos arredores de Cintura. Para além das paragens sombrias dos *hangares* cobertos, sobre Paris enublado, esvoaçavam fumos vermelhos recortados.

— Não, não, deixa-me, murmurou Severina.

Pouco a pouco, sem dizer uma palavra, envolvera-a numa carícia mais apertada, excitado pela tepidez daquele corpo juvenil, que ele segurava em pleno abraço. Ela embriagava-o com o seu aroma, acabava de irritar-lhe o desejo e voltava-se para fugir-lhe. Com um puxão forte, arrancou-a da janela, cujas vidraças fechou. A sua boca encontrou a dela, e, esmagando-lhe os lábios, levava-a para a cama.

— Não, não, nós não estamos em nossa casa, repetia ela. Peço-te, neste quarto, não!

Ela mesma estava como ébria, aturdida do alimento e do vinho, ainda vibrante da correria febril através de Paris. Aquele quarto, quente demais, aquela mesa era que se arrastava a debandada dos talheres, o imprevisto da viagem, tudo lhe acendia o sangue e a

levantava num sobressalto. E, contudo, recusava-se, resistia, apoiada contra a madeira da cama, numa revolta apavorada, cuja causa não poderia explicar.

— Não, não, não quero.

Ele, com o sangue à flor da pele, retinha-a nas suas grossas mãos brutais. Tremia, tinha força para a quebrar.

— Tola! Quem é que vai saber? Tornaremos a fazer a cama.

Por hábito, Severina entregava-se com uma docilidade complacente, em casa deles, no Havre, depois do almoço, quando ele estava de serviço de noite. Isto parecia não ter prazer para ela, mas mostrava uma moleza feliz, um afetuoso consentimento por dar prazer a ele. E o que, neste momento, o tornava doido, era senti-la como nunca a tivera, ardente, fremente de paixão sensual. O reflexo negro dos seus cabelos ensombrava-lhe os calmos olhos de pervinca, a boca forte sangrava-lhe no doce oval do rosto. Estava ali uma mulher que ele ainda não conhecia. Por que se recusava ela?

— Dize, por que? Nós temos tempo.

Então, numa angústia inexplicável, numa luta em que não parecia apreciar as coisas nitidamente, como se ela própria se desconhecesse, soltou um grito de dor verdadeira, que o fez conservar-se tranqüilo.

— Não, não, suplico-te, deixa-me!... Não sei, aflige-me só a idéia neste momento... Não seria bom.

Ambos tinham caído sentados à beira da cama. Ele passou a mão pela cara, como para tirar de si o, calor que o abrasava. Vendo que ele acalmara, ela, gentilmente, inclinou-se e pousou-lhe um grande beijo na face, querendo mostrar que gostava dele do mesmo modo. Por um instante ambos ficaram assim, sem falar, sem se mover. Ele tomara-lhe a mão esquerda e brincava com um velho anel de ouro, uma cobra de ouro com uma cabecinha de rubis, que ela trazia no mesmo dedo da aliança. Sempre conhecera naquele dedo.

— A minha cobrinha, disse Severina numa voz involuntária de sonho, julgando que ele estava a examinar o anel, e sentindo a imperiosa necessidade de falar. Foi na Croix-de-Maufras, que ele me fez presente dela, quando eu tinha dezesseis anos.

Roubaud levantou a cabeça, surpreendido:

— Quem? O presidente?

Quando os olhos do marido se pousaram sobre os dela, Severina teve o brusco sobressalto de quem desperta. Sentiu um frio gelar-lhe as faces. Quis responder, mas nada achou, estrangulada pela espécie de paralisia que dela se apoderara.

— Mas, continuou ele, tu disseste-me sempre que fora tua mãe quem te dera esse anel.

Naquele segundo, podia iludir a frase que soltara num alheamento de tudo. Ter-lhe-ia bastado rir, fingir-se aturdida. Mas teimou, não sendo já senhora de si, inconsciente.

— Nunca, filho, nunca te disse que minha mãe me deixara este anel.

Súbito, Roubaud encarou-a, empalidecendo ele também.

— O que?! Nunca me disseste isso? Disseste-o mais de vinte vezes!... Não há mal nenhum em o presidente ter-te dado um anel. Muitas outras coisas te deu ele... Mas para que

foi que ocultaste? Para que foi que mentiste, dizendo que fora tua mãe?

— Nunca falei de minha mãe, querido, é engano teu.

Era imbecil, esta obstinação. Ela bem via que se perdia, que ele lia claro e desejava voltar para trás, engolir as palavras que dissera; mas já não era tempo; sentia decompor-se as feições, brotar mau grado seu, de toda a sua pessoa a confissão. O frio das faces invadira-lhe o rosto por completo, um tique nervoso repuxava-lhe os lábios. E ele, assustado, tornando-se subitamente vermelho, a ponto de parecer que o sangue ia estourar as veias, agarrava-a pelos pulsos, olhava-a de muito perto, a fim de melhor seguir, no sobressalto apavorado dos olhos, o que ela não dizia alto.

— Por piedade.! gaguejou ele. Por piedade!

Ela teve medo, baixou o rosto para o esconder debaixo do braço, adivinhando o soco. Um fato pequeno, miserável, insignificante, o esquecimento de uma mentira a propósito daquele anel, acabava de trazer a evidência, em poucas palavras trocadas. E bastara um minuto. Roubaud atirou-a num empurrão, para a cama, e bateu nela com os dois punhos fechados, ao acaso. Em três anos não lhe dera um piparote e agora massacrava-a, cego, embriagado, num arrebatamento de irracional, de homem de mãos grossas que antigamente havia empurrado vagões.

— Grandíssima desavergonhada! Então es,tiveste com ele!... Estiveste com ele!

A voz estrangulava-se-lhe com tal cólera, que silvava e já não saía. Só então é que ele ouviu que ela, amolecida pelas pancadas dizia que não. Severina não achava outra defesa, negava para que ele não a matasse. E este grito, esta teimosia na mentira, acabou de o enlouquecer.

— Confessa que sim.

— Não! Não!

Ele retomara-a, sustinha-a nos braços, impedindo-a de recair com a face contra a colcha, como um pobre ser que se esconde. Forçava-a a fitá-lo.

— Confessa que estiveste com ele.

Mas, ela escapou-se das suas mãos e quis correr para a porta. De um pulo ele foi de novo sobre ela, de punho no ar; e furiosamente de uma só punhada atirou-a ao chão junto da mesa. Ajoelhando-se ao lado dela agarrou-a pelos cabelos para a pregar ao solo. Por um momento ficaram assim por terra, face a face, sem se mexerem. E, no meio do silêncio assustador, ouviam-se subir os cantos e os risos das meninas Dauvergne, cujo piano enraivecia felizmente, por baixo, abafando o ruídos da luta. Era Clara que cantava danças de roda, acompanhada por Sofia.

— Confessa!

Ela não se atreveu a dizer que não; nada respondeu.

— Confessa que estiveste com ele, grande diabo! Ou meto-te uma faca nas tripas!

Ele era capaz de a matar, via-o nitidamente no olhar. Ao cair, lobrigara a navalha aberta sobre a mesa; e via-lhe em imaginação o reluzir da lâmina; julgou mesmo que ele estendia o braço. Invadiu-a uma cobardia, uma necessidade de acabar com aquilo,

— Pois bem! É verdade. Deixa-me ir embora.

Então foi abominável. Aquela confissão, que ele exigia tão violentamente, acabou de o atingir em pleno rosto como uma coisa impossível, monstruosa. Parecia que ele nunca teria suposto uma infâmia tamanha. Agarrou-lhe a cabeça e bateu-a contra um pé da mesa. Ela debatia-se, e ele arrastou-a pelos cabelos, através do aposento, indo de encontro às cadeiras. De cada vez que ela fazia um esforço para levantar, pregava-a, com um soco, ao chão. Ele estava ofegante, com os dentes cerrados, num encarniçamento selvagem e imbecil. A mesa empurrada ia fazendo cair o fogão. Num ângulo do bufê viam-se cabelos e sangue. Quando retomaram a respiração, embrutecidos, tumefatos daquele horror, cansados de se espancarem um ao outro, tinham voltado para junto da cama, ela sempre deitada por terra, ele agachado, segurando-a ainda pelos ombros. E resfolegavam. Embaixo a música continuava, voavam risos muito sonoros e muito juvenis.

De um puxão, Roubaud levantou Severina e encostou-a contra a madeira da cama; depois, deixando-se ficar de joelhos, com o peso sobre ela, pôde falar, enfim. Já não batia nela, mas torturava-a com perguntas, com a necessidade inextinguível que tinha de saber.

— Sim, foste com ele, desavergonhada! Repete, anda, repete que foste com esse velho... E que idade tinhas, hein? Muito pequenina, muito pequenina, não é verdade?

Bruscamente, ela acabava de rebentar em lágrimas, os soluços impediam-na de responder.

— Com seiscentos milhões de diabos! Dizes ou não? Hein? Ainda não tinhas dez anos, já fazias gozar esse velho? Era por isso que ele te educava aos beijinhos, era para as suas porcarias; dize-o, com um milhão de diabos, ou recomeço.

Ela chorava, não podia pronunciar uma palavra, e ele ergueu a mão, e atordoou-a com uma nova bofetada. Por três vezes, como não obtivesse resposta alguma, esbofeteou-a, repetindo a sua pergunta:

— Que idade tinhas, dize, desavergonhada! Dize!

Para que lutar? Ela sentia fugir o seu ser. Roubaud era capaz de arrancar-lhe o coração com os seus dedos grossos de antigo operário. E o interrogatório continuou, ela dizia tudo, num tal aniquilamento de vergonha e de medo, que as frases, sopradas muito baixinho, mal se ouviam. E ele, mordido do seu ciúme atroz, enraivecía-se com o sofrimento de que o despedaçavam os quadros evocados; nunca sabia bastante, obrigava-a a voltar aos pormenores a "precisar os fatos. Com o ouvido junto dos lábios da miserável agonizava daquela confissão, com a contínua ameaça do punho sempre erguido, pronto a bater-lhe ainda, se ela parasse.

De novo, desfilou todo o seu passado, em Doinville, a infância a mocidade. Era no recanto perdido de algum corredor do palácio? O presidente já pensava nela, quando a recolhera, por ocasião da morte do jardineiro e a mandara educar juntamente com a filha? Aquilo decerto começara nos dias em que as outras garotas fugiam, no meio dos seus brinquedos, quando ele aparecia, enquanto ela, sorridente, de narizinho no ar, esperava que ele lhe desse ao passar uma palmadinha na face. E mais tarde, se ela se atrevia a falar-lhe



cara a cara, se obtinha dele tudo quanto queria, não seria porque ela se considerasse a senhora, quando ele a comprava para os seus prazeres de conquistador de criadas, tão digno e severo paia com os outros? Ah! sujíssima coisa! Aquele velho fazendo-se beijocar como um avô, vendo crescer aquela menina, apalpando-a, iniciando-a um pouco a cada hora, sem ter paciência para esperar que ela amadurecesse.

Roubaud ofegava.

— Enfim, que idade tinhas, repete, que idade?

— Tinha dezesseis anos e meio.

— Mentos!

— Mentir, meu Deus! Para que? Ela teve um encolher de ombros cheio de um abandono e de uma lassitude imensa.

— E quando foi da primeira vez, onde é que isso se passou?

— Na Croix-de-Maufras.

Ele hesitou um segundo, os lábios agitavam-se-lhe, um clarão amarelo perturbava-lhe a vista.

— Eu quero que me digas o que é que ele te fez!

Ela deixou-se ficar muda. Depois, como ele brandisse o punho:

— Não acreditarias...

— Dize sempre... Ele não pôde fazer nada, hen?

Com um sinal de cabeça ela respondeu. Era isso mesmo. Ele então encarniçou-se em colher pormenores da cena, quis conhecê-la até o fim, desceu às frases cruas, às interrogações imundas. Ela já não descerrava os dentes, continuava a dizer que sim e a dizer que não com um aceno. Talvez aquilo os aliviasse a ambos, quando ela tivesse confessado tudo. Mas ele sofria ainda mais com estes pormenores, que, ela julgava serem uma atenuante. Os relatos por mais completos ter-lhe-iam dado uma visão menos torturante. Aquela devassidão apodrecia tudo, enterrava e volteava no fundo da sua carne as lâminas envenenadas do seu ciúme. Agora estava acabado, não viveria mais, evocaria sempre a execrável imagem. Um soluço despedaçou-lhe a garganta.

— Mas com um milhão de diabos! Isto não pode ser assim, não, não, não; é demais, não pode ser assim!

Depois, subitamente, sacudiu-a.

— Mas grandíssima desavergonhada, para que casaste comigo?... É ignóbil teres-me enganado assim! Há ladras na prisão que não têm tanto peso na consciência. Então desprezava-me, não me amavas?... Hein? Para que casaste comigo?

Ela teve um gesto vago. Ela sabia lá ao fundo porque? Casando com ele era feliz, esperando acabar com o outro. Há tantas coisas que se não queriam fazer e que se fazem, porque são ainda as mais prudentes! Não, ela não o amava; e o que ela evitava dizer-lhe é que sem o que lhe acontecera nunca teria consentido em ser mulher dele.

— Ele, não é assim, desejava colocar-te. Achou uma besta apropriada, hein? Desejava colocar-te para que a coisa continuasse. E continuaram? Nas tuas duas viagens lá no

Maufras? Era por isso que ele te levava consigo?

Por um aceno, ela confessou de novo.

— Era para isso ainda que ele te convidava desta vez. Então, até ao fim, haviam de recomeçar nas porcarias! E, se eu não t» estrangular, com certeza vai recomeçar!

As suas mãos convulsas adiantavam-se para a agarrar pela garganta. Mas, desta vez ela revoltou-se:

— Vamos, és injusto. Pois fui eu que recusei ir lá. Tu mandavas-me que fosse, e foi preciso eu zangar-me, recordas-te? Bem vês que eu já não queria. Estava acabado. Nunca mais, nunca mais havia de querer.

Ele sentiu que ela dizia a verdade, e nem por isso teve o menor alívio. A pavorosa dor, o ferro que lhe ficara em pleno peito, era o irreparável, o que houvera entre ela e aquele homem. Ele sofria horrivelmente só pela impotência de fazer com que aquilo não se tivesse dado. Sem a largar ainda, aproximara-se-lhe do rosto, parecia fascinado, atraído para ela como para encontrar, no sangue das suas veiazinhas azuis, tudo o que da lhe confessava. E murmurou alucinado:

— Na Croix-de-Maufras, no quarto vermelho... Conheço-o, a janela dá para a estrada de ferro, a cama fica em frente. E foi

aí nesse quarto... Compreendo porque foi que ele falou em deixar-te a casa. Ganhaste-a bem. Podia administrar-te o teu dinheiro e dotar-te, uma coisa valia bem a outra... Um juiz, um homem rico aos milhões, tão respeitado, tão instruído, tão altamente colocado! Realmente, é da cabeça nos andar à roda... E, dize se ele fosse teu pai?

Severina, num esforço, pôs-se de pé, repelira-o com um vigor extraordinário, para a sua fraqueza de pobre criatura vencida. Violenta, protestava:

— Não, não, isso não! Tudo quanto quiseses, quanto ao mais. Bate-me, mata-me... Mas não digas isso, tu mentes!

Roubaud conservara-lhe uma das mãos entre as dele.

— Sabes porventura alguma coisa? Será porque tu própria desconfias, que te indignas desse modo?

E, como ela desprendesse a mão, ele sentiu o anel, a cobrinha de ouro com a cabeça de rubis, esquecido no dedo. Arrancou-o, e esmagou-o com o tacão, num novo acesso de raiva. Depois caminhou de uma extremidade para a outra do aposento, mudo, atônito. Ela, que cairá sentada à beira da cama, mirava-o com os seus grandes olhos fixos. E o terrível silêncio continuou.

O furor de Roubaud não diminuía. Parecia dissipar-se um pouco, mas voltava como a embriaguez, por grandes ondas avigoradas, que o arrebatavam na sua vertigem. Não era senhor de si, batia no vácuo, sacudido pela violência que o dominava, recaindo única mente pela necessidade de acalmar o irracional que uivava no fundo dele. Era uma necessidade física imediata, como uma fome de vingança, que lhe torcia o corpo e que não lhe daria repouso enquanto não a satisfizesse.

Sem parar, deu dois murros violentos nas fontes, gaguejando com uma voz de angústia:

— Que hei de eu fazer? Que hei de eu fazer?

Aquela mulher, desde que não a matara logo, não a mataria agora.

A sua fraqueza em poupá-la, exasperava-lhe a cólera, porque era por covardia que ele estava ainda agarrado a essa desbriada, que a não havia estrangulado. Contudo não podia conservar assim. £, neste caso, ia escorraçá-la, pô-la na rua, para nunca mais a tornar a ver! E uma nova onda de sofrimento o arrebatava, uma execrável náusea o submergia por completo, quando sentia que nem isso era capaz de fazer. O que, então? Só lhe restava aceitar a abominação, e tornar a levar aquela mulher para o Havre, continuar com ela a mesma vida tranqüila, como se nada tivesse havido. Não, não! Antes a morte, a morte para ambos, imediatamente! Apoderou-se dele uma tal angústia, que exclamou alto, apavorado:

— Que hei de fazer?

Da cama, onde se conservava sentada, Severina continuava a segui-lo com seus grandes olhos. Na calma afeição de companheira, Roubaud já lhe dava dó, pela dor desmedida em que o via. As palavras grosseiras, as pancadas, tê-las-ia desculpado, se aquele arrebatamento doido lhe tivesse deixado menos surpresa, uma surpresa de que não volvera ainda. Ela, passiva, dócil, que muito jovem se tinha curvado aos desejos dum velho, que mais tarde casara simplesmente desejosa de acomodar as coisas, não chegava a compreender uma tal explosão de ciúme per faltas antigas de que ela se arrependia; e, sem vício, a carne mal despertada ainda, na sua meio inconsciência de jovem dócil, casta apesar de tudo, ela via o marido ir, vir, girar furiosamente, como teria visto um lobo, um ser doutra espécie. Que havia então nele? O que a espantava era sentir o animal, por ela suspeitado havia três anos, por grunhidos surdos, hoje desencadeado, enraivecido, prestes a morder. O que lhe havia de dizer para impedir uma desgraça?

A cada volta que dava, encontrava-se perto do leito, junto dela. Ela, numa das vezes, ousou falar-lhe:

— Meu amigo, escuta...

Mas ele não a ouvia, continuava a percorrer o quarto, como uma palha batida da tempestade.

— Que hei de eu fazer, agora? Que hei de eu fazer?

Por fim, ela agarrou-o pelo pulso e reteve-o por um momento.

— Vamos, meu amigo, mas se fui eu que me recusei a ir... Nunca mais lá iria, nunca mais, nunca mais! A ti é que eu amo.

E tornava-se acariciadora, atraindo-o, erguendo os lábios para que ele os beijasse. Mas ele, caído junto dela, repeliu-a num movimento de horror.

— Desavergonhada! Agora queres! Ainda agora não quiseste, não tinhas vontade de o fazer comigo... E agora querias para te reapoderares de mim? Quando se segura um homem por esse lado fica solidamente preso... Mas isso agora contigo, queimar-me-ia, sabes? Sinto que isso me queimaria o sangue como um veneno.

Ele estremecia. E a idéia de a possuir, aquela idéia dos dois corpos caindo sobre o leito acabava de o atravessar de uma chama. E, na noite perturbada da sua carne, no fundo do seu

desejo emporcalhado que sangrava, ergueu-se bruscamente a necessidade da morte.

— Para que eu possa ficar ainda contigo, é preciso, antes disso, que eu rebente o outro... É preciso que o rebente, é preciso que o mate!

A sua voz subia, repetia a frase, de pé, maior, como se aquela frase inspirando-lhe uma resolução, o tivesse acalmado. Não falou mais, caminhou lentamente até à mesa, e mirou a navalha, cuja lâmina aberta, luzia. De um gesto maquinai, fechou-a, e pô-la no bolso. E com as mãos vazias, os olhos ao longe, permanecia no mesmo lugar, pensava. Houve obstáculos que lhe cortaram na frente dois sulcos. Para serenar, abriu novamente a janela, onde se colocou, expondo o rosto ao arzinho frio do crepúsculo. Por detrás dele, a mulher esquecera-se, retomada de medo; e, não se atrevendo a interrogá-lo, tratando de adivinhar o que se passava no fundo daquele crânio duro, esperava, de pé ela também em frente do largo céu.

Sob a noite que começava, as casas ao longe recortavam-se a negro e o vasto campo da estação enchia-se de uma bruma violácea. Do lado das Batignolles, principalmente, a trincheira profunda estava cinzenta e parecia desaparecer o arcabouço da ponte da Europa. Para os lados de Paris, um último reflexo do dia empalidecia os vidros dos grandes *hangares* cobertos, ao passo que, embaixo, choviam as trevas amontoadas. Acendiam-se os bicos de gás ao longo do cais. Uma grande claridade branca se destacava, a lanterna da máquina do comboio de Dieppe, repleto de viajantes, as pertinho las já fechadas, e que, para partir, só esperava as ordens do subchefe de serviço. Tinham-se produzido embaraços. O sinal vermelho do agulheiro fechava a estrada, ao passo que uma máquina pequena vinha buscar carros, que uma manobra mal executada deixara no caminho. Incessantemente passavam comboios na sombra crescente, entre a inextrincável confusão de calhas, em meio das filas de vagões imóveis, que estacionavam nos caminhos de espera. Partiu um para Argenteuil, outro para Saint-Germain; de Cherburgo chegou um muito comprido. Os sinais multiplicavam-se, os silvos, os sons de corneta; de todos os lados, um a um, apareciam fogos vermelhos, verdes, amarelos, brancos; era uma confusão, àquela hora dúbia do crepúsculo, e parecia que tudo ia quebrar-se, e tudo deslizava, circulava, com o mesmo movimento suave e rastejante, vago, no fundo crepuscular. Mas a luz vermelha do agulheiro apagou-se, o comboio de Dieppe silvou e pôs-se em marcha. Começavam a cair raras gotas de chuva. A noite prometia ser fria.

Quando Roubaud se voltou, tinha a face espessa e obstinada como invadida pela mesma sombra daquela noite que caía. Estava decidido, o seu plano estava feito. Na luz do dia que ia esmorecendo, olhou as horas no cuco e disse alto:

— Cinco horas e vinte minutos.

E pensava: uma hora apenas para tantas coisas! Parecia que ambos estavam ali a devorar-se há semanas...

— Cinco horas e vinte! Temos tempo.

Severina não ousava interrogá-lo e continuava a segui-lo com olhar ansioso. Viu-o esquadrihar o armário, donde tirou pape!, tinta e caneta.

— Olha! Tu vais escrever.

— Mas a quem?

— A ele... Senta-te.

E, quando ela se desviou instintivamente da cadeira, sem saber ainda o que ele ia exigir, impeliu-a, fê-la sentar-se diante da mesa com energia que ela ficou.

—Escreve: 'Parta esta noite pelo expresso das seis e trinta e não apareça senão em Ruão'.

Severina segurava na pena, a mão tremia-lhe, o medo aumentava-lhe àquelas duas simples linhas. Por isso animou-se até a erguer a cabeça, suplicando:

—Meu amigo, que queres fazer? Peço-te, explica-me...

Ele repetiu com voz forte, inexorável:

— Escreve.

Depois, com os olhos nos dela, sem cólera, sem palavras grosseiras, com uma obstinação, com um peso que a esmagava:

— O que eu quero fazer, vê-los-ás... E ouve bem, o que eu vou fazer, quero que o faças comigo... Assim ficaremos juntos, haverá entre nós o que quer que seja de sólido.

Ele apavorava-a; Severina tentou ainda recuar.

—' Não, não, quero saber... Não escrevo antes de saber.

Então, cessando de falar, pegou-lhe na mão, uma mãozinha frágil, de criança, apertou-a com o punho de ferro de uma pressão contínua de torno, até a esmigalhar. Era o seu querer que assim lhe entrava na carne, com a dor. Ela soltou um grito, e tudo se quebrou nela, toda se entregou. Na sua docilidade passiva, não podia senão obedecer. Instrumento de amor, instrumento de morte.

E escreveu com a sua pobre mão dolorida, custosamente.

— Está bem, foste bonita, disse ele depois de ter a carta na mão. Agora, põe isto um pouco em ordem e prepara tudo... Eu virei buscar-te.

Estava muito sossegado. Refez o nó da gravata ao espelho, pôs o chapéu e depois saiu. Ela percebeu o fechar a porta com duas voltas e levar a chave. A noite avançava cada vez mais. Por um instante permaneceu sentada, com o ouvido à escuta para todos os ruídos de fora. Na casa da vizinha, vendedora de jornais, havia uma lamentação contínua, ensurdecida: decerto algum cãozinho esquecido. Embaixo, nos Dauvergne, o piano calara-se. Era agora um bater alegre de caçarolas e de louças, ocupando-se as duas donas-de-casa, no fundo da cozinha. Clara tratando de um guisado de carneiro, e Sofia, arrumando a salada. E ela, aniquilada, ouvia-as rir, na angústia pavorosa daquela noite que caía.

Desde as seis horas e um quarto que a máquina do expresso do Havre, desembocando da ponte da Europa, tomava a direção do seu comboio e fora atrelada. Por causa de um estorvo, não fora possível pôr aquele comboio debaixo do alpendre das grandes linhas. Esperava ao ar livre, encostada ao cais que se prolongava como um molhe estreito, nas trevas de um céu plúmbeo, onde a fila de alguns lampiões de gás, plantados ao longo do passeio, alinhava umas estrelas fumacentas. Caiu um aguaceiro, que deixou uma umidade glacial, espalhada

por esse vasto espaço descoberto, que a bruma recuava até aos pequenos clarões esbranquiçados das fachadas da rua de Roma. Isto era imenso e triste, afogado em água, picado aqui e além de um ponto de luz sangrenta, confusamente povoado de massas opacas, as máquinas e os vagões solitários, os blocos de comboios dormindo nas filas da garagem; e, do fundo desse lago de sombra, chegavam ruídos, respirações gigantescas, ofegantes de febre, silvos semelhante a gritos agudos de mulheres que estão sendo violentadas, cometas longínquas soando no meio do marulhar das ruas vizinhas. Ouviram-se ordens em voz alta para que se atrelasse mais um vagão. Imóvel, a máquina do expresso perdia, por uma válvula, um grande jato de vapor que subia no meio de toda aquela negridão, onde se multiplicava em pequeninos flocos e fumo, semeando de lágrimas brancas o luto sem limites estendido no céu.

Às seis horas e vinte, apareceram Roubaud e Severina. Ela acabava de entregar a chave à tia Vitória, passando por diante dos gabinetes, junto das salas de espera; e ele impelia-a, com o ar apressado de um marido a quem a mulher demora, impaciente e brusco, de chapéu para a nuca, ela com o véu cingido ao rosto, hesitante, como quebrada de fadiga. Uma onda de viajantes seguia o cais, onda em que eles se confundiram, caminhando ao longo da fila dos vagões, procurando com o olhar um compartimento de primeira classe vazio. O cais animava-se, os fatores empurravam para o forgão da frente as zorras de bagagens, um revisor ocupava-se em arrumar uma família numerosa, o sub-chefe de serviço dava uma olhadela aos engates das carruagens, com a lanterna-sinal na mão, para ver se estavam bem feitos e bem apertados. E Roubaud tinha enfim achado um compartimento vazio, para o qual ia fazer subir Severina, quando foi visto pelo chefe da estação o senhor de Vandorpe, que andava por ali, em companhia do seu chefe adjunto das grandes linhas, o senhor Dauvergne, ambos com as mãos atrás das costas, seguindo a manobra, por causa do carro que estavam atrelando. Trocaram-se cumprimentos, foi preciso parar e conversar. Primeiro falou-se daquela história do sub-prefeito, que terminara com a satisfação de toda a gente. Em seguida tratou-se de um acidente sucedido de manhã, no Havre, e que o telégrafo transmitira: partira-se uma das peças de uma máquina, a Lison, que, às quintas-feiras e aos sábados fazia o serviço do expresso das seis e trinta, que comunicava o movimento às rodas, justamente na ocasião em que o comboio entrava na estação; e a reparação obrigava a estacionar durante dois dias, naquela cidade, o maquinista Lantier, um patrício de Roubaud, e o fogueiro Pecqueux, o homem da tia Vitória. De pé, diante da portinhola do compartimento, Severina esperava sem subir ainda, ao passo que o marido afetava com aqueles senhores uma grande liberdade de espírito, e falava alto, rindo. Mas houve um choque, o comboio recuou alguns metros; era a máquina que empurrava os primeiros vagões sobre o que acabava de atrelar-se, o 293, para ter um compartimento reservado. E o filho do Dauvergne, o Henrique, que acompanhava o comboio na qualidade de condutor-chefe, tendo reconhecido Severina debaixo do véu, obstara a que uma portinhola que ia toda aberta batesse nela, desviando-a com um gesto rápido; depois desculpando-se, sorrindo-se, muito amável, explicou-lhe que o compartimento era para um dos administradores da Companhia, que acabava de o requisitar

meia hora antes da partida do comboio. Ela teve um sorrisinho nervoso, sem causa, e ele correu para o seu serviço, encantado porque muitas vezes dissera para consigo mesmo, que ela havia de dar uma amantezinha bem agradável.

O relógio marcava seis horas e vinte e sete. Faltavam, para a partida, ainda três minutos. Bruscamente, Roubaud, que espreitava de longe as portas da sala de espera, ao mesmo tempo que conversava com o chefe, deixou-o para voltar para junto de Severina. Mas como o vagão se havia deslocado, eles tiveram que ir para o compartimento vazio, a alguns passos; e voltando as costas, Roubaud empurrava a mulher, fazendo-a subir com a força do pulso, enquanto ela, na sua docilidade ansiosa, olhava instintivamente para trás, para saber. Era um viajante retardatário que chegava, trazendo na mão apenas um agasalho, com a gola do seu grosso sobretudo levantada e tão alta, a aba do chapéu tão puxada para os olhos, que, à claridade vacilante do gás, não se lhe distinguia da face senão um pouco da barba branca. Contudo Vandorpe e Dauvergne tinham-se adiantado, apesar do evidente desejo que o viajante tinha de não ser visto. Seguiram-no, mas ele só os cumprimentou três vagões mais longe, adiante do compartimento reservado, para onde subiu rapidamente. Era ele, Severina, sobressaltada, deixara-se cair sobre o banco do carro. O marido esmigalhava-lhe o braço num aperto de torno, como uma última tomada de posse, exultando, agora que tinha a certeza de executar o que tinha em mente.

Faltava um minuto para as seis e meia. Um vendedor obstinava-se em oferecer os jornais da tarde; alguns viajantes passeavam ainda sem entrar, acabando o seu cigarro. Mas todos subiram: sentiam-se vir das duas extremidades do comboio os empregados, fechando as portinholas. E Roubaud, que tivera a desagradável surpresa de avistar, nesse compartimento que ele julgava vazio, uma forma sombria ocupando um canto, uma mulher vestida de luto decerto, muda, imóvel, não pôde reter uma exclamação de verdadeira cólera, quando a portinhola foi outra vez aberta e um empregado empurrou lá para dentro um casal, um homem e uma mulher bem gordos, que se chocaram, abafando. Ia-se partir.

A chuva, muito fina, recomeçara encharcando o vasto campo tenebroso, atravessado incessantemente por comboios, de que se distinguiam unicamente os vidros iluminados, uma fila de janelinhas movediças. Tinham-se acendido umas luzes verdes, algumas lanternas dançavam rente com o solo. E nada mais, nada senão uma imensidade negra, onde só apareciam traços das grandes linhas, branqueadas por um fraco reflexo de gás. Tudo desaparecera, os próprios ruídos se tornavam surdos, só se sentia o trovão da máquina, abrindo as válvulas, deixando sair ondas de vapor branco. Uma nuvem subia, desenrolando uma como mortalha de aparição, e na qual passavam grandes ondas de fumo negro vindo não se sabia donde. O céu ficou mais uma vez obscurecido, uma nuvem de fuligem esvoaçava sobre o Paris noturno, incendiado pelo seu crepúsculo.

Então o sub-chefe de serviço ergueu a lanterna, para que o maquinista reclamasse caminho. Ouviram-se dois silvos, e lá ao fundo, junto da porta do agulheiro, desapareceu a luz vermelha para ser substituída por uma luz branca. De pé, à porta do furgão, o condutor-chefe esperava a ordem da partida que transmitiu. O maquinista apitou ainda,

demoradamente, abriu o regulador, dando movimento à máquina. Partia-se. A princípio o movimento foi insensível, depois o comboio rodou. Desapareceu sob a ponte da Europa, embrenhou-se no túnel das Batignoles. Não se via dele, sangrando como feridas abertas, senão as três luzes da retaguarda, o triângulo vermelho. Por alguns segundos ainda, a vista pôde segui-lo no arrepio negro da noite. Agora voava e nada devia já fazer parar esse comboio lançado a todo o vapor. Desapareceu.



## II

Na Croix-de-Maufras, num jardim que a estrada de ferro cortou, a casa está colocada de viés, tão perto da linha que todos os comboios que passam a abalam; e basta uma viagem para a levar na memória; toda a gente que por ali passa em grande velocidade, sabe-a nesse lugar sem nada conhecer dela, sempre fechada, como que abandonada, com as suas persianas cinzentas, esverdeadas pelas bátegas das chuvas do oeste. E o deserto, parece aumentar ainda a solidão daquele canto perdido, separado uma légua em círculo de todo o fôlego vivo.

A casa do guarda das cancelas, no recanto da estrada que atravessa a linha e que se dirige para Doinville, fica a cinco quilômetros de distância. Baixa, com os muros cheios de brechas, as telhas comidas de musgo, tem um ar abandonado de pobre, no meio do pomar que corre à sua volta, plantado dei legumes, fechado per uma sebe viva, e no qual se abre um grande poço, tão alto como a casa. A passagem de nível fica entre as estações de Malaunay e de Barentin, justamente no meio, a quatro quilômetros de cada uma delas. Esta passagem é muito pouco freqüentada e a cancela, já meio apodrecida, só se abre para as gôndolas das pedreiras de Bécourt, na floresta, a meia légua. Não era possível imaginar-se lugar mais escondido, mais separado dos vivos, porque, do lado de Malaunay, o extenso túnel corta todo o caminho, e apenas se comunica por um atalho mal conservado, com Barentin que corre à volta da linha. Raríssimos são os visitantes.

Nessa tarde, ao fim do dia, por um tempo nublado, muito macio, um viajante que acabava de deixar em Barentin um comboio do Havre, seguia com passo largo o atalho da Croix-de-Maufras. A região se compõe de uma série ininterrupta de vales e colinas, espécie de corcovas do solo, que a estrada de ferro atravessa alternadamente sobre aterros e trincheiras. Aos dois lados da linha, esses acidentes contínuos de terreno, subidas e descidas, acabam por tornar os caminhos difíceis. Aumentam a sensação da grande solidão; os terrenos magros, esbranquiçados, permanecem incultos; algumas árvores adornam os outeiros de pequenos bosques, ao passo que, ao longo dos estreitos vales, correm regatos sombreados por salgueiros. Outras corcovas cretáceas são absolutamente escalvadas, as colinas sucedem-se, estéreis, em quietude e abandono de morte. O viajante, moço, vigoroso apressava o passo, como para fugir a tristeza desse crepúsculo sobre aquela terra desolada.

No jardim do guarda das cancelas, uma jovem de dezoito anos tirava água do poço. Era loira, saudável, de grandes olhos esverdeados e testa estreita sob grande cabeleira. Não era bonita, tinha os quadris firmes e os braços fortes de um homem. Apenas avistou o viajante que descia do atalho, largou o balde e foi postar-se em frente da porta que fechava a sebe viva.

— Olha! É o Tiago! clamou ela.

Ele ergueu a cabeça. Tinha vinte e seis anos, era de alta estatura, muito trigueiro, bonito rapaz, de rosto redondo e regular, mas prejudicado por maxilares excessivamente fortes. Os cabelos eram encaracolados e o bigode, tão espesso e tão preto, lhe aumentava a palidez da tez. Tê-lo-iam Domado por um homem de sociedade, pele fina, muito bem barbeada, se não se divisasse também o estigma indelével da profissão, a graxa que lhe amarelecia as mãos de maquinista, mãos que, no entanto, permaneciam pequeninas e flexíveis.

— Boa tarde, Flora.

Mas os olhos grandes e negros, tinham-se perturbado. As pálpebras bateram, os olhos, desviaram-se-lhe, numa inquietação súbita, num mal-estar que ia até ao sofrimento. E até o corpo sentira, todo ele, um instintivo movimento de recuo.

Ela, imóvel, com os olhos pousados firmes nele, notara esse sobressalto que ele se esforçava por vencer, sempre que se aproximava de uma mulher. Ela pareceu ficar triste por causa disso. Mas ele querendo ocultar o seu embaraço, perguntou-lhe se a mãe dela estava em casa, embora sabendo que a pobre criatura enferma não poderia sair. Flora respondeu apenas com um aceno de cabeça, desviou-se para deixá-lo entrar sem lhe apertar a mão e voltou para o poço, sem dizer uma palavra, o porte ereto e firme.

Tiago, com passo rápido, atravessou o estreito jardim e entrou em casa. Aí, no meio do primeiro aposento uma vasta cozinha onde se vivia e fazia as refeições, estava sozinha a tia Fásia, como ele lhe chamava desde criança, sentada junto da mesa, numa cadeira de palha, com as pernas embrulhadas num velho chalé. Era uma prima de seu pai, uma Lantier, que era sua madrinha e que, quando ele tinha seis anos, o levara para casa, quando lhe desapareceram o pai e a mãe, que haviam voado para Paris. Ele ficara em Plassans, onde seguira mais tarde o curso da escola de Artes e Ofícios. Conservava-lhe, por esse fato, um vivo reconhecimento, e dizia que a carreira que fizera era a ela que o devia. Quando foi elevado a maquinista de primeira classe na Companhia do Oeste, depois de dois anos passados no caminho de ferro de Orléans, encontrara a madrinha casada de novo com um guarda das cancelas de nome Misard, e exilada com as duas filhas do seu primeiro casamento naquele buraco perdido da Croix-de-Maufras. Hoje, apesar de só contar quarenta e cinco anos, a bela tia Fásia de outros tempos, tão alta, tão forte, parecia ter sessenta, emagrecida e macilenta, sacudida por contínuos estremecimentos.

Ela teve uma exclamação de alegria:

— O que? És tu, Tiago!... Ah! meu belo rapaz, que surpresa!

Ele beijou-a na face, explicando-lhe que acabava de ter inesperadamente dois dias de férias forçadas; Lison, a máquina dele, ao chegar de manhã ao Havre, quebrara uma peça importante e como a reparação só podia ser concluída após vinte e quatro horas, ele só retomaria o serviço no outro dia à tarde, no expresso das seis e quarenta. Porisso lembrara-se de vir abraçá-la. Dormiria ali, e só voltaria para Barentin no comboio das sete e vinte e seis da manhã. Conservando entre as suas as pobres mãos emagrecidas da tia Fásia dizia-lhe quanto o preocupara a sua última carta.

— Pois é verdade, meu rapaz, isto já não vai bem, não vai nada bem... Como foste amável em teres adivinhado o meu desejo de ver-te! Mas eu sei até que ponto tu és cumpridor dos deveres e não me atrevia a pedir-te que viesses. Mas enfim, o coração nem cabe no peito por ver-te aqui!

Interrompeu-se para lançar medrosamente um olhar pela janela. Sob o dia que caía, do outro lado da linha, avistava-se o marido, Misard, num posto do entroncamento, uma dessas barracas feitas de tábuas estabelecidas à distância de cinco em cinco ou de seis em seis quilômetros, e ligadas por aparelhos telegrafia», a fim de conseguirem a boa circulação dos comboios. A mulher estava encarregada da cancela da passagem do nível; Misard era o sinaleiro,

Como se ele pudesse ouvi-la, ela baixou a voz, num arrepio:

— Parece-me que ele me está envenenando!

Tiago teve um sobressalto de surpresa ao ouvir a confidencia, e os seus olhos, voltaram-se também para a janela, e foram de novo embaciados por aquela perturbação singular, aquele vaporzinho arruivado, que empalidecia, o brilho negro, diamantado de ouro.

— Oh! Oh! Tia Fásia, que idéia! murmurou ele. Tem a aparência tão dócil, tão fraca!

Acabava de passar um comboio que ia para o Havre, e Misard sairá do seu posto para abrir a cancela, atrás de si. Enquanto ele levantava a alavanca, pondo o sinal vermelho, Tiago examinava-o. Era um homenzinho macilento, de cabelos e barba ralas, sem cor, a figura escavacada e miserável, silencioso, apagado, sem cólera, duma palidez servil diante dos chefes. Mas ele voltava para a bar raça de tábuas, a fim de inscrever no seu registro a hora da passagem e para premir os dois botões elétricos, um que dava caminho livre ao posto precedente, o outro que anunciava o comboio ao posto imediato.

— Ah! não o conheces, continuou a tia Fásia. Já te disse que ele me dá a tomar não sei que porcarias... Eu, que era *tão* forte, que o teria comido, e é ele, esse farrapo de homem, esse João ninguém que dá cabo de mim! Manifestava um rancor surdo e medroso, esvaziava o coração, satisfeita de ter enfim alguém que a escutasse. Onde estava ela com a cabeça para tornar a casar com um velhaco daqueles, sem nada, e avarento, sendo ela mais velha cinco anos, e com duas filhas, uma de seis anos, e outra já de oito?

Ia fazer dez anos que ela dera essa cabeçada, e não se passara uma hora só em que não se houvesse arrependido; uma existência de miséria, um exílio naquele recanto gelado do Norte onde ela tiritava, um aborrecimento de morte, de não ter nunca alguém com quem conversar, nem mesmo uma vizinha. Ele era um antigo assentador da estrada que agora ganhava mil e duzentos francos como sinaleiro; ela, desde o princípio, tivera cinquenta francos pela guarda das cancelas, serviço de que Flora estava agora encarregada; e aí estavam o presente e o futuro por única esperança a certeza de viver e de rebentar naquele buraco, a mil léguas dos vivos. O que -ela não contava eram as consolações que ela tinha ainda, antes de cair doente, quando o marido trabalhava no balastro, e ela ficava só guardando as cancelas com as filhas; porque ela possuía, então, desde Ruão até ao Havre, em toda a linha, uma tal reputação de mulher bela, que os inspetores da estrada visitavam-na

de passagem; houvera mesmo rivalidades, os apontadores de outros serviços andavam sempre de ronda, redobrando a vigilância. O marido era acomodaticio, cheio de deferências para com toda a gente, deslizando pelas portas, saindo, entrando sem nada ver.

Mas estas distrações haviam cessado e ela ali estava agora semanas e meses amarrada àquela cadeira, em tamanha solidão, a senti' o corpo esfriar pouco a pouco e hora a hora.

— Digo-te, repetiu ela para concluir, que ele há de acabar comigo, apesar de pequenino como é.

Um tilintar brusco de campainha fez-lhe lançar para fora o mesmo olhar inquieto. Era o posto precedente que anunciava a Misard um comboio que se dirigia para Paris; e a agulha do aparelho do acantonamento, colocado diante da vidraça, inclinara-se no sentido da direção. Ele fez parar a campainha, saiu para dar sinal da chegada do comboio com dois toques de cometa. Flora neste momento veio fazer correr a cancela; depois perfilou-se, conservando direita a bandeirinha, na sua bainha de couro.

Ouviu-se o comboio, um expresso, oculto por uma curva, aproximar-se com um estrondo que aumentava. Passou como um raio, abalando, ameaçando levar a casinhola, no meio de um vento de tempestade.

Já Flora voltava a tratar das suas plantações; ao passo que Misard, depois de fechar a estrada ascendente atrás do comboio ia reabrir a descendente, baixando a alavanca, para fazer desaparecer o sinal vermelho; porque um novo toque de campainha, acompanhado do levantar da outra agulha, acabava de o avisar de que o comboio, que passara cinco minutos mais cedo, havia já galgado o posto imediata. Tornou a entrar na barraca, preveniu os dois postos, escreveu a passagem, depois esperou. Trabalho sempre igual, que ele fazia durante doze horas, vivendo ali, comendo ali, sem ler três linhas dum jornal, sem parecer mesmo ter um pensamento naquele crânio oblíquo.

Tiago, que antigamente, gracejava com a madrinha a respeito das devastações que ela fazia entre os inspetores da linha, não pôde deixar de sorrir dizendo:

— Pode ser que ele seja ciumento.

Mas Fásia teve um encolher de ombros de dó, ao passo que nos seus pobres olhos empalidecidos subia igualmente um riso irresistível.

— Ah! Meu rapaz, que dizes?... Ele, ciumento! Nunca se importou com isso, desde que nada lhe saia da bolsa.

Depois, tomada novamente de um arrepio:

— Não, não, ele não liga importância a isso. Só liga ao dinheiro... O que nos fez zangar, sabes, foi eu não lhe ter querido dar os mil francos do meu pai, que herdei no ano passado. Então, logo ele me ameaçou e isso trouxe-me a desgraça, pois caí doente... E a doença não me deixou desde essa ocasião, exatamente desde essa ocasião.

O mancebo compreendeu, e, como ele acreditava em idéias negras de mulher doente, tentou ainda dissuadi-la. Mas ela obstinava-se com um movimento de cabeça, como pessoa que teima na convicção formada. Porém acabou por dizer:

— Bois bem! Se sabe que é assim, nada há mais simples se deseja que isso acabe: dê-

lhe os tais mil francos.

Um esforço extraordinário fê-la pôr-se de pé. E, ressuscitada, violenta:

— Os meus mil francos! Nunca! Antes rebentar... Ah! Estão guardados e bem guardados! Podem virar a casa toda, desafio a que os encontrem... E ele já procurou bem, o velhaco! Eu ouvi-o à noite, a experimentar as paredes. Procura, procura. Só o prazer de ver-lhe o nariz a fazer-se comprido bastaria para me dar paciência... Só gostaria de saber quem iria primeiro, ele ou eu. Eu desconfio de tudo, já não como nem bebo nada daquilo em que ele põe as mãos. B se eu morresse, pois bem, nem por isso os apanharia, os meus mil francos! Preferia deixá-los enterrados.

Tornou a cair na cadeira, exausta, sacudida por um novo toque de cometa. Era Misard, no limiar do posto do acantonamento, que desta vez dava sinal para um comboio que se dirigia para o Havre Apesar da obstinação em que ela se fechava, de não dar a herança, a tia Fásia tinha dele um medo secreto, cada vez maior, o medo do colosso perante o inseto que se sente roído. E o comboio anunciado, o misto que partira de Paris ao meio-dia e quarenta e cinco, vinha ao longe num rodar surdo. Sentiram-no sair do túnel, soprar mais alto no campo. Depois passou, no trovejar das suas rodas e na massa dos seus vagões, numa força invencível de furacão.

Tiago, olhando pela janela, vira desfilar as pequenas vidraças quadradas, onde apareciam perfis de viajantes. Quis distrair as idéias negras de Fásia, e recomeçou gracejando:

— A madrinha queixa-se de não ver nunca nem um gato cá no seu buraco... Pois olhe, ali vai muita gente!

Ela não percebeu ao princípio, admirada.

— Gente, aonde? Ah! Sim, aquela gente que vai viajando... Grande coisa! Não se conhece, não se pede conversar com ela.

Tiago continuava a rir.

— A mim a madrinha conhece-me bem, e vê-me passar bastantes vezes.

— Tu, é verdade, eu conheço, sei a hora do teu comboio, e espreito-te a ver se te vejo em cima da tua máquina. O diabo é que tu corres, corres! Ontem fizeste assim com a mão. Eu nem sequer posso responder... Não, não, isso não é ver gente...

Contudo aquela idéia da onda de gente que os comboios ascendentes e descendentes transportavam cotidianamente diante dela, no meio do grande silêncio da solidão, deixava-a pensativa, com os olhos fitos na linha, onde caía a noite. Quando era válida, e ia e vinha, perfilando-se diante da cancela, com a bandeirinha em punho, nunca pensara nestas coisas. Mas os devaneios confusos, mal formulados, embaraçavam-se na sua cabeça, depois que ela se via obrigada a permanecer dias inteiros naquela cadeira, não tendo que refletir em nada senão na luta surda com o marido.

Parecia-lhe estúpido viver no fundo daquele deserto, sem uma alma a quem se confiar, quando de dia e de noite, continuamente desfilavam tantos homens e mulheres naquele perpassar de tempestade dos comboios, abalando a casa, fugindo a todo o vapor. Certo era

que por ali passava a terra inteira, não eram só franceses, mas estrangeiros também, criaturas vindas das mais longínquas regiões, visto que ninguém podia agora ficar em casa, e todos os povos como agora se dizia, constituiriam dentro em pouco um só.

Aquilo era o progresso, todos irmãos, rolando todos juntos lá embaixo, para. um país de Cocagne. Ela tentava contá-los em média, a tantos por vagão: eram muitos, não sabia fazer a conta. Muitas vezes imaginava reconhecer rostos, a dum sujeito de barba loira, um inglês decerto, que fazia todas as semanas a viagem de Paris, a de uma senhora loira, que passava, regularmente, às quartas e aos sábados. Mas a rapidez arrebatava-os e ela não ficava bem certa de os ter visto, todas as faces se sumiam, se confundiam como iguais, desaparecendo umas nas outras. A torrente corria não deixando nada de si. E o que a tornava triste, era, sob aquele rodar contínuo, sob tanto bem-estar e tanto dinheiro em passeio, saber que aquela multidão sempre tão afadigada ignorava que ela estava ali, em perigo de morte, a tal ponto que, se o marido uma noite a matasse, os comboios continuariam a cruzar-se próximos ao seu cadáver, sem desconfiarem sequer de que se praticara um crime, ali, no fundo da casa solitária.

Fásia permanecera de olhos fitos na janela, e resumiu o que muito vagamente experimentava, para o poder explicar minuciosamente.

— Ah! É uma bela invenção, não há dúvida. Vai-se depressa, sabe-se mais... Mas os animais silvestres continuam animais silvestres, e podem inventar-se máquina melhores ainda, que há de haver sempre animais silvestres.

Tiago acenou de novo com a cabeça para dizer que pensava também assim. Havia um momento que ele examinava Flora, a qual reabria a cancela, para deixar passar uma zorra, carregada com dois blocos de pedra enormes. A estrada só dava serventia às pedreiras de Bécourt, tanto que, de noite, a cancela ficava fechada a cadeado, e era raro obrigarem a levantar a pobre moça. Vendo esta conversar familiarmente com o carreiro, um rapaz trigueiro ainda novo, Tiago exclamou:

— Espera! Cabuche está doente? O primo dele, o Luís, é que vem guiando os cavalos!... Aquele pobre Cabuche! Vê-o muitas vezes, madrinha?

Ela levantou as mãos sem responder, soltando um fundo suspiro. Fora um drama repleto, no último outono, que ainda mais ajudara a apoquentá-la: sua filha Luizinha, a mais moça, que estava como criada em casa da senhora Bonnehon, em Doinville, fugira uma noite, aflita, magoada, para ir morrer em casa do seu amigo Cabuche, na cabana que este habitava em plena floresta. Correram uns boatos que acusavam de violência o presidente Grandmorin: mas ninguém se atrevia a repeti-lo alto. A própria mãe, embora sabendo muito bem do que se tratava, não gostava de falar do assunto. Contudo, acabou por dizer:

— Não, já não vem, fez-se um bicho do mato... Aquele pobre Luizinha, que era tão engraçadinha, *tão* branca, *tão* dócil! Gostava bem de mim, aquela teria cuidado de mim! Ao passo que Flora, meu Deus! Eu não me queixo, mas ela por certo não regula bem, faz só o que entende, desaparece horas inteiras; é muito senhora de si, violenta!... Tudo isto é triste, muito triste.

Enquanto ouvia, Tiago continuava a seguir com os olhos a zorra, que, agora, atravessava a linha. Mas as rodas prenderam-se nas calhas, sendo preciso que o condutor fizesse estalar o chicote, enquanto a própria Flora gritava excitando os cavalos.

— Irra! declarou Tiago, era só a chegada de um comboio... Que marmelada ali se fazia!

— Oh! Não há perigo, replicou a tia Fásia. Flora às vezes parece doida, mas conhece o seu ofício, tem os olhos abertos... Graças a Deus, já trabalhava há cinco anos e nunca houve um desastre. Só há muito tempo é que é um homem foi apanhado. Nós só tivemos uma vaca que por pouco ia fazendo descarrilar um comboio. Encontrou-se o corpo do pobre animal aqui e a cabeça lá em baixo junto ao pé do túnel... Com Flora pode-se dormir descansado.

A zorra passara; ouviam-se ao longe, afastando-se, os solavancos profundos das rodas nas rodeiras da estrada. Então a tia Fásia voltou à sua preocupação constante, à idéia da saúde, tanto nos outros como nela.

— E tu, vais agora bem? Lembras-te, em nossa casa, das coisas de que tu sofrias, e de que o doutor não entendia nada?

Ele teve uma vacilação inquieta no olhar.

— Agora passo muito bem, madrinha.

— Realmente! Então desapareceu tudo? Aquela dor que te traspassava o crânio, por trás das orelhas, e os ataques de febre súbitos, e aqueles acessos de tristeza que te faziam esconder como um animal no fundo de um buraco?

À medida que ela falava, ele perturbava-se cada vez mais, tomado de um tal mal-estar, que acabou por interrompê-la em voz breve:

— Asseguro-lhe que passo agora muito bem. Já não tenho nada, absolutamente nada.

— Tanto melhor, meu rapaz! Não é por que fosses doente, que o meu mal desapareceria. Depois, é próprio da tua idade ter saúde! A saúde, oh, não há nada melhor! Foste muito amável em ter-me vindo visitar, quando poderias ter ido para qualquer outra parte divertir-te. Não é verdade? Jantando conosco, e dormindo lá em cima no sótão, ao lado do quarto de Flora.

Mas, uma vez mais, um toque de cometa lhe cortou a palavra. A noite cairá e ambos, voltando-se para a janela, só confusamente distinguiram Misard conversando com outro homem. Acabavam de dar seis horas e ele entregava o serviço ao seu substituto, o sinaleiro da noite. Ia ficar livre enfim, depois de doze horas passadas naquela barraca com apenas uma mesa pequena, por baixo da prateleira dos aparelhos, um banco e um fogão, cujo calor, forte demais, o obrigava a ter quase constantemente a porta aberta.

— Ah! regressa ele à casa, murmurou a tia Fásia com medo. O comboio anunciado chegava muito pesado, muito comprido, com o seu estrondo sentindo-se cada vez mais. Tiago teve que inclinar-se para fazer-se ouvir da doente, emocionado pelo estado miserável em que a via mergulhada, desejoso de dar-lhe alívio.

— Escute, madrinha, se ele tem realmente más idéias, talvez o fizesse parar o pensamento de que eu me envolvo no negócio... Faria bem em confiar-me os seus mil francos.

Ela teve uma última revolta:

— Os meus mil francos! Nem a ti nem a ele! repito-te, prefiro rebentar!

Naquele momento passava o comboio, na sua violência de tempestade, como a varrer tudo na sua frente. A casa tremeu, envolta numa rajada de vento. Aquele comboio, dirigindo-se para o Havre, ia muito carregado, porque havia uma festa no dia seguinte, domingo: o lançamento de um navio. Apesar da velocidade, pelas janelas iluminadas tivera-se a visão dos compartimentos cheios, as linhas de cabeças enfileiradas, unidas, cada uma com seu perfil. Sucediavam-se, desapareciam. Tanta gente! Ainda a multidão, a multidão sem fim, no meio do rodar das carruagens, do apitar das máquinas, do tilintar do telégrafo, da barulheira das campainhas! Era como um grande corpo, um ser gigante deitado no chão, a cabeça em Paris, as vértebras estendidas ao longo da linha, os membros alargando-se com os desvios, os pés e as mãos no Havre e nas outras estações de chegada. E aquilo passava, passava, mecânico, triunfal, caminhando para o futuro com uma retidão matemática, na ignorância voluntária do que restava do homem, em ambas as beiras, oculto e sempre vivaz, a eterna paixão e o eterno crime.

Foi Flora a primeira a entrar. Acendeu o candeeiro de petróleo, sem quebra-luz, e o pôs à mesa. Não trocara uma palavra, apenas olhou para Tiago, que estava de pé diante da janela. Em cima da fornalha conservava-se quente um caldo verde. Quando ela ia pô-lo na mesa apareceu Misard. Não testemunhou surpresa por encontrar ali Tiago. Talvez o tivesse visto chegar, mas nada lhe perguntou, não tinha curiosidade. Um aperto de mão, três palavras breves, e mais nada.

Tiago teve que repetir a história da peça partida na máquina, da sua idéia de vir abraçar a madrinha e de dormir lá. Mansamente, Misard contentara-se em acenar com a cabeça, como se achasse tudo muito bem, e sentaram-se, comeram sem pressa, a princípio em silêncio.

Fásia que, desde manhã, não tirara os olhos da panela onde fervia o caldo verde, aceitou um prato.

Mas como o marido se levantasse para lhe dar a sua água férrea, de que Flora se esquecera, uma garrafa com água onde tinham deitado pregos, ela não tocou nágua. Ele, humilde, raquítico, tossindo uma tossezinha má, não parecia notar os olhares ansiosos com que ela seguia os seus menores movimentos. Como Fásia pedisse o sal, que não havia em cima da mesa, ele disse-lhe que ela se arrependeria de comer tanto, porque era isso que a fazia doente; e levantou-se para ir buscá-lo, trazendo numa colher uma pitada, que ela aceitou sem desconfiança, porque, na sua opinião, o sal tudo purificava. Então falou-se do tempo verdadeiramente quente que fazia havia alguns dias, e de um descarrilamento que se dera em Marome. Tiago acabava por crer que a madrinha tinha sonhos mesmo acordada, porque ele não surpreendia coisa alguma nesse mísero homem tão complacente, de olhos vagos. Demoraram-se mais de uma hora. Por duas vezes, ao sinal da cometa, Flora desaparecera por um momento. Os comboios passavam, abalavam os copos em cima da mesa; mas nenhum dos convivas lhe dava sequer atenção.



Um novo toque de cometa se ouviu, e, desta vez, Flora, que acabava de tirar o talher, não tornou a aparecer. Deixara a mãe e os dois homens sentados à mesa, diante de uma garrafa de aguardente de cidra. Os três demoraram aí uma meia hora ainda. Depois, Misard, que, havia um instante, dirigia olhos esquadrinhadores para um ângulo do aposento, pegou no chapéu, e saiu com um simples boa noite.

Pescava furtivamente nos pequenos regatos vizinhos, onde havia enguias soberbas, e nunca ia deitar-se sem primeiro examinar as linhas que preparara.

Logo que ele desapareceu, Fásia olhou fixamente para o afilhado.

— Hein, queres ver? Não o viste esquadrinhar com os olhos aquele canto? É que se lhe meteu na cabeça que eu podia ter escondido o dinheiro por detrás do boião da manteiga... Há, eu já o conheço, e tenho a certeza de que esta noite vai desarrumar o boião só para ver.

Então apossavam-se dela os suores e um tremor lhe agitava os membros!

— Já ele me deu a dose, tenho a boca amarga, como se tivesse comido ferro velho. Deus sabe, contudo, que eu não tomei nada da mão dele! É de a gente dar cabo da vida! Esta noite já não posso mais, é melhor deitar-me. Então adeus, meu rapaz, porque, se partes às sete horas e vinte e seis, será cedo demais para mim. E volta, sabes? eu ainda hei de estar por aqui.

Ele ajudou-a a entrar no quarto, onde se deitou e adormeceu oprimida. Ficando só, hesitou, perguntando a si mesmo se deveria ir também estender o corpo em cima do feno que o esperava no sótão. Mas eram apenas dez para as oito horas, havia ainda muito tempo para dormir. B saiu, por sua vez, deixando o candeeiro de petróleo a arder na casa vazia e ensonada, abalada de tempos a tempos pêlo trovejar brusco de um comboio.

Lá fora, Tiago ficou surpreendido pela tepidez do ar. De certo iria chover ainda. No céu, uma nuvem branca, uniforme, alargava-se e a lua cheia, escondida por detrás de uma nuvem, iluminava toda a abóbada com um reflexo avermelhado.

Assim, ele distinguia nitidamente o campo, cujas terras envolviam as colunas, e as árvores se destacavam em negro, sob essa luz igual e morta, duma paz de lamparina. Deu a volta ao pequeno pomar.

Depois pensou, em andar para o lado de Doinville, por ser por aí menos íngreme a subida da estrada. Mas, como o aspecto da casa solitária, colocada em viés na outra margem da linha, o atraísse, atravessou a estrada, passando pelo postigo, porque a cancela já estava fechada para a noite. Essa casa, conhecia-a ele bem, olhava para ela em cada uma das suas viagens, no abalo estrondante da máquina.

Essa casa atraía-o sem que ele soubesse porque, com a sensação confusa de que ela era importante à sua existência. De cada vez que passava, experimentava, primeiro como que um medo de não tornar a encontrá-la ali, depois um como mal-estar em verificar que continuava a permanecer no mesmo lugar. Nunca vira abertas as suas portas ou as janelas. Tudo quanto a respeito de!a lhe haviam dito é que pertencia ao presidente Grandmorin; e, naquela noite, apossara-se dele um desejo irresistível de dar uma volta em torno dela, para saber mais coisas a seu respeito.

Por largo tempo se deixou Tiago estar perfilado na estrada, defronte da grade. Recuava, punha-se na ponta dos pés, tratando de ver. A estrada de ferro, cortando-lhe o jardim, deixara-lhe diante da pequena escadaria da entrada um estreito tabuleiro fechado de muros; ao passo que, por detrás se estendia um vasto terreno, apenas resguardado por uma sebe viva. A casa era de uma tristeza lúgubre, no seu isolamento, sob o reflexo vermelho daquela noite fumacenta; e ia afastar-se, com um arrepio à flor da pele, quando notou uma abertura na sebe. A idéia de que seria covardia não entrar, fê-lo passar por essa abertura. O coração batia-lhe com força; mas, logo em seguida, ao passar junto duma pequena estufa em ruínas, deteve-a uma sombra azulada à porta.

— O que, és tu? exclamou, admirado, reconhecendo Flora. Que estás fazendo?

Ela, também, experimentara uma terrível surpresa. Depois, tranqüilamente:

— Como vê, vim buscar umas cordas. Eles deixaram aqui um montão de cordas que começam a apodrecer, sem servir para ninguém, e eu, que preciso delas, venho buscá-las.

Efetivamente, com umas grandes tesouras, sentada no chão, desmanchava as laçadas e cortava os nós, quando era mais difícil.

— Então o proprietário já não vem? perguntou ele. Ela pôs-se a rir.

— Oh! Depois do caso da Luizinha, não há perigo que o presidente arrisque a ponta do nariz na Croix-de-Maufras. Posso bem levar-lhe as cordas.

Ela calou-se por um momento, com o ar perturbado pela recordação da aventura trágica que evocava.

— E acreditas no que a Luizinha contou, acreditas que ele quis possuí-la e que foi debatendo-se que ela se feriu?

Cessando de rir, bruscamente violenta, ela retrucou:

— Nunca a Luizinha mentiu, nem Cabuche tão pouco. Cabuche é meu amigo.

— Teu amante, talvez, agora.

— Ele! Era preciso que eu fosse muito descarada! É meu amigo, eu não tenho amantes nem quero ter.

Levantara a forte cabeça, cuja espessa cabeleira loira se ondulava sobre a testa baixa; e todo o seu ser, sólido, e flexível, respirava uma selvagem energia de vontade. Já a respeito dela se formara uma lenda na terra. Contavam-se histórias, salvamentos; uma carreta retirada com um forte impulso à passagem dum comboio, um vagão que descia sozinho a ladeira de Barentin, detido como um animal furioso galopando ao encontro dum expresso. E estas provas de força causavam admiração, faziam-na desejada dos homens, tanto mais que a princípio a tinham julgado fácil, sempre percorrendo os campos desde que era livre, procurando os recantos perdidos, deitando-se no fundo dos buracos, os olhos no espaço, muda, imóvel. Mas os primeiros que se haviam arriscado não tiveram mais vontade de recomeçar a aventura. Como ela gostava de banhar-se durante horas, nua, num ribeiro próximo, os garotos da sua idade fizeram a partida se a espreitar; e ela agarrara num deles, sem mesmo se dar ao trabalho de tornar a vestir a camisa, e tratara-o de tal modo, que nunca ninguém pensou mais em ir espreitá-la. Finalmente espalhara-se o boato da sua história com

um agulheiro do desvio de Dieppe, na outra boca do túnel: um tal Ozil, rapaz duns trinta anos, muito honrado, que ela parecia ter animado por um momento, e que, tendo tentado agarrá-la, imaginando numa noite que ela se entregava, quase pereceu com uma paulada que ela lhe vibrou. Era virgem e guerreira, desdenhando o macho, o que acabara por convencer muita gente de que tinha desarranjo na bola.

Ouvindo-a declarar que não queria amantes, Tiago continuou a gracejar.

— Então essa coisa não se realiza, o teu casamento com Ozil? Tinham-me dito que todos os dias ias encontrá-lo no túnel!

Ela encolheu os ombros.

— Ah! sim! o meu casamento... Aquilo entretem-me, o túnel. Dois quilômetros e meio a galgar no escuro, com a idéia de que se pode ser cortado por um comboio, se não se tem os olhos abertos. É curioso ouvi-los, aos comboios, roncar naquela negridão. Mas Ozil aborreceu-me. Ainda não é aquele que eu quero.

— Ah! então queres outro?

— Não sei, palavra que não sei!

Reapossara-se dela o riso, ao passo que uma pontinha de perturbação a fazia prestar toda atenção a um nó das cordas que não conseguia desatar. Depois, sem levantar a cabeça, como muito absorvida pela sua tarefa:

— E tu, não tens amante?

Tiago, por sua vez, tornou-se sério. Os olhos desviaram-se dela, vacilaram, fixando-se ao longe, na noite. Respondeu com voz breve:

— Não.

— Deve ser isso, continuou ela, porque me disseram que abominavas as mulheres. E depois não é de ontem que eu te conheço, nunca serias homem para me dirigires uma coisa amável. Por que é, dize lá?

Ele calava-se. Flora decidiu-se a largar o nó e a olhar para Tiago.

— Então sempre é verdade que só gostas da tua máquina? Sabes que há já quem gracieje com isso?! Dizem que estás sempre a esfregá-la, a fazê-la reluzir, como se não tivesses carícias senão para ela... Eu digo-te isto porque sou tua amiga.

Ele também agora examinava-a, à pálida claridade do céu enfumaçado. E lembrava-se dela, quando era pequena e já violenta e voluntariosa, saltando-lhe ao pescoço quando ele chegava, tomada de uma paixão de rapariga bravia. Depois, tendo-a a perdido muitas vezes de vista, de cada vez que a encontrava achava-a mais crescida, mas acolhendo-o com o mesmo salto aos ombros, impressionando-o cada vez mais pela flama dos grandes olhos. Àquela hora era uma mulher soberba, desejável, e ela amava-o decerto, desde muito, do fundo mesmo da sua mocidade. O coração começou-lhe a bater, experimentou a sensação súbita de ser aquele a quem ela esperava. Uma grande perturbação lhe subia ao cérebro, juntamente com o sangue das veias; o seu primeiro movimento foi fugir na angústia que o invadia. Agora o desejo tornara-o louco, via tudo vermelho.

— Que fazes de pé? perguntou ela. Senta-te!

De novo ele hesitava. Depois, com as pernas subitamente cansadas, vencido pela necessidade de tentar ainda o amor, deixou-se cair junto dela sobre o montão de cordas. Agora não falava, tinha a garganta seca. Era ela, agora, a altiva, a silenciosa, que falava pelos cotovelos, muito alegre, atordoando-se a si mesma.

— Vês as asneiras de minha mãe! Para que casou ela com o Misard? Aquilo ainda lhe há de dar dor de cabeça... Eu tenho as minhas coisas em que pensar, não é assim? E depois quando quero ajudar, ela manda-me calar. Então ela que desembrolhe a meada! Eu vivo fora disso. Penso em coisas, para mais tarde... Ah! Sabes! Eu tinha-te visto passar esta manhã em cima da ma máquina, daquela mata ali em baixo, onde eu estava sentada. Mas não olhas nunca... Mais tarde hei de dizer-te as coisas que eu penso, mas agora não; mais tarde, quando formos bons e verdadeiros amigos.

Ela deixara cair a tesoura, e ele, sempre mudo, apoderara-se-lhe das mãos. Arrebatada, ela abandonava-as. Contudo, quando ele as levou aos lábios abrasadores, manifestou um sobressalto de virgem. A guerreira despertava, altiva, batalhadora a essa primeira aproximação do macho.

— Não, não! Deixa-me, não quero. Fica quieto, conversemos. Os homens não pensam senão nisso. Ah! Se eu te repetisse o que a Luizinha me contou, no dia em que morreu, em casa do Cabuche... E eu já sabia algumas coisas do presidente, porque tinha visto aqui umas porcarias, quando ele vinha com mocinhas... Há uma de quem ninguém suspeita, uma que casou...

Ele não a ouvia. Agarrara-a num abraço brutal, e esmagava a sua boca contra a dela. Ela soltou um ligeiro grito, antes um lamento, tão profundo, tão doce, em que transparecia a confissão da sua ternura por tanto tempo oculta. Mas continuava a lutar, recusava-se, quanto mais não fosse pelo instinto do combate. Ela desejava-o, e disputava-se-lhe, pela necessidade de ser conquistada. Sem dizerem uma palavra, peito contra peito, ambos perdiam o fôlego, a ver qual deles havia de derrubar o outro. Por um instante, ela pareceu ser a mais forte, tê-lo subjugado, tanto ele se enervava, mas ele não a dominou pela garganta. O corpete foi-lhe arrancado, e ambos os seios lhe ressaltaram duros e intumescidos da batalha, de uma brancura de leite da sombra clara. E ela caiu de costas: entregava-se, vencida.

Então ele, ofegante, deteve-se, olhou para ela. no invés de a possuir. Parecia ter-se apoderado dele um furor, uma ferocidade que o fazia procurar com os olhos em volta de si, uma arma, uma pedra, qualquer coisa enfim para a matar. Seu olhar encontrou a tesoura, luzindo entre as pontas das cordas, e então apanhou-a de um pulo e tê-la-ia cravado naquela garganta nua, entre os dois seios brancos, de flores cor de rosa. Mas um grande frio o desembriagava; atirou a tesoura fora e desapareceu, desvairado; e ela, com as pálpebras cerradas, julgava que Tiago a recusava por sua vez, porque ela lhe resistira.

Tiago fugira na noite melancólica. Subiu a galope o atalho de uma encosta, e foi cair no fundo de um estreito vale. Os seixos, que lhe rolavam debaixo dos pés, assustaram-no; lançou-se à esquerda, para o meio dos silvados, deu uma volta que o levou para o deserto,

para um ermo planalto. Bruscamente destrambelhou, batendo contra o resguardo da linha férrea; vinha a chegar um comboio trovejante, flamejando; e, a princípio, aterrado, nada compreendeu. Ah! Sim, toda aquela gente passava, a onda contínua, ao passo que ele estava a agonizar! Tornou a correr, trepou, desceu ainda. Encontrava sempre a linha, no fundo de trincheiras profundas que cavavam abismos, sobre aterros que fechavam o horizonte como barricadas gigantes. Aquela região deserta, cortada de lombas, era como um labirinto sem saída, onde girava a sua loucura, na sombria desolação dos terrenos incultos. E havia longos minutos que ele batia as encostas, quando viu diante de si a abertura redonda, a goela negra do túnel. Um comboio ascendente se engolfava nele, uivando e silvando, deixando, desaparecido, bebido pela terra, um longo abalo que fazia o solo tremer ainda.

Então Tiago, com as pernas inertes, caiu à beira da linha, a soluçar convulsivamente, revolvendo-se no chão, com a face enterrada na erva. Meu Deus! Tinha, pois, voltado aquele mal abominável de que ele se julgava curado? Aí está por que ele quisera matar aquela jovem! Matar uma mulher! Matar uma mulher! Aquilo soava-lhe aos ouvidos, do fundo da sua mocidade com a febre louca, perturbante do desejo. Onde outros, com o despertar da puberdade, sonham possuir uma mulher, ele enraivecia-se na idéia de a matar! Porque ele não podia mentir a si mesmo, ele agarrara na tesoura para cravar na carne, logo que a viu, àquela carne, àquele colo quente e branco. E não era porque ela resistisse, não! Era por prazer, porque tinha vontade de o fazer, uma vontade tal que, se não se tivesse agarrado com toda a força às ervas era capaz de voltar abaixo, a galope, para a degolar. Ela, meu Deus! Aquela Flora que ele vira crescer, aquela criança bravia de quem ele se sentia tão profundamente amado. Os dedos torcidos enterravam-se-lhe na terra, os soluços despedaçavam-lhe a garganta num horrível estertor de desespero.

Contudo esforçava-se por acalmar-se, desejaria compreender. P que havia então nele de diferente quando se comparava aos outros? Quando estava em Plassans, na sua mocidade, muitas vezes se analisava sobre esse assunto. Sua mãe Gervásia, é certo, era muito jovem quando o dera à luz, aos quinze anos; mas era já o segundo, porque antes dos catorze anos, tivera o primeiro, Cláudio: e nenhum dos seus irmãos, nem Cláudio nem Estêvam, que tinha nascido mais tarde, parecia sofrer pelo fato de ter tido uma mãe tão jovem e um pai criança como ela, aquele bonito Lantier, cujo mau coração tantas lágrimas havia de custar a Gervásia. Talvez também cada um dos seus irmãos tivesse o seu mal, que eles não confessavam, principalmente o mais velho, que se consumia no desejo de pintor, com tanta raiva, que até o diziam meio doido pelo gênio. A família não era lá muito segura, muitos tinham defeito. Ele, em certas horas, sentia bem aquele defeito hereditário.; não que ele fosse de saúde má, porque a apreensão e a vergonha das suas crises tinham-no dantes emagrecido; mas eram, no seu ser, súbitas perdas de equilíbrio, como que rupturas, buracos pelos quais o seu eu lhe escapava, no meio de uma espécie de fumaceira que deformava tudo. Não se pertencia, obedecia aos seus músculos, à besta enraivecida.

Contudo, ele não bebia, recusava mesmo aceitar um cálice de aguardente, depois de ter notado que a menor gota de álcool o tornava louco. E concluía por pensar que pagava pelos

outros, os pais, os avós, que tinham bebido, as gerações de bêbedos de que ele era o sangue estragado, um envenenamento lento, uma selvageria que o irmanavam com os lobos comedores de mulheres, no fundo dos bosques.

Tiago havia-se erguido sobre um cotovelo, refletindo, olhando para a entrada negra do túnel; e um novo soluço o percorreu dos rins à nuca e tornou a cair, rolou a cabeça pelo solo, gritando de der. Aquela jovem, aquela moça que ele quisera matar! Aquilo aparecia nele agudo, pavoroso, como se a tesoura tivesse penetrado na sua própria carne. Nenhum raciocínio o apaziguava; quisera matá-la, mata-la-ia ainda ali, meio despida, o colo nu. Lembrava-se bem, tinha ele dezesseis anos apenas, quando pela primeira vez o mal apareceu, numa noite em que ele brincava com uma garotinha, afilhada de uma parente sua, mais moça do que ele dois anos: ela tinha caído, ele tinha-lhe visto as pernas e arremessara-se sobre ela. No ano seguinte recordava-se de ter afiado uma faca para a cravar no pescoço doutra moça, uma loirinha que ele via passar todas as manhãs por diante da porta. Esta tinha o pescoço rechonchudo, muito rosado, onde ele escolhia já o lugar, um sinal ruivo abaixo da orelha. Depois eram outras, e mais, e mais, um desfilar de pesadelo, todas as que ele aflorava com o seu desejo brusco de assassino, as mulheres acotoveladas na rua, as mulheres que um encontro fazia suas vizinhas, mas principalmente uma recém-casada, sentada ao lado dele no teatro, que ria muito alto, e de quem tivera que fugir no meio de um ato, para não lhe rasgar o ventre. Visto que não as conhecia, que furor podia ter contra elas? Por que, de cada vez que o caso lhe sucedia, era como uma crise súbita de raiva cega, uma sede sempre renascente de vingar ofensas muito antigas, de que tivesse perdido a memória exata. Viria aquilo de muito longe, do mal que as mulheres haviam feito à sua raça, do rancor acumulado de macho para macho, desde a primeira traição no fundo das cavernas? E ele sentia também, no acesso, uma necessidade de batalha para conquistar a fêmea e domesticá-la, a necessidade pervertida de a atirar morta para o ombro, assim como uma presa arrancada aos outros, para sempre. O crânio estalava-lhe sob o esforço dos seus pensamentos, não conseguia responder à próprias interrogações, por demasiado ignorante, pensava ele, o cérebro excessivamente surdo, naquela angústia de um homem impelido a atos em que a sua vontade não servia de nada, cuja causa nele havia desaparecido.

Um comboio passou novamente, com o relâmpago das suas luzes, engolfou-se como um raio que troveja e se extingue no fundo do túnel; e Tiago, como se aquela multidão anônima, indiferente e apressada tivesse podido ouvi-lo, erguera-se, recalcando os seus soluços, tomando uma atitude de inocente, quantas vezes, em seguida a um dos seus acessos, ele tivera assim sobressalto de criminoso, ao menor ruído. Ele não vivia tranquilo, feliz, independente do mundo, senão quando estava em cima da sua máquina. Quando ela o arrebatava na trepidação das suas rodas, em grande velocidade, quando ele tinha a mão sobre o volante de mudança de marcha, completamente senhareado pela vigilância da vida, espreitando os sinais, já não pensava, respirava largamente o ar puro, que soprava sempre como uma tempestade. E era por isso que ele tanto amava a sua máquina, como se fora uma amante tranqüilizadora de quem não esperasse senão ventura. Ao sair da escola de Artes e

Ofícios, apesar da sua viva inteligência, escolhera aquela profissão de maquinista, por causa da solidão e do atordoamento em que vivia, sem ambição aliás, chegando em quatro anos ao posto de maquinista de primeira classe, ganhando já dois mil e oitocentos francos, o que, com os seus emolumentos de carvão e de óleos, se elevava a mais de quarenta mil, mas não pensando em mais nada acima disto. Via os seus camaradas de terceira classe e de segunda, os que a Companhia formava, os operários ajustadores que ele escolhia para fazer deles discípulos, via-os, a quase todos, casar com operárias, mulheres apagadas e que somente à hora da partida eram vistas, às vezes, quando traziam os cabazes de provisões; ao passo que os camaradas ambiciosos, sobretudo aqueles que saíam de uma escola, esperavam ser chefes de armazém para se casarem, na esperança de acharem uma burguesa, uma senhora de chapéu. Ele fugia das mulheres; que lhe importavam? Nunca se casaria, não tinha outro futuro senão rodar sozinho, rodar mais e mais, sem repouso. Por isso todos os chefes o consideravam um maquinista excepcional, não bebendo, não andando na pândega, servindo apenas de alvo aos seus camaradas estúrdios pelo seu excesso de bom comportamento e inquietando surdamente os outros, quando tombava na sua tristeza, mudo, de olhos pálidos, a face terrosa. No seu pequeno quarto da rua Cardinet, donde se via o depósito de Batignolles, ao qual pertencia a sua máquina, quantas horas ele se lembrava de um passado, todas as suas horas livres, encerrado como um monge no fundo da sua cela, combatendo a revolta dos seus desejos à força de sono, dormindo profundamente. Por um esforço, Tiago tentou levantar-se. Que estava ele fazendo na relva, por aquela noite tépida e brumosa de inverno? O campo estava afogado em sombra; só havia luz no céu, o fino nevoeiro, a imensa cúpula de vidro despolido, que a luz, oculta por detrás, iluminava com um pálido reflexo amarelo; e o horizonte negro dormia, numa imobilidade de morte. Devia ser perto de nove horas, o melhor era voltar para casa e deitar-se. Mas, no seu entorpecimento, viu-se de regresso à casa de Misard, subindo a escada do sótão, estendendo-se sobre a palha, ao lado do quarto de Flora, de que o separava uma simples divisória de tábuas. Ela estaria ali, senti-la-ia respirar; ele mesmo sabia que ela nunca fechava a porta, podia ir vê-la. E o seu grande estremecimento tomou-o de novo, a imagem evocada daquela rapariga despida, os membros abandonados e quentes do sono, sacudiu-o uma vez ainda com um soluço, cuja violência o atirou novamente contra o solo. Ele quisera-a matar, quisera-a matar, meu Deus! Tremia, agonizava à idéia de que iria matá-la na cama, daí a pouco, se voltasse para casa. De nada lhe serviria não ter armas, cobrir a cabeça com os dois braços para aniquilar-se: sentia que o macho, bem alheio à sua vontade, empurraria a porta, estrangularia a jovem, sob a látego do instinto do rapto e pela necessidade de vingar a antiga injúria. Não, não! Antes passar a noite percorrendo os campos do que voltar para os Misard! Ergueu-se num pulo e pôs-se a fugir.

Então, de novo, durante meia hora, galopou através do campo escuro, como se a matilha desencadeada dos terrores o perseguisse com os seus latidos. Subiu outeiros, precipitou-se em gargantas estreitas. Uma atrás da outra viu na sua frente duas ribeiras: ao transpô-las, molhou-se até aos quadris. uma moita que lhe barrasse o caminho exasperava-o. O seu único

pensamento era cortar a direito para longe, sempre para mais longe, a fim de fugir da outra, da besta enraivecida que sentia dentro de si. Mas ele arrebatava-a, ela galopava tanto como ele. Havia sete meses que ele julgava havê-la expulso, e entregava-se à existência de toda a gente; e agora era preciso recomeçar, ser-lhe-ia preciso ainda bater-se, para que ela não saltasse sobre a primeira mulher que encontrasse!

Contudo, o grande silêncio, a ampla solidão sossegavam-no um pouco, faziam-lhe sonhar uma vida muda e deserta como aquela região desolada, por onde ele caminharia sempre, sem nunca encontrar uma alma. Devia ter andado muito sem o saber, porque tornou a ir, do outro lado, de encontro à linha, depois de haver descrito um largo semi-círculo, por entre outeiros ouriçados de moitas por cima do túnel. Recuou, com a inquieta cólera de tornar a cair sobre criaturas vivas. Depois, tendo querido atalhar, por trás de uma lomba, perdeu-se, tornou a encontrar-se diante do resguardo do caminho de ferro, justamente à saída do subterrâneo, em frente do prado, onde, havia pouco, chorara lágrimas de sangue. E, vencido, permanecia imóvel, quando o trovejar de um comboio saindo das profundezas da terra, ligeiro ainda, aumentando de segundo a segundo, o deteve. Era o expresso do Havre, que partira de Paris às seis horas e trinta e que passava ali às nove e vinte e cinco: um comboio, que de dois em dois dias, ele pilotava.

Tiago viu primeiro a goela negra do túnel iluminar-se, assim como a boca dum forno, em que ardessem molhos de lenha. Depois, no rumor que aumentava, foi a máquina que faiscou com o deslumbramento do seu grande olho redondo, a lanterna da frente, cujo incêndio iluminou a campina, acendendo ao longe as calhas com uma dupla linha de chamas. Era uma aparição fulminante: logo em seguida sucederam-se os vagões; as pequenas vidraças quadradas das portinholas; violentamente iluminadas, fizeram desfilarem os compartimentos cheios de passageiros, numa tal vertigem de velocidade, que o olhar duvidava logo das imagens entrevistas. Tiago, muito distintamente nesse quarto preciso de segundo, avistou, pelos vidros flamejantes dum compartimento um homem, que tinha outro derrubado sobre o banco da carruagem e que lhe cravava uma navalha na garganta, enquanto uma massa negra, talvez uma terceira pessoa, talvez um desmoronamento de bagagens, carregava com todo o seu peso sobre as pernas convulsivas do assassinado. Já o comboio fugia, e se perdia para o lado da Croix-de-Maufras, não deixando ver nas trevas, senão as três luzes da retaguarda, o triângulo vermelho.

Imóvel no lugar onde se achava, Tiago seguia com os olhos o comboio, cujo rumor se extinguia no fundo da grande paz morta do campo. Teria visto bem? Hesitava agora, não se atrevia a afirmar a realidade desta visão, trazida e levada num relâmpago. Nem um sinal das feições dos dois atores do drama lhe ficara nítido. A massa escura devia ser uma cobertura de viagem caída através do corpo da vítima. Contudo ele julgara a princípio distinguir sob o desenrolar de espessos cabelos, um pálido perfil de mulher. Mas tudo se confundia, tudo se evaporava como num sonho. Por um instante, o perfil evocado reapareceu; depois apagou-se definitivamente. Não passava decerto de imaginação. Isto o emudecia, lhe parecia tão extraordinário, que acabava por admitir uma alucinação nascida da terrível crise que vinha



de atravessar.

Por mais ou menos uma hora ainda, Tiago caminhou, com a cabeça pesada de confusos devaneios; estava quebrado, vítima de um aniquilamento, um grande frio interior lhe arrebatara a febre. Sem resolução, acabou por voltar para a Croix-de-Maufras. Depois, quando se achou defronte da casa do guarda das cancelas, pensou consigo que não entraria, que dormiria debaixo do pequeno alpendre, pegado a uma das empenas. Mas uma linha de luz passava por baixo da porta, e ele empurrou-a maquinalmente. Um espetáculo inesperado o pregou no limiar. Misard, ao canto, desarrumara o boião da manteiga; e de gatas pelo chão, uma lanterna acesa posta perto dele, sondava a parede com leves pancadas. Procurava. O ruído da porta fê-lo levantar. Não se perturbou absolutamente e disse simplesmente com um ar muito natural:

— Apanhava uns fósforos que caíram.

E, depois de ter tornado a arrumar no seu lugar o boião da manteiga, acrescentou:

— Vim buscar a lanterna, porque ainda agora, quando me dirigia para casa, avistei um indivíduo na Unha e... suponho até que está morto.

Tiago, colhido a princípio pelo pensamento de que surpreendera Misard a procurar o pecúlio da tia Fásia, o que transformava em brusca certeza a sua dúvida acerca das acusações desta, foi em seguida tão violentamente agitado pela notícia da descoberta de um cadáver, que esqueceu o outro drama, aquele que se representava ali, naquele casebre perdido. A cena do compartimento, a visão tão breve dum homem assassinando outro, renascia o clarão do mesmo relâmpago.

Misard ia contar que trazia duas enguias apanhadas na ribeira, e que galopava com elas até a casa para as ocultar. Mas que necessidade tinha ele de confiar as suas coisas àquele rapaz? Teve um gesto vago, respondendo:

— Lá em baixo, como quem diz a quinhentos metros... Mas é preciso ver claro para saber.

Neste momento, Tiago ouviu por cima da cabeça um ruído surdo. Era tamanha a sua ansiedade que se sobressaíam.

— Não é nada, disse Misard. É Flora mexendo-se.

Tiago reconheceu, efetivamente, o ruído de dois pés nus sobre o soalho. Naturalmente tinha esperado por ele, e vinha escutar pela porta entreaberta.

— Eu acompanho-o, acrescentou ele. Tem a certeza de que está morto?

— Eu sei lá! Pereceu-me. Com a lanterna é que se vai ver bem.

— Mas enfim, algum desastre, não lhe parece?

— É possível, algum tipo que quis meter-se debaixo do comboio, ou talvez um viajante que pulasse dum vagão.

Tiago estremecia.

— Venha depressa! Venha depressa!

Nunca uma tal febre de ver, de saber, o agitara assim. Fora de casa, enquanto o seu companheiro, sem pressa alguma seguia a linha balouçando a lanterna, cuja mancha de

claridade seguia docemente os carris, ele corria na frente, irritando-se com aquela lentidão. Era como um desejo físico, aquele fogo interior que precipita a marcha dos amantes, nas horas das entrevistas. Tinha medo do que o esperava lá em baixo, e voava para lá com toda a força dos seus membros. Quando chegou, quando quase tropeçou num vulto escuro, estendido junto da estrada descendente, ficou como que pregado no chão, sentindo um abalo percorrê-lo desde os calcanhares até à nuca. E a angústia de nada distinguir nitidamente, traduzia-se em pragas contra o outro, que ainda vinha há mais de trinta passos.

— Mas com os diabos! Anda mais depressa! Se ainda viver, Podia-se talvez socorrer.

Misard bamboleando-se, avançava com toda a sua fleugma Em seguida, depois de ter passeado a lanterna por cima do corpo:

— Pronto! Este tem a sua conta!

Quem quer que fosse, tombando decerto de algum vagão, tinha caído de bruços, a face de encontro ao solo, a cinquenta centímetros, no máximo, das calhas. Da cabeça só se lhe via uma coroa espessa de cabelos brancos. As pernas estavam desviadas. Dos braços, o direito jazia como que arrancado, ao passo que o esquerdo estava voltado para baixo do peito. Estava bem vestido, com um amplo sobretudo azul, botas elegantes, roupa de baixo fina. O corpo não apresentava vestígio de esmagamento; da garganta é que correra muito sangue, que manchava o colarinho.

— Um burguês com quem se ajustaram as contas, continuou tranqüilamente Misard, depois de alguns segundos de silencioso exame.

Depois, voltando-se para Tiago, imóvel, boquiaberto:

— É preciso não lhe tocar, é proibido. Você fica guardando-o enquanto eu vou correndo até Barentin, a fim de prevenir o chefe da estação. »

Levantou a lanterna e consultou um poste quilométrico.

— Bom! Exatamente no poste 153.

Tornando a colocar a lanterna no chão, junto do cadáver, afastou-se com o seu passo arrastado.

Tiago, que ficara só, não se mexia, continuava a olhar para aquela massa inerte, arrombada, que a claridade vaga, á linha *d-c*, chão deixava confusa. E nele, a agitação que precipitara a sua mancha, a horrível atração, que o retinha ali, chegava àquele pensamento agudo, que ressaltava de todo o seu ser: o outro, o homem entrevisto de faca em punho, atrevera-se! Tinha ido até ao fim do seu desejo, havia matado! Ah! não ser covarde, satisfazer-se enfim, cravar a faca! Ele, a quem a vontade de fazer isso o torturava havia dez anos! Havia, na sua febre, um desprezo de si mesmo e admiração pelo outro, e principalmente a necessidade de ver aquilo, a sede inextinguível de saciar os olhos naquele farrapo humano, no manequim partido, no traço mole que uma facada fazia de uma criatura. O que ele sonhava, outro o realizara e era aquilo. Se ele matasse, era aquilo que ele veria por terra. O coração pulsava-lhe desordenadamente, o seu prurido de morticínio exasperava-se como uma concupiscência, ao espetáculo daquele morto trágico. Deu um passo, aproximou-se mais, tal qual uma criança nervosa que se familiariza com o medo. Sim! Havia

de tentar por sua vez!

Mas um surdo trovejar por trás dele forçou-o a saltar para o lado. Chegava um comboio que ele nem sequer ouvira, no fundo da sua contemplação. Ia ser esmigalhado, fora apenas o hálito quente, o sopro formidável da máquina que o avisara. O comboio passou no seu furacão de ruído, de fumo e de chama. Havia muita gente ainda, a onda dos passageiros continuava para o Havre, para a festa do dia seguinte. Um criança esborrachava o nariz contra um vidro a olhar para o campo escuro; desenhavam-se perfis de homens, ao passo que uma mulher, baixando uma vidraça, atirara fora um papel manchado de manteiga e açúcar. Já o alegre comboio corria ao longe, na indiferença daquele cadáver, que as suas rodas haviam roçado. E o corpo continuava a jazer de face para baixo, vagamente iluminado pela lanterna, no meio da melancólica paz da noite.

Então Tiago foi assaltado pelo desejo de ver o ferimento enquanto estava só. Detinha-o uma inquietação, a idéia de que, se tocasse na cabeça, conhecer-se-ia talvez. Tinha calculado que Misard não poderia estar de volta com o chefe da estação antes de três quartos de hora. E deixava passar os minutos, pensava naquele Misard, naquele mesquinho, tão lento, tão calmo, que também se atrevia a proceder, ele também, matando o mais tranqüilamente possível à custa de drogas. Era então muito fácil matar? Toda a gente matava. Aproximou-se mais. A idéia de ver o ferimento espicaçava-o com um agulhão tão vivo, que até a carne lhe queimava. Ver como aquilo era feito, como tinha corrido, ver o buraco vermelho! Tornando a pôr com cuidado a cabeça no seu lugar, não se saberia nada. Mas havia outro medo, não confessado, no fundo da sua hesitação, o próprio medo do sangue. Sempre e em tudo, nele o terror despertava com o desejo. Ainda um quarto de hora para estar só, e ia decerto, decidir-se, quando um pequeno ruído ao seu lado o sobressaltou.

Era Flora, de pé, olhando como ele. Ela tinha a curiosidade dos desastres: assim que lhe davam notícia dum animal esmigalhado, dum homem cortado por um comboio, tivessem a certeza de que ela vinha logo ver. Acabava de tornar a vestir-se, queria ver o morto. E, depois duma vista de olhos, ela não hesitou. Baixando-se, levantando a lanterna com uma das mãos, com a outra pegou na cabeça do morto e voltou-a.

— Toma cuidado, é proibido, murmurou Tiago.

Mas ela encolheu os ombros. E a cabeça aparecia na claridade amarelada, uma cabeça de velho, de nariz comprido, de olhos azuis de antigo homem loiro, largamente abertos. Debaixo da barba, escancarava-se o ferimento, horrível, um entalhe profundo que cortara o pescoço, uma chaga revolvida, como se a faca tivesse esburacado lá por dentro. À esquerda, na botoeira do casaco, uma roseta de comendador parecia um coágulo vermelho, ali extraviado.

Flora soltara um ligeiro grito de surpresa.

— Olha! O velho!

Tiago, inclinado também, adiantava-se, confundia os seus cabelos com os de Flora, para ver melhor; e sufocava, saciava-se com o espetáculo. Inconscientemente repetiu:

— O velho... o velho...

— Sim, o velho Grandmorin... O presidente.

Por um momento ainda, ela examinou aquela face pálida, de boca torcida, de grandes olhos de terror. Depois largou a cabeça, que a rigidez cadavérica começava a gelar, e que tornou a cair no solo, fechando de novo a ferida.

— Este já cessou de divertir-se com as moças! continuou ela mais baixo. Foi por causa de alguma, com certeza... Aí a minha pobre Luizinha. Ah! o porcalhão! foi bem feito.

E reinou um grande silêncio. Flora, que tornara a pôr a lanterna no chão, esperava, lançando sobre Tiago lentos olhares; enquanto este, separado dela pelo corpo, não lhe tornava a mexer, como perdido, aniquilado no que acabava de ver. Devia ser perto de onze horas. Uma perturbação, depois da cena dessa noite, impedia-a de ser a primeira falar. Mas um ruído de vozes se fez ouvir; era seu pai que vinha com o chefe da estação; e, não querendo ser vista, decidiu-se:

— Não vens para casa deitar?

Ele estremeceu, uma luta pareceu agitá-lo por um instante. Depois, num esforço, num recuo desesperado:

— Não, não!

Ela não teve um gesto, mas a linha descaída dos seus braços de rapariga forte exprimia desgosto. Como para se fazer perdoar da sua resistência de há pouco, mostrou-se muito humilde e disse ainda:

— Então não voltas para casa, não te verei mais?

— Não, não!

As vozes aproximavam-se e, sem procurar apertar-lhe a mão, porque ele parecia pôr de propósito o cadáver entre ambos, sem mesmo lhe dizer o adeus familiar da sua infância, ela afastou-se, perdeu-se nas trevas, a respiração rouca, como se sufocasse os soluços.

Logo chegou o chefe da estação, com Misard e dois carregadores. Também ele verificou a identidade: era o presidente Grandmorin, a quem ele reconhecia, por vê-lo descer na sua estação, todas as vezes que este se dirigia para casa de sua irmã, a senhora Bonnehon, em Doinville. O corpo podia ficar onde tinha caído; apenas o mandou cobrir com um manto que um dos homens trazia. Um empregado tomara, em Barentin, o comboio das onze para prevenir o procurador imperial de Ruão. Mas não se devia contar com este antes das cinco ou seis horas da manhã, porque tinha de trazer consigo o juiz de instrução, o escrivão do tribunal e um médico. Por isso o chefe da estação organizou um serviço de guarda ao morto: durante toda a noite render-se-iam, ficando sempre um homem a velar o cadáver com uma lanterna.

Tiago, antes de decidir-se a estender-se debaixo de um alpendre da estação de Barentin, donde só às sete e vinte devia tornar a partir para o Havre, permaneceu ainda por muito tempo, imóvel, atormentado. Depois a idéia do juiz de instrução que era esperado, perturbou-o como se fosse cúmplice. Contaria o que vira à passagem do expresso? Resolveu primeiro falar, visto que, em suma, nada tinha a recear. Além do que, não havia que duvidar, era o seu dever.. Mas em seguida, raciocinando, pensou para que serviria isso: não traria

nenhuma decisão, não se abalançaria a afirmar nenhum pormenor sobre o assassino. Seria imbecil intrometer-se no caso, perder o seu tempo e emocionar-se, sem proveito. Não, não falaria. Por fim, foi-se embora, voltando-se duas vezes para ver o volume negro que o corpo fazia no solo, no meio do círculo amarelo da lanterna. Um frio mais vivo caía do céu enfumaçado, sobre a desolação daquele deserto, de colinas áridas. Já tinham passado mais comboios, e agora mesmo chegava um, bem comprido, para Paris. Todos se cruzavam na sua inexorável potência mecânica, corriam para o seu destino longínquo, para o futuro, roçando, sem darem por isso, a cabeça meio separada do corpo desse homem, a quem outro homem degolara.

### III

No dia seguinte, domingo, acabava de dar cinco horas da manhã em todas as torres do Havre, quando Roubaud desceu para o alpendre da estação, a fim de começar o serviço. Era ainda escuro; mas o vento, que soprava no mar, aumentava e empurrava as brumas, afogando as colinas, cujas alturas se estendem de Saint-Adresse ao forte de Tourneville; ao passo que, para oeste, ao largo, se mostrava uma clareira, um pedaço de céu, em que cintilavam as últimas estrelas. Debaixo do alpendre os bicos de gás ardiam ainda, empalidecidos pelo frio úmido da hora matinal; e estava ali o primeiro comboio de Montvilliers, que os carregadores estavam formando, às ordens do sub-chefe da noite. As portas das salas não estavam abertas, tudo estava deserto, naquele despertar entorpecido da estação.

Quando ele saía de casa, por cima das salas de espera, Roubaud encontrara a mulher do caixa, a senhora Lebleu, imóvel, no meio do corredor central, para onde davam os alojamentos dos empregados. Havia semanas que esta senhora se levantava de noite, para espreitar a senhorita Guichon, a encarregada dos bilhetes, que ela suspeitava de conluio com o chefe, o senhor Dabadie. Entretanto, nunca surpreendera a menor coisa, nem uma sombra, nem um sopro. Naquela manhã ainda, ela voltava velozmente para casa, admirada de ter visto em casa de Roubaud, durante os três segundos que o marido levava a abrir e fechar a porta, a mulher de pé na sala de jantar, a formosa Severina, já vestida, penteada e calçada, ela que habitualmente ficava na cama até às nove horas. Por isso, a senhora Lebleu acordara o marido, para lhe contar este extraordinário. Na véspera não se tinham deitado antes da chegada do expresso de Paris, às onze horas e cinco, ardendo por saber qual o resultado da história com o sub-prefeito. Mas nada podiam ler na atitude dos Roubaud, que tinham regressado com a sua cara de todos os dias; e debalde até à meia-noite, tinham apurado o ouvido: nenhum ruído saía da casa dos seus vizinhos, os quais deviam ter adormecido logo em seguida, de um sono profundo. Decerto a viagem não tivera bom resultado, ao contrário, não seria Severina que se teria levantado a semelhante hora. Tendo o caixa perguntado que cara ela tinha, a mulher tinha-se esforçado por descrever: muito direita, pálida, com os grandes olhos azuis muito claros sob os cabelos pretos; sem um movimento, com o ar de uma sonâmbula. Enfim, pelo dia adiante haveriam de saber tudo.

Em baixo, Roubaud encontrou o seu colega Moulin, que fizera o seu serviço da noite. Pegou no serviço enquanto Moulin conversava, passeando alguns minutos ainda, ao passo que o punha ao corrente dos fatos miúdos sucedidos desde a véspera; uns gatunos que tinham sido surpreendidos no momento em que iam introduzir-se na sala das bagagens; três carregadores, que tinham apanhado uma reprimenda por indisciplina; o engate de um vagão que se tinha partido quando iam formar o comboio de Montvilliers. Silencioso, Roubaud

ouvia, com o rosto calmo; e estava apenas um tanto pálido, decerto um resto de fadiga, que as olheiras também acusavam. Contudo, já o seu colega acabara de falar, e?inda ele parecia interrogá-lo, como se esperasse ainda outros acontecimentos. Mas não havia mais nada; baixou a cabeça e olhou um instante para o chão.

Caminhando ao longo do cais, os dois homens tinham chegado ao topo da parte coberta, ao lugar, onde, à direita, havia um depósito em que estacionavam os vagões do giro, os que chegados na véspera, serviam para formar os comboios do dia imediato. E ele levantara a cabeça, fixando os olhos numa carruagem de primeiro classe, com o número 293, que um bico de gás justamente iluminava com uma luz vacilante, quando o outro exclamou:

— Ah! Esquecia-me...

A face empalidecida de Roubaud coloriu-se e não pôde reter um ligeiro movimento.

— Esquecia-me, repetiu Moulin. É preciso que aquele vagão não parta; não o deixe atrelar esta manhã no expresso das seis e quarenta...

Houve um curto silêncio antes que Roubaud perguntasse, com uma voz muito natural:

— Sim? Mas por que?

— Porque há um compartimento retido para o expresso desta noite. Não há a certeza de que ele venha durante o dia, portanto guarda-se aquele.

Roubaud olhava para ele fixamente, e respondeu:

— Sem dúvida.

Mas absorvia-o outro pensamento. Arrebatou-se:

— É indecente! Veja como aquele patifes limpam! Este vagão parece ter poeira de oito dias.

— Ah! replicou Moulin, quando os comboios chegam passadas as onze horas, não há perigo de que os homens lhe passeia um pano... Ainda nada é quando eles consentem em fazer-lhes uma visita. Na noite passada, esqueceram-se de um viajante que adormecera no banco e que só acordou no dia seguinte da manhã.

Depois, bocejando, disse que ia subir para casa, a fim de deitar-se. E quando ia retirar-se, uma brusca curiosidade o obrigou a ficar.

— A propósito, a sua questão com o prefeito, acabou, não é verdade?

— Acabou; uma viagem magnífica, estou satisfeito.

— Tanto melhor... E não se esqueça, o 293 não parte. Quando Roubaud se achou só no cais, voltou lentamente para o comboio de Montvilliers, que estava à espera. As portas das salas foram abertas, apareceram viajantes, alguns caçadores com os respectivos cães, duas ou três famílias de lojistas aproveitando o domingo, pouca gente, em suma. Mas, partindo aquele comboio, o primeiro do dia, não houve tempo a perder; teve imediatamente de mandar formar o misto das cinco e quarenta e cinco, um comboio para Ruão e Paris. Àquela hora matinal, como o pessoal era pouco numeroso, o trabalho do sub-chefe de serviço complicava-se com toda a espécie de cuidados. Depois de ter superintendido na manobra, de ir buscar cada uma das carruagens ao depósito, empurrar os vagões até debaixo do alpendre, teve de correr à sala da partida e dar uma olhadela à distribuição dos bilhetes, e ao registro

das bagagens. Produzira-se uma questão entre uns soldados e um empregado, que necessitou sua intervenção. Durante meia hora, entre as correntes do ar gelado, no meio do público que tiritava com os olhos ainda intumescidos do sono, naquele mau humor de andar aos encontros em plenas trevas, multiplicou-se, não teve um pensamento seu. Depois, como a partida do misto tivesse varrido a estação, apressou-se em dirigir-se ao posto do agulheiro, para verificar se daquele lado tudo corria bem, porque chegava outro comboio, o direto de Paris, que vinha com atraso. Voltou a assistir ao desembarque, esperou que a onda dos viajantes tivesse entregado os bilhetes, e se houvesse empilhado nas carruagens dos hotéis, que naquele tempo, vinham esperar debaixo do alpendre, separadas da linha por uma simples paliçada... Só então respirou um instante, na estação que se tornara deserta e silenciosa. Dava seis horas. Roubaud saiu do cais, em passo de passeio: e, fora, tendo diante de si o espaço, levantou a cabeça e respirou, ao ver que finalmente raiava a aurora. O vento do largo acabava de varrer as brumas, era a clara manhã de um belo dia. Viu para o norte a costa de Ingouville, até às árvores do cemitério, deslocar-se num traço violáceo de céu pálido; em seguida, voltando-se para o sul e para o oeste, notou, por cima do mar, um último vôo de ligeiras nuvens brancas, que andavam lentamente à maneira de esquadra; ao passo que do lado do leste, o espaço imenso da foz do Sena, começava a abrasar-se com o próximo nascer do sol. Com um gesto maquinal, acabava de tirar o boné agalado de prata, como para refrescar a fronte no ar vivo e puro. Aquele horizonte conhecido, o vasto desenrolar monótono das dependências da estação, à esquerda o cais de desembarque, depois o depósito das máquinas, à direita a expedição, toda uma cidade, parecia tranquilizá-lo, restitui-lo ao sossego das suas obrigações cotidianas, eternamente as mesmas.

Por cima do muro da rua Carlos Laffite, fumegavam chaminés de fábricas, viam-se os enormes montões de carvão dos depósitos, que correm ao longo da bacia Vauban. E das outras bacias subia já um rumor. Os apitos dos comboios de mercadorias, o despertar e o cheiro da maré trazidos no vento, fizeram-no pensar na festa do dia, naquele navio que ia lançar-se ao mar, em volta do qual se esmagaria a multidão.

Quando Roubaud entrava de novo no cais coberto, achou o pessoal de carregadores formando o expresso das seis e quarenta; c, julgando que os homens iam atrelar o 293, todo o sossego da fresca madrugada se desvaneceu num Ímpeto súbito de cólera.

— Com seiscentos diabos! Essa carruagem, não! Deixem-na ficar onde está! Essa só parte à noite.

O chefe dos carregadores explicava que estavam empurrando essa carruagem para tirar outra que ficava por trás dela. Mas ele não ouvia, ensurdecido pela sua irritação, fora de todos os limites.

— Súcia, sem jeito nenhum! Está-se a dizer que não toque nessa carruagem!

Quando compreendeu, enfim, ficou furioso, desandou sobre a falta de cômodos da estação, onde nem ao menos um vagão se podia voltar. Efetivamente, a estação, uma das primeiras edificadas nessa linha, era insuficiente, indigna do Havre, com o seu depósito à antiga, o seu alpendre de madeira e de zinco, de vidraças estreitas, as paredes nuas e tristes,



cheias de brechas por todos os lados.

— É uma vergonha! Não sei como a Companhia ainda não mandou pôr tudo isto abaixo.

Os carregadores olhavam-no, surpreendidos de o ouvirem falar tão livremente, a ele, tão corretamente disciplinado. Notando isso, calou-se logo. E, silencioso, inteiriçado, continuou a vigiar a manobra. Uma prega de descontentamento vincava-lhe a fronte, enquanto a face redonda e corada, eriçada de barba raiva, tomava uma tensão profunda de vontade.

Desde então Roubaud teve todo o seu sangue-frio. Ocupou-se efetivamente do expresso, verificou cada um dos pormenores. Como alguns engates lhe parecessem mal feitos, exigiu que os apertassem na sua presença. Uma mãe e duas filhas a quem sua mulher visitava, pediram que ele as instalasse no compartimento reservado para as senhoras.

Depois, antes de apitar, para dar o sinal da partida, assegurou-se ainda da boa ordem do comboio; demorou-se por muito tempo a vê-lo afastar-se, com aquele claro relance de olhos dos homens, um minuto de distração dos quais pode custar vidas humanas. Logo em seguida, teve de atravessar a linha para receber um comboio de Ruão que entrava na estação. Nesse momento apareceu ali um empregado dos correios, com o qual todos os dias ele trocava notícias. Era, na sua tão ocupada manhã, um curto descanso, quase um quarto de hora, durante o qual podia respirar, pois não o reclamava nenhum serviço imediato. E naquela manhã, como habitualmente, enrolou um cigarro e conversou alegremente. O dia tinha aclarado, acabavam de se apagar os bicos de gás do alpendre, o qual estava tão mesquinhamente envidraçado, que ainda ali reinava uma sombra pardacenta; mas além, o vasto pedaço do céu sobre que ela abria, flamejava já num incêndio de raios; ao passo que o horizonte inteiro se tornava cor de rosa, de uma nitidez viva de pormenores naquele ar puro de uma bela manhã de inverno.

Às oito horas, o senhor Debadie, o chefe da estação, descia habitualmente, e o sub-chefe, ia participar-lhe o que se passara até àquela hora. Era um bom tipo de homem, muito trigueiro, boa aparência, tendo o ar de um grande comerciante entregue aos seus negócios. Desinteressava-se ele de bom grado da estação dos viajantes; consagrava-se principalmente ao movimento do cais, ao trânsito enorme das mercadorias, em contínuas relações com o alto comércio do Havre e do mundo inteiro. Naquele dia, viera atrasado; e Roubaud já por duas vezes empurrara a porta do escritório sem o encontrar. Sobre a mesa, o correio nem sequer fora aberto. Os olhos do sub-chefe acabavam de cair, entre as cartas, sobre um telegrama. Depois, como se ali o retivesse uma fascinação, não largara mais a porta, voltando muitas vezes a vista e lançando sobre a mesa curtos olhares.

Por fim, às oito e dez, apareceu o senhor Debadie. Roubaud, que se sentara, permanecia calado, para dar-lhe tempo de ler o telegrama. Mas o chefe não tinha pressa, queria mostrar-se amável com o seu subordinado, a quem estimava.

— E, naturalmente, em Paris tudo correu bem?

— Sim, senhor, e agradeço o seu cuidado.

Acabou abrindo o telegrama; e não o lia, continuava a sorrir para o outro, cuja voz ensurdecera, sob o violento esforço que fazia para vencer um tique nervoso que lhe

convulsionava o queixo.

— E eu considero-me bem feliz em ficar sob as suas ordens. Então, como o senhor Debadie se decidisse a ler o telegrama,

Roubaud, a quem um ligeiro suor umedecia a face, olhou para ele. Mas a emoção pela qual esperava não se produzia; o chefe acabava tranqüilamente a leitura do telegrama e atirou-o na secretária: sem dúvida um simples detalhe de serviço. Em seguida continuou a ver o correio, enquanto, segundo o costume de todas as manhãs, o sub-chefe lhe fazia o relatório verbal dos acontecimentos da noite e da madrugada. Apenas naquela manhã, Roubaud, hesitante, teve que pensar para lembrar-se do que lhe dissera o seu colega, acerca duns larápios surpreendidos no armazém das bagagens. Trocaram-se ainda algumas palavras e o chefe despedia-o com um gesto, quando os dois chefes adjuntos, o dos cais e o de pequena velocidade, entraram, para virem também relatar os acontecimentos da noite. Traziam um novo telegrama, que um empregado lhes entregou no cais.

— Pode retirar-se, disse o senhor Debadie, ao ver que Roubaud se detinha na porta.

Mas este esperava, os olhos redondos e fixos; e só se retirou quando o pequeno despacho caiu sobre a mesa, posto de parte com o mesmo gesto indiferente. Por um instante vagueou por baixo do alpendre, perplexo, aturdido. O relógio marcava oito e trinta e cinco, e não havia partida de comboios antes do misto das nove e cinqüenta. Comumente empregava essa hora de intervalo em dar um giro pela estação. Caminhou durante alguns minutos, sem saber por onde os pés o conduziam. Depois, como levantando a cabeça, se encontrasse diante da carruagem 293, fez uma volta brusca, e afastou-se para o lado do depósito das máquinas, apesar de não ter nada para aquele lado. O sol agora subia no oriente e no ar pálido chovia uma poeira de ouro. Já não gozava da bela manhã, apressava o passo, com o aspecto atarefado, para matar a obsessão da sua expectativa.

Súbito uma voz deteve-o.

— Bom dia, senhor Roubaud!... Viu minha mulher?

Era Pecqueux, o fogueiro, um diabo alto de quarenta e três anos, magro, de grandes ossos, a face tostada pelo fogo e pelo fumo. Os olhos pardos sob a fronte baixa, a boca larga num maxilar saliente, riam num riso contínuo de estúrdio.

— O que? É você! disse Roubaud parando admirado. Ah! sim, o acidente sucedido na máquina, já quase esquecia... E só torna a partir esta noite? Uma licença de vinte e quatro horas, uma sorte grande, hein?

— Uma sorte grande! repetiu, o outro, ébrio ainda duma noite passada na pândega.

Duma aldeia próxima de Ruão, entrara muito novo para a Companhia, como operário de máquinas. Depois, aos trinta anos, aborrecendo-se da oficina, quisera ser fogueiro, para depois passar a maquinista; e fora então que casara com Vitória, da mesma aldeia que ele. Os anos passaram e ele continuou fogueiro, e agora já não passava a maquinista, sem comportamento, sem correção, bêbedo, andando sempre atrás das mulheres. Vinte vezes teria sido despedido, se não tivesse a proteção do presidente Grandmorin e se não estivessem habituados ao seu vício, que ele resgatava pelo seu belo humor e pela sua experiência de

antigo operário. Só era paia rezear quando estava embriagado, porque então tornava-se num verdadeiro animal, capaz dum mau passo.

— E minha mulher, viu-a? tornou ele a perguntar, com a boca fendida por um largo riso.

— Está claro que sim, vimo-la, respondeu o sub-chefe. Até almoçamos no quarto de vocês... Ah! tem você uma excelente mulher, Pecqueux. E faz mal em ser-lhe infiel.

Ele riu ainda com mais vontade.

— Ora, com o que senhor vem! Mas ela é que quer que eu goze!

E era verdade. Vitória, mais velha do que ele dois anos, engordara muito e mal se podia mexer, introduzia-lhe no bolso moedas de cem soldos, para ele poder procurar os seus prazeres fora de casa. Nunca ela sofrerá muito com as infidelidades dele, nem com o seu contínuo freqüentar as casas suspeitas, pela necessidade da sua natureza; e agora tinha a existência regulada, tinha duas mulheres, uma em cada extremidade da linha: a sua mulher em Paris para as noites em que aí dormia, e outra no Havre, para as horas de espera que aí passava entre dois comboios. Muito econômica, vivendo até com mesquinhez, Vitória que tudo sabia e que o tratava maternalmente, repetia de boa vontade que não o queria deixar envergonhado com a outra lá do Havre. Mesmo, de cada vez que ele partia, cuidava-lhe da roupa, porque havia de afligi-la muito saber que a outra a acusaria de não trazer o seu marido tratado com asseio.

— Não importa, não é bonito, replicou Roubaud. Minha mulher, que adora a ama que a criou, está disposta a ralhar com você.

Mas ele calou-se, ao ver sair dum telheiro uma mulher alta e seca, Filomena Sauvagnat, a irmã do chefe do depósito, a esposa suplementar que Pecqueux tinha no Havre havia um ano. Naturalmente estavam ambos conversando debaixo do telheiro, quando ele se adiantara para chamar o sub-chefe. Era ainda moça, apesar dos seus trinta e dois anos, alta, angulosa, de peito chato, a carne queimada de contínuos desejos, a cabeça comprida, os olhos flamejantes duma égua magra e em cio. Acusavam-na de se entregar à bebida. Todos os homens da estação haviam passado por casa dela, uma barraquinha que o irmão ocupava junto dos depósitos das máquinas, e que ela trazia sempre muito porca. Esse irmão, auvernês, cabeçudo, muito severo em matéria de disciplina, muito estimado dos seus chefes, tivera os maiores desgostos por causa dela, a ponto de ser ameaçado com a despedida; e se, agora, a toleravam por causa dele, se teimava em conservá-la era apenas por espírito de família; o que não impedia, quando a encontrava com algum homem, de a espancar tão rudemente, que a deixava por terra como morta. Houvera entre ela e Pecqueux um verdadeiro encontro: ela saciada, enfim, nos braços daquele grande diabo, que só no gozo pensava; ele, com a própria mulher muito gorda, feliz por ter esta muito magra, repetia, por chalaça, que já não precisava procurar mais mulheres. E só Severina, que julgava dever essa consideração a Vitória, é que se pegara com Filomena, que evitava já o mais possível, por altivez de natureza e que deixara de a cumprimentar.

— Está bem! disse Filomena insolentemente, até logo Pecqueux. Eu vou indo, pois o senhor Roubaud tem que te pregar moral da parte da mulher.

Ele, bom farsola, continuava a rir.

— Fica; ele está caçoando...

— Não, não! Preciso ir levar dois ovos das minhas galinhas à senhora Lebreu, que prometi.

Ela falara de propósito este nome, por conhecer a rivalidade que existia entre a mulher do caixa e a mulher do sub-chefe, afetando estar nas melhores relações com a primeira, para irritar a outra. Contudo ali permanecia, interessando-se, quando ouviu o fogueiro pedir notícias da questão com o sub-prefeito.

— Tudo se arranjou a seu contento, não é verdade, senhor Roubaud?

— Muito a meu contento.

Pecqueux piscou os olhos com ar malicioso.

— Oh! também as suas inquietações não deviam ser grandes, quando se dispõe de altas influências... Hein! Sabe a que me refiro, minha mulher deve-lhe também muito reconhecimento.

O sub-chefe interrompeu esta alusão ao presidente Grandmorin, repetindo asperamente:

— Então só à noite é que você parte?

— Só; a Lison vai ser reparada; a tal peça partida já se ajustou... E estou à espera do meu maquinista, que foi tomar ar. Conhece-o? É o Tiago Lantier, também nosso patrício.

Roubaud por um momento, esteve sem responder, longe dali, com o espírito alheado. Depois, com um sobressalto de quem acorda:

— Hein? Tiago Lantier, o maquinista? Decerto que o conheço. Oh! mas você sabe, só de cumprimentá-lo. Foi aqui que nos encontramos; ele é mais moço do que eu, e em Plassans nunca o tinha visto. No outono passado, ele prestou um pequeno serviço a minha mulher, um recado que ele levou dela para os primos, em Dieppe... Um rapaz capaz, segundo dizem. Falava ao acaso, por falar. Súbito afastou-se.

— Até à vista, Pecqueux... Tenho que dar por este lado uma vista de olhos.

Só então Filomena se retirou com o seu passo longo de égua; ao passo que Pecqueux, imóvel, com as mãos nos bolsos, rindo satisfeito da malandrice daquela alegre manhã, se admirava de que o sub-chefe, depois de encontrar-se, de dar a volta até ao telheiro, voltasse tão rapidamente. Não levou muito tempo a dar a tal vista de olhos. Que teria ele vindo ali cheirar?

Quando Roubaud regressava para baixo do alpendre, iam dar nove horas. Caminhou até ao fundo, até junto das mercadorias, olhou, sem parecer achar o que procurava; depois voltou com o mesmo passo impaciente. Sucessivamente interrogou com os olhos os escritórios de diversos serviços. Àquela hora, a estação estava deserta e calma; e ele agitava-se nela, com o aspecto cada vez mais enervado daquela paz, naquele tormento de homem ameaçado duma catástrofe, que acaba por desejar ardentemente que ela venha. Seu sangue frio chegara ao limite, não estava no mesmo lugar. Agora seus olhos já não deixavam o relógio. Nove horas, nove horas e cinco. Comumente ele só subia a casa às dez horas, depois da partida do comboio das nove e cinquenta, para almoçar. Mas repentinamente,

pensando que também Severina devia estar à espera, resolveu subir.

No corredor, exatamente naquela ocasião, a senhora Lebleu abriu a porta a Filomena, que viera como vizinha, simplesmente, trazendo dois ovos. Ali permanecera e Roubaud, ao entrar em casa, teve de fazê-lo sob o olhar das duas mulheres assustadas sobre ele. Como trazia a chave, depressa abriu a porta, Ainda, entre o abrir e fechar desta, avistaram Severina, sentada numa cadeira da sala de jantar, com as mãos ociosas e o perfil ausente, imóvel. Chamando Filomena e fechando-se por sua vez, a senhora Lebleu contou que já de manhã a vira assim: decerto a história do sub-prefeito lhes havia de dar que fazer. Mas não, Filomena explicou que viera porque tinha notícias frescas; e repetiu o que acabara de ouvir ao próprio sub-chefe. Em cada um dos seus encontros, palestras sem fim acerca dos outros as entretinham.

— Ah! minha boa senhora, se a gente pudesse desembaraçar-se deles!

A rivalidade, cada vez mais envenenada, entre os Lebleu e os Roubaud, nascera simplesmente duma questão de alojamento. Todo o primeiro andar, por cima das salas de espera, servia para alojar os empregados; e o corredor central, um verdadeiro corredor de hotel, pintado de amarelo, com luz vinda de cima separava o andar ao meio, alinhando as portas cinzentas à direita e à esquerda. A diferença era que os alojamentos da direita tinham janelas que davam para o pátio, plantado de velhos ulmeiros, por cima dos quais se desenrolava a admirável vista da cesta de Ingouville; ao passo que os alojamentos da esquerda, de janelas baixas, em arco, abriam diretamente sobre o alpendre da estação, cuja inclinação alta, o enfeite de zinco que lhe corria por cima, e os vidros sujos, lhes barrava o horizonte. Nada havia mais alegre do que uns, com a contínua animação do pátio, a verdura das árvores, a vastidão do campo; e morria-se de aborrecimento nos outros, onde mal se via claro, tendo o céu murado, como uma prisão. Na parte da frente, habitavam o chefe da estação, o sub-chefe Moulin e os Lebleu; nos fundos os Roubaud, assim como o bilheteiro, a senhorita Guichon, sem entrar nos aposentos reservados aos inspetores de passagem.

Era notório que os dois sub-chefes tinham sempre vivido a parede meia. Se os Lebleu ali estavam, deviam-no a uma complacência do antigo sub-chefe, substituído por Roubaud, o qual, viúvo e sem filhos, quisera ser agradável à senhora Lebleu, cedendo-lhe o alojamento. Mas não devia este alojamento voltar para os Roubaud?" Seria justo relegá-los para as traseiras quando tinham o direito de morar na casa da frente? Enquanto as duas famílias tinham vivido em bom acordo, Severina tinha-se apagado diante da sua vizinha, mais velha do que ela vinte anos, com pouca saúde, e tão gorda, que estava sempre sufocada. E a guerra nunca se declarara verdadeiramente senão depois do dia em que Filomena tinha posto de mal as duas mulheres, por abomináveis intrigas.

— Sabe, dizia esta, que são bem capazes de terem aproveitado a viagem a Paris, para pedirem a sua expulsão... Contaram-me que eles escreveram ao diretor uma longa carta em que fazem valer os seus direitos.

A senhora Lebleu abafava.

— Miseráveis!... E eu que estava certa de que eles trabalham paja porem a mulher do

bilheteiro do lado deles! Porque

há uns quinze dias que esta mal me cumprimenta... Uma coisa bonita!

Baixou a voz para afirmar que a senhorita Guichon naturalmente ia todas as noites ver o chefe da estação. As duas portas ficavam uma em frente da outra. Era o senhor Debadie, viúvo, pai duma jovem já crescida, sempre no colégio, que trouxera para ali aquela loira de trinta anos, silenciosa e sólida, duma flexibilidade de cobra. Devia ter sido preceptora. Era impossível surpreendê-la, de tal forma ela deslizava sem ruído através das fendas mais estreitas. Por si, não valia nada. Mas se ela tinha relações com o chefe da estação, tomava uma importância decisiva, e o triunfo era tê-la na mão, possuindo-lhe o segredo.

— Hei de acabar por saber, continuava a senhora Lebleu. Não quero deixar-me bobear... Estamos aqui e aqui permaneceremos. As pessoas honestas estão do nosso lado, não é verdade?

Efetivamente toda a estação se apaixonava nesta guerra dos dois alojamentos. No corredor, principalmente, era uma devastação. Não havia ninguém, a não ser o outro sub-chefe, Moulin, que se desinteressasse, satisfeito de viver do lado da frente, casado com uma mulherzinha tímida e delicada, que nunca se via, e que de vinte em vinte meses lhe dava um filho.

— Enfim, concluiu Filomena, se eles se empenham, não é ainda desta vez que vão para a rua... Lembre-se de que eles conhecem pessoas que têm o braço poderoso.

Tinha ainda na mão os dois ovos que oferecia: ovos da manhã, que ela acabava de tirar do ninho das galinhas. E a velha Lebleu confundia-se em agradecimentos.

— Que delicadeza a sua! A senhora estraga-me com mimos... Venha mais vezes para conversarmos. Sabe que meu marido está sempre no serviço; e eu aborreço-me tanto, aqui pregada, por causa das minhas pernas! Que seria feito de mim, se estes miseráveis me tirassem a vista?

Depois, como a acompanhasse e abrisse a porta, pôs um dedo nos lábios.

— Chut! Escutemos.

Ambas, de pé no corredor, ficaram cinco longos minutos nessa posição, sem um gesto, retendo a respiração. Inclonavam a cabeça e apuravam o ouvido para a sala de jantar dos Roubaud. Mas nem um ruído ouviam; reinava um silêncio de morte. E, com medo de serem surpreendidas, separaram-se, cumprimentando-se uma última vez com a cabeça, sem uma palavra. Uma desapareceu nos bicos dos pés, a outra fechou a porta tão docemente, que nem se ouviu correr a lingüeta da fechadura.

Às nove horas e vinte, Roubaud estava de novo embaixo, sob o alpendre. Vigia a formação do misto das nove e cinqüenta; e, apesar do esforço que fazia, gesticulava mais, batia com os pés, voltava incessantemente a cabeça para inspecionar o cais com o olhar, de uma extremidade a outra. Não chegava coisa alguma; tremiam-lhe as mãos.

Depois, bruscamente, quando ele investigava ainda algures com um olhar para a retaguarda, ouviu junto de si a voz de um empregado do telégrafo, dizendo esbaforido:

— Senhor Roubaud, não sabe onde estão o senhor chefe da estação e o senhor

comissário de vigilância? Tenho aqui telegramas para ambos e há dez minutos que os procuro.

Roubaud voltara-se numa tal tensão de nervos que nem um músculo do rosto se lhe moveu. Os olhos fixaram-se nos dois telegramas que o empregado tinha na mão. Desta vez, pela emoção deste, tinha a certeza, era enfim a catástrofe.

— O senhor Dabadie passou por aqui há bem pouco, disse ele tranqüilamente.

E nunca se sentira tão frio, com a inteligência tão lúcida, tão preparado para a defesa. Agora estava seguro de si.

— Olhe! exclamou ele, ei-lo que chega, o senhor Dabadie. De fato, o chefe da estação voltava e, logo que percorreu o

telegrama, exclamou:

— Houve um assassinio na linha... É o inspetor de Ruão que me telegrafa.

— Como? perguntou Roubaud, um assassinio entre o nosso pessoal?

— Não, não, sobre um viajante, num compartimento... O corpo foi atirado, quase ao sair do túnel de Malaunay, ao poste 153. E a vítima é um dos nossos administradores, o presidente Grandmorin.

Por sua vez o sub-chefe exclamara:

— O presidente! Ah! que desgosto vai ter a minha pobre mulher!

A exclamação era tão justa, tão compadecida, que o senhor Dabadie parou por um momento.

— É verdade, o senhor conhecia-o, um excelente homem, não é verdade?

Depois, voltando ao outro telegrama, dirigido ao comissário de vigilância:

— Isto deve ser do juiz de instrução, decerto para alguma formalidade. Mas, como são apenas nove horas e vinte e cinco, o senhor Cauche naturalmente ainda não chegou... Vão depressa ao café do Comércio, no passeio Napoleão. Deve estar lá, com certeza.

Cinco minutos depois chegava o senhor Cauche. Antigo oficial, considerando o seu emprego como uma reforma, nunca aparecia na estação antes das dez horas, flanava por aí um momento e voltava ao café. Aquele drama, sobrevindo entre duas partidas de jogo havia-o espantado, porque os negócios que lhe passavam pelas mãos eram em geral sem gravidade. Mas o telegrama vinha do juiz de instrução de Ruão; e, se ele chegava doze horas depois da descoberta do cadáver, era porque o juiz havia primeiro telegrafado para Paris, ao chefe da estação, para saber em que condições tinha partido a vítima; depois, informado sobre o número do comboio e o da carruagem, mandara ao comissário de vigilância ordem para visitar o compartimento, que se achava na carruagem 293, se essa carruagem estivesse ainda no Havre. O mau humor que o senhor Cauche manifestava por ter sido incomodado, inutilmente, desapareceu e deu lugar a uma atitude de extrema importância, proporcionada à gravidade excepcional que a questão tomava.

— Mas, exclamou ele, subitamente inquieto, convencido de ver-lhe escapar o inquérito, a carruagem naturalmente deve ter tornado a partir esta manhã...

Foi Roubaud quem o tranqüilizou com o seu ar calmo.

— Não, não, peço desculpa... Havia um compartimento retido para esta noite, a carruagem está ali no depósito.

E foi o primeiro a caminhar; o comissário e o chefe da estação seguiram-no. Contudo a notícia já se devia ter espalhado, porque os carregadores, sorrateiramente, abandonando o trabalho, seguiam-nos também; ao passo que às portas dos diversos serviços, mostravam-se os empregados, que acabaram por aproximar-se a um e um. Dentro em pouco havia um ajuntamento.

Quando se chegou diante da carruagem, o senhor Dabadie fez. alto, esta reflexão:

— Contudo, ontem à noite fez-se a visita. Se tivessem ficado vestígios, o relatório esta manhã devia dar conta deles.

— Vamos ver isso, disse o senhor Cauche.

Abriu a portinhola, subiu ao compartimento. E no mesmo instante, exclamou, esquecendo-se, praguejando:

— Com os diabos! Dir-se-ia que sangraram um porco!

Um arfar de espanto percorreu os assistentes, e estenderam-se cabeças; o senhor Dabadie foi um dos primeiros a querer ver, subindo o estribo; enquanto por detrás dele, para fazer como os outros, Roubaud estendia também o pescoço.

No interior, o compartimento não mostrava desordem. As vidraças tinham ficado fechadas, tudo parecia no seu lugar. Apenas um cheiro horrível se exalava da portinhola aberta; e ali, no meio das almofadas, um lago de sangue negro coagulado, um lago tão profundo, tão largo, expandindo-se sobre o tapete. Viam-se coágulos agarrados ao estofado. E nada mais, além desse sangue nauseabundo.

O senhor Dabadie arrebatou-se:

— Onde estão os homens que fizeram ontem à noite a visita? Tragam-nos aqui!

Estavam justamente ali, adiantaram-se, balbuciaram desculpas; de noite podiam lá verificar? Contudo eles passaram as mãos por cima de tudo. Na véspera juraram nada terem sentido.

O senhor Cauche, que ficara de pé no vagão, tomava notas a lápis para o seu relatório. Chamou Roubaud, com quem se dava bem, chegando os dois a fumar cigarros ao longo do cais nas horas do passeio.

— Senhor Roubaud, suba e venha ajudar-me.

E, quando o sub-chefe saltou por cima do sangue do tapete, para não pisar em cima, disse:

— Veja debaixo da outra almofada, se alguma coisa escorregou para lá.

Levantou as almofadas, procurou com as mãos prudentes, o olhar simplesmente curioso.

— Não está nada.

Mas uma mancha do forro da almofada do encosto atraiu-lhe a atenção, e apontou-a ao comissário. Não seria o sinal de algum dedo? Não, acabaram por concordar que era um salpico. A onda de gente tinha-se aproximado, para seguir esse exame, farejando o crime, apertando-se por detrás do chefe da estação, a quem uma repugnância de homem delicado



retivera sobre o estribo. Subitamente, este fez uma reflexão:

— É verdade, senhor Roubaud, o senhor vinha no comboio... não é? O senhor chegou no expresso de ontem à noite... Poderia talvez dar-nos informações!

— Olhe! É verdade! exclamou o comissário. O senhor notou alguma coisa?

Durante uns segundos, Roubaud permaneceu mudo. Tinha-se abaixado naquela ocasião, a examinar o tapete. Mas ergueu-se quase em seguida, respondendo com a sua voz natural, um pouco grossa:

— Decerto, decerto, eu lhe vou dizer... Minha mulher vinha comigo. Se o que eu sei tem de figurar no relatório, eu gostaria mais que ela viesse aqui, para comparar as minhas lembranças com as dela.

Isto pareceu muito razoável ao senhor Cauche, e Pecqueux, que acabava de chegar, ofereceu-se para ir buscar a senhora Roubaud. Partiu dando grandes passadas. Houve um momento de expectativa. Filomena, que viera com o fogueiro, seguiu-o com os olhos, irritada de que ele se encarregasse dessa comissão. Mas, tendo avistado a senhora Lebleu, que se apressava com toda a rapidez das suas pobres pernas inchadas, ela precipitou-se para a ajudar; e as duas mulheres levantaram as mãos ao céu, soltaram exclamações apaixonadas pela descoberta de um crime tão abominável. Ainda que se não soubesse absolutamente nada, já em volta delas circulavam versões no pavor dos gestos e dos rostos. Dominando o zumbir da vozes, Filomena, que não ouvira ninguém contar, afirmava, sob sua palavra de honra, que a senhora Roubaud vira o assassino. E fez-se silêncio quando Pecqueux apareceu, acompanhado desta.

— Aqui está ela! murmurou a senhora Lebleu. Quem dirá que é mulher de um sub-chefe, com o seu ar de princesa! Esta manhã, antes de nascer o dia, já estava assim penteada e espartilhada como se fosse fazer uma visita.

Foi em pequenos passos regulares que Severina se adiantou.

Havia um bom pedaço de cais a atravessar sob os olhares dos que a viam vir; e ela não mostrava fraqueza, levava simplesmente o lenço aos olhos na grande dor que acabava de experimentar, ao saber, o nome da vítima. Envergando um vestido de lã preta, muito elegante, parecia estar de luto pelo seu protetor. Seus pesados cabelos escuros luziam ao sol, porque ela nem sequer tivera tempo de cobrir a cabeça, apesar do frio. Seus olhos azuis, tão meigos, cheios de angústia e afogados em lágrimas, tornavam-na muito enternecedora.

— Está claro que ela tem razão para chorar, disse a meia voz Filomena, estão arranjados, agora que lhes mataram a providência.

Quando Severina chegou, no meio de toda aquela gente, junto à portinhola aberta do compartimento, Cauche e Roubaud desceram dele; e logo este último começou a dizer o que sabia.

— Não é assim, filha? Ontem pela manhã, logo que chegamos a Paris, fomos visitar o senhor Grandmorin... Podiam ser umas onze horas e um quarto, não era isto?

Ele olhava-a fixamente, e ela repetiu com voz dócil.

— Sim, onze horas e um quarto.

Mas os olhos tinham se lhe ficado na almofada negra de sangue, e ela teve um espasmo, soluços profundos se lhe soltaram da garganta. E o chefe da estação, comovido, delicado, interveio:

— Minha senhora, se não pode suportar este espetáculo... Nós compreendemos muito bem a sua dor.

— Oh! Simplesmente duas palavras, interrompeu o comissário. Mandaremos em seguida acompanhar a senhora à casa.

Roubaud apressou-se em continuar:

— Foi então, depois de haver conversado de coisas diversas que o senhor Grandmorin nos anunciou que devia partir no dia seguinte para ir a Doinville, à casa da irmã... Ainda o estou vendo sentado à sua secretária. Eu estava aqui; minha mulher ali. Não é verdade, Severina, não nos disse que partia no dia seguinte?

O senhor Cauche, que continuava a tomar a lápis notas rápidas, ergueu a cabeça.

— Como no dia seguinte, se ele partiu nessa mesma noite?

— Espere! replicou o sub-chefe. Até quando ele soube que nós regressávamos à noite, teve por instantes idéias de tomar o expresso conosco, se minha mulher quisesse acompanhá-lo até Doinville, onde passaria alguns dias em casa da irmã dele como já tinha sucedido. Mas minha mulher, que tinha aqui muito trabalho, recusou. Não é verdade que recusaste?

— Recusei, sim.

— E ele foi até muito delicado... Ocupou-se de mim, acompanhou-nos até à porta do seu gabinete... Não foi assim, Severina?

— Acompanhou, até à porta.

— À noite partimos. Antes de nos instalarmos no nosso compartimento, conversei com o senhor Vadorpe, o chefe da estação. E não vi absolutamente nada. Eu estava muito aborrecido, porque imaginava que estávamos sós, quando puseram a um canto uma senhora que eu não tinha visto a princípio; tanto mais que houve outras duas pessoas, um casal, que entrou à última hora... Até Ruão tão pouco nada vi de particular... Por isso em Ruão como nos apeássemos para desentorpecer as pernas, qual não foi a nossa surpresa ao avistarmos, a três ou quatro carruagens da nossa, o senhor Grandmorin, de pé, à portinhola de um compartimento.

— "Então, senhor presidente, sempre veio hoje? Ora, ora! não esperávamos viajar com vossa excelência". E ele explicou-nos que recebera um telegrama... A máquina apitou, nós subimos rapidamente para o nosso compartimento, onde, entre parêntesis, já não encontramos ninguém; todos os nossos companheiros de carruagem tinham desembarcado em Ruão, o que não nos causou pena. E aqui está! Não houve mais nada, pois, não, Severina?

— Não, não houve mais nada.

Esta narrativa, simples como era, impressionara fortemente o auditório. Todos esperavam compreender, de face surpreendida. O comissário, cessando de escrever, exprimiu a surpresa geral, perguntando:

— E tem a certeza de que não vinha ninguém no compartimento com o senhor

Grandmorin?

— Oh! certeza absoluta.

Correu um estremecimento. Aquele mistério que se apresentava, respirava medo, um friozinho que todos sentiram perpassar pela nuca. Se o viajante estava só, como poderia ser assassinado e atirado para a linha, a três léguas de distância, antes de uma nova parada do trem?

No silêncio ouviu-se a voz má de Filomena.

— Em todo o caso, é esquisito.

Sentindo-se encarado, Roubaud olhou-a de frente, com um movimento de queixo, como para dizer que também achava aquilo esquisito. Junto dela, avistou Pecqueux e a senhora Lebleu, que acenavam igualmente com a cabeça. Tinham-se voltado para o seu lado os olhos de todos, esperavam outra coisa, procuravam outra coisa, procuravam na sua pessoa um pormenor esquecido que esclarecesse o caso. Não havia acusação nesses olhares ardentemente curiosos: contudo ele julgava ver definir-se a suspeita vaga, aquela dúvida que o menor fato às vezes transforma em certeza.

— Extraordinário! murmurou o senhor Cauche.

— Muito extraordinário, repetiu o senhor Dabadie. Então Roubaud decidiu-se:

— Duma coisa que estou ainda bem certo é de que o expresso, que vai de Ruão a Barentin caminhou na sua velocidade regulamentar, sem eu ter notado nada de anormal. Digo isto porque, justamente, achando-nos sós, eu baixara a vidraça para fumar um cigarro; e, olhando para fora, dava conta perfeitamente de todos os ruídos do comboio. Em Barentin, tendo reconhecido no cais o senhor Bessière, o chefe da estação, meu sucessor, chamei-o e trocamos meia dúzia de palavras enquanto ele, tendo subido ao estribo, me apertava a mão... Não foi assim, Severina? Podem-no interrogar; o senhor Bessière dirá.

Severina, sempre imóvel e pálida, o seu fino rosto afogado em tristeza, confirmou uma vez mais a declaração do marido.

— Sim, o senhor Bessière pode dizer.

Desde esse momento, qualquer acusação se tornava impossível, pois que os Roubaud, que tinham subido para o seu compartimento em Ruão, nele haviam sido cumprimentados em Barentin por um amigo. A sombra de suspeita que o sub-chefe julgava ter visto passar pelos olhos dos espectadores desvanecera-se; e o espanto deles aumentava. O caso tomava uma feição cada vez mais misteriosa.

— Vejamos, disse o comissário, tem bem a certeza de que ninguém, em Ruão, pôde subir para o compartimento depois de ter deixado o senhor Grandmorin?

Evidentemente Roubaud não previra essa pergunta, porque, pela primeira vez, se perturbou por não ter resposta preparada. Olhou para a mulher, hesitante.

— Oh! Não, não creio. Fechavam as portinholas, a máquina apitava, nós tivemos o tempo estritamente necessário para alcançar o nosso carro. E, depois, o compartimento era reservado, ninguém podia subir, parece-me...

Mas os olhos azuis de Severina alargavam-se, tornavam-se tamanhos que ele assustou-

se; de fazer uma afirmativa.

— Realmente, não sei. Sim, pode ser que alguém pudesse ter subido... Havia uma tal agitação, um tal movimento...

E, à medida que falava, a voz refazia-se, nítida, toda aquela nova história nascia, firmava-se.

— Sabe, por causa das festas do Havre, a multidão era enorme. Nós fomos obrigados a defender o nosso compartimento contra passageiros de segunda e até de terceira classe. Além disso, a estação é muito mal iluminada, não se via nada, todos se empurravam, todos gritavam, na confusão da partida Quem sabe! Sim, é possível que, não sabendo onde se colocar, ou mesmo aproveitando a aglomeração, alguém se tivesse introduzido à força no último segundo. E, interrompendo-se:

— Severina, será talvez o que aconteceu?...

Severina, com o ar quebrado, o lenço nos olhos magoados, repetiu:

— Sim, naturalmente foi o que aconteceu.

Desde esse momento estava dada a pista; e, sem se pronunciar, o comissário de vigilância e o chefe da estação trocaram um olhar com ar de entendidos. Um longo movimento agitou a multidão que sentia que o inquérito estava acabado e que a atormentava uma necessidade de comentários; logo começaram a circular suposições; todos tinham uma história. Havia um instante que o serviço da estação se achava como que suspenso, todo o pessoal estava atormentado por aquele drama; e foi uma surpresa ver chegar o comboio das nove e trinta e oito. Toda a gente acudiu, as portinholas abriram-se, correu a onda dos viajantes. Quase todos os curiosos tinham ficado em volta do comissário, que, por um escrúpulo de homem metódico visitava pela última vez o compartimento ensangüentado.

Pecqueux, gesticulando, entre a senhora Lebleu e Filomena, avistou neste momento o seu maquinista, Tiago Lantier, que acabava de apeiar do comboio, e que, imóvel, olhava de longe para o ajuntamento. Chamou-o violentamente com a mão. Tiago não se mexia. Por fim decidiu-se, com um andar lento.

— O que há? perguntou ao seu fogueiro.

Ele bem sabia; ouviu, com o pensamento noutra parte, a notícia do assassinio e as suposições que se faziam. O que o surpreendia e agitava de um modo estranho, era cair no meio daquele inquérito, de encontrar aquela carruagem entrevista nas trevas, lançada a toda a velocidade. Estendeu o pescoço, viu o lago de sangue coalhado na almofada; e recordava a cena do assassinio; lembrava-lhe sobretudo o cadáver estendido ao longo da estrada, lá embaixo, com a garganta aberta. Depois, como desviasse a vista, notou os Roubaud, enquanto Pecqueux continuava a contar-lhe a história, de que modo estes estavam envolvidos no caso, da partida deles no mesmo comboio que a vítima, das últimas palavras que tinham trocado juntos, em Ruão. O homem, conhecia-o por cumprimentá-lo, às vezes, desde que fazia o serviço do expresso; a mulher, essa, entrevira-a de longe em longe e desviava-se dela como das outras, no seu medo doentio. Mas naquele minuto, assim chorosa e pálida, com a doçura aflita dos seus olhos azuis sob o esmagamento negro dos cabelos, ela impressionou-

o. Já não a largava com o olhar, e teve um alheamento, perguntou a si mesmo aturdido, porque é que os Roubaud e ele ali estavam, como tinham podido os fatos reuni-los diante daquela carruagem do crime, eles de regresso de Paris, na véspera, ele chegado de Barentin naquela mesma ocasião.

— Oh! bem sei, bem sei, disse ele alto, interrompendo o fogueiro. Eu estava justamente lá em baixo à saída do túnel, esta noite, e pareceu-me ver alguma coisa na ocasião em que o comboio passou.

Houve uma grande comoção, todos o rodearam. E foi ele o primeiro que estremeceu, que se admirou, que se perturbou de; que acabava de dizer. Para que falara ele depois de ter tão formalmente prometido a si mesmo que se calaria? Tão boas razões lhe aconselhavam o silêncio! E as palavras tinham-lhe saído inconscientemente dos lábios, enquanto olhava para aquela mulher. Ela tirara bruscamente o lenço dos olhos, e fixara-os cheios de lágrimas e cada vez maiores sobre ele.

Mas o comissário aproximou-se vivamente.

— Que foi?' Que é que viu?

E Tiago, sob o olhar imóvel de Severina, contou o que vira: o compartimento iluminado, passando na noite a todo o vapor, e os perfis fugidios dos dois homens, um derrubado, e o outro de faca em punho. Junto de sua mulher, Roubaud escutava, fixando sobre ele os seus grandes olhos vivos.

— Então, perguntou o comissário, o senhor reconheceria o assassino?

— Oh! isso não, não creio.

— Trazia casaco ou blusa?

— Não saberei dizer. Imagine, um comboio que devia marchar com uma velocidade de oitenta quilômetros!

Severina, estranha à sua vontade, trocou um olhar com Roubaud, que teve força para dizer:

— Efetivamente, seria preciso ter bons olhos!

— Não importa, concluiu o senhor Cauche, aqui está um depoimento importante. O juiz de instrução o auxiliará a ver claro em tudo isto... Senhor Lantier e senhor Roubaud, dêem-me os seus nomes bem exatos para as citações.

Estava acabado; o grupo dos curiosos foi-se dissipando a pouco e pouco, o serviço da estação retomou a atividade normal. Roubaud, sobretudo, teve que ocupar-se do misto das nove e cinquenta, para o qual já subiam os passageiros. Dera em Tiago um aperto de mão mais vigoroso do que de costume; e este, que ficara sozinho com Severina, por trás da senhora Lebleu, de Pecqueux e de Filomena, que iam andando e conversando, julgara-se obrigado a acompanhar a juvenil senhora por baixo do alpendre até à escada dos empregados, não encontrando nada para dizer-lhe, retido contudo junto dela como se acabasse de fazer um laço entre eles. Agora, a alegria do dia aumentava, o sol claro subia vencedor das brumas matinais, na grande limpidez azul do céu; enquanto o vento do mar, tomando força com a maré que enchia, trazia a sua frescura impregnada de sal. E quando por

fim a deixou, fixou-lhe de novo os largos olhos, cuja doçura aterrada e suplicante tão profundamente o agitara.

Mas houve um ligeiro apito. Era Roubaud que dava o sinal da partida. A máquina respondeu com um silvo prolongado, e o comboio das nove e cinquenta abalou, rodou mais depressa, desapareceu ao longe, na poeira de ouro do sol.

## IV

Naquele dia, da segunda semana de março, o senhor Denizet, o juiz de instrução, chamara de novo ao seu gabinete no Palácio da Justiça de Ruão, certas testemunhas importantes do processo Grandmorin.

Havia três semanas que esse processo fazia barulho. Agitara Ruão, apaixonara Paris, e os jornais da oposição, na violenta campanha que travavam contra o império, haviam de aproveitar-se dele como arma de guerra. A aproximação das eleições gerais, cuja preocupação dominava toda a política, incentivava a luta. Houvera na Câmara sessões muito tempestuosas: aquela em que se disputara asperamente a validade dos poderes de dois deputados adidos á pessoa do imperador; aquela ainda em que a oposição se havia

encarniçado contra a gerência financeira do prefeito do Sena, reclamando a eleição dum Conselho Municipal. E o processo Grandmorin chegava a propósito para continuar a agitação; circulavam histórias extraordinárias, os jornais enchiam-se todas as manhãs ás novas hipóteses, injuriosas para o governo. Duma parte deixava-se entender que a vítima, um familiar das Tulherias, antigo magistrado comendador da Legião de Honra, arquimilionário, era dado às piores devassidões; por outro não tendo a instrução descoberto coisa alguma, começava-se a acusar a polícia e a magistratura de complacência, fazia-se espírito com esse assassino lendário, que ninguém era capaz de encontrar. Se havia muita verdade nesses ataques, nem por isso deixavam de ser duros de suportar.

O senhor Denizet sentia toda a grave responsabilidade que pesava sobre ele. Apaixonava-se, ele também, pois tinha ambições e esperava um processo desta importância, para fazer exibição das suas qualidades de perspicácia e de energia, que presumia ter. Filho de um grande criador de gado da Normandia, fizera o curso de Direito em Caen, e só muito mais tarde entrara na magistratura, onde a sua erigem de camponês, agravada por uma falência de seu pai, lhe dificultara os progressos. Substituto em Bernay, em Diepe, e no Havre, levava dez anos para ser procurador imperial em Pont-Andemér. Depois, mandado para Ruão como substituto, era aí juiz de instrução há dezoito meses, passando já dos cinquenta anos. Sem fortuna, cheio de necessidades, que os seus magros honorários não podiam contentar, vivia naquela dependência da magistratura mal paga, aceita apenas dos medíocres, e onde os inteligentes se devoram, enquanto não chega ocasião de se venderem. Ele era de uma inteligência viva, muito sutil, homem honesto, tendo o amor da profissão, e ébrio da sua onipotência, que o tornava, no seu gabinete de juiz, senhor absoluto da liberdade alheia. Só o seu interesse lhe corrigia a paixão, tinha um tal desejo de alcançar uma condecoração e de ser transferido para Paris, que, depois de se ter deixado arrebatado no

primeiro dia da instrução, pelo seu amor da verdade, caminhava agora com extrema prudência, avistando por todos os lados alçapões, nos quais podia soçobrar o seu futuro.

Cumprir dizer que o senhor Denizet estava prevenido, porque, desde o começo do inquérito, um amigo lhe aconselhara que se dirigisse a Paris, ao Ministério da Justiça. Ali conversara largamente com o secretário-geral, o senhor Camy-Lamotte, personagem muito considerada, que tinha na sua mão o pessoal encarregado das nomeações, em relação contínua com as Tulherias. Era um belo homem, que começara como ele, substituto, mas a quem as suas relações e a mulher haviam feito deputado e grande oficial da Legião de Honra. O processo viera-lhe naturalmente parar às mãos, pois que o procurador imperial de Ruão, inquieto por esse drama misterioso em que aparecia como vítima um antigo magistrado, tivera a precaução de o mandar para o ministro, que se desencarregara por sua vez da responsabilidade, sobre o seu secretário-geral. E, aqui, houvera um encontro: o senhor Camy-Lamotte era justamente um antigo condiscípulo do presidente Grandmorin, mais moço poucos anos, que vivera com ele numa amizade tão íntima que o conhecia até nos seus vícios. Por isso falava da morte trágica do amigo com profunda aflição, e entretivera o senhor Denizet com o seu desejo ardente de atingir o criminoso. Mas não ocultava que se nas Tulherias se desolava de todo aquele ruído desproporcionado, tinha-se permitido recomendar-lhe muito tato. O juiz compreendera que faria bem em não se apressar, nada arriscar sem aprovação prévia. Voltara mesmo a Ruão, com a certeza de que, por seu lado, o secretário-geral utilizava agentes, desejoso de instruir ele também o processo.

Queria-se conhecer a verdade, para a ocultar melhor, se necessário fosse.

Passaram-se dias, e o senhor Denizet, apesar do esforço e paciência, irritava-se com os gracejos da imprensa. Depois, reaparecia o polícia, de nariz no ar, como um cão de bom faro. A necessidade de achar a verdadeira pista, glória de ser o primeiro a tê-la farejado, o incentivava, embora, pronto a abandoná-la se lhe dessem ordem nesse sentido. Enquanto esperava do ministério uma carta, um conselho, um simples apelo que demorava, havia-se dedicado ativamente à sua instrução. Fizeram-se duas ou três prisões mas nenhuma fora mantida. Bruscamente, porém, a abertura do testamento do presidente Grandmorin despertou nele uma suspeita de que se sentira tocado logo às primeiras horas; a culpabilidade possível dos Roubaud. Este testamento cheio de legados singulares, continha um, pelo qual Severina seria a legatária da casa situada no lugar chamado la Croix-de-Maufras. Desde *esse* momento o móvel do assassinio, em vão procurado, estava achado: os Roubaud, conhecendo o legado, quiseram assassinar o benfeitor, para entrarem no seu gozo imediato. Esta idéia não o largava, tanto mais que o senhor Camy-Lamotte falara estranhamente da senhora

Roubaud, como tendo-a outrora conhecido em casa do presidente, quando ela era ainda solteira. Apenas, que inverossimilhanças, que impossibilidades materiais e morais! Desde que dirigia as investigações nesse sentido, tropeçava continuamente contra fatos que desnorteavam a sua concepção de um inquérito judiciário classicamente conduzido. Nada se esclarecia, faltava a grande luz central, que o móvel tudo iluminasse.

Outra pista existia também, que o senhor Denizet não perdera de vista, a fornecida pelo



próprio Roubaud, do homem que, mercê da confusão da partida, pudesse ter subido para o compartimento. Era o famoso assassino, impossível de ser encontrado, lendário, de que todos os jornais da oposição zombeteavam. O esforço da instrução fora primeiro dirigido sobre os sinais desse homem, em Ruão, donde partira, em Barentin, onde devia ter descido; mas nada resultará de precioso; certas pessoas negavam mesmo a possibilidade do compartimento reservado ser tomado de assalto, outros davam as mais contraditórias informações. E a pista não parecia conduzir a nada de certo, quando o juiz, interrogando o guarda das cancelas, Misard, caiu sem querer sobre a dramática aventura de Cabuche e de Luizinha, aquela criança violentada pelo presidente, que havia ido morrer na casa do seu amigo! Isto foi para ele a centelha; de um jato formulou-se na sua cabeça a acusação clássica. Tudo nela havia, ameaças de morte proferidas pelo carreiro contra a vítima, antecedentes deploráveis, um *álibi* invocado sem jeito, impossível de provar. Em segredo, num minuto de energia, ele fizera na véspera, tirar Cabuche da casinhola que ocupava no fundo do bosque, espécie de cabana perdida, onde encontraram uma calça manchada de sangue. Enquanto se defendia contra a convicção que o invadia, ao mesmo tempo que prometia a si próprio não abandonar a hipótese dos Roubaud, exultava à idéia de que bruscamente ele tivera o faro suficiente para descobrir o verdadeiro assassino. Era para certificar-se que ele mandara ir, nesse dia, ao seu gabinete, várias testemunhas já ouvidas no dia posterior ao do crime.

O gabinete do juiz de instrução ficava do lado da rua Joana d'Arc, no velho edifício arruinado, colado ao flanco do antigo palácio dos duques de Normandia, transformado hoje em Palácio de Justiça, que ele desonrava. Esta grande sala triste, situada no rés do chão, era iluminada por uma luz tão fraca, que no inverno, era preciso acender candeieiros às três horas da tarde. Forrada de um papel verde já desbotado, tinha por mobília, duas poltronas, quatro cadeiras, a secretária do juiz, a mesinha do escrivão; e sobre a lareira sem fogo, duas taças de bronze flanqueavam uma pêndula de mármore preto. Por trás da secretária, uma porta conduzia a um segundo aposento, no qual o juiz ocultava, às vezes, as pessoas que ele queria deixar à sua disposição; ao passo que a porta de entrada se abria diretamente sobre o largo corredor, guarnecido de compridos bancos, onde as testemunhas esperavam.

Desde a uma hora e meia, bem que a citação só fosse para as duas horas, lá estavam os Roubaud. Chegaram do Havre, mal tinham tido tempo para almoçar num restaurante da Rua Direita. Ambos vestidos de preto, ele de sobrecasaca, ela de vestido de seda, como uma senhora, mantinham a gravidade tristonha duma família que perdeu um parente. Ela sentara-se num banco, imóvel, sem uma palavra, enquanto ele, de pé, com as mãos nas costas, passeava a passos lentos diante dela.

Mas, a cada volta, seus olhares encontravam-se, e a sua ansiedade oculta passava como uma sombra, sobre as suas faces mudas. Embora os tivesse enchido de alegria, o legado de Croix-de-Maufrais acabava de lhes reavivar os receios; porque a família do presidente, principalmente sua filha, irritada com as doações estranhas, tão numerosas que atingiam metade da fortuna total, falava em refutar o testamento; e a senhora de Lachesnaye, impelida

pelo marido, mostrava-se particularmente dura contra a sua amiga Severina, que ela acumulava das suspeitas mais graves. Por outro lado, o pensamento de uma prova, em que Roubaud, não pensara a princípio, perseguia-o agora com um medo contínuo: a carta que ele fizera a mulher escrever, a fim de decidir Grandmorin a partir, aquela carta que se podia encontrar, se ele não a tivesse destruído, e cuja letra se podia conhecer. Felizmente passaram os dias, nada se falara, a carta devia ter sido inutilizada. Cada nova citação, para o gabinete do juiz de instrução era sempre para os dois esposos, causa de suores frios, sob a correta atitude de herdeiros e testemunhas.

Deu duas horas; Tiago, apareceu por sua vez. Chegava de Paris. Imediatamente Roubaud se adiantou, de mão estendida, muito expansivo.

— Ah! Também o senhor, também o incomodaram... É aborrecido este triste processo que não acaba nunca.

Tiago, avistando Severina, sempre sentada, imóvel, parará de chofre. Havia três semanas, de dois em dois dias, em cada uma das suas viagens ao Havre, que o sub-chefe o enchia de delicadezas. Uma

vez tivera mesmo de aceitar um oferecimento para almoçar. E, junto da juvenil senhora, sentira-se estremecer com o seu arrepio especial, numa perturbação crescente. Lá então desejá-la, àquela também? Seu coração batia, as mãos ardiam, só de ver a linha branca do pescoço, em volta da abertura do corpete. Por isso, estava agora resolvido a fugir-lhe.

— E, perguntou Roubaud, que se diz do processo, em Paris? Nada de novo, não é verdade? Bem vê, não se sabe nada, nunca se saberá nada... Venha dar os bons dias a minha mulher.

Ele arrastava-se, foi preciso que Tiago se aproximasse, cumprimentasse Severina, vexada, sorrindo, com o seu ar de criança medrosa.

Ele esforçava-se por falar de coisas indiferentes, sob os olhares dos cônjuges, que não o deixavam, como se tivessem tratado de ler, dentro mesmo do seu pensamento, nos devaneios vagos a que do próprio hesitava em descer. Por que estava ele tão frio? Por que parecia procurar evitá-los? Despertavam por ventura as suas recordações? Seria para os confrontar com ele que os haviam chamado? Aquela única testemunha, que eles temiam, haviam querido conquistá-la, ligá-la a eles pelos laços duma fraternidade tão apertada, que nunca tivesse coragem para falar contra eles.

Foi o sub-chefe, torturado, que voltou ao processo.

— Então o senhor não desconfia porque é que nos citam? Haverá algo de novo?

Tiago teve um gesto de indiferença.

— Na estação, quando cheguei, circulava ainda agora um boato. Falava-se numa prisão.

Os Roubaud admiraram-se, muito agitados e perplexos. Uma prisão, como? Ninguém lhes tinha ainda dito palavra a respeito. Uma prisão feita ou para fazer? Enchiam-no de perguntas, mas ele não sabia mais nada.

No corredor, um ruído de passos despertou a atenção de Severina, nesta ocasião.

— Olha, Berta e o marido, murmurou ela.

Eram, efetivamente, os Lachesnaye. Passaram muito eretos diante de Roubaud; a juvenil senhora nem sequer teve um olhar para a sua antiga companheira. Um oficial de diligências logo os introduziu no gabinete do juiz de instrução.

— Ah! bem! Precisamos armar-nos de paciência, disse Roubaud. Sente-se que teremos de permanecer aqui duas horas...

Ele próprio acabava de colocar-se à esquerda de Severina, e, com a mão, convidava Tiago a sentar-se do outro lado junto dela; mas ele ficou de pé um instante ainda. Depois, como ela o olhasse com o seu ar meigo e tímido, resolveu acomodar-se ao seu lado. Ela era muito frágil ao lado deles e sentia-se terna e submissa; mas a ligeira tepidez que emanava dessa mulher, durante a sua longa espera, entorpecia Tiago, lentamente, por completo.

No gabinete do senhor Denizet começavam os interrogatórios. A instrução fornecera matéria para um processo enorme; vários maços de papéis revestidos de invólucros azuis. Havia-se esforçado por seguir a vítima desde a sua partida de Paris. O senhor Vandorpe, o chefe da estação, depusera sobre a partida do expresso das seis horas e trinta, a carruagem 293 atrelada no último momento, algumas palavras trocadas com Roubaud, em cima, no seu compartimento, um pouco antes da chegada do presidente Grandmorin; por fim a instalação deste no seu compartimento, onde estava, decerto, só. Depois, o condutor do comboio, Henrique Dauvergne, interrogado sobre o que se passara em Ruão, durante a passagem de dez minutos, nada sabia. Vira os Roubaud conversando diante do compartimento; parecia-lhe que tinham voltado para o seu compartimento, cuja portinhola um guarda fechara; mas, no meio dos empurrões da multidão e das trevas da estação, não podia afirmar com segurança. Quanto a opinar sobre se um homem, o fabuloso assassino que ninguém encontrava, havia podido atirar-se para o compartimento no momento do comboio se pôr em marcha, julgava a aventura pouco verossímil, mesmo quando fosse possível; porque do seu conhecimento, já ela se havia produzido duas vezes. Outros empregados do pessoal de Ruão, interrogados também sobre os mesmos pontos, em vez de trazerem mais calma, não tinham feito senão embrulhar as coisas, pelas suas respostas contraditórias. Mas, um fato provado era o aperto de mão, dado por Roubaud, do interior do vagão, ao chefe da estação de Barentin, que havia subido ao estribo: este chefe da estação, o senhor Bessière, havia-o confirmado e havia acrescentado que o seu colega estava só com sua mulher, a qual, meio deitada, parecia dormir. Por outro lado tinham ido até procurar os viajantes que saíram de Paris no mesmo compartimento em que vinham os Roubaud.

A senhora gorda e o cavalheiro também gordo, que chegaram no último minuto, burgueses de Petit-Couronne, haviam declarado que, tendo adormecido logo em seguida, nada podiam dizer; e, quanto à mulher de escuro, muda no seu canto, dissipara-se como uma sombra, fora absolutamente impossível tornar a encontrá-la. Enfim, eram outras testemunhas ainda, o rebotalho, os que haviam servido para estabelecer a identidade dos passageiros desembarcados nessa noite em Barentin, devendo o homem ter parado ali; tinham-se os bilhetes, tinha-se chegado a conhecer os passageiros exceto um, justamente um diabo alto, a cabeça envolta num lenço azul, que uns diziam estar vestido com casaco, e outros com blusa.

Acerca deste homem desaparecido, evaporado como um sonho, havia no processo nada menos de trezentas e dez peças, de uma confusão tal, que um testemunho desmentia o outro.

E o processo complicava-se ainda com peças judiciárias: o processo verbal do *consiati* redigido pelo escrivão que o procurador imperial e o juiz de instrução haviam conduzido ao teatro do crime, uma volumosa descrição do lugar da estrada, onde a vítima jazia, da posição do corpo, do vestuário, dos objetos encontrados nos bolsos, que haviam permitido estabelecer a identidade; o processo verbal do médico, igualmente ali conduzido, um documento em que, em termos científicos, era longamente descrito o ferimento da garganta, único ferimento, um pavoroso entalhe feito com um instrumento cortante, navalha decerto; outros processos verbais ainda, outros documentos sobre o transporte do cadáver para o hospital de Ruão, sobre o tempo que aí ficara, antes que a sua decomposição muito rápida tivesse obrigado a autoridade a entregá-lo à família. Mas, deste novo amontoado de papelada, ficavam apenas dois ou três pontos importantes. Em primeiro lugar, nos bolsos não fora encontrado nem o relógio nem uma carteira onde deviam estar dez notas de mil francos, soma devida pelo presidente Grandmorin à sua irmã, a senhora Bonnehon e que esta esperava. Pareceria, pois, que o crime tivera por móvel o roubo, se, por outro lado, um anel com um grande brilhante, não lhe tivesse ficado no dedo. Daí ainda, toda uma série de hipóteses. Infelizmente não sabia os números das notas; mas o relógio era conhecido, um relógio muito forte de *remontoir*, tendo na caixa as duas iniciais entrelaçadas do presidente e no interior um número de fabricação, o 2516. Por fim, a arma, a navalha de que o assassino se servira, dera ensejo a consideráveis investigações, ao longo da linha, entre as moitas que a acompanhavam, por toda a parte para onde ela poderia ser atirada; mas essas investigações tinham resultado inúteis, o assassino devia ter ocultado a navalha no mesmo buraco em que ocultara as notas e o relógio. Apenas se tinha encontrado a uns metros antes daí estação de Barentin, a manta de viagem da vítima, ali abandonada, por comprometer; e figurava entre as peças de convicção.

Quando os Lachesnaye entraram, o senhor Denizet, de pé diante da sua secretária, relia um dos primeiros interrogatórios, que o escrivão escolhera no processo. Era um homem baixo e espadaúdo, de cara raspada, já grisalho. As faces espessas, o queixo quadrado, o nariz largo, tinham uma imobilidade lívida aumentada pelas pálpebras pesadas, tapando até ao meio os seus grandes olhos claros. Porém, a sagacidade e a habilidade que ele presumia ter, se haviam refugiado na boca, uma dessas bocas de comediante representando os seus sentimentos, de uma mobilidade extrema, e que se afinava nos minutos em que ele se tornava muito sutil. A figura perdia-o quase sempre, era demasiado perspicaz, zombava demais com a verdade simples e boa, segundo um ideal de profissão, tendo feito das suas funções um tipo de anatomista moral, dotado de dupla vista, extremamente espirituoso. Além do que, não era nada tolo.

Mostrou-se muito amável com a senhora de Lachesnaye, porque era ainda um magistrado mundano, que freqüentava a sociedade de Ruão e arredores.

— Minha senhora, queira sentar-se.

Aproximando ele mesmo uma cadeira à juvenil senhora, uma loira magrinha, de ar desagradável e feio nos seus trajes de luto, foi simplesmente polido, até um pouco arrogante com o senhor Lachesnaye, loiro também e achacado; porque aquele homenzinho, conselheiro do tribunal desde os trinta e seis anos, condecorado graças à influência do sogro e aos serviços que o pai(| igualmente magistrado, prestara outrora nas comissões mistas, representava, a seus olhos, a magistratura de favor, rica, os médiocres que se instalavam, seguros de um caminho rápido pelo parentesco e pela fortuna; ao passo que ele, pobre, sem proteção, se achava reduzido a estender a eterna espinha de solicitante sob a pedra que incessantemente lhe caía em cima da promoção. Porisso sentia um certo prazer em fazer sentir, naquele gabinete, a sua onipotência, o absoluto poder que ele tinha sobre a liberdade de toda a gente, a ponto de transformar, em uma palavra, uma testemunha em acusado, e de proceder à sua prisão imediata se para isso lhe desse a fantasia.

— Minha senhora, continuou ele, perdoar-me-á o tê-la ainda de torturar com esta dolorosa história. Sei que deseja tanto

como nós, que se faça a luz, e o criminoso sofra o castigo merecido.

Com um sinal preveniu o escrivão, um rapaz alto, amarele, de rosto ossudo, e o interrogatório começou.

Mas, desde as primeiras perguntas feitas a sua mulher, o senhor de Lachesnaye, que estava sentado, vendo que não lhe dirigiam a palavra, esforçou-se por substituí-la. Chegou até a manifestar amargura contra o testamento do sogro. Podia-se compreender aquilo! Legados tão numerosos, tão importantes, que atingiam quase metade de uma fortuna de três milhões e setecentos mil francos! E a pessoas que, na maior parte, não se conheciam, a mulheres de todas as classes! Havia até uma vendedora de violetas, instalada a uma porta da Rua do Rocher. Era incrível, esperava que acabasse a instrução criminal para ver se havia meio de fazer cair esse testamento imoral.

Enquanto ele assim se lamentava, com os dentes cerrados, mostrando-se como era, tolo, e manifestando-se o provinciano de paixões obstinadas, mergulhado na avareza, o senhor Denizet examinava-o com os seus olhos claros meio ocultos, e sua boca fina exprimia um desdém mesclado de ciúme, por esse impotente a quem não satisfaziam dois milhões, e que ele um dia decerto veria sob a púrpura suprema, graças a todo esse dinheiro.

— Creio que nada conseguiria, disse ele por fim. O testamento só poderia ser atacado, se o total dos legados ultrapassasse metade da fortuna, e esse caso não se deu.

Depois, voltando-se para o escrivão:

— Olhe lá, Lourenço, não escreva isso, ouviu? Com um sorriso, este tranqüilizou-o.

— Mas, seja como for, replicou o senhor de Lachesnaye com a voz mais acre, não imaginarão que eu vá deixar a Croix-de-Maufrais àqueles Roubaud, um presente destes à filha de um criado! E porque, a que título? Depois, provou-se que eles tomaram parte no crime...

O senhor Denizet voltou ao processo.

— O senhor pode acreditar nisso?

— Se eles tinham conhecimento do testamento, está demonstrado o interesse na morte do nosso pobre pai... Note, além disso, que foram os últimos a conversar com ele... Enfim, tudo isto parece bem duvidoso.

Impacientado, desconcertado na sua nova hipótese, o juiz voltou-se para Berta:

— E a senhora, madame Lachesnaye, supõe a sua antiga amiga capaz de cometer crime?

Antes de responder, ela olhou para o marido. Em alguns meses de vida doméstica, o mau humor, a secura de ambos haviam-se comunicado e exagerado. Estragavam-se ambos; fora ele quem a lançara sobre Severina, a ponto que, para reaver a casa, ela seria capaz de a mandar prender, ali mesmo.

— Meu Deus! Senhor, acabou ela por dizer, a pessoa de quem fala tinha muito maus instintos quando era pequena.

— O que! Acusa-a de ter-se portado mal em Doinville?

— Oh! Não, senhor; meu pai não a teria conservado. Nesta exclamação, revoltava-se o bloco da burguesia honesta, incapaz de cometer uma falta que desse lugar a censuras, e que punha a sua glória em ser uma das virtudes mais incontestáveis de Ruão, cumprimentada e recebida em toda a parte.

—. Unicamente, continuou ela, quando há hábitos de leviandade e de dissipação... Enfim, senhor, muitas acusações que eu não teria julgado possíveis, me parecem hoje certas.

De novo teve o senhor Denizet um movimento de impaciência. Ele não estava de modo algum nessa pista, e quem quer que nela insistisse, tornava-se seu adversário, afigurava-se-lhe que atacava a segurança da sua inteligência.

— Contudo vejamos, cumpre raciocinar, exclamou ele. Pessoas como os Roubaud não matam um homem como seu pai, para herdarem mais rapidamente; ou, pelo menos, haveria indícios de sua pressa, e eu encontraria, aliás, vestígios dessa ambição em possuir e em gozar. Não, não basta esse móvel, seria preciso outro, e não há nada, os senhores nada aduzem. Depois, restabeleça os fatos, não verifica impossibilidades materiais? Ninguém viu os Roubaud subirem para o carro do presidente, um empregado supõe mesmo poder afirmar que eles voltaram para o seu compartimento, pois nele estavam em Barentin. Seria necessário um vaivém do vagão deles para o do presidente, de que os separavam três outros carros. Isto durante os poucos minutos do trajeto, quando o trem corria com toda a velocidade. Seria verossímil? Interroguei maquinistas, condutores. Todos me disseram que só um grande hábito podia dar suficiente sangue frio e energia para uma coisa dessas... Em todo caso, a mulher é que nunca o poderia ter tido, e o marido arriscar-se-ia sem ela? É com que fim? Com o fim de matar um protetor que acabava de os tirar de um embaraço grave?! Não decididamente, não! Essa hipótese não tem fundamento, é preciso procurar para outros lados... Um homem que tivesse subido para o comboio em Ruão e que tivesse apeado na primeira estação, que tivesse recentemente pronunciado ameaças de morte contra a vítima, isso sim!

Na sua paixão chegava ao seu sistema novo, ia falar outra vez disso, quando a porta, entreabrindo-se, deixou passar a cabeça do oficial de diligências. Mas antes deste ter

pronunciado uma palavra, uma mão enluvada acabou de abrir a porta toda, e entrou uma senhora loira, vestida de luto muito elegante, ainda formosa apesar de passar dos cinqüenta anos, de uma beleza opulenta e forte de deusa envelhecida.

— Seu eu, meu caro juiz. Venho mais tarde, mas desculpa-me, sim? Os caminhos estão impraticáveis, as três léguas de Doinville a Ruão hoje davam bem seis.

Galantemente, o senhor Denizet levantara-se.

— Bem de saúde depois de domingo último, minha senhora? — Muito bem. E o senhor, meu caro juiz, está já refeito do medo que o seu cocheiro lhe causou? O rapaz contou-me que a carruagem estivera prestes a tombar, quando o levava, a dois quilômetros quase do palácio.

— Oh! Um simples solavanco, já nem me lembrava... Sente-se, minha senhora, e, como eu dizia também à senhora de Lachesnaye, desculpe-me despertar a sua dor, com este espantoso processo.

— Meu Deus! Pois se é preciso... Bom dia, Berta; bom dia, Lachesnaye!

Era a senhora Bonnehon, a irmã da vítima. Abraçara a sobrinha e apertara a mão do marido. Viúva desde os trinta anos, de um manufactureiro que lhe deixara uma opulenta fortuna, a ela que já era muito rica, possuía em sociedade com seu irmão, a quinta de Doinville. Levava uma existência amena, toda cheia, ao que se dizia, de amores, mas tão correta na aparência, que ficara sendo o árbitro da sociedade de Ruão. Pela sua situação e por gosto, amara a magistratura, recebendo no palácio, desde os vinte e cinco anos, o mundo judiciário, todo aquele mundo de tribunal que as suas carruagens levavam e traziam para Ruão, numa permanente festa. Agora ainda não estava de todo calma; atribuíam-lhe uma ternura materna por um moço substituto, o senhor Chaumette: trabalhava para a promoção do filho, enchia o pai de convites e de delicadezas. E conservava também um bom amigo dos tempos antigos, um conselheiro celibatário, o senhor Desbazeilles, a glória

literária do tribunal de Ruão, de quem se citavam sonetos finamente burilados. Durante anos tivera ele o seu quarto em Doinville. Apesar de já ter passado dos sessenta, ele ia jantar sempre em casa deles como velho camarada, a quem o reumatismo não permitia mais do que a recordação. Ela conservava assim a sua realeza, pela graça da sua apresentação, apesar da velhice ameaçadora, e ninguém pensava em disputar-lha; nunca tivera uma rival senão durante o último inverno, em casa da senhora Leboucq, linda mulher de um conselheiro, uma alta, trigueira, de trinta e quatro anos, verdadeiramente muita apresentável, e que começava a ser muito freqüentada pela magistratura. Isto, no seu bom humor habitual, dava-lhe uma pontinha de melancolia.

— Então, minha senhora, se permite, disse o senhor Denizet, vou dirigir-lhe algumas perguntas.

O interrogatório dos Lachesnaye tinha concluído, mas ele não os despedia: convertera o seu gabinete tão sombrio, tão frio, num salão mundano. O escrivão, fleumático, preparou-se de novo para escrever.

— Uma testemunha falou de um telegrama que seu irmão recebera, chamando-o

imediatamente a Doinville... Não achamos vestígios de semelhante telegrama. Ter-lhe-ia a senhora escrito, madame Bonnehon?

A senhora Bonnehon, muito à vontade, sorridente, respondeu no tom de uma palestra amigável:

— Não escrevi a meu irmão, esperava por ele, sabia que ele viria, mas sem que se tivesse fixado nenhuma data. De ordinário aparecia inesperadamente, e quase sempre por um expresso da noite. Como habitava um pavilhão isolado no parque, que dava para uma pequena rua deserta, não o ouvíamos sequer chegar. Alugava em Barentin um carro e só aparecia no dia seguinte, já tarde, às vezes, como um vizinho em visita. Eu esperava por ele, porque devia trazer-me uma soma de dez mil francos, um saldo de contas entre nós. Com certeza trouxe os dez mil francos consigo. Por isso é que eu sempre acreditei que o haviam matado para o roubar, simplesmente.

O juiz fez uma pausa; depois, olhando para ela, de frente:

— Que pensa da senhora Roubaud e do marido?

Ela teve um vivo movimento de protesto.

— Ah! Não, meu caro senhor Denizet, o senhor não vai agora, devanear à custa dessas excelentes criaturas... Severina era uma boa moça, muito dócil mesmo, e por isso deliciosa, o que não prejudica coisa alguma. Eu penso, já que tem empenho em que o diga, que ela e o marido são incapazes de uma má ação.

Ele aprovava com a cabeça, triunfava, olhando de esguelha para a senhora de Lachesnaye, que resolveu apartear.

— Minha tia, acho-a muito ingênua...

Então a senhora Bonnehon desabafou, com a sua franqueza habitual de falar.

— Berta, a tal respeito nunca nos entenderemos. Ela era alegre, gostava de rir, e tinha razão... Eu sei perfeitamente o que tu e o teu marido pensam. Mas, realmente, é preciso que o interesse lhes perturbe a razão, para que tanto se surpreendam com aquele legado da Croix-de-Maufrais, feito por teu pai à boa Severina. Ele tinha-a educado, tinha-a adotado, era natural que a contemplasse no seu testamento. Dize-me, ele não a considerava até um tanto filha? Ah! minha querida, o dinheiro vale tão pouco para a felicidade!

Ela, que tinha sido sempre riquíssima, sempre se mostrara de um desinteresse absoluto. Por um requinte de mulher bela e adorada, afetava pôr a única razão de viver na beleza e no amor.

— Foi Roubaud quem falou em telegrama, fez notar secamente o senhor de Lachesnaye. Se não houve telegrama, o presidente não lhe podia dizer que o recebera. Porque mentiu Roubaud?

— Mas, exclamou Denizet, apaixonando-se, o presidente pode muito bem ter ele mesmo inventado esse telegrama para explicar a sua partida súbita aos Roubaud. Segundo o próprio testemunho deles, o senhor Grandmorin só devia partir no dia seguinte; e, como se encontrava no mesmo comboio em que eles vinham, precisava de dar uma razão se não queria confessar-lhe a razão verdadeira, que todos nós aliás ignoramos... Isso não tem



importância, isso não conduz a coisa alguma.

Fez-se novo silêncio. O juiz prosseguiu muito calmo, cheio de precauções:

— Agora, minha senhora, vou abordar um assunto particularmente delicado, e peço-lhe que desculpe a natureza das minhas perguntas. Ninguém mais do que eu respeita a memória de seu irmão. Corriam uns boatos, não é verdade? Davam-lhe amantes...

A senhora Bonnehon sorriu, com a sua tolerância infinita.

— Oh! meu caro senhor, na idade dele!... Meu irmão enviuvou muito cedo, eu nunca me julguei no direito de achar mau o que ele próprio achava bom. Viveu, pois, a seu modo, sem que eu me envolvesse em coisa alguma da sua existência. O que sei é que mantinha linha, e que se conservou até ao fim um homem da melhor sociedade.

Berta, sufocada ao ver que, diante dela, se falava das amantes do seu pai baixara os olhos; que o marido, tão incomodado quanto ela, fora por-se diante da janela, de costas para os presentes.

— Perdoe-me se insisto, disse o senhor Denizet. Não houve uma história com uma criada de quarto em sua casa?

— Ah! sim, Luizinha... Mas, meu caro senhor, era uma pequena viciosa, que, aos quatorze anos, tinha relações com um homem que já andara nas mãos da justiça. Quiseram explirar a morte dela contra meu irmão, mais foi indignidade, que eu vou provar.

Ela estava de boa fé. Embora soubesse em que devia fiar-se acerca dos costumes do presidente e que a sua morte trágica a tivesse surpreendido ela sentia a necessidade de defender a alta situação da família. Além de que, nesta desgraçada história de Luizinha, se ela o julgava bem capaz de ter desejado a pequena, tivera, igualmente, conhecimento da devassidão precoce desta.

— Imaginou uma mocinha tão pequena, tão delicada, loira e cor-de-rosa como um anjinho e meiga, de uma meiguice de santa, capaz de se lhe poder dar de comungar sem confissão... Pois bem! Ela ainda não tinha catorze anos, e já era a boa amiga de uma espécie de bruto, um carreiro de nome Cabuche, que acabava de cumprir cinco anos de prisão, por ter morto um homem numa taberna. Este rapaz vivia como selvagem, na orla da floresta de Bécourt, onde seu pai, morto de desgosto, lhe deixara um pardieiro feito de troncos de árvores e de barro. Obstinara-se em explorar um recanto das pedreiras abandonadas, que outrora, suponho, fornecera metade das pedras, de que Ruão é constituída. Pois era no fundo desse buraco que a pequena ia procurar o seu lobisomem, de que toda a região tinha um grande medo, que vivia absolutamente só, como um pestífero. Muitas vezes eram encontrados juntos, rondando os bosques, um pela mão do outro, ela tão delicada, ele enorme e bestial. Enfim, uma devassidão inacreditável... Eu só soube dessas coisas mais tarde. Eu tomara Luizinha para minha casa quase por caridade, para fazer uma boa obra. A família, aqueles Misard, que eu sabia pobres, evitaram dizer-me que tinham açoitado fortemente a criança, sem poderem impedir dela correr até a casa de Cabuche, logo que encontrava a porta aberta... Foi então que se deu o acidente... Meu irmão, em Doinville, não tinha criados. Eram Luizinha e outra mulher que trabalhavam no pavilhão isolado que ele

ocupava. uma manhã em que ela foi para lá sozinha, desapareceu. Quanto a mim, ela premeditava a fuga havia muito tempo, talvez até que o amante estivesse à espera dela e a levasse consigo... Mas o espantoso foi que, cinco dias depois, corria o boato da morte de Luizinha, com pormenores acerca de uma violação tentada por meu irmão, em circunstâncias tão monstruosas, que a criança, aflita, tinha-se refugiado em casa de Cabuche, onde, dizia-se, foi morrer de uma febre cerebral. Que se havia passado? Circulavam tantas versões, que é difícil dizê-lo. Pela minha parte, creio que Luizinha, morta realmente de febre maligna, porque o médico o verificou, sucumbiu a alguma imprudência, noites ao relento, vagabundeando pelos pântanos... Não é verdade? Meu caro senhor, com certeza não soube que meu irmão fosse supliciar aquela menina. É odioso, impossível!

Durante esta narrativa, o senhor Denizet escutara atentamente, sem aprovar nem desaprovar. E a senhora Bonnehon teve um ligeiro embaraço para acabar; depois, decidindo-se:

— Meu Deus! Eu não digo que meu irmão não quisesse se distrair com ela. Ele gostava da mocidade, era muito alegre, sob a sua aparência rígida. Enfim, suponhamos que ele e beijasse...

A estas palavras houve uma revolta pudica da parte dos Lachesnaye.

— Oh! minha tia! minha tia!

Ela, porém, encolheu os ombros; para que mentir à justiça?!

— Beijou-a, apalpou-a talvez. Não há crime nisso... E o que me faz admitir esse fato, é que a invenção não parte do carreiro. Luizinha é que deve ter sido a mentirosa, a viciosa, que aumentou as coisas, talvez para que o amante a recolhesse, de modo que este, um bruto como já lhe disse, acabou de boa fé por imaginar que lhe haviam matado a amante... Estava realmente doido de raiva, repetiu em todas as tabernas que se o presidente lhe caísse às mãos, havia de sangrá-lo como a um porco...

O juiz, silencioso até aí, interrompeu-a vivamente.

— Haverá testemunhas que afirmem que ele disse isso?

— Oh! meu caro senhor, encontra quantas quiser... Enfim, um caso tristíssimo, que bastantes desgostos nos tem causado. Felizmente que a situação de meu irmão colocava-o fora de toda a suspeita.

A senhora Bonnehon acabava de compreender a nova pista que o senhor Denizet seguia e sentia-se inquieta, preferindo não se adiantar mais, interrogando-o por sua vez. Ele levantara-se, disse que não queria abusar por mais tempo da dolorosa complacência da família. Por sua ordem o escrivão leu os interrogatórios antes de fazer as testemunhas assinarem. Eram de correção completa, aqueles interrogatórios, tão bem expurgados de palavras inúteis e comprometedoras, que a senhora Bonnehon, de pena na mão, teve um relance de olhos de surpresa benévola sobre aquele Lourenço, pálido, ossudo, para quem ela não havia ainda olhado.

Depois, como o juiz a acompanhasse, e também ao sobrinho e à sobrinha, até à porta, ela apertou-lhe as mãos.

— Até breve, não é verdade? O senhor sabe que é sempre esperado em Doinville... E, obrigada, o senhor é um dos meus últimos fiéis.

Sorria veladamente com melancolia, ao passo que a sobrinha, tesa, que fora a primeira a sair, fizera apenas um ligeiro cumprimento.

Quando ficou só, o senhor Denizet respirou. Deteve-se, de pé, refletindo. Para ele o caso tornava-se claro, houvera decerto violência da parte de Grandmorin, cuja reputação era conhecida. Isto tornava a instrução delicada, e ele pensava em redobrar de prudência, até que chegassem os avisos que ele esperava do ministério. Mas, apesar disso, triunfava. Finalmente tinha na mão o criminoso. Quando retomou o lugar à secretária, chamou o oficial.

— Mande entrar o senhor Tiago Lantier.

No banco do corredor, os Roubaud continuavam a esperar, com o rosto fechado, gastos da paciência, que um tique nervoso às vezes agitava. E a voz do oficial, chamando por Tiago, pareceu despertá-los num ligeiro sobressalto. Seguiram-no com os olhos muito abertos, e viram-no desaparecer no gabinete do juiz. Depois, recaíram na sua atitude de expectativa, pálidos e silenciosos.

Aquele processo havia três semanas torturava Tiago de um mal-estar, como se ele pudesse acabar por recriminar-se. Aquilo era desarrazoado, porque nada tinha que censurar a si mesmo, nem sequer o ter guardado silêncio; contudo, era com o sobressalto do criminoso que receia ver o seu crime descoberto que ele entrava no gabinete do juiz; e defendia-se contra as perguntas, prevenia-se com medo de dizer demais. Também ele teria podido matar: não se lhe lia isso nos olhos? Nada lhe era mais desagradável do que essas citações da justiça, experimentava uma espécie de cólera, tendo pressa, dizia ele, de que não o atormentassem mais, com histórias que não lhe diziam respeito.

Mas naquele dia o senhor Denizet só insistiu sobre os sinais do assassino. Sendo Tiago a única testemunha que o poderia ter entrevisto, só ele podia dar informações exatas. Mas ele não saía do seu primeiro depoimento; repetiu que a cena do assassinio ficara na sua retina como a visão de um segundo apenas, uma imagem tão rápida, que ficava como sem forma, abstrata na recordação. Era um homem degelando outro e nada mais. Durante meia hora, o juiz, com obstinação terrível, atormentou-o, fez-lhe a mesma pergunta sob todos os modos imagináveis: era alto, ou baixo? Tinha barba? Tinha cabelo curto ou comprido? Que espécie de roupa usava? A que classe parecia pertencer? E Tiago, perturbado, só dava respostas vagas.

— Finalmente, perguntou bruscamente o senhor Denizet olhando-o bem de frente, se o apresentassem reconhecê-lo-ia?

Ele teve um leve bater de pálpebras, invadido de uma angústia sob aquele olhar que lhe explorava o cérebro. A sua consciência interrogou-se alto.

— Reconhecê-la.. sim... talvez.

Mas já o seu estranho medo de uma cumplicidade inconsciente o repelia para o seu sistema evasivo.

— Contudo não, não imagino, nunca me atreveria a afirmar. Pense bem! Olhe que era

uma velocidade de oitenta quilômetros por hora!

Com um gesto de desânimo, o juiz ia mandá-lo passar para o gabinete próximo, para *a* conservar à sua disposição, quando reconsiderou:

— Fique, sente-se.

E, chamando de novo o oficial:

— Introduza o senhor e a senhora Roubaud.

Logo da porta, ao ver Tiago, os olhos deles embaciaram-se com uma vacilação de inquietação. Teria ele falado? Conserva-lo-iam para o confrontar com eles? Toda a sua segurança desaparecia, ao senti-lo ali; foi com a vez um pouco surda que eles responderam, a princípio. Mas o juiz recomeçara simplesmente o primeiro interrogatório; tiveram apenas que repetir as mesmas frases, quase idênticas, enquanto ele as ouvia, de cabeça baixa, sem sequer olhar para eles.

Depois, de súbito, voltou-se para Severina:

— Minha senhora, a senhora disse ao comissário de vigilância, de que eu tenho ali o processo verbal, que um homem subira em Ruão, para a carruagem quando o comboio se punha em marcha.

Ela ficou aturdida. Para que recordava ele aquilo? Seria um laço? Iria ele, aproximando as suas declarações, fazê-la desmentir a si mesma? Por isso num relance de olhos, consultou o marido, que interveio prudentemente.

— Não creio que minha mulher se tenha mostrado tão afirmativa.

— Perdão!... Quando o senhor emitia a possibilidade do fato, a senhora disse: 'Foi decerto o que aconteceu... Pois bem, minha senhora, eu desejo saber se a senhora tinha motivos particulares para falar assim.

Ela acabou por perturbar-se, convencida de que, se não tomasse cautela, ele iria, de resposta em resposta, levá-la a confissões. Contudo, não podia guardar silêncio.

— Oh! Não senhor, motivo algum... Eu disse naturalmente isso a título de simples raciocínio, porque efetivamente, é difícil explicar as coisas por outra maneira.

— Então a senhora não viu o homem, não pode dizer-nos nada acerca dele?

— Não, senhor, não; nada absolutamente.

O senhor Denizet fingiu abandonar esse ponto da instrução. Mas voltou logo a ele, dirigindo-lhe a Roubaud.

— E o senhor, como é que o senhor não viu o homem, se ele realmente saiu, porque resulta do seu próprio depoimento que o senhor estava ainda conversando com a vítima, quando o comboio apitou para a partida?

Esta insistência acabava por aterrar o sub-chefe da estação, na ansiedade em que estava de saber que partido devia tomar, deixar a invenção do homem, ou teimar nela. Se tivessem provas contra ele, a hipótese do assassino desconhecido não era nada sustentável e podia até agravar o caso. Esperava compreender e respondeu por explicações confusas, longamente.

— É realmente pena, replicou o senhor Denizet, que as suas recordações tenham ficado tão obscuras, porque nos ajudaria a pôr termo às suspeitas que se têm perdido sobre

diversas pessoas.

Isto pareceu tão direto a Roubaud, que experimentou uma irresistível necessidade de declarar-se inocente. Viu-se descoberto, o seu partido foi logo tomado.

— Há nisso um caso interessante de consciência! Hesita-se, compreende, nada é mais natural. Quando eu lhe confessasse que julguei tê-lo visto, ao tal homem...

O juiz teve um gesto de triunfo, julgando dever esse começo de fraqueza à sua habilidade. Dizia conhecer por experiência a estranha dificuldade que certas testemunhas têm em confessar o que sabem; e a essas, lisonjeava-se de fazer falar, mesmo contra a vontade delas.

— Diga então... Como é ele? Baixo, alto, da sua estatura pouco mais ou menos?

— Oh! Não, não, muito mais alto... Pelo menos a sensação que tive foi essa, porque foi uma simples sensação, um indivíduo pelo qual eu tenho quase a certeza de haver roçado, quando corria para voltar à minha carruagem.

— Espere! disse o senhor Denizet.

E, voltando-se para Tiago, perguntou-lhe:

— O homem que o senhor entreviu de faca em punho, era mais alto que o senhor Roubaud?

O maquinista que se impacientava, porque começava a recear não poder tomar o comboio das cinco horas, ergueu os olhos, examinou Roubaud; e parecia não ter olhado para ele, admirava-se de o achar baixo, reforçado, um perfil singular, visto noutra parte, sonhado talvez.

— Não, murmurou ele, mais alto não, quase da mesma estatura.

Mas o sub-chefe da estação protestava com vivacidade.

— Oh! Muito mais alto, pelo menos toda a altura da cabeça.

Tiago permanecia com os olhos longamente abertos sobre ele; e sob esse olhar, em que ele lia uma surpresa crescente, agitava-se, como para escapar à sua própria semelhança; ao passo que sua mulher, ele também, seguia, gelada, o trabalho surdo de memória, expresso pelo rosto de Lantier. Claramente, este admira-se a princípio de certas analogias entre Roubaud e o assassino; em seguida acabava de ter a certeza brusca de que Roubaud era o assassino como disso corra o boato; depois, agora, parecia todo entregue à emoção dessa descoberta, a face maravilhada, sem que fosse possível saber o que ele iria fazer, sem que ele mesmo o soubesse. Se ele falasse, os Roubaud estavam perdidos. Os olhos do marido haviam encontrado o dele, ambos se olhavam até à alma; houve um silêncio.

— Então os senhores não estão de acordo, replicou o senhor Denizet. Se o senhor o viu mais baixo é de certo porque ele estava curvado na luta com a sua vítima.

Ele também olhava para os dois homens. Não pensara em utilizar assim esta confrontação; mas por instinto de profissão, sentiu nesse momento que a verdade passara no ar. A sua confiança na pista de Cabuche ficou um pouco abalada. Teriam tido os Lachesnaye razão? Porventura os culpados, contra toda a verossimilhança, seriam aquele empregado honesto e a sua jovem esposa, tão meiga?

— O homem tinha a barba toda como senhor? perguntou ele a Roubaud.

Este último teve força para responder, sem que a voz lhe tremesse:

— Barba toda, não, não! Absolutamente barba nenhuma, me parece.

Tiago compreendeu que lhe ia ser feita a mesma pergunta. Que diria ele? Porque seria bem capaz de jurar que o homem tinha a barba toda. Em suma, aquelas criaturas não o interessavam, porque não havia de dizer a verdade? Mas, quando desviava os olhos do marido, encontrava o olhar da mulher; e leu, nesse olhar, uma súplica tão ardente, uma doação tão completa de toda a sua pessoa, que ficou desconcertado. Reapossava-se dele o seu antigo arrepio; ama-la-ia ele, seria pois aquela a quem ele poderia amar, como se ama com amor, sem um monstruoso desejo de destruição? E, nesse momento, por uma singular repercussão da sua perturbação pareceu-lhe que a memória se lhe obscurecia, já não encontrava o assassino em Roubaud. A visão tornava-se vaga, tomava-o uma dúvida a tal ponto, que se teria mortalmente arrependido de ter falado. O senhor Denizet fazia a pergunta:

— O homem tinha a barba toda, assim como o senhor Roubaud?

E ele respondeu de boa fé:

— Em verdade não o posso dizer, foi demasiadamente rápido. Nada sei, nada quero afirmar.

Mas o senhor Denizet obstinava-se, porque desejava acabar com a suspeita sobre o sub-chefe. Acossou este, acossou o maquinista, chegou a obter do primeiro uma informação completa do assassino, alto, forte, sem barba, vestido de blusa em tudo o contrário dos seus próprios sinais; ao passo que ele não tirava já do segundo senão monossílabos evasivos que davam força às afirmações do outro. E o juiz voltava à sua primeira convicção: estava em boa pista, o retrato que a testemunha fazia do assassino achava ser tão exato, que cada nova feição aumentava a certeza. Eram os Roubaud, injustamente suspeitos, quem pelo seu opressivo depoimento, desenhavam a cabeça do criminoso.

— Entrem para ali, disse ele a »s Roubaud fazendo-os passar para o gabinete próximo, depois deles terem assinado os seus interrogatórios. Esperem que os chame.

Imediatamente deu ordem para que lhe trouxessem o preso, e estava tão contente, que levou, com o seu escrivão, o bom humor até dizer:

— Lourenço, temo-lo em nosso poder.

Mas a porta abrira-se, dois *polícias* tinham aparecido, conduzindo um rapaz alto, de vinte e cinco para trinta anos. Retiraram-se a um sinal do juiz, e Cabuche ficou sozinho no meio do gabinete, pasmado, com uma revolta feroz de animal perseguido. Era um valentão, de pescoço grosso, de pulsos enormes, pele muito branca, e barba rala, apenas uma penugem dourada, sedosa. A face maciça a testa baixa definiam o homem de pouco alcance, obedecendo todo à sensação imediata; mas havia como que uma submissão terna na boca larga, e no nariz quadrado de bom cão. Apanhado brutalmente no fundo do seu buraco, muito cedo arrancado à sua floresta, exasperado das acusações que não entendia, ele já tinha com o seu pavor e a sua blusa despedaçada, o ar impressionante do acusado, aquele ar de bandido, sorrateiro, que a prisão dá ao homem mais honesto. Caía a noite, o gabinete estava escuro, e

ele mergulhava na sombra, quando o oficial de diligências trouxe um grande candeeiro, cuja luz viva lhe iluminou o rosto. Então, descoberto, permaneceu imóvel.

Imediatamente, o senhor Denizet fixou sobre ele os seus grandes olhos claros, de pálpebras pesadas. Em silêncio, começava ele o combate mudo, o primeiro ensaio da sua força, antes da guerra de selvagem, guerra de astúcias, de laços, de torturas morais. Aquele homem era o criminoso, tudo se tornava lícito contra ele, só devia confessar o seu crime.

O interrogatório começou vagaroso.

— Sabe de que crime é acusado?

Cabuche, com a voz empastada de cólera impotente grunhiu:

— Não me disseram, mas imagino; já têm falado tanto nisso!

— Conhecia o senhor de Grandmorin?

— Conhecia, conhecia-o até demais.

— Uma moça, Luizinha, sua amante, entrou como arrumadeira para a casa da senhora Bonnehon.

Um sobressalto de raiva arrebatou o canteiro. Na sua cólera via tudo vermelho.

— Com seiscentos diabos! Os que tal dizem não passam de refinados mentirosos. Luizinha nunca foi minha amante.

Com curiosidade, o juiz o viu zangar-se. E dando um desvio ao seu interrogatório:

— O senhor é muito violento, foi condenado a cinco anos de prisão por ter morto um homem, numa questão.

Cabuche baixou a cabeça. Era a sua vergonha, aquela condenação. Murmurou:

— Ele fora o primeiro a bater... Eu só estive preso quatro anos, perdoaram-me um ano.

— Então, continuou Denizet, o senhor pretende que a tal Luizinha não tenha sido sua amante?

De novo ele irritou-se. Depois, em voz baixa, entrecortada:

— Compreenda bem, ela era uma menina, ainda não tinha catorze anos, quando eu voltei da prisão... Então toda a gente fugia de mim, se pudessem me teriam apedrejado. Ela, na floresta, onde eu a encontrava sempre, aproximava-se, conversava, era graciosa, muito graciosa... Tornamo-nos, pois, bons amigos. Passeávamos de mãos dadas. Era tão bom, tão bom naquele tempo!... Está claro que ela ia crescendo e eu pensava nela. Não posso dizer o contrário, eu era como um doido, tanto gostava dela. Ela gostava também muito de mim, e o que o senhor diz acabaria por suceder, quando a separaram de mim, pondo-a em Doinville em casa daquela senhora. Depois, uma noite, ao voltar da pedreira, encontrei-a diante da minha porta, meio doida, tão atormentada, ardendo em febre. Não se atrevia a voltar para casa dos pais, vinha morrer em minha casa... Com um milhão de diabos, o porcalhão! Eu deveria ter ido logo sangrá-lo!

O juiz mordida os lábios finos, espantado do tom singular daquele homem. Decididamente era preciso fazer jogo cerrado, tinha que travar mais forte luta do que a princípio supusera.

— Sim, eu sei a história espantosa que o senhor e essa moça inventaram. Note apenas que a vida do senhor Grandmorin o punha acima das suas acusações.

Perdido, os olhos redondos, as mãos trementes, o canteiro gaguejava.

— O que?! O que é que nós inventamos? Os outros é que mentem, e a nós é que acusam de mentirosos!

— Pois sim, mas não se faça inocente... Eu já interroguei Misard, o homem que casou com a mãe da sua amante. Hei de confrontá-lo com ele, se for necessário. O senhor verá o que ele pensa da sua história... E preste atenção nas suas respostas. Temos testemunhas, sabemos tudo, o melhor seria dizer a verdade.

Era a sua tática ordinária, a intimidação, mesmo quando nada sabia e quando não tinha testemunhas.

— Assim, é capaz de negar que gritou publicamente, por toda a parte, que havia de matar o senhor Grandmorin?

— Ah! Isso disse, sim senhor. Porque sentia uma tal comichão na mão...

Uma surpresa deteve o senhor Denizet, que esperava uma negação completa. Gomo? O acusado confessava as ameaças? Que astúcia oculta ele? Receando ter andado depressa demais, recolheu-se um instante, depois encarou-o, fazendo-lhe esta pergunta brusca:

— Que fez o senhor durante a noite de 14 para 15 de fevereiro?

— Deitei-me ao anoitecer, lá pelas seis horas... Estava adoentado, e o meu primo Luiz prestou-me até o serviço de levar uma carga de pedra a Doinville.

— É verdade, viram o seu primo, com o carro, atravessar a linha, na passagem de nível. Mas o seu primo, interrogado, só uma coisa soube responder, é que o tinha deixado pelo meio-dia, e que não o tornou a ver. Prove-me que já estava deitado às seis horas.

— Ora essa! É tola, eu posso lá provar isso! Moro numa casa isolada, na orla da floresta... Estava lá, já disse, e não há mais prova.

Então o senhor Denizet decidiu-se a dar o grande golpe. A sua face imobilizava-se numa tensão de vontade, ao passo que dizia:

— Eu é que lhe vou dizer o que o senhor fez na noite de 14 de fevereiro... Às três horas tomou, em Barentin, o comboio para Ruão, com um fim que a instrução não pode ainda estabelecer. Devia voltar pelo comboio de Paris que para em Ruão às nove horas e três; e estava no cais, no meio da multidão, quando avistou o senhor Grandmorin no seu carro. Note que eu admito perfeitamente que não houve premeditação, que a idéia do crime só então lhe acudiu... O senhor subiu, graças à confusão, esperou estar sozinho no túnel de Malaunay; mas calculou mal o tempo, porque o comboio saiu do túnel, quando o senhor descarregou o golpe... Atirou o cadáver pela janela, e apeou-se em Barentin, depois de se haver também desembaraçado da manta de viagem... eis o que o senhor fez. Espiava os menores movimentos na face corada de Cabuche, e irritou-se quando este, muito atento a princípio, acabou por dar uma gargalhada.

— Que diz o senhor? Se eu tivesse cometido o crime, confessaria tudo.

Depois, tranqüilamente:

— Não o fiz, mas devia tê-lo feito. Com os diabos! Pesa-me não o haver feito!

E o senhor Denizet não conseguiu arrancar-lhe outra coisa. Debalde recomeçou as suas



perguntas, voltou dez vezes ao mesmo ponto, por táticas diferentes. Não! Sempre não! Não fora ele. Encolhia os ombros, achava aquilo estúpido. Quando o prenderam, haviam-lhe revistado o pardieiro, sem descobrirem nem a arma, nem as dez notas do Banco, nem o relógio; mas tinham encontrado uma calça manchada com algumas gotas de sangue, prova aterradora. De novo pôs-se a rir; mais uma história! Foi um coelho, apanhado pelo pescoço, e cujo sangue lhe espirrara nas calças! E, na sua idéia fixa do crime, era o juiz que perdia o pé, por excesso de finura policial, complicando, indo além da verdade simples. Aquele homem, de inteligência curta, incapaz de lutar com astúcia, de uma força invencível quando dizia não, sempre não, punha-o pouco a pouco fora de si; porque não o admitia senão criminoso, cada nova negativa mais o desesperava, como uma obstinação na selvageria e na mentira. Havia de obrigá-lo a trair-se.

— Então nega?

— Está claro, porque não fui eu... Se fosse eu, até me ensoberbeceria, di-lo-ia.

Num brusco movimento, o senhor Denizet levantou-se, foi ele mesmo abrir a porta do pequeno gabinete ao lado. E, quando chegou Tiago:

— Reconhece este homem?

— Conheço, respondeu o maquinista surpreendido. Via-o dantes em casa dos Misard.

— Não, não, não é isso... [Reconhece-o pelo homem do vagão, pelo assassino?

Súbito, Tiago tornou-se circunspecto. Não o reconhecia. O outro parecera-lhe mais baixo, mais trigueiro. Ia declará-lo, quando teve receio de avançar demais. E permaneceu evasivo.

— Não sei, não posso dizer... Afiânço-lhe que não sei dizer.

O senhor Denizet, sem esperar, chamou por sua vez os Roubaud. E fez-lhes a pergunta:

— Reconhecem este homem?

Cabuche continuou a sorrir. Não se admirou, dirigiu um leve sinal de cabeça a Severina, que conhecera solteira quando morava na Croix-de-Maufras. Mas ela e o marido tiveram um arrepio, venda-o ali. Compreendiam: era o homem preso de que lhes falava Tiago, o acusado que motivara o seu interrogatório. E Roubaud estava estupefato, assustado da semelhança desse rapaz com o assassino que imaginara, de que ele inventara os sinais, o contrário dos seus. Isso era um caso puramente fortuito, e ficou tão perturbado que hesitava em responder.

— Vamos, reconhece-o?

— Meu Deus, senhor juiz, repito-lhe, foi simplesmente uma sensação, um indivíduo que roçou por mim... Decerto este é alto como o outro, e é loiro, e não tem barba...

— Enfim, reconhece?

O sub-chefe, oprimido, estava todo trêmulo, numa surda luta interior. Venceu o instinto da conservação.

— Não posso afirmar. Mas tem semelhança, muita semelhança, lá isso tem.

Desta vez Cabuche começou a praguejar. Aborreciam-no com aquela história. Não era ele e queria ir embora. E, sob a onda de sangue que lhe subia ao cérebro, bateu com os punhos, tornou-se tão terrível, que os policiais, chamados, levaram-no. Mas, a vista daquela

violência, daquele salto da fera atacada que se atira para a frente, o senhor Denizet triunfava, estava feita a convicção, e deixou-o ver.

— Observaram-lhe os olhos? Eu pelos olhos é que os conheço... Aquele tem já a sua conta, pertence-nos!

Os Roubaud, imóveis, entreolharam-se. Então, o que? Estava acabado, estavam salvos, pois que a justiça já estava de posse do criminoso. Ficaram um pouco atordoados, com a consciência dolorosa do papel que os fatos acabavam de os obrigar a desempenhar. Mas inundava-os uma alegria que os arrebatava, e sorriam para Tiago, esperavam, aliviados, tendo sede de ar livre, que o juiz os mandasse embora a todos três, quando o oficial de diligências trouxe uma carta para este último.

Vivamente o senhor Denizet sentou-se outra vez à sua secretária, para a ler com atenção, esquecendo as três testemunhas. Era a carta do ministério, os avisos que ele deveria ter tido a prudência de esperar, antes de levar mais longe a instrução. E o que ele lia devia atenuar-lhe o triunfo, porque o rosto gelava-se-lhe a pouco e pouco e retomava a sua sombria imobilidade. Num dado momento, levantou a cabeça, lançou um olhar oblíquo sobre os Roubaud, como se lhe voltasse a lembrança deles a uma das frases. Estes, perdendo a curta alegria, caindo de novo no seu mal-estar, sentiam-se outra vez apanhados. Porque é que ele tinha olhado para eles? Havia encontrado em Paris as três linhas manuscritas, aquele desastrado bilhete, cujo medo os atormentava? Severina conhecia bem o senhor Camy-Lamotte, por tê-lo visto muitas vezes em casa do presidente, e sabia que ele estava encarregado de pôr em ordem os papéis do morto. Um pesar cruciante torturava Roubaud, o de não se ter lembrado de mandar a Paris sua mulher, que teria feito visitas úteis, que teria ao menos alcançado a proteção do secretário-geral, no caso em que a Companhia, aborrecida de tanto beato, pensasse em destituí-lo. E nem um nem outro tirava os olhos do juiz, sentindo aumentar a inquietação à medida que o viam ensombrar, visivelmente desconcertado por aquela carta, que destruía todo o seu belo trabalho do dia.

Finalmente o senhor Denizet largou a carta, e ficou por um momento absorvido, com os olhos abertos sobre os Roubaud e sobre Tiago. Depois, resignando-se, falando alto para si mesmo:

— Pois bem, ver-se-á, terá de recomeçar isto... Os senhores podem se retirar.

Mas quando os três saíam, não pôde resistir à necessidade de saber, de esclarecer o ponto grave, que destruía o seu novo sistema, bem que lhe recomendassem que nada mais fizesse, sem um entendimento prévio.

— Não, o senhor fique por um momento, tenho ainda uma pergunta a fazer-lhe.

No corredor, os Roubaud pararam. As portas estavam abertas e eles não queriam partir: alguma coisa os retinha, a angústia do que se passava no gabinete do juiz, a impossibilidade física de irem embora, enquanto não soubessem de Tiago a pergunta que o juiz lhe fizera. Voltaram para o lugar onde haviam esperado já horas, e aí deixaram-se entorpecer, silenciosos.

Quando o maquinista reapareceu, Roubaud levantou-se, com custo.

— Nós o esperávamos para voltarmos juntos para a estação... E então?

Mas Tiago desviava a cabeça, embaraçado, como se quisesse evitar os olhos de Severina, fixos sobre ele.

— Já não sabe, hesita, disse ele por fim. Agora perguntou-me ele se não seriam dois a despachar o homem. E, como eu falei, no Havre, de uma massa negra carregando sobre as pernas do vulto, fez-me perguntas a esse respeito... Ele parece acreditar que era apenas a manta. Então, mandou buscar a manta, e foi preciso pronunciar-me. Meu Deus! Sim, era talvez a manta.

Os Roubaud tremiam. Estavam-lhes na pegada; uma palavra daquele rapaz podia perdê-los. Ele sabia com certeza, acabaria por falar. E todos três, indo a mulher entre os dois homens, abandonavam, em silêncio, o Palácio da Justiça, quando o sub-chefe disse, já na rua:

— A propósito, minha mulher vai ser obrigada a ir passar um dia em Paris. Muito grato lhe ficaria se a acompanhasse no caso dela precisar de alguém.

## V

Às onze horas e quinze, à hora precisa, o posto da ponte da Europa deu aviso, com os dois toques de cometa regulamentares, da chegada do expresso do Havre, que desembocava do túnel das Batignolles; e dentro em pouco as plataformas foram sacudidas, o comboio entrou na estação, com um breve apito, rangendo nos freios, fumegando, escorrendo água, encharcado por uma chuva contínua, que não cessava desde Ruão.

Os carregadores não tinham ainda dado a volta aos fechos das portinholas, e já uma delas se abria, saltando Severina vivamente, antes do comboio parar. O vagão em que ela viera ficava na cauda, tendo ela de apressar-se, para chegar à máquina, no meio da onda brusca dos passageiros, que haviam descido dos compartimentos, num embaraço de crianças e de embrulhos.

Tiago estava de pé na plataforma, esperando para entrar no Depósito, ao passo que Pecqueux com um trapo limpava os cobres.

— Então fica entendido, disse ela pondo-se na ponta dos pés. Às três horas estou na Rua Cardinel, e o senhor então far-me-á o obséquio de apresentar-me ao seu chefe, para, eu agradecer a ele.

Era o pretexto imaginado por Roubaud, um agradecimento ao chefe do depósito de Batignolles, em conseqüência de um vago serviço prestado. Deste modo achar-se-ia ele confiado à boa amizade do maquinista, poderia ela apertar mais os laços, atuar sobre ele.

Mas Tiago, negro de carvão, encharcado, exausto de ter lutado contra a chuva e contra o vento, olhava para ela com os seus olhos duros sem responder. Ao partir do Havre não pudera recusar ao marido o que ele pedira; e esta idéia de se achar só com ela, transtornava-o, porque sentia bem que a desejava agora.

— Não é assim? continuou ela sorridente, com o seu olhar doce e acariciador, apesar da surpresa e da pequena repugnância que sentia ao vê-lo tão sujo, e mal se conhecendo. Não é assim? Confio com o senhor...

Como ela se alteasse mais, encostando a mão enluvada sobre o corrimão de ferro, Pecqueux, obsequiosamente, preveniu-a:

— Tome sentido, olhe que vai se sujar!

Então Tiago teve que responder, e o fez num tom ríspido:

— Sim, na Rua Cardinel... A menos que esta maldita chuva acabe por deter-me. Que cão de tempo!

Ela comoveu-se com o estado lamentável em que o viu, e acrescentou, como se ele houvesse sofrido aquilo unicamente por causa dela.

— Oh! Como o senhor está, quando eu me acho tão bem! Sabe que pensava no senhor,

desesperava-me aquele dilúvio. E eu que estava tão contente com a idéia de que me trazia esta manhã e de que me levaria à noite, pelo expresso!

E esta familiaridade gentil e terna, parecia perturbá-lo mais ainda. Pareceu aliviado quando uma voz ordenou: 'Para trás!' Com a mão pronta abriu a válvula do apito, enquanto o fogueiro, com o gesto, desviava Severina.

— Às três horas!

E enquanto a máquina se punha a caminho, Severina deixou o cais; foi a última a sair. Lá fora, na Rua de Amsterdão, quando ia abrir o guarda-chuva, alegrou-se vendo que já não chovia. Desceu até à praça do Havre, pensou um momento, e decidiu-se a ir almoçar imediatamente. Eram onze horas e vinte e cinco; entrou num restaurante, à esquina da Rua de S. Lázaro, onde pediu ovos fritos e uma costeleta. Enquanto ia comendo, lentamente, recaiu nas reflexões que a atormentavam havia semanas, com a face pálida e perturbada, já sem o seu dócil sorriso de sedução.

Fora na véspera, dois dias depois do seu interrogatório em Ruão, que Roubaud, julgando perigoso esperar, resolvera mandá-la fazer uma visita ao senhor Camy-Lamotte, não ao ministério, mas à casa dele, na Rua do Rocher, onde ocupava um palacete, próximo justamente do palacete Grandmorin. Ela sabia que o encontraria em casa à uma hora e porisso não se apressava; estudava o que lhe diria; tratava de prever o que ele lhe responderia, para não se perturbar com coisa alguma. Na véspera, uma nova inquietação ainda apressara a sua viagem: tinham sabido, pelos falatórios da estação, que a senhora Lebleu e Filomena contavam por toda a parte que a Companhia ia despedir Roubaud, que julgavam comprometido; e o pior era que o senhor Dabadie, diretamente interrogado, não dissera que não, o que dava certo valor à notícia. Tornava-se, pois, urgente ir rapidamente a Paris, a advogar a sua causa e sobretudo pedir a proteção da poderosa personagem, como antigamente a do presidente. Mas, sob este pedido, que serviria pelo menos para explicar a visita, havia um motivo mais imperioso, uma necessidade cruciante e insaciável de saber, aquela necessidade que leva o criminoso a entregar-se, de preferência a ignorar. A incerteza matava-os, agora que se sentiam descobertos, depois que Tiago lhes comunicara a suspeita, em que a acusação parecia estar, de um segundo assassino. Exauriam-se em conjunturas, a carta encontrada, os fatos restabelecidos; esperavam de hora para hora mais investigações, a prisão mesmo; e o seu suplício agravava-se de tal forma, os menores fatos em volta deles tomavam ares de tão inquietadora ameaça, que acabavam por preferir a catástrofe a esses continúos sustos. Ter uma certeza, e não sofrer mais.

Severina acabou a sua costeleta, tão absorvida, que despertou quase em sobressalto, admirada do local público em que se encontrava.

Tudo se lhe tornava amargo, tinha dificuldade de engolir, e não teve sequer coragem para tomar o café. Mas, por maior lentidão que ela empregasse no comer, era apenas meio-dia e um quarto quando saiu do restaurante. Ainda três quartos de hora! Ela, que adorava Paris, que tanto gostava de correr as ruas, livremente, nas raras vezes em que lá ia, sentia-se perdida, medrosa, numa impaciência de acabar com tudo, de esconder-se. Os passeios já

estavam quase secos e um vento tépido varria as nuvens. Ela desceu a Rua Tronchet, achou-se no mercado das flores de Madalena, um desses mercados de Março, floridos de prímulas e de azaléas, nos dias pálidos do inverno que acabava. Durante meia hora caminhou em meio dessa primavera prematura, tomada de vagos devaneios, pensando em Tiago como num inimigo a quem devia desarmar. Parecia-lhe que a sua visita à Rua do Rocher estava feita, que tudo ia bem por esse lado, que lhe restava unicamente obter o silêncio daquele rapaz: e era uma empresa complicada em que ela se perdia, com a cabeça trabalhada de planos romanescos. Mas aquilo fazia-se sem fadiga, sem susto, numa doçura embaladora. Depois, bruscamente, viu as horas, no relógio de um quiosque: uma hora e dez. Recaiu duramente na angústia do real, apressou-se em subir para a Rua do Rocher.

O palacete do senhor Camy-Lamotte ficava à esquina desta rua e da Rua de Nápoles; e Severina teve que passar pela frente do palácio Grandmorin, mudo, vazio, com as persianas fechadas. Levantou a vista, apressou o passo. Voltara-lhe a recordação da sua última visita: aquela casa erguia-se terrível. E como, a certa distância, ela se voltasse num movimento instintivo, olhando para trás como uma pessoa perseguida pela alta voz de uma multidão, avistou, no outro passeio, o juiz de instrução de Ruão, o senhor Denizet, que subia também a rua. Ficou assustada. Teria ele reparado quando ela num relance olhou a casa? Mas ele caminhava tranqüilamente; ela deixou que êle passasse adiante e seguiu numa grande perturbação. Mas de novo sentiu bater o coração, quando o viu tocar a campainha da casa do senhor Camy-Lamotte.

Apossara-se dela grande pavor. Jamais se atreveria agora a entrar. Voltou para trás, pela Rua de Edimburgo, desceu até à ponte da Europa e só então se julgou segura. Agora, não sabendo mais aonde ir nem que fazer, atônita, conservou-se imóvel, encostada a uma das balaustradas, vendo por baixo dela, através das armações metálicas, o vasto acampamento da estação onde evoluçionavam continuamente comboios. Ela seguia-os com os olhos assustados, pensava que decerto o juiz estava ali por causa do processo, e que os dois homens conversavam sobre ela, que a sua sorte estava a decidir-se naquele mesmo momento. Então, invadida de desespero, atormentou-a o desejo de, em vez de voltar à Rua do Rocher, atirar-se imediatamente debaixo de um comboio. E, justamente, saía um do alpendre das grandes linhas, que via chegar e que passou por baixo dela, aquecendo-lhe até as faces um tépido turbilhão de vapor branco. Depois, a inutilidade da sua viagem, a angústia terrível que ela levaria consigo, se não tivesse a energia de ir procurar uma certeza, apresentara-se ao seu espírito com tanta força, que ela resolveu pensar uns minutos para recuperar a sua coragem. Máquinas apitavam; seguia uma com a vista e, tendo-se os seus olhos levantado para a esquerda, reconheceu, por cima do pátio das bagagens, lá no alto da casa do beco de Amsterdão, a janela da tia Vitória, aquela janela aonde ela se revia encostada, com o marido, antes da abominável cena que causara a desgraça de ambos. Isto lhe fez ver o perigo da sua situação, num arranco de sofrimento tão agudo, que se sentiu pronta a tudo afrontar, para acabar com aquilo. Ensurdeciam-na os toques de cometa, os ruídos prolongados, ao passo que espessa fumarada barrava o horizonte, esvoaçando sobre o grande céu de Paris. E

ela tomou o caminho da Rua do Rocher, indo para lá como quem ia para o suicídio, precipitando a marcha no receio brusco de não encontrar ninguém lá.

Quando Severina apertou o botão da campainha sentiu recrudescer o seu terror. Mas já um criado a fazia sentar numa ante-câmara, depois de haver tomado o seu nome. E, pelas portas, docemente entreabertas, ela ouviu muito distintamente a conversação viva de duas vozes. O silêncio recaía profundo, absoluto. Já não distinguia senão o bater surdo das fontes, dizia para consigo que o juiz estava ainda em conferência, que iam com certeza fazer esperar algum tempo; e essa espera tornava-se-lhe intolerável. Depois, subitamente, teve uma surpresa: o criado chamara por ela e introduzia-a.

Decerto o juiz não tinha saído. Adivinhava-o oculto por trás de uma porta.

Era um grande gabinete de trabalho, com móveis escuros, guarnecido de espesso tapete, reposteiros pesados, tão severos e tão fechados, que nenhum dos ruídos de fora ali penetrava. Entretanto, havia flores, rosas pálidas, num vaso de bronze. E isto indicava uma graça oculta, um gosto da vida sociável, por trás daquela severidade. O dono da casa estava em pé, corretamente apertado na sua sobrecasaca, severo mas com o rosto afável que as suíças grisalhas alargavam seu tanto, mas de uma elegância de homem que fora bonito, e que ficara esbelto, de uma distinção sorridente, sob a rigidez exigida pela situação oficial. Na meia claridade da sala parecia muito alto.

Severina, ao entrar, ficou oprimida pela tepidez da temperatura, abafada sob as tapeçarias; e viu ó senhor Camy-Lamotte aproximar-se. Não fez um gesto para a convidar a sentar-se, pôs empenho em não falar senão depois que ela explicasse o motivo da visita. Isto prolongou o silêncio; e ela por uma reação violenta, achou-se repentinamente senhora de si mesma no perigo, muito no perigo, muito calma, muito prudente.

— V. Excia., disse ela, há de desculpar-me se eu tive o atrevimento de vir lembrar-me à sua benevolência. V. Excia. sabe a perda irreparável que sofri e o abandono em que, agora, me encontro; ousei portanto pensar em V. Excia. para defender-me, para continuar a dispensar-nos um pouco da proteção do seu amigo, do meu saudoso protetor.

O senhor Camy-Lamotte mandou-a sentar-se, com um gesto, porque aquelas palavras foram enunciadas num tom perfeito, sem exagero de humildade nem de tristeza, com uma arte inata de hipocrisia feminina. Porém ele continuava a nada dizer, e sentara-se, esperando ainda, Ela continuou, vendo que devia precisar:

— Permito-me refrescar-lhe as lembranças, recordar-lhe que tive a honra de ver V. Excia. em Doinville. Foi feliz esse tempo para mim!... Hoje chegaram os dias maus, e só a V. Excia. tenho; imploro-o em nome daquele que perdemos. V. Excia., que foi amigo dele, acabe a sua boa obra, substitua-o junto de mim.

Ele ouvia-a, observava-a, e sentia todas as suspeitas abaladas, de tal modo que ela lhe parecia natural, encantadora no pesar e nas súplicas. O bilhete por ele descoberto no meio dos papéis de Grandmorin, aquelas duas linhas não assinadas parecera-lhe não poderem ser senão dela, de quem não ignorava as complacências para com o presidente: e, ainda há pouco, o simples anúncio da sua visita acabara de o convencer. Interromperam a sua

conversação com o juiz, unicamente para confirmar a sua certeza. Mas como acreditá-la criminosa, vendo-a daquela maneira, tão tranqüila e tão dócil'

Ele quis ter a compreensão nítida do caso. E, ao mesmo tempo que mantinha o ar de severidade:

— Explique-se, minha senhora. Lembro-me perfeitamente; não desejo senão ser-lhe útil, se a isso se não opuser qualquer coisa.

Então, muito nitidamente, Severina contou como seu marido estava ameaçado de destituição. Tinham muita inveja dele per causa do seu conhecimento e da alta proteção que até então o cobrira. Agora, que o julgavam sem defesa, esperavam triunfar, redobravam de esforço. Ela não citava nomes; falava em termos medidos, apesar da iminência do perigo. Para que ela assim se resolvesse a fazer a viagem a Paris, era preciso que estivesse bem convencida da necessidade de operar o mais depressa possível. Talvez no dia seguinte já fosse tarde; era imediatamente que ela reclamava auxílio e socorro. Tudo isto com uma tal abundância de fatos lógicos e de boas razões que parecia em verdade impossível que ela se incomodasse com outro fim.

O senhor Camy-Lamotte estudava até as imperceptíveis pulsações dos lábios dela; e assestou o primeiro golpe.

— Mas porque é que a Companhia havia de despedir seu marido, se nada de grave tem a censurar-lhe?

Ela também não o abandonava com o olhar, espiando-lhe as menores contrações, perguntando a si mesma se ele teria encontrado a carta, e, apesar da inocência da pergunta, foi bruscamente uma convicção nela que a carta estava ali num móvel daquele gabinete: ele sabia, porque lhe estendia um laço, desejando ver se ela se atreveria a falar das verdadeiras razões do receio. Além do que, ele acentuara demasiado o tom e ela sentira-se esquadrihada até à alma, pelos seus olhos pálidos de homem fatigado.

Valentemente, caminhou para o perigo.

— Meu Deus! É monstruoso, mas houve quem suspeitasse de que fomos nós que matamos o nosso benfeitor por causa desse desgraçado testamento. Não foi grande o trabalho que tivemos em demonstrar nossa inocência. Mas, infelizmente, sempre fica alguma coisa dessas acusações abomináveis, e a Companhia receia sem dúvida o escândalo.

Ele ficou de novo surpreendido, desconcertado, por aquela franqueza, sobretudo pela sinceridade da acentuação. Além disso, tendo-a julgado, ao primeiro golpe de vista, de fisionomia medíocre, começava a achá-la extremamente sedutora, com a submissão complacente dos seus olhos azuis, sob a energia negra do cabelo. E pensava no seu amigo Grandmorin, tomado de invejosa admiração: como diabo é que aquele espertalhão, mais velho do que ele dez anos, tivera até à sua morte criaturas semelhantes, quando ele tinha que renunciar já a esses brinquedos, para não perder o resto das forças? Ela era realmente muito encantadora, muito fina, e ele deixava transparecer o sorriso do amador hoje desinteressado, sob o seu grande ar frio de funcionário, tendo a braços um processo tão desagradável.

Mas Severina, numa bravata de mulher que sente a própria força, cometeu a imprudência



de acrescentar:

— Pessoas como nós não matam por dinheiro. Teria sido preciso outro motivo, e esse não havia.

Ele olhou para ela, viu-lhe tremer os cantos da boca. Era ela. Desde então a sua convicção foi absoluta, e ela compreendeu imediatamente que se tinha entregue, pelo modo por que ele deixara de sorrir, e pelo modo por que beliscava nervosamente a barba. Ela experimentou um desfalecimento como se todo o seu ser a abandonasse. Contudo, mantinha o busto ereto na cadeira, ouvia a sua voz continuar a conversar no mesmo tom igual, dizendo só as palavras necessárias. A conversação continuava, mas agora já nada tinham que saber um do outro; e sob quaisquer palavras, nenhum deles falava já, senão de coisas que não dizia. Ele tinha a carta, fora ela quem a escrevera. Isto resultava até dos seus silêncios.

— Minha senhora, replicou ele por fim, eu não me recuso a intervir junto da Companhia, se realmente a senhora for digna de interesse. Espero, justamente esta noite, 10 chefe da exportação, para outro negócio... Unicamente precisaria de algumas notas. Olhe! Escreva-me o nome, a idade, o estado do serviço do seu marido, enfim, tudo quanto possa colocar-me ao corrente da sua situação.

E impeliu para defronte dela uma mesinha, deixando de olhar para ela, para não a assustar. Severina estremeceu: ele queria uma prova da sua letra, a fim de a confrontar com a carta. Por instante procurou desesperadamente um pretexto, resolvida a não escrever. Depois, refletiu: para que? Pois ele sabia-o, em qualquer ocasião poderia alcançar alguma coisa escrita por ela.

Sem perturbação alguma aparente, com o ar mais simples deste mundo, ela escreveu o que ele pediu: ao passo que de pé, por detrás dela, ele reconhecia perfeitamente a letra, mais alta, menos tremida do que a do bilhete. E acabava por achá-la intrépida, aquela delicada mulherzinha; sorria de novo, agora que ela não o podia ver, com o seu sorriso de homem, a que o encanto impressionava ainda, na sua despreocupação experimentada de todas as coisas. No fundo, de nada valia a fadiga de ser justo. Velava unicamente pelo decoro do regime que servia.

— Está bem, minha senhora, dê-me isso, informar-me-ei e precederei pelo melhor.

— Fico-lhe muito reconhecida. Então alcança-me a manutenção de meu marido, posso considerar o negócio resolvido?

— Ah! Não posso ainda comprometer-me... É preciso ver, refletir.

Efetivamente, ele estava hesitante, não sabia que partido tomar a respeito do casal. E ela só tinha uma angústia, desde que se sentia à sua mercê: aquela hesitação, a alternativa de ser salva ou perdida por ele, sem poder adivinhar as razões que o decidiriam.

— Oh! Senhor, pense no meu tormento. Não me deixe partir, antes de haver-me dado certeza..

— Meu Deus! Sim, minha senhora, eu nada posso. Espere.

E impelia-a para a porta. Ela ia sair, desesperada, transtornada, a ponto de tudo confessar em voz alta, numa necessidade imediata de o obrigar a dizer nitidamente o que

contava fazer deles. Para demorar-se mais um minuto ainda, esperando encontrar um pretexto, exclamou:

— Já me esquecia, desejava pedir-lhe um conselho, a propósito daquele desgraçado testamento... Parece-lhe que devíamos recusar o legado?

— A lei é a seu favor, respondeu ele prudentemente. É um caso de apreciação e de circunstância.

Ela estava no limiar, mas tentou um último esforço.

— Senhor, suplico-lhe, não me deixe partir assim, diga-me se devo esperar.

Num gesto de abandono, ela pegara-lhe na mão. Ele desprendeuse. Mas ela olhava-o com os seus lindos olhos, tão ardentes de súplica, que se sentiu perturbado.

— Pois bem! Volte às cinco horas. Talvez tenha alguma coisa para dizer-lhe.

Ela saiu, deixou o palácio, mais angustiada ainda agora. A situação precisara-se, e a sua sorte estava suspensa, sob a ameaça de uma prisão talvez imediata. Como viver até às cinco horas? O pensamento de Tiago, a quem esquecera, despertou nela repentinamente: mais um que podia perdê-la, se a prendessem. Apesar de serem apenas duas horas e meia, deu-se pressa em subir a Rua do Rocher, para ir para a Rua Cardinet.

O senhor Camy-Lamotte, que ficara só, detivera-se diante da sua secretária. Familiar das Tulherias, onde o seu cargo de secretário-geral do Ministério da Justiça, o chamava quase todos os dias, tão poderoso como o ministro, empregado mesmo em casos mais íntimos, sabia que aquele processo Grandmorin o irritava e inquietava em alto grau. Os jornais da oposição continuavam a fazer uma campanha ruidosa, uns acusando a polícia de estar de tal modo ocupada com a vigilância política que já não tinha tempo para prender os assassinos; outros esquadrinhando a vida do presidente, dando a entender que ele era da corte, onde reinava a maior devassidão; esta campanha tornava-se verdadeiramente desastrosa, à medida que se aproximavam as eleições. Assim, haviam exprimido ao secretário-geral o desejo de acabar com aquilo mais depressa, fosse como fosse. Tendo o ministro o encarregado desse delicado negócio, encontrou-se como único senhor da decisão a tomar, sob a sua responsabilidade, verdade seja: o que merecia exame, porque não tinha dúvidas sobre que seria ele quem pagaria por todos, se se mostrasse inábil.

Sempre preocupado, o senhor Camy-Lamotte abriu a porta do aposento próximo, onde o senhor Denizet o esperava. E este, que tudo ouvira, exclamou, quando entrava:

— É o que eu lhe dizia: não há razão para suspeitar desta gente... Aquela mulher não pensa evidentemente senão em salvar o marido de uma exoneração possível. Não teve uma palavra suspeita.

O secretário-geral não respondeu logo. Absorvido, com os olhos no juiz, cuja face pesada, de lábios delgados, o impressionava, pensava agora naquela magistratura, que ele tinha na mão como chefe oculto do pessoal, e espantava-se de que ela fosse ainda tão digna na sua pobreza, tão inteligente no seu entorpecimento profissional. Mas este, realmente, por mais fino que se imaginasse, com os olhos velados de espessa pálpebra, tinha a paixão tenaz, quando supunha estar senhor da verdade.

— Então, continuou o senhor Camy-Lamotte, o senhor persiste em ver em Cabuche o criminoso?

O senhor Denizet espantou-se:

— Decerto!... Tudo o compromete. Já lhe enumerei as provas, que são, atrevo-me a dizer, clássicas, porque não falha uma... Eu bem procurei como o senhor Camy-Lamotte me dava a perceber. Isso parecia concordar com o depoimento de um maquinista, um homem que entreviu a cena do assassinio; mas habilmente interrogado por mim, esse homem não persistiu na sua primeira declaração, reconheceu a manta de viagem, como sendo a massa negra de que falara. Sim, Cabuche é com certeza o criminoso; tanto mais que, se o não culparmos, não temos ninguém.

Até então, o secretário-geral esperara, para dar-lhe conhecimento da prova escrita que possuía; e, agora, que estava feita a

sua convicção, menos ainda se apressava em estabelecer a verdade. Para que servia arruinar a falsa pista da instrução, se a verdadeira podia conduzir a embaraços ainda maiores? Tudo isto precisava de ser demoradamente examinado.

— Meu Deus! replicou ele com o seu sorriso de homem fatigado, eu quero bem admitir que o senhor esteja na verdade... Unicamente mandei-o vir para estudar com o senhor certos pontos graves. Este processo é excepcional, e até se tornou político: compreende, não é assim? Vamos, pois, achar-nos talvez obrigados a proceder como homens de governo... Vejamos; com toda a franqueza, segundo os seus interrogatórios, aquela moça, ia amante desse Cabuche, foi violentada, não?

O juiz fez uma careta de homem fino, apertando os olhos —i Diabo! Eu creio que o presidente a pusera em mísero estado, e do processo resultará decerto essa circunstância... Acrescentemos que, se a defesa for confiada a um advogado da oposição, é de esperar um estendal de histórias escandalosas, porque não faltam histórias dessas, lá para as nossas terras.

Aquele Denizet não era tão estúpido, quando não obedecia à rotina da profissão, entronizando-se no absoluto da sua perspicácia e da sua onipotência. Compreendera porque o mandavam chamar, não ao Ministério da Justiça, mas ao domicílio do secretário-geral.

— Enfim, concluiu ele, vendo que este último não pestanejava, teremos, um processo bem indecente.

O senhor Camy-Lamotte meneou a cabeça. Calculava os resultados de outro processo, o dos Roubaud. Com toda a certeza se o marido fosse para o tribunal, diria tudo, a sua mulher prostituída também quando mocinha e, em seguida, o adultério, e a raiva do ciúme que devia tê-lo impelido ao assassinio; sem contar que não se tratava já de uma criada ou de um indivíduo já uma vez condenado, e que aquele empregado casado com essa linda mulher ia pôr em alvoroço todo um recanto da burguesia e da gente da estrada de ferro.

Depois sabia-se lá em que terreno se caminhava, com um homem como fora o presidente? Talvez até se caísse em abominações imprevistas. Não, decididamente, o processo dos Roubaud, dos verdadeiros criminosos, era mais indecente ainda. Era coisa

resolvida, punha-se absolutamente de parte. A conservar alguém preso indicar-se-ia que se mantivesse o processo do inocente Cabuche.

— Rendo-me ao seu sistema, disse ele por fim ao senhor Denizet. Há efetivamente fortes presunções contra o canteiro, se ele tinha que exercer uma vingança legítima. Mas como tudo isto é triste, meu Deus! E quanta lama será preciso remover!... Eu bem sei que a justiça deve permanecer indiferente às conseqüências, e que, pairando acima dos interesses...

Não concluiu, terminou com o gesto, enquanto o juiz, silencioso também, esperava com ar sombrio, as ordens que sentia vir. Desde que aceitavam a sua verdade, aquela criação da sua inteligência, estava pronto a fazer às necessidades governamentais o sacrifício da idéia de justiça. Mas o secretário, apesar da sua habitual finura nesta espécie de transações, apressou-se um pouco, falou depressa de mais, como senhor obedecido.

— Enfim, deseja-se o reconhecimento de que não há razão bastante para proceder judicialmente... Arranje as coisas para que o processo seja arquivado.

— Perdão, senhor Camy-Lamotte, declarou Denizet, eu já não sou senhor do processo; depende da minha consciência.

E logo o senhor Camy-Lamotte sorriu, tornando-se correto, com aquele ar despreocupado e cortês que parecia zombar de todos.

— Sem dúvida. Por isso é à sua consciência que me dirijo. Tome a decisão que ela ditar, certo de que pesará equitativamente o pró e o contra, tendo em vista o triunfo das sãs doutrinas e da moral pública... O senhor sabe, melhor do que eu que é, às vezes, heróico aceitar um mal, se não quisermos cair num mal pior. Enfim, no senhor, não se apela senão para o bom cidadão, para o homem honesto. Ninguém pensa em pesar sobre a sua independência, e por isso repito que é o senhor absoluto do processo como a lei manda.

Cioso daquele poder ilimitado, sobretudo quando estava prestes a usar mal dele, o juiz acolhia cada uma destas frases com um inclinar de cabeça satisfeito.

— Além de que, continuou o outro com um redobramento de bom humor, cujo exagero o tornava irônico, nós sabemos a quem nos dirigimos. Há muito tempo que acompanhamos os seus esforços, e tomo a liberdade de dizer-lhe que o levaríamos para Paris, se houvesse uma vaga.

O senhor Denizet teve um movimento. Que! Se ele prestasse seu serviço iam realizar a sua grande ambição, o seu sonho de um lugar em Paris? Mas já o senhor Camy-Lamotte acrescentava, compreendendo:

— O seu lugar já está determinado, é questão de tempo... Apenas, pois, que comecei a ser indiscreto, sinto-me feliz por poder anunciar-lhe que o seu nome está apontado para a cruz da legião no dia 15 de agosto próximo.

Por um instante, o juiz consultou-se. Teria preferido a promoção, porque calculava que ela lhe traria o aumento de cerca de cento e sessenta e seis francos por mês e, na miséria decente em que ele vivia, era um maior bem-estar, o guarda-roupa renovado, a sua boa Melanie mais bem tratada, menos rabugenta. Mas a cruz, todavia, não era para desprezar. Depois, tinha uma promessa. E ele, que não se teria vendido, alimentado na tradição daquela

magistratura honrada e medíocre, cedia imediatamente a uma simples esperança, ao compromisso vago que a administração tomava de favorecê-lo. A função judiciária não era mais do que um ofício como outro qualquer, e ele arrastava a bala da promoção como solicitador esfomeado, sempre pronto a vergar sob as ordens do poder.

— Fico muito sensibilizado, murmurou ele.

Tinha-se levantado, sentindo que, agora, tudo quanto um ou outro pudessem acrescentar, os vexaria.

— Então, concluiu ele, com os olhos apagados, a face morta, vou acabar o meu inquérito, tendo em conta os seus escrúpulos. Naturalmente provados contra Cabuche, é melhor não levantar o escândalo inútil de um processo. Solta-lo-emos e continuaremos a vigiá-lo.

— Senhor Denizet, confiamos plenamente no seu grande tato e na sua honestidade.

Quando se achou só, o senhor Camy-Lamotte teve a curiosidade, agora inútil de comparar a página escrita por Severina com o bilhete sem assinatura descoberto nos papéis do presidente Grandmorin. A semelhança era completa. Dobrou, novamente, a carta, fechou-a cuidadosamente, por que, se' não dissera palavra a respeito ao juiz de instrução, sabia que semelhante arma era digna de guardar. E, como em frente dele se evocasse o perfil daquela mulherzinha, tão frágil e tão forte, na sua resistência nervosa, teve um encolher de ombros indulgente e zombeteiro. Ah! Essas criaturas, quando querem!

Severina, às três horas menos vinte, chegara adiantada à Rua Cardinel, à entrevista que aprasara a Tiago.

Ele habitava aí, no alto de uma grande casa, num pequeno quarto, para onde só ia à noite, para se deitar; e duas vezes por semana dormia fora de lá: eram as duas noites que passava no Havre, entre o expresso da noite e o da manhã.

Naquele dia contudo, encharcado, quebrado de canseira, entrara para estirar-se em cima da cama. De modo que Severina teria talvez esperado, por ele em vão, se não o tivesse acordado o barulho da casa de um vizinho, um marido batendo na mulher, a qual berrava tremendamente. Tinha-se lavado e vestido de mau humor, e, chegando à janela da mansarda, reconhecera-a lá, no passeio.

— Finalmente, chegou! exclamou ela quando o viu desembocar à porta da rua. Reccei ter compreendido mal... O senhor tinha-me dito à esquina da Rua Saussure...

E, sem esperar resposta, erguendo os olhos para a casa:

— É então aqui que mora?

Ele tinha, sem nada dizer, fixado assim o ponto de reunião defronte da porta da casa, porque o depósito, onde eles deviam ir juntos, ficava quase em frente. Mas a pergunta dela incomodou-o, chegou a imaginar que ela queria levar a boa camaradagem até pedir-lhe que fosse mostrar o seu quarto. Este estava tão mal mobiliado e tão em desordem, que ele até se acanhava.

— Oh! Eu não moro, empoleiro-me ali, respondeu ele. Aviamo-nos, porque receio que o chefe tenha já saído.

Efetivamente quando eles se apresentaram na pequena casa que este último ocupava por

detrás do depósito, no recinto da estação, não o encontraram; e inutilmente andaram de alpendre em alpendre; em toda parte lhes disseram que voltassem às quatro e meia, se queriam encontrar o chefe nas oficinas de reparação.

— Está bem, voltaremos, declarou Severina.

Depois, quando se encontrou novamente fora, sozinha em companhia de Tiago:

— Se o senhor está livre, não se incomoda de que eu lhe faça companhia enquanto espero?

Ele não podia recusar; principalmente porque, mau grado a irritação que lhe causava, ela exercia sobre ele um encanto sempre crescente e tão forte, que a grosseria voluntária em que prometera encerrar-se, desaparecia sob os olhares meigos de Severina. Com o seu resto comprido, terno e medroso, ela devia amar como um cão fiel, no qual nem sequer se tem a coragem de bater.

— Decerto que não a abandono, respondeu ele em tom menos brusco. O que há é que temos de perder pelo menos uma hora. Quer entrar num café?

Ela sorria-lhe, satisfeita de o sentir enfim cordial. Vivamente, exclamou:

— Oh! Não, não quero ficar sem ar! Prefiro caminhar pelo seu braço nas ruas, por onde quiser.

Ela sorria-lhe, satisfeita de o sentir enfim cordial. Vivamente, que ele já não estava sujo da viagem, achava-o distinto, com a sua apresentação de empregado desafogado, o seu ar burguês, e a que dava realce uma espécie de altivez, o hábito do ar livre e do perigo afrontado todos os dias. Nunca ela tinha notado tanto que ele era um rapaz bonito, de rosto redondo e regular, de bigodes muito escuros sobre a pele branca; e apenas os olhos, olhos fugidios, semeados de pontos de ouro, que se desviavam dela, continuavam a mantê-la em desconfiança. Se ele evitava olhar para ela de frente, seria porque não queria comprometer-se, ficar senhor de proceder à sua vontade, mesmo contra ela? Na incerteza em que ela ainda estava, tomada novamente de sobressalto, todas as vezes em que ela pensava naquele gabinete da Rua do Rocher, em que a sua vida se decidia, só teve um desejo: sentir dela, todo dela, o homem que lhe dava o braço, obter que, quando ela levantasse a cabeça, ele demorasse os olhos nos seus, profundamente. Então, ele pertencer-lhe-ia. Não o amava ainda, nem pensava sequer nisso. Simplesmente esforçava-se por fazer dele uma coisa sua, para não reacear mais dele.

Durante minutos, caminharam sem falar, na onda contínua dos transeuntes, que (enchia aquele bairro populoso. Por vezes foram obrigados a descer do passeio; e atravessaram a calçada, no meio dos carros. Depois, acharam-se diante do *square* das Batignolles, quase deserta naquela época do ano. O céu lavado pelo aguaceiro da manhã, era de um azul muito doce; e, sob o tépido sol de março, os lilases rebentavam.

— Entramos? perguntou Severina. Esta gentarada me atordoia. Ele próprio, Tiago, desejava um ponto mais retirado, inconsciente da necessidade de a ter mais junto dele, longe da multidão.

— Aqui ou noutro lado. Entremos.

Lentamente continuaram a andar ao longo dos tabuleiros da relva, entre as árvores sem folhas. Algumas mulheres passeavam criancinhas, e transeuntes atravessavam o jardim para cortarem caminho, apressando o passo. Transpuseram o ribeiro, subiram por entre os rochedos; depois, voltaram para trás, despreocupados, quando passaram por entre moitas de pinheiros cuja folhagem persistente luzia ao sol, num verde sombrio. E, como ali houvesse um banco, naquele recanto solitário, oculto aos olhares, sentaram-se, sem mesmo se consultarem desta vez como levados para ali por combinação.

— Está bonito o dia hoje, apesar de ter chovido, disse ela depois de um silêncio.

— Está, respondeu ele, o sol reapareceu.

Mas o pensamento de qualquer deles não estava ali. Ele, que fugia das mulheres, acabava de pensar nos acontecimentos que o haviam aproximado dela. Estava ali, tocava-o, ameaçava invadir-lhe a existência, e sentia com isso uma contínua surpresa. Depois do último interrogatório em Ruão, ele já não duvidava, aquela mulher era cúmplice do assassinio de Croix-de-Maufras. Como? Em consequência de que circunstâncias? Impelida por que paixão ou por que interesse? Tinha feito a si mesmo estas perguntas, sem poder respondê-las. Contudo, acabara por arranjar uma história; o marido interesseiro, violento, tendo pressa de entrar na posse do legado; talvez o medo de que o testamento fosse alterado em sua desvantagem; talvez o cálculo de prender a si a mulher por um laço sangrento. E mantinha-se nesta história, cujos recantos obscuros o atraíam e interessavam, sem poder esclarecê-los. A idéia de que o seu dever era dizer tudo à justiça, havia-o também atormentado. Era mesmo essa idéia que o preocupava, desde que se encontrava sentado naquele banco, junto de Severina, tão perto que sentia contra o seu quadril o calor do dela.

— Em março, continuou ele, é para admirar poder-se estar fora de casa, como no verão.

— Oh! disse ela, desde que há sol, está agradável.

E, pela sua parte, refletia que era realmente preciso que aquele rapaz fosse muito estúpido para não ter adivinhado que os criminosos eram eles. Ela continuava a chegar-se muito para ele. Porisso, no silêncio cortado de palavras vazias, ela seguia as reflexões que ele fazia. Como os seus olhares se encontrassem, Severina acabava de ler, que Tiago estava perguntando a si mesmo se não fora ela quem ele vira, carregando com todo o seu peso sobre as pernas da vítima, como uma massa escura. Que fazer, que dizer para o ligar com um laço indestrutível?

— Esta manhã, acrescentou ela, estava muito frio no Havre.

— Sem contar, disse ele, toda a água que apanhamos. E, naquele momento, Severina teve uma brusca inspiração. Não raciocinou, não discutiu: aquilo acudiu-lhe, como um impulso instintivo das profundezas obscuras da sua inteligência e do seu coração; porque, se houvesse discutido, nada teria dito. Mas ela sentia que estava assim muito bem, e que falando, o conquistava. Docemente, tomou-lhe as mãos e olhou para ele. As moitas de árvores verdes ocultavam-nos aos transeuntes das ruas próximas; não ouviam senão um longínquo rodar de carros, ensurdecido naquela solidão coberta de sol, ao passo que, no desvio da alameda, só havia uma criança entretendo-se silenciosamente a encher de areia um

pequeno balde, com uma pá. E, sem transição, de toda a sua alma, a meia voz:

— Julga-me criminosa?

Ele estremeceu ligeiramente *é*, deteve os seus olhos nos dela.

— Julgo, respondeu ele na mesma voz baixa e comovida. Então ela estreitou-lhe a mão, que conservara na sua, mais apertadamente; e não continuou logo, sentia confundir-se a febre de ambos.

— Engana-se; eu não sou criminosa.

E dizia isto, não para o convencer, a ele, mas unicamente para o advertir de que devia estar inocente aos olhos dos outros. Era a confissão da mulher que diz não, no desejo que seja não, sempre e seja em que circunstâncias for.

— Eu não sou criminosa... E o senhor não me há de dar o tristeza de crer que eu o seja.

E sentia-se muito feliz ao ver que ele pousava os olhos nos dela, profundamente. Sem dúvida, o que ela acabara de fazer fora a dádiva da sua pessoa; porque ela entregava-se, e mais tarde, se ele a reclamasse, não poderia recusar-se. Mas, entre eles, estava atado indissolúvelmente o laço: Severina desafiava-o a falar agora; ele pertencia-lhe como ela pertencia a ele. A confissão unira-os.

— Nunca mais me causará desgosto, promete?

— Pois sim, prometo, respondeu ele sorrindo.

Para que a obrigaria ele a falar brutalmente daquela coisa horrível? Mais tarde ela lhe contaria tudo, se sentisse necessidade de o fazer. Esta maneira de tranquilizar-se, sensibilizava-o muito, como uma prova de infinita ternura. Era tão confiante, tão frágil, com os seus meigos olhos de pervinca! Aparecia-lhe tão mulher, toda dada ao homem, sempre pronta a suportá-lo, para ser feliz! E sobretudo, o que o encantava, enquanto as suas mãos permaneciam juntas e os seus olhares não se abandonavam, era não encontrar em si o mal-estar, aquele horrível mal-estar que o agitava junto de uma mulher, à idéia da posse. Não poderia tocar na carne das outras, sem experimentar o desejo de mordê-las, numa abominável fome de assassinio. Poderia ele, pois, amar aquela sem matá-la?

— A senhora bem sabe que sou seu amigo, e que nada tem a recear de mim, murmurou-lhe ao ouvido. Eu não quero conhecer os seus negócios como lhe aprouver... Entende? Disponha inteiramente da minha pessoa.

Ele aproximara-se tanto do rosto de Severina, que lhe sentia o hálito quente aflorar os bigodes. De manhã, ainda teria estremecido, sob o medo selvagem de uma crise. O que é que sucedia, para que lhe ficasse apenas um ligeiro frêmito, com a lassidão feliz das convalescenças? Aquela idéia de que ela matara, transformada em certeza, mostrava-a diferente, engrandecida, única. Talvez até que ela não tivesse só ajudado, mas também executado. E, desde então, ela pareceu-lhe sagrada, fora de todo o raciocínio, na inconsciência do desejo pavoroso que ela lhe inspirava.

Ambos agora conversavam alegremente, como um casal que se encontra, e em que o amor começa.

— Deveria dar-me a outra mão, para eu aquecê-las.



— Oh! Não, aqui não. Daria na vista.

— De quem? Pois se estamos sós... E, depois, não haveria grande mal. Filhos não se fazem assim...

— Calculo que não.

Ela ria francamente, na alegria de estar salva. Não amava, àquele rapaz; supunha ter a certeza disso; e se ela se prometera, pensava já no medo de não se dar. Ele tinha o aspecto de ser muito complacente, não a atormentaria, e tudo se havia de arranjar muito bem.

— Fica entendido, somos camaradas, sem que os outros, nem mesmo meu marido, tenha nada que ver conosco... Agora, deixe-me a mão e não olhe mais assim para mim, pois vai estragar a vista.

Ele, porém, continuava a ter entre os seus os delicados dedos dela. Muito baixinho, balbuciou:

— Bem sabe que a amo.

Ela, vivamente, desprendeuse, num ligeiro estremecimento. E de pé, diante do banco onde ele ficara sentado:

— Mas que loucura! Tenha juízo! Vem gente!

Efetivamente aproximava-se uma ama com uma criança adormecida nos braços. Depois passou uma jovem, apressada. O sol baixava, afogava-se no horizonte no meio de vapores violáceos, e os seus raios iam desaparecendo da relva, morrendo em poeira de ouro, na ponta verde dos pinheiros. Houve como que uma parada súbita no rodar contínuo das carruagens. Ouviram-se cinco badaladas num relógio próximo.

— Oh! Meu Deus! exclamou Severina. Cinco horas e tenho uma entrevista na Rua do Rocher!

Sua alegria desapareceu; voltava a ter a angústia do desconhecido que a esperava, na casa de Camy-Lamotte, recordando-se de que ainda não estava salva. Empalideceu e ficou com os lábios trêmulos.

— Mas o chefe do armazém, a quem queria falar? disse Tiago que se levantara do banco para lhe dar o braço.

— Procura-lo-ei de outra vez... Ouça, meu amigo, deixe-me ir depressa onde tenho de ir. E obrigada ainda, obrigada de todo o meu coração.

Apertava-lhe as mãos, apressava-se.

— Até logo, no trem.

— Sim, até logo.

Já ela se afastava num passo rápido e desaparecia entre os muros do largo; e ele, lentamente, se dirigia para a rua Cardinet.

O senhor Camy-Lamotte, acabava de ter, em sua casa, uma conferência com o chefe da exploração da Companhia do Oeste. Mandado chamar sob pretexto de outro negócio, este acabara de confessar quanto aquele processo Grandmorin aborrecia a Companhia. Havia, em primeiro lugar, as queixas dos jornais acerca da pouca segurança para os passageiros dos carros de primeira classe. Depois, todo o pessoal se encontrava envolvido na aventura,

alguns empregados eram considerados suspeitos, sem contar aquele Roubaud, o mais comprometido, que podia ser preso de um momento para o outro. Finalmente, os boatos do costume, depravados, que corriam à conta do presidente, membro do Conselho de administração, pareciam refletir sobre todo o Conselho. *T.* era assim que o presumido crime de um reles sub-chefe de estação, qualquer caso duvidoso, baixo e indecente, subia através das complicadas engrenagens, abalava aquela máquina enorme de uma exploração de via férrea, e ia até atrapalhar a própria administração superior. O abalo subia mesmo mais alto, alcançava o ministério, ameaçava o Estado, no mal-estar político da ocasião: hora crítica, grande corpo social, cuja decomposição a menor febre apressava.

Por isso, quando o senhor Camy-Lamotte soube pelo seu interlocutor que a Companhia, nessa manhã, resolvera despedir Roubaud, levantou-se vivamente contra tal medida. Não! Não podia haver nada mais inábil! Isso redobraria o barulho na imprensa, se ela se lembrasse de fazer passar o sub-chefe por vítima política. Tudo estalaria, de alto a baixo, e Deus sabe a que desagradáveis descobertas se chegaria, por uns e por outros. O escândalo durava já havia muito. Era preciso pôr-lhe ponto. E o chefe da exploração, convencido, comprometera-se a manter Roubaud, e nem sequer o remover do Havre. Ver-se-ia claramente que não havia gente pouco honesta em tudo aquilo. Estava concluído; o processo seria arquivado.

Quando Severina, com o coração aos pulos, se encontrou no severo gabinete da Rua do Rocher, em presença do senhor Camy-Lamotte, este contemplou-a um instante em silêncio, interessado pelo extraordinário esforço que ela fazia para parecer sossegada. Decididamente era-lhe simpática, aquela criminosa delicada, de olhos de pervinca.

— Então! Minha senhora...

E deteve-se, para gozar da sua aflição. Mas ela tinha um olhai tão profundo, sentiu-a tão arremessada para ele, numa tal necessidade de saber, que teve dó.

— Pois bem! Minha senhora, vi o chefe da exploração, obtive que seu marido não fosse despedido. Está o negócio arrumado.

Então ela desfaleceu, sob a onda de alegria demasiado viva que a inundou. Os olhos inundaram-se de lágrimas, e nada dizia, sorria.

Ele repetiu, insistindo na frase para lhe dar toda a significação:

— O negócio está arrumado. Pode voltar tranqüila para o Havre.

Ela compreendia bem: queria ele dizer que não os prenderiam, que os perdoavam. Não era unicamente o emprego mantido, era o terrível drama esquecido, enterrado. De um movimento de carícia instintiva, como um lindo animal doméstico que agradece e lisonjeia, inclinou-se para as mãos dele, beijou-as, conservando-as apoiadas contra as faces. E, desta vez, o senhor Camy-Lamotte não as retirou; também muito comovido pelo terno encanto dessa gratidão.

— Unicamente, continuou ele, parecendo severo, lembre-se e porte-se bem.

— Oh! Senhor.

Mas ele desejava conservá-los à sua mercê, à mulher e ao marido. Aludiu à carta:

— Recorde-se de que o processo fica ali, e que à menor falta, tudo pode ser recommçado... Sobretudo, recomende a seu marido que nunca se ocupe de política. Nesse capítulo, seríamos implacáveis. Eu sei que ele já se comprometeu, falaram-se numa questão desagradável com o sub-prefeito; enfim, ele passa por republicano. É detestável. Não lhe parece? Que seja prudente, ou nós o suprimiremos sem apelo.

Ela estava de pé, com pressa agora de encontrar-se fora daquela casa, para dar expansão à alegria que a sufocava.

— Senhor, obedecer-lhe-emos, seremos o que lhe aprouver... Seja quando e onde for, bastará ordenar; eu pertença-lhe.

Ele começara a sorrir, com o seu ar cansado, e a pontinha de desdém do homem que por longo tempo estivera em contacto com o nada de todas as coisas.

— Eu não abusarei, minha senhora, já não abuso.

E ele próprio abriu a porta do gabinete. No patamar ela voltou-se duas vezes, com o seu rosto radiante, manifestando ainda agradecimento.

Na Rua do Rocher, Severina caminhou doidamente. Reparou que subia a rua sem saber para que, e tornou-a a descer, atravessando a calçada sem ser preciso. Era uma necessidade de movimento, de gestos, de exclamações. Ela compreendia porque perdoavam, e surpreendeu-se a dizer:

— Ora! Eles têm medo, não há perigo que remexam nessas coisas, fui bem estúpida em torturar-me. É evidente! Ah! que sorte! Salva, desta vez!... Não importa, vou assustar meu marido, a fim de que ele se mantenha quieto... Salva! Salva, que sorte!

Quando ela desembocava na Rua Saint-Lazare, viu num relógio de uma loja que eram seis horas menos vinte.

— Ora! Vou regalar-me com um bom jantar, tenho tempo... Em frente da estação, escolheu o restaurante mais luxuoso; e, instalada sozinha a uma pequena mesa muito branca encostada ao vidro da vitrina, muito entretida com o movimento da rua, encomendou um jantar fino; ostras, filés de linguado, uma asa de frango assado. Era para se desferrar do mau almoço que tivera. Devorou, achou delicioso o pão de aveia, e mandou ainda fazer uma gulodice, sonhos fofos. Depois, bebeu café e apressou-se porque já poucos minutos tinha para tomar o expresso.

Tiago, ao separar-se dela, depois de ter ido à casa para pôr novamente o seu traje de trabalho, dirigira-se imediatamente para o depósito, onde não chegava comumente senão meia hora antes da partida da sua máquina. Tinha acabado por descansar em Pecqueux, dos cuidados da visita, embora o fogueiro quase sempre estivesse embriagado. Mas, naquele dia, na terna emoção em que se encontrava, acabava de invadi-lo um escrúpulo inconsciente, e queria assegurar-se pelos seus próprios olhos do bom funcionamento de todas as peças; tanto mais que de manhã, ao vir do Havre, julgou ter notado uma despesa de força maior para um trabalho menor.

No vasto telheiro fechado, negro de carvão, e que altas janelas cobertas de pó iluminavam, entre as outras máquinas em descanso, a de Tiago estava já à frente de uma

linha destinada a partir em primeiro lugar.

Um fogueiro do depósito carregara a fornalha; pedaços de carvão ardente caíam embaixo, na fossa, para espevitar. Era uma daquelas máquinas, de expresso, de dois eixos emparelhados, de uma elegância fina e gigante, com as suas grandes rodas ligeiras reunidas por braços de aço, o seu peito largo, os rins alargados e potentes, toda aquela lógica e toda aquela certeza, que constituem a beleza soberana dos seres de metal, a precisão na força. Assim como as outras máquinas da Companhia de Oeste, além do número que a designada, ela tinha o nome de uma estação, o de Lison, estação do Contentin. Mas Tiago, por ternura tinha-a transformado num nome de mulher, a Lison, como ele dizia com meiguice acariciadora.

Amava muito a sua máquina, desde que a pilotava, há quatro anos. Havia guiado outras, dóceis e resistentes, corajosas e preguiçosas; não ignorava que cada uma tinha a sua índole, que muitas não valiam grande coisa, como se dizia das mulheres de carne e osso; de modo que, se ele amava aquela é porque tinha qualidades raras de mulher animosa. Boa, dócil, obediente, fácil de arrancar, de marcha regular e contínua, mercê da sua boa vaporização. Explicava-se que se ela arrancava com tanta facilidade, provinha isso do excelente chapeado das rodas e principalmente do perfeito regulamento das caixas dos êmbolos; assim como, se ela vaporizava muito com pouco combustível isso era devido à qualidade do cobre dos tubos e da feliz disposição da caldeira. Mas ele sabia que havia outra coisa, porque outras máquinas, identicamente construídas, montadas com o mesmo cuidado, não apresentavam nenhuma das suas qualidades. Havia a alma, o mistério da fabricação, aquele alguma coisa que o acaso da martelagem acrescenta ao matai, que o toque do operário montador dá às peças; a personalidade da máquina, a vida.

Amava-a, pois, como macho reconhecido, à Lison, que partia e parava rapidamente, assim como uma égua vigorosa e dócil; amava-a porque, fora o ordenado fixo, ela lhe ganhava dinheiro, mercê dos emolumentos de fogueiro. Vaporizava tão bem que fazia grandes economias de carvão. E só tinha uma censura a dirigir-lhe, a excessiva necessidade de ser untada; os cilindros, sobretudo, devoravam quantidades desarrazoadas de óleo, uma fome contínua, verdadeiro deboche. Em vão, tentara moderá-la. Ela logo se cansava, precisava daquilo para o seu temperamento. Tiago resignara-se àquela paixão gluttona, assim como se fecha os olhos sobre um vício nas pessoas que são, por outro lado, cheias de boas qualidades; e contentava-se com dizer, ao seu fogueiro, à maneira de gracejo, que ela tinha, como as mulheres belas, necessidade de ser untada com freqüência.

Enquanto a fornalha roncava e a Lison entrava aos poucos em pressão, Tiago girava em volta dela inspecionando-a em cada uma das suas peças, tratando de descobrir a razão porque, de manhã, ela absorvera mais óleo do que de costume. E não achava nada, estava luzente e asseada, desse asseio alegre que anuncia os bons e ternos cuidados do maquinista. Viam-no sempre a limpá-la e dar-lhes lustro; à chegada principalmente, assim como se friccionam os animais cansados de uma longa carreira, ele esfregava-a vigorosamente, aproveitava a circunstância de estar quente para melhor lhe tirar as manchas e as nódoas.

Também nunca a fazia andar depressa demais, conservava-lhe um andamento regular, evitando atrasar-se, o que força a altos de velocidade prejudiciais.

Por isso ambos viviam em tão boa camaradagem que nem uma só vez em quatro anos, ele se queixara dela no registro do Depósito, onde os maquinistas inscrevem os pedidos de reparação, os maus maquinistas, preguiçosos ou bêbados, em questão permanente com as suas máquinas. Mas, realmente, naquele dia não lhe saía da cabeça aquele excessivo gasto de óleo; e era outra coisa também, o que quer que fosse de vago e de profundo, que ele vinha experimentando, uma inquietação, uma desconfiança a seu respeito, como se cuidasse dela e quisesse assegurar-se de que não ia portar-se mal no caminho.

Pecqueux não havia ainda chegado e Tiago irritou-se quando ele finalmente apareceu, com a língua pastosa, em seguida a um almoço, com um amigo. Habitualmente os dois homens entendiam-se muito bem, nessa longa camaradagem que os transportava de um ao outro extremo da linha, sacudidos lado a lado, silenciosos, unidos pela mesma faina e pelos mesmos perigos. Mais moço dez anos que Pecqueux, ele mostrava-se paternal para com o seu fogueiro, encobria-lhe os vícios, deixava-o dormir uma hora, quando a bebedeira era grande, e este retribuía-lhe essa complacência numa dedicação de cão, excelente operário aliás, sabedor do ofício e assíduo, exceto nos seus ataques de embriaguez. É verdade que ele também amava a Lison, o que bastava para bem se entenderem.

Os dois e a máquina faziam uma verdadeira família de três pessoas, sem haver nunca a menor questão. Por isso Pecqueux, sobressaltado por ser tão mal recebido, olhou para Tiago com um redobramento de surpresa, quando o ouviu rosar as suas dúvidas centra ela.

— Mas que diabo! Ela anda como uma fada!

— Não, não estou sossegado.

E, apesar do bom estado de cada peça, continuava a abanar a cabeça. Fez jogar as manivelas, assegurou-se do funcionamento do embolo. Subiu para a plataforma, encheu ele mesmo os receptáculos de óleo para lubrificar os cilindros; isso, enquanto o fogueiro limpava a cúpula, onde se viam leves sinais de ferrugem. Era porque no seu coração, a Lison já não era única. Outra ternura aí se desenvolvia, aquela criatura delicada, tão frágil, que ele estava sempre a ver junto de si, no banco da praça, com a sua franqueza carinhosa, que tinha necessidade de ser amada e protegida. Nunca, quando uma causa involuntária o obrigara a atrasar-se e ele lançava a sua máquina numa velocidade de oitenta quilômetros à hora, nunca ele pensara nos perigos para os passageiros. E eis que, só a idéia de reconduzir ao Havre aquela mulher, quase detestada de manhã, trazida com enfado, o enchia de inquietação ao receio de um acidente, em que a imaginava ferida por culpa sua, morrendo entre os seus braços. Agora, carregava uma carga de amor, a Lison, de quem ele suspeitava, bem andaria em portar-se corretamente, se queria conservar a reputação de boa andadeira.

Deu seis horas, Tiago e Pecqueux subiram para a pequena ponte de ferro que ligava o *tender* à máquina; e o último abriu a válvula, a um sinal do chefe, inundando o telheiro negro de um turbilhão de vapor branco. Depois, obedecendo ao manipulo do regulador, lentamente voltado para o maquinista, a Lison arrancou, saiu do Depósito, apitou para lhe fazerem

caminho. Quase imediatamente engolfou-se no túnel das Batignolles. Mas na ponte da Europa, teve que esperar; e era apenas a hora regulamentar quando o agulheiro a encaminhou sobre o expresso das seis e trinta, ao qual dois carregadores a atrelaram solidamente.

Era a hora da partida, faltavam somente cinco minutos e Tiago inclinava-se, surpreso de não ver Severina, no meio da confusão dos passageiros. Tinha bem a certeza de que ela não subiria, sem ter ido primeiro falar-lhe. Enfim apareceu, atrasada, quase correndo. E, de fato, andou a todo o comprimento do comboio, parando só junto da máquina, a face animada, exultando de alegria.

Pôs-se nas pontas dos pés e levantou o rosto, risonha.

— Não se inquiete, já aqui estou.

Ele pôs-se igualmente a rir, feliz porque ela chegara.

— Bom, bom! Isto vai bem.

Mas ela ergueu-se ainda mais, e disse em voz mais baixa:

— Meu amigo, estou contente, muito contente... Tive uma grande sorte... Tudo quanto eu desejava.

Ele compreendeu perfeitamente e sentiu com isso um enorme prazer. Depois, quando ela voltava atrás, voltou-se para acrescentar em ar de gracejo:

— Agora, veja lá, não vá moer meus ossos... Ele respondeu em voz alegre:

— Isso não! Não tenha medo!

Mas as portinholas já batiam e Severina só teve o tempo suficiente para subir; Tiago, ao sinal de condutor-chefe, apitou; depois abriu o regulador. O comboio partiu. Era a mesma partida que a do comboio trágico de fevereiro, à mesma hora, no meio das mesmas atividades da estação, nos mesmos ruídos, no mesmo fumo. A única diferença, é que ainda era dia, no crepúsculo claro, de uma doçura infinita. Com a cabeça à portinhola, Severina olhava.

Em cima da Lison, Tiago, colocado à direita, agasalhadamente vestido com calça e camisa de lã, com óculos, tendo atilhos de pano presos por detrás da cabeça, debaixo do gorro, não abandonava a estrada com os olhos, inclinava-se a todos os segundos fora do vidro de abrigo para ver melhor. Rudemente sacudido pela trepidação, não tendo mesmo a consciência dessa circunstância, tinha a mão direita sobre o volante da mudança de andamento, como um piloto sobre a roda do leme; manobrava-o com um movimento insensível e contínuo, moderando, acelerando a velocidade; e com a mão esquerda, não cessava de puxar pela haste do apito, porque a saída de Paris é difícil, cheia de imprevistos. Apitava nas passagens de nível, nas estações, nas curvas, nos grandes túneis. Tendo-se mostrado ao longe um sinal vermelho, ao fim do dia, requisitou por longo tempo o caminho e passou como um trovão. Apenas, de tempos a tempos, dispensava um relance de olhos ao manômetro, fazendo girar o pequeno volante do injetor, logo que a pressão atingia dez quilogramas. E era sempre sobre o caminho, para a frente, que dirigia o olhar, todo entregue à vigilância das menores particularidades, numa atenção tal, que não via mais nada, que não sentia sequer o vento da tempestade que soprava. O manômetro baixou, ele abriu a porta da

fornalha, alçando a cremalheira; e Pecqueaux habituado ao gesto, compreendeu, partiu a golpes de marreta o carvão, que estendeu com a pá, numa camada bem igual, em toda a largura da grelha. Um calor ardente abrasava as pernas de ambos; depois, fechada a porta, de novo soprou a corrente de ar gelado.

A noite caía e Tiago redobrava de prudência. Raras vezes achara a Lison tão obediente; possuía-a, e cavalgava-a a seu agrado, com a absoluta vontade do senhor; contudo, não moderava a sua severidade, tratava-a como a um animal domesticado, de que é preciso andar sempre desconfiado. Ali, por detrás das costas, no comboio lançado a toda a velocidade, via uma figura fina, abandonando-se-lhe confiante, sorridente. Isto produzia-lhe um ligeiro arrepio; apertava com força o volante da mudança de andamento, varava as trevas cada vez mais espessas com um olhar fixo, em procura de luzes vermelhas. Depois dos desvios de Asnières e de Colombes, respirou um pouco. Até Mantes, tudo caminhava bem, a estrada era um plano horizontal, onde o comboio rodava à vontade. Depois de Mantes, teve de empurrar a Lison para que ela subisse uma rampa de inclinação de quase meia légua. Depois, sem afrouxar, lançou-a sobre o declive suave do túnel, que transpôs em apenas três minutos. Havia agora apenas outro túnel, o *de Roule*, perto de Gaillon, antes da estação em Sotteville, uma estação temida, que a complicação das estradas e as contínuas manobras tornam muito perigosa. Todas as forças do seu ser estavam nos olhos que vigiavam, na mão que guiava; e a Lison, apitando e fumegando atravessou Sotteville a todo o vapor, só parou em Ruão, de onde tornou a partir, um pouco acalmada, subindo com mais lentidão a rampa que vai até Malaunay.

A lua erguera-se, muito clara, com uma luz branca, que permitia a Tiago distinguir as menores moitas e até as pedras dos caminhos, na sua fuga rápida. Como, à saída do túnel de Malaunay, lançasse à direita um golpe de vista, inquieto pela sombra projetada por uma grande árvore, barrando a linha, reconheceu o recanto -oculto, o campo de silvas de onde assistira ao assassinio.

A região, deserta e feroz, desfilava com as suas contínuas lombas, os seus recôncavos negros de pequenas moitas, a sua devastada desolação. Depois, na Croix-de-Maufras, sob a lua imóvel, a brusca visão da casa plantada em viés no seu abandono e na sua angústia, as persianas eternamente fechadas, de uma melancolia pavorosa. E, sem saber porque, desta vez ainda, mais do que das precedentes, Tiago sentiu apertar-se-lhe o coração, como se passasse por diante da sua desgraça.

Mas, logo, os seus olhos foram impressionados por outra imagem. Junto da casa dos Misard, contra a cancela da passagem do nível, estava Flora, de pé. Agora, em cada viagem, via-a naquele lugar, esperando por ele, espreitando-o.

Ela não se mexeu, voltou simplesmente a cabeça, para o seguir por mais tempo, no relâmpago que o arrebatava. O seu alto perfil destacava-se em negro sobre a luz branca; só os cabelos se acendiam, no ouro pálido do astro...

E Tiago, tendo impelido a Lison, para a fazer transpor a rampa de Sotteville, deixou-a resfolegar um pouco, ao longo do planalto de Bolbec; depois lançou-a finalmente, de Saint-

Romain a Harfleur, sobre o mais forte declive da linha, três léguas que as máquinas devoraram num galope de animais doidos, farejando, a estrebaria. Ele sentia-se quebrado de cansaço, no Havre, quando debaixo do alpendre, cheio de algazarra e do fumo da chegada, Severina, antes de subir para casa, voltou com o seu ar alegre e meigo e disse:

— Obrigada, até amanhã.



## VI

Passou-se um mês e de novo se fizera uma grande calma no alojamento, que os Roubaud ocupavam no primeiro andar da estação, por cima das salas de espera. Em casa deles, nas dos seus vizinhos de corredor, entre aquele mundo de empregados, sujeitos a uma existência de relógio, pelo giro uniforme das horas regulamentares, a vida recomeçara a correr monótona. E parecia que nada se havia passado de anormal.

O ruidoso e escandaloso processo Grandmorin ia caindo no olvido, muito suavemente e em vias de ser arquivado pela impotência em que a justiça parecia estar de descobrir o criminoso.

Depois de uma prevenção de uns quinze dias ainda, o juiz de instrução, Denizet, redigiu uma declaração de que não havia razão bastante para proceder judicialmente com respeito a Cabuche, fundada em não existirem contra ele provas suficientes; e começava a formar-se uma lenda de polícia, muito romanesca: a de um assassino desconhecido, que ninguém poderia apanhar, um aventureiro do crime, presente em toda parte ao mesmo tempo, a quem se atribuíam todos os assassinios e que dissipava em fumo à simples aparição dos agentes. Só de longe em longe é que reaparecia uma ou outra chalaça acerca desse lendário assassinio, na imprensa da oposição, febricitante pela aproximação das eleições gerais. A pressão do poder, as violências dos prefeitos forneciam-lhe quotidianamente outros assuntos para artigos indignados; tanto que, como os jornais deixassem de ocupar-se do processo, este desaparecera da curiosidade apaixonada da multidão.

Nem já se falava a respeito dele.

O que estabelecera a tranqüilidade em casa dos Roubaud fora o meio feliz por que aplanara a outra dificuldade, a que o testamento do presidente Grandmorin ameaçava levantar. Pelos conselhos da senhora Bonnehon, os Lachesnaye tinham por fim consentido em não atacar esse testamento no receio de despertar o escândalo, e na incerteza também do resultado de um processo. E, já na posse do seu legado, os Roubaud achavam-se, havia uma semana, proprietários da Croix-de-Maufras, casa e jardim avaliados nuns quarenta mil francos. Depois, resolveram vendê-la, essa casa de devassidão a de sangue, que os atormentava como um pesadelo, onde não se atreviam a dormir, no pavor dos espectros do passado; vendê-la em bloco, com os móveis, tal qual estava, sem lhe fazer reparações nem mesmo tirar-lhe a poeira. Mas, como num leilão público, ela perderia muito do seu valor e sendo raros os compradores que consentiriam em querer morar em semelhante solidão, tinham resolvido esperar que aparecesse um amador, contentando-se em afixar na fachada um grande letreiro, à vista dos contínuos comboios que passavam. Este aviso em letras grandes, esta desolação à venda, aumentava a tristeza das persianas fechadas e do jardim

invadido pelas silvas.

Tendo Roubaud recusado absolutamente ir lá, mesmo de passagem, tomar certas disposições necessárias, Severina tinha-se dirigido para lá uma tarde; e deixara a chave aos Misard, encarregando-os de mostrarem a propriedade, se aparecessem pretendentes. Quem a quisesse, poderia instalar-se nela em duas horas, porque lá havia de tudo, inclusive roupa nos armários.

E como nada, desde então, inquietasse mais os Roubaud, deixaram correr os dias na adormecida expectativa do dia seguinte. A casa acabaria por vender-se, eles colocariam o dinheiro, tudo caminharía magnificamente. Além do que, esqueciam-na, viviam como se nunca devessem sair das três divisões que ocupavam; a sala de jantar, cuja porta se abria diretamente para o corredor; o quarto de dormir, bastante vasto, à direita; e a cozinha, muito pequena e sem respiração, à esquerda. Mesmo diante das janelas, o alpendre da estação, aquele declive de zinco que lhes tapava a vista, tal como uma parede de prisão, em vez de os exasperar, como antigamente, parecia tranqüilizá-los, aumentava a sensação de infinito repouso, da paz reconfortante em que se adormentavam. Ao menos não eram vistos dos vizinhos, não tinham sempre diante deles olhos de espiões a esquadrinhar o que lhes ia pela casa; já não se queixavam, chegada a primavera, senão do calor sufocante, e dos reflexos ofuscantes do zinco aquecido pelos primeiros raios do sol. Depois do pavoroso abalo, que durante perto de dois meses, os fizera viver num constante arrepio, gozavam brandamente daquela reação de torpor que os invadiu. O que eles desejavam era não se mexerem mais, felizes de viverem, simplesmente, sem medo nem sofrimento. Nunca Roubaud se mostrara empregado tão exato, tão consciencioso; na semana de dia, descia para o cais às cinco horas da manhã, só subia para almoçar, às dez, tornava a descer às onze, e ficava embaixo até às cinco horas da tarde, onze horas cheias de serviço; na semana de noite, preso desde as cinco horas da tarde até às cinco da manhã, não tinha sequer o curto descanso de uma refeição feita em casa, porque com uma quase alegria, parecia comprazer-se nisso, descendo às minudências, querendo ver tudo, fazer tudo, como se tivesse encontrado o esquecimento para aquela fadiga, um recomeço de ordem equilibrada, normal. Por sua parte, Severina, quase sempre só, viúva uma semana sim outra não, na semana em que estava viúva só o via ao almoço e ao jantar, parecia tomada de uma febre de boa dona-de-casa. Outrora sentava-se, bordava, detestando tocar no serviço doméstico, que uma mulher velha, a tia Simon, vinha fazer das nove horas ao meio-dia. Mas depois que voltara a tranqüilidade à sua casa, segura de ficar nela, vieram-lhe idéias de limpeza, de arranjo. Não se sentava senão depois de colocar tudo nos lugares. De noite, ambos dormiam um bom sono. Nos raros momentos em que estavam a sós, às refeições, assim como nas noites em que dormiam juntos, nunca mais falaram no processo; como que pareciam crer que era uma coisa acabada, enterrada.

Principalmente para Severina, a existência tornou-se assim muito suave. Aos poucos reapossaram-se dela as suas molezas, abandonou novamente o serviço doméstico à tia Simon, como menina nascida unicamente, para os finos trabalhos de agulha. Começara uma obra interminável, uma manta de agasalho bordada, que parecia ocupá-la a vida inteira.

Levantava-se tarde, feliz por ficar só na cama, embalada pelas partidas e chegadas dos comboios que marcavam para ela a marcha das horas, exatamente como um relógio. Nos primeiros tempos do seu casamento, aqueles ruídos violentos da estação, apitos, choques de plataformas girantes, o rodar trovejante das carruagens, aquelas trepidações bruscas, semelhantes a tremores de terra que a abalavam como aos móveis, tinham-na feito doida. Depois, pouco a pouco viera o hábito, a estação sonora e constantemente sacudida fazia já parte da sua vida; e agora comprazia-se nesse ruído, o seu sossego se fazia por aquela agitação e por aquela barulheira.

Até ao almoço, viajava de um aposento para o outro, conversava com a mulher que trabalhava por dia, as mãos ociosas. Depois, passava as compridas tardes sentada diante da janela da sala de jantar, com o trabalho quase sempre caído nos joelhos, feliz de não fazer nada. Nas semanas em que o marido vinha deitar de madrugada, ouvia-o rressonar até à noite, e na verdade, tinham-se tornado para ela boas semanas aquelas em que ela vivia como antigamente, antes de casar, tomando toda a largura da cama, recreando-se depois à sua vontade, tendo todo o dia livre. Não saía quase nunca, não avistava do Havre senão o fumo das oficinas próximas, cujos grossos turbilhões negros maculavam o céu por cima da lâmina de zinco que corria no dorso do alpendre e cortava o horizonte a poucos metros de sua vista. A cidade lá se achava, detrás daquele eterno muro; sentia-a sempre presente; o seu aborrecimento em não vê-la, tomara com o tempo uma certa doçura; alguns vasos de goivos e verbenas, que ela cultivava, constituíam para ela um jardim, florindo a sua solidão. Às vezes falava de si como de uma' reclusa, no fundo de um bosque. Só nos seus momentos de folga, é que Roubaud. saltava a janela; depois caminhando ao longo da calha ia até à extremidade, subia o declive de zinco, e sentava-se no alto do alpendre, por cima do Cours Napoléon; e aí, por fim, fumava o seu cachimbo em pleno céu, dominando a cidade estendida a seus pés, as docas plantadas pela alta floresta dos mastros, e o mar imenso dum verde pálido, até ao infinito.

Parecia que a mesma sonolência alcançara as outras famílias de empregados, vizinhos dos Roubaud. Aquele corredor, onde soprava de ordinário um tão terrível vento de intriguinhas, adormecera também. Quando Filomena ia visitar a senhora Lebleu, ma» se ouvia o ligeiro murmúrio das suas vozes. Surpreendidas ambas de verem o caminho que as coisas levavam, já falavam agora do sub-chefe com comiseração desdenhosa. Com certeza para lhe conservar o lugar, a esposa havia de ter feito belas coisas em Paris; enfim, um homem marcado que nunca conseguiria lavar-se de certas suspeitas. E como a mulher do caixa tinha a convicção de que, agora, os seus vizinhos não teriam mas força para lhe retomar o alojamento, testemunhava-lhes simplesmente um grande desprezo, passando firme, não os cumprimentando; tanto que indispôs a própria Filomena, que aparecia menos; achava-a muito soberba, já não a divertia. Entretanto, a senhora Lebleu, para se distrair, continuava a espreitar a intriga da senhorita Guichon com o chefe da estação, o senhor Debadie, sem nunca, aliás, a surpreender. No corredor não se ouvia nada, além do perpassar imperceptível das pantufas de feltro. Tendo assim adormecido tudo com o tempo, passou-se um mês de paz,

como as grandes bonanças que sucedem às grandes catástrofes.

Porém, em casa dos Roubaud, um ponto ficara, doloroso, inquietador, um ponto do soalho da sala de jantar para onde os seus olhos não se podiam dirigir por acaso, sem que, de novo, os perturbasse um mal-estar. Era à esquerda da janela, o friso de carvalho que eles haviam deslocado e tornado a repor, para ocultar ali o relógio e os dez mil francos, tirados da roupa de Grandmorin, sem contar cerca de trezentos francos em ouro, numa bolsa. Aqueles objetos Roubaud tirara para fazer acreditar no roubo. Não era um ladrão, teria morrido de fome ao lado desse dinheiro, como ele dizia, de preferência a aproveitar-lhe um cêntimo ou a vender o relógio. O dinheiro daquele velho que lhe emporcalhara a mulher, a quem ele fizera justiça, aquele dinheiro manchado de lama e de sangue, não! não era dinheiro bastante limpo para que um homem honrado lhe tocasse. E nem sequer pensava na casa da Croix-de-Maufrais, cujo presente aceitara: só o fato da vítima esquadrinhada, daqueles bilhetes roubados na abominação do assassinio, o revoltava, lhe revolvía a consciência, num movimento de receio. Contudo nunca lhe viera a vontade de os queimar nem de jogar ao mar o relógio e a bolsa. Se a simples prudência o aconselhava, um surdo instinto protestava nele contra essa destruição. Tinha um respeito inconsciente, nunca se resignaria a aniquilar uma tal soma. A princípio, na primeira noite, colocara-o debaixo do travesseiro, não lhe parecendo seguro recanto algum. Nos dias imediatos quebrara a cabeça para descobrir um esconderijo; todas as manhãs tirava do, lugar em que colocara na véspera, agitado ao menor ruído, no receio de uma busca judiciária. Nunca despendera tanta imaginação. Depois, a custa das astúcias, cansado de sustos, um dia tivera preguiça de tirar o dinheiro e o relógio ocultos na véspera debaixo do friso; e, agora, por nada deste mundo iria ali mexer; era como um jazigo, um buraco de terror e morte onde *ii* esperavam espectros. Evitava mesmo, ao andar, pôr os pés em cima daquela parte do soalho, porque lhe era desagradável a sensação; imaginava sentir nas pernas um ligeiro choque. Severina, à tarde, quando se sentava defronte da janela, recuava a cadeira, para não ficar justamente por cima do cadáver, que eles ali ocultavam debaixo das tábuas. Nada falavam sobre isso entre si, esforçavam-se por acreditar que haviam de acostumar, acabavam por irritar-se de pensarem nele a todas as horas, cada vez mais importuno, de baixo das solas dos seus sapatos. E aquele mal-estar era tanto mais singular quanto era certo, que eles não sofriam de modo algum com a navalha, a linda navalhinha nova comprada pela mulher e que o marido cravara na garganta do amante. Simplesmente lavada, arrastava-se no fundo de uma gaveta, e servia às vezes à tia Simon para cortar o pão.

Ainda mais na paz em que vivia, Roubaud achara outra causa de perturbação, que ia aumentando aos poucos, obrigando Tiago a visitá-los. O giro do serviço levava o maquinista ao Havre três vezes por semana; às segundas-feiras, das dez horas e trinta e cinco da manhã às seis horas e vinte da tarde; às quintas e aos sábados da onze e cinco da tarde às seis e quarenta da manhã. E, na primeira segunda-feira, depois da viagem de Severina, o sub-chefe teimara:

— Vamos, camarada, o senhor não pode recusar-se a jantar conosco de vez em quando...

Que diabo! O senhor foi gentilíssimo para com minha mulher, e devo-lhe agradecimentos.

Por duas vezes, num mês, Tiago aceitara assim o almoço. Parecia que Roubaud, incomodado com os grandes silêncios que se faziam agora quando comia só com a mulher experimentava um alívio quando podia pôr um conviva de permeio. Então encontrava histórias, conversava e gracejava.

— Venha o maior número de vezes possível! Bem vê que não incomoda nada.

Uma noite, uma quinta-feira, quando Tiago, já lavado, ia para cama, encontrou o sub-chefe em volta do Depósito; e, apesar da hora ser tardia este último, aborrecido de entrar só para casa fizera-se acompanhar até à estação, e depois arrastara o maquinista até à casa. Severina, ainda levantada, lia. Tomou-se um copo de vinho, e jogaram em seguida as cartas até depois de meia-noite.

Daí em diante, os almoços das segundas e os serões das quintas e dos sábados tornaram-se habituais. Era o próprio Roubaud que, quando o camarada faltava, o espreitava para o trazer ao redil exprobando-lhe a negligência. Tornava-se cada vez mais sombrio, e não se sentia alegre, senão quando tinha junto de si o novo amigo. Aquele rapaz, que tão cruelmente o inquietara, a quem deveria agora execrar, por ser a testemunha, a evocação viva das coisas pavorosas que ele queria esquecer, tornara-se-lhe, pelo contrário, necessário talvez justamente por saber e por não ter falado. Aquilo ficava entre eles como um laço muito forte, uma cumplicidade. Muitas vezes, o sub-chefe olhava para o outro com ar de inteligência, apertava-lhe a mão com um súbito entusiasmo, cuja violência excedia a simples expressão da sua camaradagem.

Mas sobretudo Tiago, naquela família, tornava-se uma distração. Severina, também, acolhia-o alegremente, soltava uma ligeira exclamação à entrada dele, como mulher que um prazer desperta. Largava tudo, o bordado, o livro, e falava e ria, na turva sonolência em que passava os dias.

— Ah! Como é bom em ter vindo! Eu ouvi o trem, e pensei no senhor!

Quando ele almoçava, era uma festa. Ela conhecia-lhe o gosto, saía de propósito para ir buscar ovos frescos: tudo aquilo com muita gentileza, como boa dona-de-casa, que recebe o amigo da família, sem que ele pudesse ver nisso algo que não fosse o desejo de ser amável e a necessidade de distrair-se.

— Não se esqueça, segunda-feira, venha! Há de haver doce.

Quando, um mês mais tarde, ele já lá estava instalado, agravou-se a separação entre os Roubaud. A mulher cada vez gostava mais de encontrar-se na cama sozinha, e arranjava as coisas de modo a encontrar-se nela o menos possível com o marido; e este, ardente, tão brutal nos primeiros tempos de casamento, nada fazia para a segurar. Ele admirara-a sem delicadeza, ela resignava-se-lhe sem a sua submissão de mulher complacente, pensando que as coisas deviam de ser assim, de resto não experimentando com isso prazer algum. Mas, depois do crime, sem saber porque, aquilo repugnava-lhe. Ficava enervada, apavorada. Uma noite como a vela ainda estivesse acesa, gritou; sobre ela, naquela face vermelha, convulsionada, julgara estar a ver a face do assassínio; e, desde então, tremia todas as vezes,

tendo a horrível sensação do assassinio, como se ele a houvesse derrubado, de faca em punho. Era uma loucura, mas o coração batia-lhe de susto.

Aliás, ele cada vez menos abusava dela, sentindo-a demasiado rebelde, para gozar. Uma fadiga, uma indiferença, o que a idade costuma trazer consigo, parecia que se havia produzido entre eles, a crise horrível, o sangue derramado. Nas noites em que eles não podiam evitar o leito comum, ficava cada um à sua beirada e Tiago ajudava com certeza a consumir este divórcio, tirando-os, pela sua presença, da obsessão em que estavam de si mesmos. Libertava-os um do outro.

Roubaud, contudo, vivia sem remorsos. Tivera apenas medo das conseqüências, antes de estar arquivado o processo; e a sua grande inquietação, sobretudo, era perder o lugar. Agora, não sentia pesar algum. Entretanto, talvez que, se houvesse de recomeçar, não envolvesse nisso a mulher, porque as mulheres logo se assustam; a dele fugia-lhe porque ele lhe pusera aos ombros uma carga pesada demais.

Teria ficado sendo o senhor, se não descesse com ela até à camaradagem terrificada e rixosa do crime. Mas as coisas eram assim, e era preciso acomodar-se a elas; tanto mais que precisava fazer um grande esforço para voltar ao estado de espírito em que se encontrava quando depois da confissão, ele achara o assassinio necessário à sua vida. Se não tivesse morto o homem, parecia-lhe então que não poderia viver.

Hoje, que a sua chama de ciúme morrera, que já lhe não sentia a intolerável queimadura, invadido de um entorpecimento como se o sangue do seu coração se tivesse condensado com o sangue derramado, aquela necessidade de assassinio já lhe não parecia tão evidente. Chegava a perguntar-se se realmente valia a pena matar. Não era aliás sequer um arrependimento, uma desilusão o máximo, a idéia que muitas vezes se faz das coisas inconfessáveis, para se ser feliz, sem o ser demais.

Ele, tão falador, caía em largos silêncios e reflexões confusas, de onde saía mais sombrio. Todos os dias, agora, para evitar ficar depois do jantar frente a frente com a mulher, subia para o alpendre, ia sentar-se no alto da cumieira, e no sopro do largo, embalado de vagos devaneios, fumava o seu cachimbo, vendo, por cima da cidade, os paquetes perderem-se no horizonte, por mares longínquos.

Uma noite Roubaud teve um despertar do seu feroz ciúme de outro tempo.

Como houvesse ido buscar Tiago ao Depósito, para o levar até em casa para beberem um trago, encontrou, ao descer a escada, Henrique Dauvergne, o condutor-chefe. Este pareceu perturbado, explicou que acabava de estar com a senhora Roubaud, a quem fora procurar para um recado de que o haviam encarregado as irmãs.

A verdade era, que, havia certo tempo, ele perseguia Severina, esperançado em vencê-la. Logo da porta o sub-chefe apostrofou violentamente a mulher.

— Que diabo viria aquele fazer aqui? Bem sabes que ele me enfastia!

— Mas, filho, foi por causa do desenho de um bordado...

— Bordados! Bordados! Eu dou-lhe com os bordados! Julgas-me tão estúpido que não compreenda o que ele vem procurar?... E tu, toma sentido!

Caminhava para ela, de punhos cerrados, ela recuava muito branca, espantada da expansão daquele arrebatamento, na calma indiferente em que ambos viviam. Mas ele sossegado, dirigia-se ao companheiro:

— É verdade, uns tipos caem numa casa de família, assim com ares de quem imagina que a mulher se lhe atira logo para os braços, e que o marido, dando-se por honrado, fecha os olhos!... Isto faz-me ferver q sangue... Num caso destes, era homem para estrangular minha mulher! Oh! Com certeza! E que esse cavalheiro não torne a pôr os pés aqui, senão ponho-lhe eu o sal na mio-leira... Pois não é verdade? É nojento!

Tiago, muito incomodado com a cena, não sabia que atitude tomar. Seria por causa dele aquela exasperação de cólera? Queria o marido dar-lhe um aviso? Tranqüilizou-se, quando este continuou em voz alegre:

— Grande animal! Eu bem sei que tu serias a primeira a pô-lo pela porta fora... Vai, traze-nos copos, e bebe aqui com a gente.

Batia no ombro de Tiago, e Severina, já também refeita, sorria aos dois homens. Depois beberam juntos, e passaram uma hora bem passada.

Foi assim que Roubaud aproximou mais a mulher e o camarada, num ar de boa amizade, sem parecer pensar nas possíveis conseqüências. Esta questão de ciúme tornou-se justamente a causa da mais estreita intimidade, de toda uma ternura secreta, quando apertada por confidencias entre Tiago e Severina; porque aquele, tendo tornado a vê-la dois dias depois, lamentou-a por ter sido brutalmente tratada; enquanto ela, com os olhos marejados confessava, do desbordamento involuntário das suas lástimas, quão pouca felicidade encontrara no casamento. Desde esse momento tiveram assunto de conversação só para eles, uma cumplicidade de amizade, e acabavam de entender-se por um simples sinal. Em cada visita interrogava-a com um olhar, para saber se ela não tivera mais algum motivo de tristeza. Ela respondia igualmente com um simples movimento de pálpebras. Depois as mãos procuravam-se por trás das costas do marido, tomavam mais coragem, correspondiam por largas pressões, dizendo-se, com as pontas dos dedos tépidos, o crescente interesse que eles iam tomando pelos menores fatos da sua existência. Raras vezes tinham a fortuna de se encontrarem um minuto fora da presença de Roubaud. Encontravam-no sempre ali entre eles, naquela sala de jantar melancólica; e nada faziam para escapar, não tendo sequer idéia de marcarem uma entrevista no fundo de qualquer recanto da estação. Era até ali, uma afeição verdadeira, um enlevo de viva simpatia, que ele mal importunava, pois que, para se compreenderem, bastava só um olhar, um aperto de mão.

Da primeira vez que Tiago ciciou ao ouvido de Severina, que a esperaria na quinta-feira imediata, à meia-noite, por detrás do Depósito, ela revoltou-se, retirou violentamente a mão. Era a sua semana de liberdade, aquela em que o serviço do marido era de noite, Mas tomara-a uma grande perturbação, a idéia de sair de casa, de ir procurar aquele rapaz tão longe, através das trevas da estação. Experimentava uma confusão que nunca tivera, o medo das virgens ignorantes cujo coração pulsa; e não cedeu imediatamente, teve que pedir-lhe durante mais de quinze dias antes que ela consentisse, apesar do ardente desejo que

realmente sentia desse passeio noturno. Junho começara, as noites tornaram-se abrasadoras, refrescadas unicamente pela brisa do mar. Por três vezes já a tinha ele esperado, apesar da sua recusa. Naquela noite ainda ela tinha dito que não; mas a noite era sem lua, uma noite de céu encoberto, em que nem mesmo uma estrela luzia, sob a bruma ardente que ensurdecia o firmamento.

E, como ele estivesse de pé, na sombra, via-a enfim chegar, vestida de preto, num passo miúdo. Estava tão escuro, que poderia ter roçado por ele sem o conhecer, se não a tivesse detido nos seus braços, dando-lhe um beijo. Solto um pequeno grito, sobressaltada. Depois, risonha, deixou os seus lábios sobre os dele. E não houve mais nada, nunca ela acedeu em sentar-se debaixo de um dos telheiros que os circundavam. Caminhavam, conversavam em voz muito baixa, apertados um contra o outro. Havia ali um vasto espaço ocupado pelo Depósito e suas dependências, todo o terreno compreendida entre a Rua Verte e a Rua François-Maseline, cada uma das quais cortava a linha numa passagem de nível: espécie de imenso terreno vago, atravancada de vias de estacionamento, de reservatórios, de tanques de água, de construções de todas as espécies, os dois grandes armazéns para as máquinas, a casinha dos Sauvagnart rodeada por um pomarzinho, da largura da mão, os pardieiros onde estavam instaladas as oficinas de reparação, a casa do guarda onde dormiam os maquinistas e os foguistas; e nada mais fácil do que dissimularem-se, perderem-se, assim como no fundo de uma floresta, entre aquelas ruazinhas desertas de desvios inextrincáveis. Durante uma hora saborearam uma solidão deliciosa, aliviando os corações com palavras amigas, acumuladas havia tanto tempo, porque ela não queria ouvir falar senão de afeição, declarara-lhe em seguida que nunca seria dele, que seria muito feio enxovalhar aquela pura amizade de que ele tanto se ensoberbecia; tendo precisão de se estimarem depois, acompanhou-a até a Rua Verte, as suas bocas tornaram a unir-se num beijo profundo. Ela voltou para casa.

Àquela mesma hora, no escritório dos sub-chefes, Roubaud começava a dormir no fundo da velha poltrona de couro, de onde se levantava vinte vezes por noite, com os membros quebrados. Até às nove horas, tinha que receber e expedir os comboios da noite. Ocupava-o particularmente o comboio do peixe: eram as manobras, as atrelagens, as folhas de expedição a vigiar de perto. Depois, quando: o expresso de Paris chegava e se desmembrava, ceava sozinho no escritório, a um canto da mesa, um pouco de carne fria que trazia de casa no meio de duas fatias de pão. O último comboio, um misto de Ruão, entrava na estação meia hora depois de meia-noite. E os cais desertos caíam num grande silêncio, deixavam apenas acesos alguns raros bicos de gás; toda a estação adormecida, naquele arrepia das meias trevas. De todo o pessoal só ficavam dois guardas, e quatro ou cinco carregadores, sob as ordens do chefe. B estes mesmo ressonavam sobre os punhos fechados, em cima das tábuas da casa da guarda; ao passa que Roubaud, obrigado a despertá-los ao menor alarme, apenas dormitava, de ouvido à escuta. Com receio de que o cansaço o vencesse, ali pela madrugada, punha o despertador para as cinco, hora em que devia estar em pé para receber o primeiro comboio de Paris. Mas às vezes, principalmente desde certo tempo, não podia dormir, tomado de insônia, remexendo-se na poltrona. Então saía, fazia



uma renda, ia até o posto do agulheiro, onde dava dois dedos de conversa. O vasto céu negro, a paz «soberana da noite, acabava por acalmar-lhe a febre. Depois de uma luta que tivera com uns larápios, haviam-no armado de um revólver, que tinha sempre carregado no bolso. E, muitas vezes, até clarear, passeava pensando sempre que sentia mexer alguma coisa, continuando a sua marcha com o vago pesar de não ter de descarregar o revólver, aliviada quando o céu começava a clarear e tirava da sombra o grande fantasma pálido da estação. Agora que o dia nascia às três horas, ia aninhar-se na sua poltrona, onde dormia num sono de chumbo, até que o despertador o acordava, estremunhado.

De quinze em> quinze dias, às quintas e aos sábados, Severina ia ter com Tiago; e, uma noite, como ela lhe falasse do revólver de que o marido andava armado, inquietaram-se um pouco. Nunca, na verdade, Roubaud estendia a sua ronda até aos Depósitos. Mas nem por isso tal circunstância deixou de dar aids seus passeios uma aparência de perigo, que lhes redobrava o encanto. Eles tinham, sobretudo, encontrado um recanto adorável: era por trás da casa dos Sauvagnat, uma espécie de área entre montes enormes de carvão de pedra, que dele faziam a rua solitária de uma cidade estranha, de grandes palácios quadrados de mármore preto. Estavam ali perfeitamente escondidos, e havia, em cima, uma casinha para o guarda das ferramentas, na qual uma pilha de sacos vazios fazia

u a macia cama. Mas, num sábado em que um aguaceiro brusco os obrigara a refugiarem-se ali, ela teimara em ficar de pé, entregando-lhe unicamente os lábios, cm beijos sem fim. Nisso não encobria o seu pudor, dava a beber a sua respiração, gulosamente, como por amizade. E quando, ardendo dessa chama, ele tentava tomar posse dela, defendia-se, chorava, repetindo todas as vezes as mesmas razões. Para que queria ele causar-lhe tanto desgosto?! Aquilo parecia-lhe tão terno, amarem-se sem toda aquela porcaria do sexo! Manchada aos dezesseis anos pela devassidão daquele velho, cujo espectro sangrento a perseguia, violentada mais tarde pelos apetites brutais do marido, mantivera uma candura de criança, uma virgindade, toda a vergonha encantadora da paixão que se ignora. O que a arrebatava em Tiago, era a sua docilidade, a sua obediência, em não lhe extraviar as mãos pelo corpo, quando ela as tomava simplesmente entre as suas, tão fracas. Pela primeira vez amava e não se entregava, porque, justamente isso lhe teria estragado o amor, /o fato de pertencer já a este, do mesmo modo que pertencera aos outros. O seu desejo inconsciente era prolongar para sempre essa sensação tão deliciosa,tornar a ser outra vez jovem. como antes da mácula, possuir um bom amigo como se possuem quando se têm os quinze anos, a quem se beija em plena boca, atrás das portas. Ele, fora dos momentos de febre, não tinha exigências, prestava-se àquela felicidade voluptuosamente adiada. Assim como ela, Tiago parecia regressar à infância começando o amor, que, até então, fora para ele um terror. Se ele se mostrava dócil retirando as mãos, logo que ela as desviava, era porque no fundo da sua ternura permanecia um medo surdo, uma grande perturbação, em que receava confundir o seu desejo com a sua antiga necessidade de matar. Aquela, que matara, era como o sonho da sua carne. A sua cura cada dia lhe parecia mais certa, pois que a tivera horas inteiras suspensa do pescoço, a sua boca sobre a dela, bebia-lhe a alma, sem que despertasse a sua furiosa

vontade de ser senhor dela, degolando-a. Ma ele não ousava nunca; e era tão bom esperar, deixar ao próprio amor o cuidado de os unir, quando chegasse o momento, no esvaecimento das suas vontades, nos braços um do outro. Assim as entrevistas felizes sucediam-se, não se cansavam de se encontrarem por um momento, de caminharem juntos pelas trevas entre os grandes montes de carvão que ensombravam a noite em volta deles.

Numa noite de julho, Tiago, para chegar ao Havre às onze horas e cinco, hora regulamentar, teve que empurrar a Lison, como se o calor sufocante a tivesse tornado preguiçosa. Desde Ruão para a esquerda, acompanhava-o uma tempestade, que seguia o vale do Sena, com largos relâmpagos deslumbrantes; e, de tempos a tempos, voltava-se, tomado de inquietação, porque Severina, naquela noite devia ir vê-lo. O seu receio era de que, se a tempestade rebentasse ela não comparecesse. Porisso, quando conseguiu entrar na estação antes de chover, impacientou-se contra os passageiros, que não acabavam de esvaziar os carros.

Roubaud lá estava no apeadeiro, pregado para a noite.

— Diabo! disse ele rindo, você está hoje com muita pressa de deitar... Durma bem.

— Obrigado.

E Tiago, desatrelando a máquina do comboio, apitou e dirigiu-se para o Depósito. Os batentes da imensa porta estavam abertos, a Lison engolfou-se sob o telheiro fechado, uma espécie de galeria de duas vias, de cerca de setenta metros de comprido e que podia conter seis máquinas. Lá dentro era muito escuro; quatro bicos de gás mil iluminavam as trevas, que grandes sombras movediças pareciam aumentar ainda mais; e só, por momentos, os largos relâmpagos iluminavam o envidraçamento do telhado e as altas janelas à direita e à esquerda; distinguíam-se então comia num fogo vivo de incêndio, as paredes fendidas, a armação em ferro, o negro do carvão, toda a miséria caduca daquela edificação já agora insuficiente. Lá estavam já duas máquinas, frias, adormecidas.

Em seguida, Pecqueux começou a apagar a fornalha. Mexia violentamente rios tições, e as brasas, escapando-se pelas grelhas, caíam para baixo, para a fossa.

— Estou com fome, vou comer alguma coisa, disse ele — quer vir também?

Tiago não respondeu. Apesar da pressa, não queria deixar a Lison, antes de estar apagada a fornalha e despejada a caldeira. Era um escrúpulo, um costume de bom maquinista, de que nunca se esquecia. Quando tinha tempo, não ia embora senão depois de a ter examinado, com o cuidado que se emprega em tratar um animal favorito.

A água corria na fossa aos gorgolões, e só então disse:

— É aviar, é aviar.

Um formidável trovão cortou-lhe a palavra. Desta vez as altas janelas, sobre o céu em chamas, tinham-se deslocado tão nitidamente, que se poderiam ter contado os vidros partidos, que eram bastante numerosos. À esquerda, ao Longo dos fornos, que serviam para as reparações, uma folha de ferro, que fora deixada de pé, ressoou com a vibração persistente de um sino. Todo o antigo esqueleto do telheiro estalara.

— Arre! — disse simplesmente o fogueiro.

O maquinista teve um gesto de desespero. Estava acabado, tanto mais que, agora, desabava sobre o telheiro uma chuva diluviana. O ribombar do aguaceiro ameaçava arrombar a vidraçaria do telhado. Lá por cima também devia haver muitos vidros partidos, porque chovia a bom chover sobre a Lison. Um vento furioso entrava pelas portas que ficaram abertas, parecia que ia sei arrebatada a carcaça do velho pardieiro.

Pecqueux acabava de acomodar a máquina.

— Pronto! Amanhã ver-se-á melhor... Não vale a pena fazer-lhe agora melhor *toilette*...

E voltando à sua idéia:

— Preciso comer. Chove demais para a gente se atirar para cima da enxerga.

Efetivamente a cantina ficava ali bem perto, quase pegada com o Depósito, ao passo que a Companhia tivera de alugar uma casa, na Rua François Maseline, onde estavam instaladas camas para os maquinistas e fogueiros que passavam a noite no Havre. Com um dilúvio tal, havia de se ficar encharcada até os ossos.

Tiago teve que se resolver a seguir Pecqueux, que pegara no cesto do seu chefe, como para poupar-lhe o trabalho. Sabia que dentro desse cesto havia ainda duas talhadas de vitela fria, pão e uma garrafa apenas encetada; era simplesmente aquilo que lhe produzia fome. A chuva redobrava, um novo trovão abalava o telheiro. Quando os dois homens, saíram, à esquerda, pela pequena porta que conduzia à cantina, já a Lison começava a arrefecer. E adormeceu abandonada, nas trevas que os violentos relâmpagos iluminavam, sob as grossas gotas que lhe encharcavam os rins. Junto dela, um tanque mal fechado, deixava correr a água, fazendo uma poça, correndo-lhe por entre as rodas.

Mas antes de entrar na cantina, Tiago quis lavar-se. Havia ali sempre, numa das divisões da casa, água quente. Tirou um sabonete do cesto, desencardiu as mãos e o rosto, negros da viagem: e como ele tinha a precaução, recomendada aos maquinistas, de levar um terno de reforço, pôde mudar de roupa dos pés à cabeça, tal como de resto o fazia sempre, por galanteria, todas as noites em que havia entrevista, quando chegava ao Havre. Já

Pecqueux estava à espera dele na cantina, depois de ter lavado apenas a ponta do nariz e as extremidades dos dedos.

Esta cantina consistia simplesmente numa pequena sala nua, pintada de amarelo, onde só havia um forno para aquecer os alimentos, e uma mesa pregada ao solo, coberta com uma folha de zinco, à guisa de toalha. Dois bancos completavam o mobiliário. Os homens deviam trazer o farnel, e comiam em cima do papel, com a ponta da faca. Uma larga janela iluminava a sala.

— Ora aqui está uma chuva indecente! clamou Tiago, aproximando-se da janela.

— Então não come?

— Não, meu velho, acabe o meu pão e a carne, se lhe apetece. Eu não tenho fome.

Sem fazer-se rogado, o outro atirou-se à vitela e despejou a garrafa. Tinha muitos petiscos daqueles, porque o seu chefe era fraco comedor; e ainda gostava mais dele na sua dedicação de cão, por todas as migalhas que assim apanhava atrás dele. Com a boca cheia, continuou depois de um silêncio:

— Que nos importa a nós a chuva, se estamos abrigados? Verdade é que, se isto continua, eu deixo-o e vou aqui para o lado.

Pôs-se a rir, porque não ocultava, até lhe confiara a sua ligação com Filomena Sauvagnat, para que ele não se admirasse de o ver tantas vezes passar fora de casa, nas noites em que ia ter com ela. Como Filomena ocupava, em casa irmão, o aposento do rés-do-chão, junto à cozinha, bastava-lhe bater à persiana; ela abria, e ele entrava, saltando por cima do parapeito, simplesmente. Dizia-se que era por ali que tinham passado todos os carregadores da estação; mas agora estava agarrada ao fogueiro que ao que parecia, lhe bastava.

— Com um milhão de diabos! praguejou surdamente Tiago vendo o dilúvio recommençar dom mais violência, depois de uma calma momentânea.

Pecqueux, que tinha espetado na ponta da faca o último bocado de carne, teve de novo um riso bonacheirão.

— Diga lá, o senhor tinha alguma coisa que fazer esta noite? Hein! A nós é que ninguém nos pode acusar de dar muito uso aos cobertores iá da Rua François Maseline.

Tiago deixou vivamente a janela.

— Mas por que?

— Ora, o senhor, como eu, desde a Primavera que só entra em casa às duas e três horas da manhã!...

Ele devia saber alguma coisa, talvez que até o houvesse surpreendido nalgumas das entrevistas. Em cada dormitório, as camas estavam aos pares, a do fogueiro junto da do maquinista. Porisso não era de admirar que este desse pela conduta irregular do seu chefe, até aí muito moderado.

— Tenho perturbações de cabeça, disse o maquinista ao acaso, e faz-me bem andar de noite.

Mas já o fogueiro interrompia:

— Oh! O senhor é livre... O que eu disse foi por chalaça... Mesmo que algum dia se sinta mal, não se constranja e chame-me, porque eu estou à sua disposição para o que quiser.

Sem se explicar com mais clareza, permitiu-se a liberdade de lhe pegar na mão, apertando-a até estalar, no dom completo da sua pessoa. Depois, amarrotou e atirou fora o papel engordurado que viera embrulhando a carne, repôs a garrafa vazia na cesta, fazendo este pequeno serviço doméstico, como uma criada cuidadosa, habituada à vassoura e à esponja. E, como a chuva se obstinasse, apesar da trovoadas ter já passada:

— Então, eu saio e deixo-o entregue aos seus afazeres.

— Ora, disse Tiago, como isto continua, vou estirar-me no banco da companhia.

Era, ao lado do Depósito, uma sala com colchões protegidos por cobertores de pano grosso, onde os homens descansavam completamente vestidos quando tinham que esperar no Havre três ou quatro horas. Efetivamente, quando viu desaparecer a fogueiro debaixo de uma grande bâtega de água, para a casa dos Sauvagnat, arriscou-se por sua vez, correu para a casa da guarda. Mas não se deitou: ficou no limiar da porta, toda aberta, sufocado pelo calor

que ali reinava.

Aa fundo, um maquinista, deitado de costas, ressonava de boca aberta.

Passaram-se ainda alguns minutos, e Tiago não podia resignar-se a perder a esperança. Na sua exasperação contra aquele dilúvio imbecil, crescia um desejo louco de ir, apesar de tudo, à entrevista, de sentir ao menos a alegria de ir, mesmo quando não encontrasse Severina. Em um ímpeto, acabou por sair sob o aguaceiro, chegou ao seu recanto preferido, a álea negra formada pelos grandes montes de carvão. E como as grossas gotas, açoitando-o de frente, o cegavam, caminhou até à casa da ferramenta, onde já uma vez se abrigara com ela. Parecia-lhe que aí estaria menos só.

Tiago entrava na escuridão profunda desse reduto, quando dois braços ligeiros o envolveram, e uns lábios gentis pousaram sobre os seus lábios. Severina lá estava.

— Meus Deus! Sempre veio?!

— Vim. Vi aproximar-se a trovoadas, corri para aqui antes de chover... Como tardou!

Ela suspirava com voz desfalecida, nunca ele a sentira tão abandonada, ao seu pescoço. Ela escorregou, achou-se sentada sobre os sacos vazios, aquela macia cama que ocupava todo o ângulo. E ele, caído junto dela, sem que os braços de ambos se tivessem desatada, sentia as pernas entrelaçadas com as dela, não podiam ver-se, a respiração de ambos envolvia-os como numa vertigem, no sossego de tudo quanto os rodeava.

Mas, sob o ardente apelo daquele beijo, o tratamento de tu subira-lhes à boca como o sangue amalgamado dos seus corações.

— Esperavas-me...

— Oh! Se te esperava, sim!

Em seguida, desde o primeiro momento, quase sem palavra, foi ela quem o atraiu com um puxão, que o obrigou a apossar-se dela. Severina não previra aquilo. Quando ele chegou, já não contava mesmo vê-lo; arrebatou-lhe a alegria inesperada de o ter ali numa brusca e irresistível necessidade de ser dele sem cálculo nem raciocínio. Aquilo sucedia, porque devia suceder. A chuva redobrava sobre o telhado do armazém; o último comboio de Paris, que entrava na estação, passou, ribombando e apitando, abalando o solo.

Quando Tiago se ergueu, ouviu com surpresa o ruído surdo da água caindo a cântaros. Onde estava ele então? E como encontrasse no solo, sob a mão, o cabo de um martelo que ele sentira ao sentar-se, ficou inundado de felicidade. Então estava acabado? Possuirá Severina e não pegara no martelo para lhe esmagar o crânio. Pertencia-lhe sem luta, aquela vontade instintiva, de a atirar para as costas, morta como uma presa que se arranca aos outros. Já não sentia aquela sede de vingar ofensas ancestrais de que teria perdido a memória exata, aquele rancor amontoado de macho para macho, desde a primeira traição no fundo das cavernas. Não, a posse desta era de um encanto poderoso, curara-o, porque a via outra, violenta na sua fraqueza, coberta de sangue de um homem que lhe fazia como que uma couraça de horror. Ela dominava-o, a ele que não se atrevera. Foi com um reconhecimento enternecido, um desejo de fundir-se nela, que a tomou nos braços.

Ela também, Severina, abandonavam, muito feliz, liberta de uma luta cuja razão não

compreendeu.

Porque se tinha ela recusado durante tanto tempo? Tinha-se prometido, devia dar-se, porque nisso não podia haver senão prazer e doçura. Agora compreendera bem que sempre tivera desejo dele, mesmo quando lhe parecia tão bom esperar.

O seu coração, o seu corpo não viviam senão numa necessidade de amor, absoluto, contínuo, era uma crueldade terrível, aqueles acontecimentos, que a atiravam, apavorada, para todas aquelas abominações. Até ali, a existência abusara dela, na lama, no sangue, com uma violência tal, que os seus belos olhos azuis, que haviam ficado ingênuos, ainda conservavam daqueles fatos um alargamento de terror, sob o seu capacete trágico de cabelos negros. E ficando virgem apesar de tudo, acabava de entregar-se pela primeira vez, a esse rapaz que ela adorava, ao desejo de desaparecer nele, de ser sua serva. Pertencia-lhe, e Tiago podia dispor dela, segundo o seu capricho.

— Oh! Queridinho, aqui me tens, guarda-me, não quero senão o que tu quiseses.

— Não, não, minha querida, tu é que és a soberana, eu não estou aqui senão para amar-te e para obedecer-te.

Passaram-se horas. A chuva tinha cessado havia muito: um grande silêncio envolvia a estação apenas perturbada por uma voz longínqua, indistinta, subindo do mar. Estavam ainda nos braços um do outro, quando a detonação de um tiro os pôs de pé, frementes. Ia nascer o dia: uma manhã pálida branqueava o céu, por cima da foz do Sena. Que fora aquele tiro? A sua imprudência, aquela loucura de terem assim demorado, mostrava-lhes, numa brusca imaginação, o marido perseguindo-os a tiros de revólver.

— Não saias! Espera, eu vou ver.

Tiago, prudentemente, adiantou-se até à porta. E aí na sombra ainda espessa, ouviu aproximar-se uma tropeada de homens, reconheceu a voz de Roubaud que excitava os guardas gritando-lhes que os larápios eram três, que os tinha visto, perfeitamente, roubando carvão. Sobretudo de há algumas semanas a esta parte, não se passava uma noite que ele não tivesse alucinações, como de bandidos imaginários. Desta vez, atirara ao acaso nas trevas.

— Depressa, depressa! Não nos demorem mais aqui, murmurou Tiago. Eles vão passar revista a esta barraca... Foge!

Num grande ímpeto, haviam-se abraçado, abafando-se, a plenos braços, a plenos lábios. Depois, Severina, ligeira, correu ao longo do Depósito, protegida pelo vasto muro; ao passo que ele, mansamente, se dissimulava no meio dos montes de carvão. E era tempo em verdade, porque Roubaud queria efetivamente visitar a barraca. Jurava que os gatunos deviam estar lá. As lanternas dos guardas dançavam ao longo do solo. Houve disputa, acabando todos por tomarem de novo o caminho da estação, irritados daquela perseguição inútil.

E como Tiago, já tranqüilizado, se resolvia, agora, a ir deitar-se, ficou surpreendido de ir dar quase de encontro a Pecqueux, que arranjava o vestuário, acompanhando os movimentos de surdas pragas.

— Então que há, meu velho?

— Com os diabos! Não me diga nada! Aqueles imbecis que acordaram Sauvagnat. Percebeu que eu estava com a irmã, desceu em camisa, e eu saltei pela janela... Olhe! Ouça...

Erguiam-se gritos, soluços de mulher, a quem se corrige, enquanto uma grossa voz de homem bramia injúrias.

— Hein! Lá está ele a castigá-la! Ela tem trinta e dois anos, mas é como se não os tivesse; o irmão, quando a surpreende, dá-lhe cada tunda, como se fosse a uma criança... Tanto pior, naquelas coisas não me meto; é irmão dela!

— Mas, disse Tiago, eu suponho que ele tolerava a você, e que só se zangava quando a encontrava com outro.

— Nunca se sabe! Uma vez finge que não me vê. Depois, está ouvindo, às vezes chega-lhe... Isto não impede que goste da irmã. É irmã dele, e preferia abandonar tudo a separar-se dela. Unicamente quer que ela se porte bem... Hoje creio que levou a sua conta.

Os gritos cessavam com grandes suspiros de lástima, e os dois homens retiraram-se. Dez minuto mais tarde, dormiam profundamente, um ao lado do outro, no fundo da pequena câmara, pintada de amarelo, mobiliada unicamente com quatro camas, quatro cadeiras e uma mesma, onde havia somente uma bacia de zinco.

Depois, em cada noite de entrevista, Tiago e Severina experimentavam grande felicidade. Nem sempre tiveram em volta deles aquela proteção da tempestade. O céu estrelado, a lua cintilante incomodava-os: mas, para aqueles encontros, desapareciam, procuravam recantos escuros, onde era tão bom apertarem-se um de encontro ao outro. E houve assim, em agosto e em setembro, noites adoráveis, de tal doçura que se teriam deixado surpreender pelo sol, enlouquecidos, se o despertar da estação e o resfolegar longínquo do trem não os viessem separar. Mesmo os primeiros frios de outubro não o desagradaram. Ela vinha mais agasalhada, envolta numa grande capa, na qual ele também desaparecia. Depois barricavam-se no fundo da casa da ferramenta, que ele achara jeito de fechar por dentro, com uma tranca de ferro. Estavam ali como em casa; os furacões de novembro, os pés de vento podiam arrancar as ardósias dos telhados, que nem sequer dariam por isso. Entretanto ele, desde a primeira noite, tivera um desejo, o de a possuir em casa dela, naquele lindo alojamento, onde ela lhe parecia outra, mais desejável, com a sua calma sorridente, de burguesa honesta; e ela a isso sempre se recusara não por temer a espionagem no corredor mas por um último escrúpulo de virtude, zelando do leito conjugai. Mas, uma segunda-feira, em pleno dia, como ele fosse almoçar e o marido tardasse a subir, retido pelo chefe da estação, ele gracejou, levou-a para a cama, numa loucura de temeridade de que riam ambos: e, de modo tal, que ali se esqueceram. Desde então, ela não tornou a resistir, e Tiago subia a vê-la, depois da meia-noite, às quintas e sábados. Isto era horivelmente perigoso; não se atreviam a mover por causa dos vizinhos, e com isso sentiam um redobramento de ternura, novos prazeres. Muitas vezes, um capricho de corridas noturnas, uma necessidade de fugirem como animais perseguidos, levava-os para fora, para a solidão negra das noites geladas. Em dezembro, em noite de geada terrível, amaram-se uma vez, ao relento.

Havia já quatro meses que Tiago e Severina viviam por esta forma, numa paixão

crescente.

Eram verdadeiramente jovens ambos, na infância do seu coração, nessa inocência admirada do primeiro amor, arrebatada das menores carícias. Neles continuava o combate da submissão, a qual se sacrificaria mais. Ele, já não duvidava, encontrara a cura do seu pavoroso mal hereditário; porque, desde que a possuía, nunca mais o perturbara o pensamento de matar. Seria porque a posse física contentara aquela necessidade de morte? Possuir, matar, seriam coisas que se equivalessem no fundo sombrio da besta humana? Não raciocinava; demasiado ignorante, nem tentava esquadriñar. Às vezes, entre os seus braços, voltava a encontrar a brusca memória do que ela fizera, daquele assassinio, confessado só com o olhar, quando sentados no banco da Praça das Batignolles; e não experimentava nem o desejo de conhecer os pormenores. Ela, pelo contrário, cada vez parecia mais atormentada pela necessidade de dizer tudo. Quando o estreitava num abraço ele sentia perfeitamente que ela estava ofegante do segredo, e que, se queria entrar por ele a dentro, era unicamente para se aliviar daquilo que a sufocava. Era um grande arrepio que lhe nascia dos rins, que lhe tomava o colo de amante na onda confusa dos suspiros que lhe subiam aos lábios. A voz expirante no meio de um espasmo, não iria falar? Mas, rápido, com um beijo, ele fechava-lhe a boca, e selava a confissão, assustado. Para que por entre eles aquele desconhecido? Isso não iria modificar a felicidade que ambos sentiam? Farejavam um perigo, tomava-os um tremor, a idéia de revolver com ela aquelas histórias de sangue. E ela, sem dúvida, o adivinhava, transformava-se, acariciadora e dócil, como uma criatura de amor, unicamente nascida para amar e ser amada. Uma loucura de posse os arrebatava, às vezes ficavam desmaiados nos braços um do outro.

Roubaud desde o verão que se tornara mais bronco e à medida que a mulher regressava à alegria, à frescura dos seus vinte anos, ele envelhecia e parecia mais sombrio. Em quatro meses como ela dizia, mudara bastante. Dava sempre cordiais apertos de mão a Tiago, convidava-o, e só se considerava feliz quando o tinha à sua mesa. Unicamente, aquela distração já não bastava, saía com freqüência, logo que dava à última dentada, deixava às vezes o camarada com a mulher, a pretexto de que abafava e de que precisava tomar ar. A verdade era que, agora, freqüentava um modesto café do Cours Napoléon, onde encontrava o sr. Cauche, o comissário de polícia. Bebia pouco, pequenos cálices de rum; mas tinha-lhe vindo o gosto pelo jogo, que se transformava em paixão. Só se reanimava, só esquecia tudo, quando, de cartas na mão, se entranhava em intermináveis partidas de *piquete*. O senhor Cauche, jogador desenfreado, decidiu que se interessassem as partidas; tinham chegado a jogar aos cem soldos; e, desde esse momento, Roubaud que ainda não se conhecia, inflamara-se na febre do lucro, essa mira ardente do dinheiro ganho, que devasta um homem a ponta de lhe fazer arriscar a situação, a vida, num lance de dados. Até então, o serviço nada sofrera: escapava-se logo que estava livre, e só voltava para casa às duas ou três horas da manhã, nas noites em que não estava de plantão. A mulher não se queixava, unicamente lhe exprobase o vir mais aborrecido porque tinha um azar extraordinário e acabaria por endividar-se.



Uma noite rebentou a primeira questão entre Severina e Roubaud; sem o odiar ainda, ela já dificilmente o suportava, porque o sentia como um peso na vida que tão leve e tão feliz teria sido, se não fosse a presença dele! De resto, ela não sentia remorso em enganá-lo: a culpa não era dele? Não fora ele que quase a impelira à queda? Na sua lenta desunião, para os curar daquele mal-estar que os desorganizava, cada um deles se consolava e alegrava a seu modo. Se ele tinha o jogo, ela bem podia ter um amante. Mas o que a irritava mais, o que ela não aceitava sem revolta, era a dificuldade em que a colocavam os seus contínuos prejuízos. Desde que o dinheiro destinado às despesas domésticas tomava o caminho do Cours Napoléon, ela não sabia às vezes como pagar a lavadeira. Toda espécie de comodidades, de pequenos objetos de *toilette* lhe faltavam. E, naquela noite, foi justamente por causa da compra de um par de sapatos que eles questionaram. Ele, quando ia sair, não encontrando na mesa a faca para cortar o pão, pegara na celebre navalha, arma que estava numa gaveta do bufê. Ela olhava para o marido, enquanto ele recusava os quinze francos para os sapatos porque não os tinha; ela repetia o pedido, obstinadamente, obrigava-o a repetir a recusa, cada vez mais exasperado; mas subitamente, ela apontou-lhe com o dedo para o lugar do soalho onde dormiam os espectros, disse-lhe que havia ali dinheiro e que ela o queria. Ele empalideceu, largou a navalha, que tornou a cair dentro da gaveta. Per um instante Severina imaginou que ele ia bater nela, porque se aproximou, gaguejando que aquele dinheiro devia apodrecer ali e que seria mais fácil cortar a mão, do que ir tirá-lo; e cerrava os punhos, ameaçava esganá-la, se ela se lembrasse, durante a sua ausência, de arrancar o friso, para roubar um cêntimo que fosse. Nunca, nunca! Isso jamais! Mas ela, também, tornara-se lívida, desfalecendo só à idéia de mexer naquele dinheiro. Podia vir a miséria e ambos estourariam de fome ao lado dele. Efetivamente não falaram mais nisso, nem nos dias das maiores faltas. Quando punham o pé naquele lugar, a sensação de queimaduras aumentava, tão intolerável, que acabaram por desviar-se dali. Então produziram-se outras brigas por causa da Croix-de-Maufrais. Porque não vendiam a casa? E acusavam-se mutuamente de nada fazerem do necessário para apressar a venda. Ele, violentamente, recusava sempre ocupar-se do assunto; ao passo que ela, das raras vezes que escrevera a Misard, só recebera respostas vagas: não se apresentavam pretendentes, os frutos tinham-se perdido e os legumes não cresciam por falta de água. Aos poucos o grande sossego em que o caso cairá depois da crise, perturbava-se, parecendo arrebatado por um terrível recomeço de febre. Todos os germes do mal-estar, o dinheiro oculto, o amante introduzido, se haviam desenvolvido, separando-os agora, irritando-os um contra o outro. E, nessa agitação ascendente, a vida tornava-se um inferno.

Também como por repercussão fatal, tudo se estragava igualmente em volta dos Roubaud. Uma nova borrasca de intriguinhas e discussões soprava no corredor. Filomena rompera violentamente com a senhora Lebleu, em seguida a uma calúnia desta, que a acusava de lhe ter vendido uma galinha morta de doença. Mas a verdadeira razão do rompimento consistia numa aproximação entre Filomena e Severina. Como Pecqueux tivesse uma noite reconhecido esta pelo braço de Tiago, Severina mostrara-se amável para com a amante do

fogueiro; e Filomena, muito lisonjeada desta ligação com uma senhora, que era incontestavelmente a beleza e a distinção da estação, voltara-se contra a mulher do caixa, aquela velha pelintra, capaz das maiores intrigas. Ela tirava-lhe toda a razão, gritava agora, por toda a parte que o alojamento ao lado da rua pertencia aos Roubaud, que era uma abominação não o restituírem. As coisas começaram a tomar mau caminho para a senhora Lebleu, tanto mais que o seu empenho em espreitar a srta. Guichon, a fim de a surpreender com o chefe da estação, ameaçava também causar-lhe desgostos sérios: ela não conseguia surpreendê-los, mas tinha o azar de deixar-se surpreender, de ouvido colado às portas; tanto que o senhor Dabadie, exasperado por ser espionado desta maneira, dissera ao sub-chefe Moulin que, se Roubaud reclamasse ainda o alojamento, ele subscreveria a reclamação. E como Moulin, habitualmente pouco falador, tivesse divulgado isto, por pouco não houve brigas duma extremidade à outra do corredor, de tal modo se haviam reacendido as paixões.

No meio desses abalos crescentes, Severina só tinha um dia bom na semana, a sexta-feira. Desde outubro que ela tivera a tranqüila audácia de inventar um pretexto, o primeiro que lhe acudiu, uma dor no joelho, que necessitava os cuidados dum especialista; e, todas as sextas-feiras ela partia no expresso das seis e quarenta da manhã, que Tiago pilotava, passava o dia com ele em Paris, e depois voltava no expresso das seis e trinta. A princípio julgara-se obrigada a dar ao marido notícias do joelho; ia melhor, ia pior; depois, vendo que ele nem sequer a ouvia, cessara o assunto. Às vezes olhava para ele, perguntando a si mesma, se ele não saberia. Como era que aquele feroz ciumento, aquele homem que havia matado, cego de sangue, numa raiva imbecil, chegava a tolerar-lhe um amante? Não o podia acreditar, pensava apenas que ele se estava tornando cada vez mais demorado.

Nos primeiros dias de dezembro, numa noite glacial, Severina esperou o marido até muito tarde. No outro dia, sexta-feira, antes de amanhecer, ela tinha de tomar o expresso; e nessas noites, fazia uma *toilette* mais cuidada, tinha a roupa pronta para vestir-se logo ao saltar da cama. Por fim, deitou-se, acabando por adormecer mais ou menos à uma hora. Roubaud não tinha ainda regressado à casa. Já por duas vezes ele só tinha aparecido de madrugada, absorvido pela sua paixão, que cada dia era maior. Não sentia forças de sair do café, ao fundo do qual havia uma salinha, que aos poucos se transformara em verdadeira batota; jogavam-se ali grandes somas. Satisfeita, no entanto, por dormir sozinha, embalada pela expectativa do magnífico dia que ia passar. Severina dormia profundamente, no doce calor dos cobertores.

Mas quase às três horas, um ruído singular a despertou. A princípio não compreendeu, julgou sonhar e voltou a adormecer. Eram esforços surdos, estalidos de madeira como de quem quisesse forçar uma porta. Um estalido mais violento fê-la sentar-se na cama. E apossou-se dela o medo: com certeza alguém queria fazer saltar a fechadura da porta do corredor. Durante um minuto, não se atreveu a mexer-se, escutando com um zumbido nos ouvidos. Depois teve a coragem de levantar-se para ver; caminhou sem ruído, de pés descalços, entreabriu a porta do quarto docemente, tomada da frio tal, que se sentiu pequenina sob a camisola que a cobria. O espetáculo que se lhe deparou, na sala de jantar,

pregou-a ao chão de surpresa e de pavor.

Estendido no chão, Roubaud, deitado de barriga para baixo, apenas erguido sobre os cotovelos, arrancara o friso, com o auxílio de um escopro. Uma vela colocada a seu lado, iluminava-o, projetando a sua sombra enorme até ao teto. E, nesse momento, com o rosto inclinado por cima do buraco que abria o soalho numa fenda negra, ele olhava com olhos muito esgazeados.

O sangue tornava-lhe violáceas as faces, o seu rosto de assassino aparecia nítido. Brutalmente, mergulhou a mão, não encontrou nada, no frêmito que o agitava, e teve que aproximar a vela. Ao fundo apareceram a bolsa, as notas, o relógio.

Severina soltou um grito involuntário, e Roubaud, aterrado, voltou-se.

No primeiro momento, nem a reconheceu, julgou-a um espectro, vendo-a toda de branco, e com o olhar aterrado.

— Que estás fazendo? perguntou ela.

Ele olhava para a mulher, evitando responder, incomodado pela sua presença, desejoso de a mandar para a cama. Mas não lhe acudia uma palavra conveniente, justa; tinha mas era vontade de a esbofetear, assim mesmo nua, a tiritar de frio.

— Ê bonito não é verdade? continuou ela. Negas-te a comprar-me sapatos, de que preciso, mas tiras o dinheiro para ti, porque perdeste no jogo.

Isto, dito assim, enraiveceu-o. Iria ela estragar-lhe ainda mais a vida, colocar-se no caminho dos seus prazeres, aquela mulher que ele já não desejava, cuja posse representava para ele sensação desagradável? Pois que tinha agora outros divertimentos, não precisava dela absolutamente para nada. Esquadrinhou de novo, pegando apenas na bolsa que continha os trezentos francos em ouro. E quando, com o tacão, tornou a pôr o friso no seu lugar, veio, com os dentes cerrados gritar-lhe estas palavras:

— Aborreces-me, sabes? Eu faço aquilo que quero. Eu pergunto-te lá, porventura, que é vais fazer sempre em Paris?

Depois, com um furioso encolher de ombros, voltou para o café, deixando a vela no chão.

Severina apanhou-a e foi outra vez para a cama, gelada até aos ossos; conservou a vela acesa, não 'podendo tornar a adormecer, esperando a hora do comboio, cada vez mais ardente, com os olhos muito abertos. Era certo agora, houvera uma desorganização progressiva, como que uma infiltração de crime, que decompunha aquele homem e que apodrecera todos os laços que os prendiam. Roubaud sabia.

Naquela sexta-feira, os viajantes, que deviam, no Havre, tomar o expresso das seis e quarenta, tiveram, ao despertar um grito de surpresa: desde a meia-noite que caía neve, em flocos tão espessos, tão grossos, que houve nas ruas uma camada de trinta centímetros.

Sob o alpendre coberto, já a Lison resfolegava, fumegante, atrelada a um comboio de sete vagões, três de segunda classe e quatro de primeira. Quando, pelas cinco horas e meia, Tiago e Pecqueux chegaram ao Depósito, para a visita, tiveram grande inquietação, diante daquela neve teimosa, em que se desentranhava o céu todo preto. E agora, no seu posto,

esperavam o apito de saída, com os olhos ao longe, para lá do pórtico da estação, vendo cair, mudos e sem fim, os flocos de neve que riscavam as trevas dum arrepio lívido. O maquinista murmurou:

— Diabos me levem se se vê qualquer sinal.

— Ainda se se puder passar! disse o fogueiro.

Roubaud estava no apeadeiro, com a lanterna, tendo entrado à hora precisa de retomar o serviço. Por instantes, suas pálpebras magoadas fechavam-se de cansaço, mas não deixava de vigiar. Tendo-lhe Tiago perguntado se não sabia nada do estado da linha, ele acabava de se aproximar e de apertar-lhe a mão, respondendo que não tinha vindo ainda telegrama nenhum; e, como Severina descesse envolta numa grande capa, foi ele próprio acompanhá-la a um compartimento de primeira classe, aonde a instalou. Ele surpreendera, sem a menor dúvida, o olhar de ternura inquieta trocado entre os dois amantes; mas nem sequer teve o cuidado de dizer à mulher que era imprudente partir com um tempo daqueles e que melhor faria adiando a viagem.

Chegaram passageiros, embuçados, carregados de malas, uma grande confusão no frio terrível da manhã. Nem a neve da calçada se derretia; e as portinholas logo se fechavam, cada um dos viajantes tratava de agasalhar-se o melhor que podia, o cais ficava deserto, mal iluminado pelos clarões duvidosos de alguns bicos de gás; o farol da máquina, enganchado na base da chaminé, flamejava sozinho como um olho gigante, ampliando ao longe, na escuridão, a sua toalha de incêndio.

Mas Roubaud levantou a lanterna, dando o sinal. O condutor-chefe apitou e Tiago respondeu, depois de aberto o regulador e inclinado para a frente o volante de mudança de andamento. Partiram. Durante um minuto ainda, o sub-chefe seguiu tranqüilamente com o olhar o comboio que se afastava, sob a tempestade.

— E atenção! disse Tiago a Pecqueux. Nada de brincadeiras, hoje!

Já tinha notado que o seu companheiro parecia também cair de cansaço: resultado seguramente de alguma pândega da véspera.

— Oh! Não há perigo! gaguejou o fogueiro.

Depois de saírem da estação, os dois homens entraram na neve. O vento soprava de leste, a máquina tinha assim vento de proa, açoitada de frente pelas rajadas; e, por detrás do cata-vento, não sofreram muito a princípio, agasalhados em vestuários de grossa lã, com os olhos protegidos por óculos. Mas, na escuridão da noite, a luz brilhante do farol era como que absorvida por aquelas espessuras que caíam. Em vez de iluminar-se a duzentos ou trezentos metros, a linha aparecia sob uma espécie de nevoeiro leitoso, onde as coisas só surgiam quando muito próximas, assim como do fundo de um sonho. O que receava, o maquinista e que muito o inquietou, foi verificar, à luz do primeiro posto, que não poderia decerto ver, à distância necessária, os sinais vermelhos que fechavam a linha. Desde então, avançou com extrema prudência, sem poder, contudo, afrouxar a velocidade, porque o vento opunha-lhe enorme resistência e qualquer atraso tornar-se-ia também um grande perigo.

## VII

Até à estação de Harfleur a Lison correu numa excelente marcha. A camada de neve do chão não preocupava ainda Tiago, porque o aparelho que a máquina levava na frente para afastar a neve para fora dos carris, varria facilmente até um metro. Estava entregue ao cuidado de manter a sua velocidade, sabendo que a verdadeira qualidade de um maquinista, depois da temperança e do amor à sua máquina, consistia em marchar de um modo regular, sem abalos, na mais alta pressão possível. Mesmo o seu único defeito era esse, uma obstinação em não parar, desobedecendo aos sinais, julgando sempre que teria tempo para dominar a Lison; por isso, às vezes, ia longe de mais, o que lhe valera ser suspenso por vinte dias. Mas, naquele momento, no grande perigo que sentia, o pensamento de que Severina ia ali, de que tinha à sua responsabilidade aquela querida existência decuplicava a força da sua vontade, até Paris, ao longo dessa dupla linha férrea, no meio dos obstáculos que ele devia transpor.

E, de pé, sobre a placa de ferro que ligava a máquina ao tender, nos contínuos solavancos da trepidação, Tiago apesar da neve, inclinava-se à direita para ver melhor.. Pelo vidro do guarda-vento, embaciado pela água, não distinguia coisa alguma; e ficava com a face exposta às rajadas, a pele flagelada por milhares de agulhas, penetrada de um frio tal, que lhe pareciam golpes de navalha. De tempos a tempos recolhia-se para tomar a respiração; tirava os óculos, limpava-os; depois voltava ao posto de observação, em plena borrasca, os olhos fixos, na expectativa das luzes vermelhas, tão absorvido no seu querer, que, por duas vezes teve a alucinação de bruscas faíscas sangrentas maculando a pálida cortina que tremia, na sua frente.

Mas, súbito, nas trevas, uma sensação advertiu-o de que o seu fogueiro ali não se achava. Unicamente uma pequena lanterna iluminava o nível de águas, para que nenhuma outra luz cegasse o maquinista; e no mostrador do manômetro, cujo esmalte parecia conservar um clarão próprio, vira que a agulha azul, tremia e baixava rapidamente. Era a luz que se apagava. O fogueiro acabara de estender-se em cima do cofre, vencido pelo sono.

— Maldita bebedeira! exclamou Tiago furioso, sacudindo-o.

Pecqueux, levantou-se, desculpou-se, com um som ininteligível. Mal se tinha de pé; mas a força do hábito lá o levou para o fogo, de marreta em punho, partindo o carvão, estendendo-o sobre a grelha com a pá, numa camada por igual; depois deu uma vassourada. E, enquanto a porta de ferro ficara aberta, um reflexo da fornalha incendiara a neve, jorrando de través, em largas gotas de ouro, iluminando o comboio, para trás, como se fosse uma cauda de cometa, flamejante.

Depois de Harfleur, começou a grande rampa de três léguas, que vai até Saint-Romain, a

mais Íngreme de toda a linha. Por isso, o maquinista se entregou a manobra, muito atento, esperançado num esforço violento, para subir aquela encosta de si tão rude, mesmo quando o tempo estava bom. Com a mão no volante de mudanças de andamento, via fugir os postos telegráficos, tratando de verificar a velocidade. Esta diminuía muito, a Lison perdia o fôlego e adivinhava-se o esforço do aparelho para desviar a neve, ao encontrar uma resistência cada vez maior. Com a ponta do pé, abria novamente a porta da fornalha; e o fogueiro, cheio de sono, compreendeu, atçou mais o fogo, a fim de aumentar a pressão. Agora a porta estava rubra, o fogo iluminava as pernas de ambos com uma cor violeta. Mas, com a corrente de ar gelado que os envolvia, nem sentiam aquele ardente calor. A um gesto do chefe, o fogueiro levantara também a haste do braseiro, o que ativava a tiragem. Rapidamente, a agulha do manômetro subiu a dez atmosferas e a Lison deu toda a força de que foi capaz. Houve, mesmo, um momento em que, vendo baixar o nível da água, o maquinista teve que fazer mover o pequeno volante do injetor, bem que isso fizesse diminuir a pressão. Essa pressão, contudo, subia, a máquina roncava, escarvava, como um animal que se carrega demais, com sobressaltos, movimentos de rins, em que julgaria ouvir-lhe estalar os membros. E tratava-a com desabrimento, como a uma mulher envelhecida já e com menos forças, e por quem não se tem a mesma ternura de dantes.

— Nunca ela será capaz de subir, o estupor! disse ele com os dentes cerrados, ele que, em serviço, não falava nunca.

Pecqueux, espantado, na sua sonolência, olhou para o maquinista. O que tinha ele agora contra a Lison? Não era ela sempre a valente máquina obediente que arrancava tão bem que era um prazer pô-la a caminho, e de tão boa vaporização que poupava a décima parte do carvão, de Paris ao Havre? Quando uma máquina tinha caixas de embolo como aquela, de um tão perfeito regulamento, cortando maravilhosamente o vapor, podiam-se-lhe tolerar todas as imperfeições, como se se tratasse de uma mulher caprichosa, mas que tivesse a seu favor o bom comportamento e a economia. Bem se sabia que gastava óleo demais. E depois? Davas-se-lhe o óleo que era preciso, e pronto!

Justamente neste momento, Tiago repetia exasperado:

— Se não a untarem, nunca será capaz de subir isto!

E, o que ele não fizera mais de três vezes na vida, pegou na almotolia para a untar em marcha. Transpondo o corrimão, subiu para o tabuleiro, que seguia a todo o comprimento da caldeira. Era uma das manobras mais perigosas: os pés escorregavam-lhe na estreita aresta de ferro, molhada pela neve; ele nada via e o vento terrível ameaçava varrê-lo como a uma palha. A Lison, com aquele homem ao flanco, continuava sua carreira, ofegante, na noite, pelo meio da imensa camada branca, onde abria profundamente um sulco. A máquina sacudia-o, arrebatava-o. Chegado à travessa da frente, agachou-se diante do receptáculo que untava o cilindro da direita, teve um trabalho infinito para o encher, segurando-se com uma das mãos a um varão. Depois, precisou dar a volta, assim como um inseto a rastejar, para untar o cilindro da esquerda. E, quando voltou, extenuado, estava muito pálido porque sentira passar por cima dele a morte.

— Sendeiro indecente! murmurou ele.

Surpreendido por esta violência fora do comum com respeito á Lison, Pecqueux falou, arriscando uma vez mais o seu costumado gracejo:

— Porque não me deixou ir lá? Isso era servicinho para mim, que conheço isso bem, untar as senhoras.

Já mais esperto, tomara também o seu posto, vigiando o lado esquerdo da linha. Comumente ele tinha bons olhos, melhores o que os do chefe. Mas, naquela tormenta, tudo desaparecera; eles, para quem cada quilômetro de caminho era tão familiar, mal podiam reconhecer os lugares que atravessavam: a estrada desaparecia na neve, as sebes, as próprias casas pareciam sumir-se; só se via uma planície rasa e sem fim, um dos caos de brancura vaga, em que a Lison parecia galopar à sua vontade, tomada de loucura. E nunca os dois homens tinham sentido tão estreitamente o laço da fraternidade que os unia sobre aquela máquina em andamento, largada através de todos os perigos, onde se encontravam mais sós e mais abandonados do mundo do que num quarto fechado, com a agravante, a esmagadora responsabilidade das vidas humanas, que arrastavam com eles. Por isso Tiago, a quem a graça de Pecqueux irritara, acabou por sorrir, dominando a cólera que o arrebatava. Não era aquele com certeza o momento próprio para questões. A neve dobrava, a cortina cada vez mais se condensava no horizonte. Continuava-se a subir, quando o fogueiro, por sua vez, julgou ver uma luz a brilhar ao longe. Com uma palavra avisou o chefe. Mas não a enxergou mais, os seus olhos haviam sonhado, como ele dizia às vezes. B o maquinista, que nada vira, ficara com o coração, batendo, perturbado por aquela alucinação do companheiro, perdendo a confiança em si próprio.

O que ele imaginava distinguir eram imensas formas negras, massas consideráveis, como pedaços gigantes da noite, que pareciam deslocar-se e encaminhar-se para a máquina. Seriam colinas desmoronadas, montanhas barrando a linha, onde o comboio fosse esmigalhar-se? Então, tomado de medo, puxou pela corrente do apito, e apitou longamente, desesperadamente; e esta lamentação arrastava-o lúgubre, através da tempestade. Depois ficou admirado de ter apitado tão a propósito, porque o comboio atravessou em grande velocidade a estação de Saint-Romain, da qual se julgava distanciada dois quilômetros.

Entretanto, a Lison, que transpusera a terrível rampa, pôs-se a rodar mais à vontade, e Tiago pôde respirar um momento. De Saint-Romain para Bolbec, a linha sobe dum modo insensível; tudo havia de correr bem até à outra extremidade do planalto. Quando chegou a Benzeville, durante uma paragem de três minutos, não deixou por isso de chamar o chefe da estação, que avistou no apeadeiro, para lhe participar os seus receios, em vista daquele neve cuja camada aumentava de minuto a minuto: nunca chegaria a Ruão; o melhor seria dobrar a atrelagem, juntando segunda máquina, enquanto estavam numa estação, onde havia um Depósito com máquinas à disposição, sempre prontas. Mas o chefe da estação respondeu que não tinha ordem para isso e que não tomaria sobre si a responsabilidade dessa medida. Apenas deu-lhe cinco ou seis pás de madeira para desimpedir as calhas, em caso de necessidade. E Pecqueux pegou nas pás que encostou a um canto do tender.

No planalto, efetivamente, a Lison continuou a sua marcha, com boa velocidade, sem demora. Com tudo cansava-se. De minuto a minuto, o maquinista tinha de fazer o mesmo gesto e abrir a porta da fornalha para que o fogueiro pusesse carvão, e de todas as vezes por cima do comboio sombrio, negro no meio de toda aquela brancura, coberta de uma mortalha, flamejava a deslumbrante cauda do cometa, furando a noite. Eram sete e três quartos; nascia o dia; mas mal se distinguia a palidez do céu, no imenso turbilhão esbranquiçado, que enchia o espaço de uma a outra extremidade do horizonte. Esta claridade duvidosa, em que nada se distinguia ainda, inquietava mais os dois homens, que, com os olhos cheios de lágrimas, apesar dos óculos, se esforçavam por ver ao longe. Sem largar o volante da mudança de andamento, o maquinista não abandonava também a corrente do apito, apitando quase continuamente, por prudência, um apitar de angústia, que chorava no fundo daquele deserto de neve.

Atravessou-se Bolbec, depois Yvetot sem novidade. Mas, em Motteville, Tiago, de novo, interpelou o sub-chefe, que não pôde dar-lhe informações sobre o estado da linha. Não tinha ainda chegado comboio algum; o que viera fora um telegrama simplesmente noticiando que o misto de Paris se achava bloqueado em Ruão, em segurança. E a Lison continuou, descendo com o seu aspecto pesado e cansado as três léguas do suave declive que vão até Barentin. Agora já o dia aparecia, embora pálido; e parecia que aquele darão lívido procedia da própria neve. Esta caía mais densa, como se fora a mesma alva a cair toldada e fria, afogando terra, com destroços do céu. Com o avanço da manhã, o vento dobrava de violência, os flocos de neve eram impelidos como balas, era preciso que a cada instante o fogueiro pegasse na pá para varrer o gelo do carvão, no fundo do tender, entre as paredes do recipiente de água. À direita e à esquerda, o campo aparecia de tal modo irreconhecível, que os dois homens sentiam-se como a fugir, num sonho; os vastos campos rasos, as opulentas pastagens cercadas de sebes vivas, os terrenos plantados de macieiras, eram um mar branco, apenas erguido aqui e além de curtas vagas, na imensidão pálida e trêmula, onde tudo desfalecia, nessa brancura. E o maquinista, de pé, a face cortada pelas rajadas, a mão no volante, sofria terrivelmente com o frio.

Finalmente, na paragem de Barentin, o chefe da estação, Bessiére, aproximou-se ele próprio da máquina, para prevenir Tiago de que para o lado de Croix-de-Mauftras constava terem-se acumulado quantidades consideráveis de neve.

— Creio que pode ainda passar, acrescentou ele, mas há de ser difícil.

Então Tiago enfureceu-se.

— Com os diabos! Eu bem o disse em Benzeville! Que lhes custava dar-me outra máquina? Isto vai ser terrível!

O condutor-chefe desceu do seu *fourgon*, e também ele se irritara. Estava gelado na sua vigia, e era incapaz de distinguir um sinal de poste telegráfico. Uma verdadeira viagem de cabra-cega, em toda aquela brancura!

— Enfim, estão prevenidos, continuou o senhor Bessiére.

Os passageiros estavam já admirados dessa parada prolongada, no meio do grande



silêncio da estação, sem um grito de empregado, sem um bater de portinholas. Baixaram-se algumas vidraças, apareceram cabeças: uma senhora gorda, com duas mocinhas louras, encantadoras, suas filhas decerto, três inglesas seguramente; e mais longe, uma senhora jovem, morena, muito bonita, que um homem de idade aconselhava a recolher-se; ao passo que dois homens um moço, outro avançado em anos, conversavam de um carro para outro, com o corpo meio fora das portinholas. Mas, como Tiago olhasse para trás, só viu Severina, também debruçada, olhando por sua vez, com ar ansioso. Até o querido amor, como ela devia estar inquieta, e que aflição ele experimentava ao sabê-la ali, tão peno e tão longe dele, naquele perigo! Teria dado todo o sangue para já estar em Paris e aí depositá-la sã e salva.

— Vamos, parta, concluiu o chefe da estação. É inútil assustar os passageiros.

Ele próprio dera o sinal. Subindo para o *fourgon*, o condutor-chefe apitou; e, uma vez mais, a Lison arrancou, com um longo grito de lamentação.

Tiago percebeu logo que o estado da estrada mudava. Já não era a planície, o desenrolar até o infinito do espesso tapete da neve, em que a máquina corria como um vapor, deixando um sulco. Entrava-se na região atormentada, colinas e vales, cuja enorme vaga ia até Malaunay, enchendo o solo de corcovas; e a neve tinha-se ali amontoadado de modo irregular; a estrada estava desimpedida mas certas passagens se achavam obstruídas por massas consideráveis. O vento, que varria os aterros, enchia as trincheiras. Era assim uma sucessão contínua de obstáculos a transpor, trechos de estrada livre, obstruídos por verdadeiros baluartes. O dia estava agora perfeitamente claro, e a região devastada, essas estreitas gargantas, essas encostas íngremes, tomavam sobre camada de neve, a desolação dum oceano de gelo, imobilizado na tormenta.

Nunca até então Tiago sentira um tal frio. Sob as mil agulhas de neve, o rosto esfogueava; e já não tinha consciência das mãos, paralisadas pelo entorpecimento, tornadas tão insensíveis que estremeceu ao notar que perdia nos dedos a sensação do pequeno volante da mudança de andamento. Quando levantou o cotovelo para puxar a corrente do apito, o braço pesava-lhe como um braço de morto. Não teria podido dizer se as pernas o levavam, nos abalos contínuos da trepidação que lhe arrancavam as entranhas. Invadira-o uma fadiga imensa, com aquele frio, cujo gelo alcançava o crânio, e sentia medo de já não existir, de não saber se ainda pilotava a Lison, porque num gesto maquinai é que ele dava volta ao volante, vendo, aturdido, baixar o manômetro. Atravessavam-lhe a cabeça todas as histórias conhecidas de alucinações. Não era uma árvore que estava caída lá adiante através da linha? Não tinha ele visto uma bandeira vermelha flutuar por cima daquela moita? No meio do trovejar das rodas não rebentavam petardos a todo momento? Não o teria podido dizer, repetia a si mesmo que devia parar, e não encontrava para isso a vontade nítida. Durante alguns minutos, esta crise torturou-o: depois, bruscamente, à vista de Pecqueux, que cairá novamente adormecido em cima do cofre, vencido per aquela opressão do frio, de que ele próprio sofria, enfureceu-se de tal forma, que ficou como que aquecido.

— Oh! que asqueroso animal!

E ele, tão tolerante em geral para com os vícios daquele bebedor, despertou-o a pontapés, e só deixou de bater-lhe, quando o viu em pé. O outro, entorpecido, contentou-se em rosnar, pegando na pá:

— Bom, bom! Vou indo.

Depois de carregada a fornalha, a pressão tornou a subir; e era tempo; a Lison acabava de penetrar no fundo duma trincheira, onde tinha de fender uma espessura de mais dum metro. Avançava num esforço extremo, de que toda ela tremia. Por um instante, extenuou-se, pareceu que ia imobilizar-se como um navio que tocasse num banco de areia. O que a carregava era a neve de que uma pesada camada cobria os telhados dos carros. Corriam assim, negros na singradura branca, com aquele pano branco estendido sobre eles; e ela própria parecia cheia de bordaduras de arminho vestindo-lhe os rins sombrios, em que os flocos se derretiam e escorriam em chuva. Uma vez mais, apesar do peso, ela se desembaraçou e passou. Ao longo duma larga curva, sobre um aterro pôde ainda seguir-se o comboio que avançava à vontade, semelhante a uma fita de sombra, perdida no meio dum país de lendas, deslumbrante de alvura.

Mas, mais adiante, recomeçavam as trincheiras, e Tiago e Pecqueux, sentindo a Lison encalhar, arrostaram com o frio, de pé, naquele posto, que, mesmo moribundos não podiam abandonar. De novo a máquina perdia velocidade. Enterrara-se entre dois taludes, e a paragem produziu-se lentamente, sem abalo. Pareceu que se enviscava, presa em todas as suas rodas, cada vez mais apertada, sem poder respirar. Não se mexeu mais. Acabara-se; a neve segurava-a ali, impotente.

— E ficou! — trovejou Tiago. Com um milhão de diabos! Por alguns segundos ainda permaneceu no posto, com a mão

no volante, abrindo tudo, a ver se o obstáculo cedia. Depois, ouvindo a Lison ofegar em vão, fechou o regulador, e praguejou mais forte, furioso.

O condutor-chefe debruçara-se na portinhola do seu *fourgon* e Pecqueux, tendo-se voltado, gritou-lhe:

— E ficou! Estamos colados!

Vivamente o condutor saltou para a neve, que o cobria até aos joelhos. Aproximou-se. Os três homens formaram um conselho.

— A única coisa que podemos fazer é desentulhar a neve, acabou por dizer o maquinista. Felizmente temos pás. Chame o condutor da retaguarda e nós quatro acabaremos por desembaraçar as rodas.

Fizeram sinal ao condutor da retaguarda, que também se apeara do *fourgon*. Chegou com grande custo, quase enterrado na neve. Mas aquela parada em pleno campo, no meio daquela solidão branca, aquele ruído claro das vozes discutindo o que haviam de fazer, aquele empregado saltando do comboio, em passadas difíceis, haviam inquietado os passageiros. Baixaram-se vidraças. Gritavam, perguntavam, faziam uma confusão vaga ainda, mas crescente.

— Onde estamos? Por que paramos? O que é que há? Meu Deus, foi algum desastre?

O condutor sentiu a necessidade de sossegar aquela gente. Justamente quando ele se adiantava com esse fim, a senhora inglesa, cuja face vermelha, os dois rostos encantadores das filhas enquadrava, perguntou-lhe com forte sotaque;

— Há perigo?

— Não, não, minha senhora, respondeu ele. Um pouco de neve simplesmente: já vamos continuar a andar.

E a vidraça subiu, no meio das vozes das mocinhas, aquela música das sílabas inglesas, tão vivas em lábios cor-de-rosa. Ambas riam, muito divertidas.

Mas, mais longe, o homem de idade chamava o condutor enquanto a sua juvenil companheira arriscava por detrás dele a linda cabecinha morena.

— Por que não tomaram precauções? É insuportável! Volto de Londres, os meus negócios chamam-me em Paris esta manhã, e tornarei a Companhia responsável por qualquer atraso.

— Mas, senhor, foi o que o empregado pôde repetir, dentro de três minutos, partiremos novamente.

O frio era terrível, a neve entrava, as cabeças desapareceram, correram as vidraças. Mas no fundo dos carros fechados persistia uma agitação, uma ansiedade, de que se sentia o surdo zumbir. Só duas vidraças continuavam descidas: e, encostados a três compartimentos de distância dois passageiros conversavam, um americano de uns quarenta anos, e um rapazote que morava no Havre, muito interessados no trabalho de desentulho.

— Na América, toda a gente coopera e pega nas pás.

— Oh! isto não é nada! Eu, só no ano passado estive bloqueado por duas vezes. As minhas ocupações obrigam-me a vir todas as semanas a Paris.

— E eu quase de três em três semanas...

— O que, de Nova York?

— Sim, senhor, de Nova York.

Tiago dirigia o trabalho. Tendo avistado Severina, em uma portinhola do primeiro carro, onde ela se colocava para estar mais perto dele, pediu-lhe com o olhar, que se recolhesse; e ela, compreendendo, retirara-se para dentro, para não continuar exposta àquele frio que lhe queimava o rosto. Ele, desde então, pensando nela, trabalhava com mais coragem. Mas notava que a causa da paragem, o empastamento na nave, não provinha das rodas: estas cortavam as camadas mais espessas; era o cinzeiro colocado entre elas a causa do obstáculo, rolando a neve, endurecendo-a em blocos enormes. E acudiu-lhe uma idéia:

— É preciso desparafusar o cinzeiro.

A princípio o condutor-chefe opôs-se. O maquinista estava sob as suas ordens, não o queria autorizar a cocar na máquina. Depois, deixou-se convencer.

— Se o senhor toma a responsabilidade, faça-o!

Foi uma tarefa árdua. Estendido debaixo da máquina, com as costas sobre a neve, que derretia, Tiago e Pecqueux trabalharam perto de meia hora. Felizmente na caixa da ferramenta havia chaves de parafusos. Com o risco de se queimarem ou ficarem esmagados,

conseguiram desprender o cinzeiro. Agora faltava o pior, que era retirá-lo de debaixo da máquina. Dum peso enorme, embaraçava-se nas rodas e nos cilindros. Contudo, os quatro conseguiram tirá-lo e arrastaram-no para fora da linha, até ao talude.

— Agora, acabemos de desentulhar, disse o condutor.

Havia perto de meia hora que o comboio estava naquela situação e a angústia dos passageiros aumentara. A cada momento, baixava uma vidraça e uma voz perguntava porque não partiam. Era o pânico, gritos, lágrimas, numa crise crescente de aflição.

— Não, já está suficientemente desimpedida a linha, declarou Tiago. Subam que eu me encarrego do resto. Estava de novo em seu posto, com Pecqueux, e depois que os dois condutores retomaram os seus *fourgons*, deu ele próprio volta à torneira das válvulas. Um jato de vapor ardente, ensurdecido, acabou de derreter os pedaços de gelo que aderiam ainda às calhas. Depois, com a mão no volante, fez movimento de contravapor. Lentamente a máquina recuou cerca de trezentos metros, para criar embalo. E, tendo carregado no fogo, excedendo mesmo a pressão permitida, voltou contra a muralha que obstruía a estrada, e atirou de encontro nela a Lison com toda a sua massa, em todo o peso do comboio que ela arrastava. Ela fez um sem terrível de rachador que crava o machado com ânsia; sua forte armação de aço e ferro estalou com o esforço. Mas não pôde ainda passar; parará fumegante, vibrando toda, com o choque. Então, com as duas novas tentativas, teve que recomeçar a manobra, recuou, arrancou sobre a neve, para a levar diante de si; e de ambas as vezes a Lison distendendo os rins, enfrentou com o peito, com o seu hálito bufante de gigante. Por fim, tomando fôlego, esticou os músculos de metal num supremo esforço e passou; pesadamente, o comboio seguia-a entre as muralhas da neve rasgada. Estava livre.

— Apesar de tudo, excelente animal! resmoneou Pecqueux.

Tiago, deslumbrado, tirou os óculos, limpou-os. O coração pulsava-lhe com violência; já não sentia o frio. Mas, bruscamente, acudiu-lhe o pensamento duma profunda trincheira, que havia a cerca de trezentos metros da Croix-de-Maufras: abria-«e na direção do vento, a neve devia ter-se aí acumulado em quantidade considerável; e teve imediatamente a certeza de que era esse o escolho onde ele teria de naufragar. Debruçou-se. Ao longe, depois da última curva, apareceu-lhe a trincheira em linha reta, assim como uma comprida cova de neve. O dia estava inteiramente claro, a brancura era sem limites e deslumbrante, sob a queda contínua dos flocos.

A Lison corria numa velocidade média, não tendo encontrado obstáculo. Por precaução, haviam-se deixado acesas as luzes da frente e da retaguarda; e o farol branco, na base da chaminé luzia em meio da claridade do dia como o olho de um ciclope. Ela rodava, aproximava-se da trincheira, com aquele olho largamente aberto. Então pareceu que soprava com um pequeno sopro curto, assim como um cavalo que tem medo. Sacudiam-na profundos estremecimentos, empenava-se, só continuava a marcha para obedecer à mão voluntariosa do maquinista. Com um gesto, este abrira a porta da fornalha, para que o fogueiro ativasse o fogo. Agora não era já uma cauda de astro incendiando a noite, era um penacho de fumo negro, que manchava a estranha palidez do céu.

A Lison avançava. Ppr fim teve de entrar na trincheira. À direita e à esquerda os taludes estavam imersos na neve, e nada se distinguia da linha, ao fundo. Era como leito de torrente, onde a neve dormia, até extravasar. A máquina penetrou nessa massa, rodando durante uns cinquenta metros, com o fôlego perdido, cada vez mais lento. A neve, que ela repelia, formava uma barreira na sua frente, torvelinhava e subia numa onda revolta que ameaçava tragá-la. Por um momento, parecera desgarrada, vencida. Mas, num altivo esforço de rins, conseguiu libertar-se, avançou trinta metros ainda. Era o fim, o estremeção da agonia; pedaços de neve recaíam, cobriam as rodas, todas as peças do maquinismo eram invadidas, ligadas uma a uma por corrente de gelo. E a Lison parou definitivamente, expirante, no grande frio. O fôlego extinguiu-se, estava imóvel, morta.

— Agora é que ficamos, disse Tiago. Já esperava por isso! Tentou ainda fazer contravapor, para tentar novamente a manobra. Mas, a Lison não se mexeu. Tanto recusava recuar como avançar, estava bloqueada por todos os lados, colada ao solo, inerte, surda. Por detrás dela, o comboio, também parecia morto, enterrado na espessa camada até às portinholas. A neve continuava a cair, cada vez mais espessa, em longas rajadas. E era um nivelamento, em que a máquina e carruagens iam desaparecer, já meio cobertas, sob o silêncio pavoroso naquela branca solidão. Já nada se movia, a neve fiava a sua mortalha.

— Então isto torna a começar, perguntou o condutor-chefe, debruçando-se fora do *fourgon*.

— Engaiolados! respondeu simplesmente Pecqueux.

Desta vez a posição tornava-se mais crítica. O condutor da retaguarda colocou os petardos que deviam proteger o comboio, em cauda; ao passo que o maquinista apitava aflitivamente, repetidas vezes, apito arquejante e lúgubre de angústia. Mas a neve ensurdecia o ar, o som perdia-se não podia com certeza chegar a Barentin. Que fazer? Eram apenas quatro, nunca eles sozinhos conseguiriam remover tais montanhas de gelo. Teria sido preciso uma equipe completa de trabalhadores. Impunha-se a necessidade de procurar auxílio. E o pior era que entre os passageiros se manifestava novamente o pânico.

Abriu-se uma portinhola, a bonita dama morena saltou, aflita, supondo um desastre. O marido, o sujeito de idade que a seguiu, gritava:

— Hei de escrever ao ministro! É uma indignidade!

Choros de mulheres, vozes furiosas de homens saíam dos carros, cujas vidraças baixavam com violência. E no meio daquela barafunda, só as duas inglesinhas estavam alegres, tinham o aspecto sorridente. Quando o condutor-chefe tratava de sossegar toda a gente, a mais moça perguntou-lhe, em francês, com ligeira acentuação britânica:

— Senhor empregado, aqui é a garagem?

Alguns homens tinham apeado, apesar da espessa camada em que se enterravam até ao ventre. O americano encontrou-se assim com o rapazote do Havre, quando ambos se adiantavam até à máquina, para verem. Abanaram a cabeça.

— Antes que a tirem daquele abismo, temos de esperar quatro ou cinco horas.

— Para isso eram precisos pelo menos vinte homens... Tiago convencera o condutor-

chefe a mandar o condutor da retaguarda a Barentin, pedir socorro. Nem ele nem Pecqueux podiam abandonar a máquina.

O empregado afastou-se, e tanta era a neve que, ao fim da trincheira, já o haviam perdido de vista. Eram quatro quilômetros de caminho, e só poderia estar de volta duas horas mais tarde.

B Tiago desesperado, deixou por um momento o seu posto e correu à primeira carruagem onde avistara Severina, que descera a vidraça.

— Não tenha medo, disse ele rapidamente. Nada receie. Ela respondeu igualmente, sem o tratar por tu, com receio de que a ouvissem:

— Não tenho medo. Estava é muito inquieta por sua causa.

E isto era duma tal meiguice, que ambos ficaram consolados e sorriram. Mas, quando Tiago se voltava, teve uma surpresa ao ver, ao longo do talude, Flora e depois Misard, seguidos de mais dois homens que ele não conheceu a princípio. Eles tinham ouvido o apito pedindo socorro e Misard, que não estava de serviço, acudia com os dois camaradas, a quem ele estava justamente oferecendo vinho branco, o canteiro Cabuche, que a neve obrigava a ficar de mãos amarradas e o agulheiro Ozil, que viera de Malaunay pelo túnel, para fazer a corte a Flora, a quem continuava a perseguir, apesar da má acolhida. Ela, curiosamente, como moça livre, atrevida e fone como um rapaz, acompanhava-os. Para ela e para seu pai, era um acontecimento considerável, uma aventura extraordinária, aquele comboio parando assim à porta deles. Havia cinco anos que ali moravam e durante esse tempo, a todas as horas do dia e da noite, em dias lindos, ou no meio de temporais, quantos comboios tinham visto passar, no golpe de vento da sua velocidade! Todos pareciam arrebatados por aquele vento que os trazia, nunca um deles sequer afrouxara a sua marcha, eles viam-nos fugir, perder-se, desaparecer, antes de poderem saber qualquer coisa a seu respeito. Toda a turba humana por ali desfilava rapidamente, de modo que eles só entreviam rostos num relâmpago, rostos que eles nunca mais deveriam rever, às vezes rostos que se lhes tornavam familiares, à força de os verem em dias certos, e que, para eles, ficavam sem nome. E eis que, por causa da neve, um comboio parava à sua porta: a ordem natural estava mudada, encaravam aquele mundo desconhecido que um acidente atirava para a linha, contemplavam-nos com olhos parados de selvagens, que tivessem acudido a uma costa onde europeus tivessem naufragado. Aquelas portinholas abertas mostrando mulheres envoltas em peles, aqueles homens que se haviam apertado, agasalhados em grossos casacões, todo aquele luxo confortável, enalhado entre aquele mar de gelo, imobilizavam-nos de espanto.

Mas Flora reconhecera Severina. Ela, que espreitava todos os dias o comboio de Tiago, notara, havia algumas semanas, a presença daquela mulher, no expresso de sexta-feira de manhã; tanto mais que cia, quando se aproximava da passagem de nível, punha a cabeça fora da portinhola, para dar uma olhadela à sua propriedade de Croix-de-Maufras. Os olhos de Flora tornaram-se mais negros, vendo-a conversar a meia voz com o maquinista.

— Ah! A senhora Roubaud, exclamou Misard, que reconhecera-a também e tomou logo o seu ar obsequioso. Que azar, não é verdade? Mas a senhora não pode ficar aí, venha até

nossa casa.

Tiago apertou a mão ao guarda das cancelas e apoiou esse oferecimento.

— Ele tem razão. Isto ainda leva umas horas, tinha a senhora tempo para morrer de frio.

Severina recusava, estava bem agasalhada, dizia. Depois, os trezentos metros pela neve assustavam-na. Então, aproximando-se, Flora que a observava com os seus grandes olhos fixos, disse por fim:

— Venha, minha senhora, levo-a eu.

E, antes que esta tivesse aceitado, com os seus braços vigorosos de rapaz, levantou-a como uma criança. Em seguida foi pô-la do outro lado da linha, num lugar calçado, onde os pés não se enterravam. Os passageiros riam-se, maravilhados. Que valentona! Se houvesse uma dúzia assim, em menos de duas horas estava a estrada desimpedida.

A proposta 'de Misard, aquela casa do guarda da cancela, onde uma pessoa se podia refugiar, achar fogo, talvez pão e vinho, corria de carro para carro. Acalmara-se o pânico, quando compreenderam que não corriam risco imediato; unicamente a situação não era par isso menos lamentável; os esquentadores esfriavam. Eram nove horas, iam sofrer fome e sede, por muito pouco que fosse o tempo que os socorros se fizessem esperar. E aquilo podia eternizar-se; quem sabe se não dormiriam ali mesmo. Formaram-se dois partidos: os que, de desespero, não queriam abandonar o trem, e que se instalavam como para neles morrer, envoltos nos seus agasalhos, estendidos nos bancos e os que preferiam arriscar uma excursão através da neve, esperando achar coisa melhor lá onde havia casas, desejosos sob tudo de fugir ao pesadelo daquele comboio encalhado, morto de frio. Formou-se logo um grupo: o sujeito de idade e a sua gentil companheira, a dama inglesa com as duas filhas, o rapazote do Havre, o americano, e mais uma dúzia, prontos a pôr-se a caminho.

Tiago, em voz baixa, decidira Severina, jurando ir dar-lhe notícias se pudesse dar uma fuga. E como Flora continuasse a observá-los com os seus olhos sombrios, ele falou-lhe docemente como velho amigo:

— Pois bem, fica entendido que tu vais acompanhar estas senhoras e estes senhores. O Misard fica comigo e com os outros. Vamos pôr mãos a obra a faremos o que pudermos, enquanto não vêm outros socorros.

Efetivamente logo Cabuche, Ozil e Misard, pegaram as pás para se reunirem a Pecqueux e ao condutor-chefe, que atacavam a neve. O pequeno terço de trabalhadores esforçava-se por desembaraçar a máquina, cavando por baixo das rodas, atirando as passadas de gelo contra o talude. Ninguém abria a boca, só se ouvia aquela violência silenciosa, no sombrio abafamento do campo todo branco. O pequeno bando dos passageiros que se afastava voltou um último olhar para o comboio, que mostrava apenas uma delgada linha negra sob a espessa camada que o esmagava. Haviam-se fechado as portinholas, e corrido as vidraças. A neve continuava a cair, e sepultava-o lentamente, seguramente, com uma obstinação muda.

Flora quisera levar outra vez Severina ao colo. Mas esta recusara-se, querendo andar, como os outros. Os trezentos metros custaram bem a transpor: sobretudo, na trincheira, enterravam-se até aos quadris; e, por duas vezes, foi preciso operar o salvamento da

opulenta dama inglesa, que quase submergira. As filhas continuavam a rir, encantadas. A jovem esposa do homem de idade, que escorregara, teve de aceitar a mão do rapazote do Havre; ao passo que o marido atacava a França. Quando saíram da trincheira, a marcha tornou-se mais cômoda; mas seguia-se um aterro; o pequeno bando avançou numa linha, batida pelo vento. Enfim, chegaram e Flora instalou os viajantes na cozinha, onde não pôde dar sequer um lugar a cada um, porque deviam ser uns vinte' enchendo o aposento, felizmente bastante vasto. Resolveu ir buscar tábuas, e formou com elas dois bancos, com a ajuda das cadeiras que ela tinha. Depois atirou um molho de cavacos para a lareira, fazendo em seguida um gesto como para dizer que escusavam de lhe pedir mais nada. Não pronunciara uma palavra; ficou de pé, olhando aquela gente com os seus grandes olhos esverdeados, com o seu ar feroz e atrevido de grande selvagem loira.

Só dois daqueles rostos eram seus conhecidos por tê-los visto a miúdo às portinholas, havia meses: o do americano e do rapazote do Havre; e examinava-os, como quem estuda um inseto zumbidor, pausado agora sem poder seguir no vôo. Pareciam-lhe singulares; ela não os imaginara precisamente assim, sem nada saber deles, aliás, além das suas feições. Quanto às outras pessoas pareciam-lhe ser uma raça diversa, habitantes de uma terra desconhecida, caídos do céu, trazendo para casa dela, para o fundo da sua cozinha, vestuários, costumes, idéias que nunca teria acreditado que havia de ver ali. A dama inglesa contava à mulher do negociante que ia às índias encontrar-se com seu filho mais velho, alto funcionário; e esta gracejava com a sua má sorte, pela primeira vez que tivera o capricho de acompanhar a Londres o marido, que ia lá duas vezes por ano. Todos se lastimavam por estarem encerrados naquele deserto: e quando quisessem comer, e quando necessitassem deitar, como poderia isso ser, santo Deus? Flora, que os ouvia, imóvel, tendo encontrado o olhar de Severina sentada numa cadeira, diante do fogo fez-lhe um sinal para ela passar para o quarto ao lado.

— Minha mãe, anunciou ela ao entrar, é a senhora Roubaud. Quer conversar com ela?

Fásia estava deitada, a face amarelecida, as pernas bastante inchadas, tão doente que já estava de cama havia quinze dias; e no quarto pobre, onde um fogão de ferro fundido mantinha um calor sufocante, passava as horas a revolver a idéia fixa da sua obstinação, tendo por única distração o abalo dos comboios, a toda a velocidade.

— Ah! A senhora Roubaud, murmurou ela, bom, bom! Flora contou-lhe o acidente, falou-lhe daquela gente toda que

trouxera consigo e que ali estava. Mas nada disto a impressionava.

— Bom, bom! repetia ela com a sua voz lassa. Ao recordar-se, ergueu a cabeça para dizer:

— Se a senhora quiser ir ver a casa dela, sabes que as chaves estão penduradas ao lado do armário.

Mas Severina recusou. Sentiu um calafrio à idéia de entrar na Croix-de-Maufras, por aquela neve, sob aquela luz lívida. Não, nada tinha que ir ver, preferia ficar ali, à espera, aquecida.



— Então, sente-se minha senhora, interrompeu Flora. Está aqui melhor do que ali ao lado. E depois, nós não tínhamos em casa pão que bastasse para tanta gente; ao passo que, se a senhora tem vontade de comer, sempre há de haver comida para a senhora.

Chegou uma cadeira e continuou a mostrar-se atenciosa, fazendo um visível esforço para corrigir sua dureza habitual. Mas os seus olhos não abandonaram a juvenil senhora, como se quisesse ler nela, adquirir certeza sobre uma pergunta que havia certo tempo ela fazia a si mesma; e, sob a sua delicadeza, havia aquela necessidade de aproximar-se dela, de a encarar, de conversar, a fim de saber.

Severina, agradeceu, instalou-se junto do fogão, preferindo, efetivamente, estar só com a doente, naquele quarto onde esperava que Tiago fosse buscá-la. Passaram-se duas horas, Severina cedia ao pesado calor e dormitava, depois de ter conversado a respeito da região, quando Flora, chamada a cada momento da cozinha, abriu a porta novamente, dizendo com a sua voz seca:

— Entra, porque ela está aqui!

Era Tiago, que dera uma fugida para trazer boas notícias. O homem enviado a Barentin, tinha voltado trazendo um troço completo, uns trinta soldados que a administração reservava para os pontos ameaçados na previsão dos acidentes; e todos estavam trabalhando com enxadas e pás. Unicamente, aquilo levava tempo, e talvez não pudessem continuar a viagem antes da noite.

— Enfim, a senhora ainda não está tão mal, tenha paciência, acrescentou ele. Não é verdade, tia Fásia, que não vai deixar morrer de fome a senhora Roubaud?

Fásia, à vista do seu predileto Tiago tinha-se, a custo, sentado na cama, e olhava para ele, ouvindo-o falar, reanimada, contente. Quando ele se aproximou da cama:

— Certo, certo, és tu! Ah! meu rapaz, então deixaste-te prender pela neve? E este animal, que não me prevenira!

Voltou-se para a filha, a quem apostrofou:

— Se delicada ao menos, faça sala àqueles senhores, para que eles não vão dizer na administração que somos uns selvagens.

Flora estacara entre Tiago e Severina. Por uns instantes pareceu hesitar, perguntando a si própria se não ficaria ali apesar das ordens da mãe. Mas nada podia ver, a presença desta impediria os dois de se traírem; e saiu calada, envolvendo-os num longo olhar.

— O que, tia Fásia, disse Tiago com ar triste, está de cama? Isso é então sério?

Ela puxou-o para si, obrigou-o até a sentar-se na beira do colchão, e sem se importar mais com Severina, que se desviara por discrição, aliviou as mágoas em voz muito baixa:

— Sim, muito sério! É milagre encontrar-me ainda com vida... Eu não te quis escrever, porque estas coisas não se escrevem...

Quase morri, mas agora já isto vai melhor, e creio que desta vez ainda escapo.

Ele examinou-a, assustado dos progressos da doença, não encontrando já nela nada da bela e sã criatura de outro tempo.

— Então continuaram as suas vertigens, minha pobre tia Fásia?

Mas ela apertava-lhe a mão a ponto de marcá-lo e continuou baixando mais a voz:

— Imagina que o surpreendi... Sabes que eu andava desesperada por não saber em que é que me dava a maldita droga. Eu não bebia, eu não comia nada em que ele tocasse, e, apesar de tudo, todas as noites eu tinha o estômago em fogo... Pois bem! Misturava-a no sal, era no sal que ele me dava o veneno! Vi-o eu, uma noite... Eu, que em tudo deitava grandes quantidades dele, para purificar!

Tiago, depois que a posse de Severina parecia tê-lo curado, pensava às vezes naquela história do envenenamento lento e obstinado, como se pensa num pesadelo, com dúvidas. Apertou ternamente por sua vez as mãos da doente, tentando sossegá-la.

— Vejamos, será possível tudo isso? Para dizer coisas dessas, é preciso ter realmente a certeza... e depois isso leva muito tempo! Quem sabe? Talvez seja alguma doença, da qual os médicos nada percebiam.

— Uma doença! interrompeu ela rindo amargamente, uma doença que ele me pôs na pele, sim!... Quanto aos médicos, tens razão, vieram dois que não perceberam nada, e que nem ao menos estiveram de acordo. Eu não quero que nem um só desses pássaros volte aqui. Compreendes, punha-me aquilo no saL Mas eu, eu te juro que vi! É por causa dos meus mil francos, os mil francos que o pai me deixou. Diz ele que, logo que acabe comigo, os há de encontrar. Pois sim, desafio a alguém que os encontre! Estão num lugar onde ninguém é capaz de achar, nunca, nunca!... Posso morrer, que estou sossegada: com os meus mil francos é que ninguém se há de regalar nunca!

— Mas, tia Fásia, eu, no seu lugar, se tivesse tanta certeza como diz, mandava chamar a polícia.

Ela teve um gesto de repugnância.

— Qual polícia! Isto só a nós diz respeito, esta questão; é entre ele e mim. Eu sei que ele quer comer-me, e não quero que ele me coma, naturalmente. Então, é verdade? Só tenho que me defender, e não ser tão estúpida como fui, com o tal sal. Hein? Quem havia de supor? Um aborto daqueles, uma migalha de homem que se podia pôr no bolso, havia de acabar por matar uma mulher forte como eu, se o deixassem continuar a roer com os seus dentes de rato!

Apossara-se dela um calafrio. Respirou demoradamente, antes ce concluir:

— Não importa, ainda não vou desta. Estou melhor e antes de quinze dias, já por aí hei de andar. B agora é preciso que ele seja muito esperto, para tornar a apanhar-me. Sim! Estou com curiosidade de ver; se ele encontra meio de me dar novamente a tal droga, é porque, decididamente, ele é mais forte do que eu, e então, tanto pior! Estourarei... Mas que ninguém se venha pôr de permeio!

Tiago pensava que a doença lhe atormentava o cérebro com aquelas imaginações negras; e para a distrair tratava de gracejar, pois ela tremia de nervos.

— Aí vem ele, disse ela baixinho. Eu sinto-o quando ele se aproxima.

Efetivamente, alguns segundos depois, entrou Misard. Ela empalidecera presa daquele terror involuntário dos colossos diante do inseto que os rói; porque, na sua obstinação em defender-se sozinha, Fásia tinha do marido um pavor crescente, que não confessava. Misard,

aliás, que, logo da porta, os envolvera, a ela e ao maquinista num vivo olhar, nem sequer pareceu depois tê-los visto ao ludo um do outro; e, com os olhos baços, a boca delgada, o seu ar dócil de homem doente, confundia-se agora em amabilidades para com Severina.

— Pensei que a senhora desejaria talvez aproveitar a ocasião, para fazer uma visita à sua propriedade. Então dei num instante uma fugida... Se a senhora deseja que eu a acompanhe...

Severina recusava de novo e ele continuou com voz dolente:

— A senhora ficou talvez admirada por causa dos frutos... Estavam todos bichados, e não valia a despesa da embalagem... Depois veio um pé de vento que estragou o resto... É triste que a senhora não a possa vender! Apareceu um sujeito que pediu reparações. Enfim, eu estou à sua disposição e a senhora pode contar que eu a substituo aqui como à senhora própria.

Depois, quis servir-lhe pão e pêras, do quintal dele, e que não bichados. Ela aceitou.

Quando atravessava a cozinha, Misard anunciou aos viajantes que o trabalho do desentulho continuava, mas que havia trabalho ainda para quatro ou cinco horas. Tinha dado meio-dia, e foi uma nova lamentação, porque a fome começava a apertar. Flora declarara que talvez não tivesse pão para tanta gente. Vinho tinha, e subira do subterrâneo corri dez litros, que pôs na mesa. Copos é que também faltavam: era preciso beberem por grupos, a senhora inglesa com as duas filhas; o senhor de idade com a esposa. Esta encontrara no rapazote do Havre um servidor zeloso e inventivo, que velava pelo seu bem-estar. Ele apareceu, voltando daí a pouco, com maçãs e pão, descoberto no fundo da casa da lenha. Flora zangara-se dizendo que era pão para sua mãe que estava doente. Mas já ele o cortava e distribuía pelas senhoras, começando pela jovem senhora que sorria lisonjeada. O marido continuava enfurecido, não se ocupava mesmo dela, todo entretido, em exaltar, com o americano, os costumes comerciais de New York. Nunca as inglesinhas tinham comido maçãs com tão boa vontade. A mãe delas, muito cansada, dormitava. Diante da lareira estavam sentadas no chão duas senhoras vencidas pela demora da espera.

Alguns homens, que tinham saído para fumar, para matarem um quarto de hora, voltavam para casa gelados, tiritantes. Cada vez o mal-estar aumentava, com a fome mal satisfeita, a fadiga duplicada pela falta de cômodos e pela impaciência. Aquilo era um acampamento de náufragos, na desolação de um bando de indivíduos civilizados atirados por uma onda violenta para uma ilha deserta.

E, como as idas e vindas de Misard deixavam a porta aberta, a tia Fásia, do seu leito de doente, olhava. Estava então ali aquela gente que ela também via passar num relâmpago, havia talvez um ano, em que ela se arrastava do enxergão para a cadeira? Ela já não podia, senão raras vezes, ir até à parada; vivia os seus dias e as suas noites sozinha, ali pregada, com os olhos na janela, sem outra companhia além dos comboios que corriam tão vertiginosos. Sempre ele se queixara daquela terra de lobos, onde nunca iam visitas; e eis que uma verdadeira multidão desembarcara do desconhecido. E dizer que no meio de toda aquela gente, apressada a correr para os seus negócios, não havia uma só pessoa que

supusesse da coisa, daquela porcaria que lhe tinham deitado no sal! Pesava-lhe no coração, aquela invenção, perguntava a si mesmo se Deus podia permitir que houvesse tanta patifaria velhaca, sem que pessoa alguma o notasse. Enfim, tanta gente passava ali defronte da casa deles milhares e milhares de pessoas; mas voavam, nem um só poderia imaginar que naquela pequenina casa baixa, se matava à vontade, sem ruído. E a tia Fásia olhava umas após as outras, aquelas pessoas caídas da lua, refletindo que, quando se está tão ocupado, não era para admirar caminhar por cima de coisas pouco limpas, sem notar.

— O senhor volta agora para a linha? perguntou Misard a Tiago.

— Volto, respondeu este último, não demoro. Misard saiu fechando a porta, e Fásia retendo o maquinista pela mão, disse-lhe ainda ao ouvido:

— Se eu rebentar, hás de ver a cara que ele faz, quando não encontrar o pecúlio... É o que me diverte quando penso nisso. Vou satisfeita, apesar de tudo.

— E então, tia Fásia, fica perdido para toda a gente? Porque não o deixa à sua filha?

— A flora? Para que? Para ele tirar dela? Não! Nem mesmo a ti, meu rapaz, porque também és muito ingênuo, e ele sempre alguma coisa havia de aproveitar... A ninguém mais, à terra onde irei ter com ele.

Ela cansava-se e Tiago tornou a deitá-la, sossegou-a, abraçando-a, prometendo vir visitá-la logo. Depois como ela parecesse modorrar, passou por detrás de Severina, sempre sentada junto do fogão; levantou um dedo, sorrindo, para lhe recomendar que fosse prudente; e, com um lindo movimento silencioso, ela derrubou a cabeça, oferecendo os lábios, e ele inclinou-se, colou a boca à dela num beijo profundo, discreto. Os olhos tinham-se-lhe fechado; bebiam a própria respiração. Mas quando os reabriram, loucos, Flora, que abrira a porta, estava de pé, na sua frente, olhando para eles.

— A senhora já não quer mais pão? perguntou ela com voz rouca.

Severina confusa, aborrecida, balbuciou palavras vagas:

— Não, não, obrigada.

Por um momento Tiago fixou sobre Flora olhos incendiados. Hesitava, os olhos tremiam-lhe como se quisesse falar; depois, com *Um* grande gesto furioso que a ameaçava, preferiu partir. Atrás ele, a porta bateu rudemente.

Flora ficara de pé, com a sua alta figura de virgem guerreira, toucada pelo pesado capacete de louros cabelos. Sua angústia, todas as sextas-feiras, ao ver aquela dama no comboio que ele pilotava, não a havia, pois, enganado. A certeza que ela procurava desde que os conservara ali, juntos, tinha-a, enfim, absoluta. Nunca o homem que ela amava, a amaria a ela: fora aquela mulher, fraquinha que nada valia, que ele escolhera. E o seu pesar de se haver recusado, na noite em que ele tentara brutalmente apossar-se dela, irritava-a ainda, tão dolorosamente, que quase a fazia soluçar; porque, no seu raciocínio simples seria a ela que ele beijaria agora, se não tivesse sido esquiva. Onde encontrá-lo sozinho àquela hora, para se lhe lançar ao pescoço, exclamando: 'Aqui estou, toma-me, fui estúpida, porque não sabia!' Mas, na sua impotência, curtia uma raiva contra a criatura frágil, que ali estava vexada, balbuciante. Com um aperto dos seus duros braços de lutadora, ela podia abafá-la,

como a um passarinho. Por que não o fazia? Mas jurava vingar-se, sabendo acerca dessa rival coisas que a atirariam numa prisão, a ela a quem deixavam à solta, como todas as desavergonhadas vendidas aos velhos poderosos e ricos. E, torturada de ciúmes, rebentando de cólera virou o cesto do pão e das pêras, com grandes gestos de bela selvagem.

— Como a senhora já não quer mais, vou dar isto aos que estão lá fora.

Deu três horas e deu quatro horas. O tempo arrastava-se desmesurado, num esmagamento de lassitude e irritação que aumentavam de momento para momento. Eis que chega a noite, lívida sobre o vasto campo branco; e, de dez em dez minutos, os homens que saíam para verem de longe em que altura ia o trabalho, reencetavam para contar que a máquina parecia ainda presa. Até as duas inglesinhas chegaram a chorar de enervamento. A um canto, a bonita mulher morena adormecera, encostada ao ombro do rapazote do Havre, o que o velho marido nem mesmo via, no meio do desânimo geral que levava de vencida as conveniências. A cozinha ia esfriando, já tiritavam, sem que ninguém se lembrasse de atirar mais lenha no fogo, tanto que o americano foi andando, achando que sempre estaria melhor deitado sobre o banco do trem. Era agora esta idéia o pesar de todos; deviam ter ficado lá, ao menos não estariam aflitos, na ignorância do que se passava. Foi preciso convencer a dama inglesa, que falava também em ir procurar o seu compartimento.. para deitar. Quando colocaram uma vela a um canto da mesa para iluminar os viajantes no fundo daquela cozinha negra, o desânimo foi imenso, todos ficaram num desespero sombrio.

Entretanto, lá embaixo a desobstrução acabava; e, enquanto o grupo de soldados, que desembaraçara a máquina, varria a linha, o maquinista e o fogueiro tinham subido para o seu posto.

Tiago, vendo que a neve cessara, readquiria a confiança. O agulheiro Ozil afirmara-lhe que, para lá do túnel, do lado de Malaunay, a quantidade de gelo amontoadada era bem menos considerável. De novo o interrogou:

— Você, que veio a pé pelo túnel, pôde entrar e sair em liberdade?

— Sim, podem passar, respondo por isso.

Cabuche, que trabalhara com o ardor de um gigante, recuava já, com o ar tímido e feroz, que as suas últimas questões com a justiça não tinham feito senão aumentar; e foi preciso que Tiago o chamasse.

— Camarada, passa-nos para cá as pás, que são nossas, e que estão ali junto do talude. Em caso de necessidade, recorreremos de novo a elas.

E, quando o carreiro lhe prestou este novo serviço, deu-lhe um vigoroso aperto de mão, para lhe provar quanto o estimava, apesar de tudo, tendo visto como ele trabalhava.

— Você, é um belo camarada!

Esta manifestação de amizade comoveu Cabuche de modo extraordinário.

— Obrigado, disse com simplicidade e comovido até às lágrimas.

Misard, que se reconciliara com ele, depois de lhe ter feito carga diante do juiz de instrução, aprovou com a cabeça, os lábios premidos num sorriso escarninho. Havia horas que ele já não trabalhava, de mãos nos bolsos, envolvendo o comboio num olhar de quem

espera, para ver se, debaixo das rodas, não ficaria algum objeto perdido, que ele achasse.

Finalmente, o condutor-chefe acabava de decidir com Tiago que se podia tentar a partida, quando Pecqueux, que tornara a descer para a linha, chamou o maquinista.

— Venha ver. Está aqui um cilindro que se amassou. Tiago aproximou-se, baixando-se por sua vez. Ele já havia verificado, ao examinar cuidadosamente a Lison, que ela estava ferida daquele lado. Quando estavam a desobstruir a estrada, já tinha notado que algumas travessas de carvalho, deixadas ao longo do talude pelos cantoneiros, tinham escorregado para cima das calhas sob a ação da neve e do vento; e mesmo a parada, em parte, devia provir desse obstáculo, porque a máquina tinha emperrado nas travessas. Via-se a esfoladura na caixa do cilindro, na qual o embolia aparecia levemente torcido. Mas todo o mal era aparente, o que, a princípio, havia sossegado o maquinista. Talvez existissem graves desarranjos internos; nada é mais delicado do que o mecanismo complicado das caixas dos êmbolos, onde pulsa o coração, a alma viva. Tornou a subir, apitou, abriu o regulador para tatear as articulações da Listou. Ela demorou tempo a mexer-se, como uma pessoa magoada por um tombo e a quem custa encontrar os membros. Por fim, com a respiração custosa, arrancou, as rodas deram algumas voltas, aturdida ainda, pesada. Aquilo havia de andar, fazer a viagem. Unicamente abanou a cabeça, porque ele, que a conhecia a fundo, acabava de a estranhar sob a sua mão, sentira-a mudada, envelhecida, tocada em qualquer parte por um golpe mortal. Fora naquela neve que ela devia ter adquirido aquilo, uma pancada no coração, um frio de morte, semelhante a mulheres jovens solidamente constituídas, que morrem de uma doença de peito porque numa noite de baile, voltaram para casa debaixo de uma chuva gelada.

Tiago apitou de novo, depois de Pecqueux ter aberto as válvulas da frente. Os dois condutores estavam já nos seus postos, Misard, Ozil e Cabuche subiram para o estribo do *fourgon* dianteiro. E, suavemente o comboio saiu da trincheira, entre os soldados armados com as suas pás, que se tinham formado à direita e à esquerda, ao longo do talude. Depois passou em frente da casa da guarda para receber os passageiros.

Flora já estava fora. Ozil e Cabuche chegaram-se a ela, conservando a seu lado, ao passo que Misard se desvelava, cumprimentava as senhoras e os cavalheiros, que saíam da casa dele, colhia moedas de prata. Finalmente, era a libertação! Mas haviam esperado muito tempo, toda aquela gente tiritava de frio, de fome, e de cansaço. A dama inglesa transportou as duas filhas meio adormecidas, o rapazote do Havre subiu para o compartimento em que subira a bonita moreninha, muito lânguida, pondo-se à disposição do marido. E dir-se-ia, no lodaçal da neve espezzinhada, o embarque de um bando destroçado, aos encontrões, deixando-se ir, tendo perdido até o instinto da decência. Por um momento, à janela do quarto, apareceu a tia Fásia, que a curiosidade tirara da cama, e que se arrastara para ver. Os seus grandes olhos cavos de doente, olhavam para aquela multidão desconhecida, aqueles transeuntes do mundo em marcha, que ela nunca mais tornaria a ver trazidos pelo temporal, e pelo temporal tornados a levar.

Severina fora a última a sair. Voltou a cabeça, sorriu para Tiago que se debruçava para a

seguir até à carruagem. E Flora, que os esperava, empalideceu ainda, a esta tranqüila troca da sua ternura. Num movimento brusco aproximou-se de Ozil, que até então repelira, como se, agora, no seu ódio, ela sentisse a necessidade de um homem.

O condutor-chefe dera o sinal; a Lison respondeu com um silvo lamentoso, e Tiago, desta vez, arrancou para só parar em Ruão. foram seis horas, a noite cairá de todo e o céu era negro sobre o campo branco; mas um reflexo pálido, de melancolia pavorosa, permanecia à superfície da terra, iluminando a desolação daquele país devastado. E aí, nessa claridade duvidosa, erguia-se a casa da Croix-de-Maufras, mais arruinada, e toda negra no meio da neve, com o seu letreiro: 'Vende-se' pregado na fachada fronteira.

## VIII

Em Paris o comboio só entrou na estação às dez horas e quarenta da noite. Houvera uma parada de vinte minutos em Ruão para dar aos passageiros tempo de jantar; e Severina apressara-se a mandar um telegrama ao marido prevenindo-o de que só voltaria ao Havre no expresso de outro dia, à noite. Uma noite inteira para passar com Tiago, a primeira em que dormiriam juntos, num quarto fechado, livres completamente, sem receio de serem incomodados!

Quando deixara Mantes, Pecqueux tivera uma idéia. Sua mulher, a tia Vitória, estava no hospital havia oito dias, por causa de uma escoriação grave num pé, consequência de uma queda; e, tendo ele em Paris outra cama em que ficar, como ele dizia rindo escarninhamente, lembrara-se de oferecer o seu quarto à senhora Roubaud. Ficaria aí muito melhor do que num hotel da vizinhança, e poderia demorar-se até ao outro dia à noite, como em sua própria casa. Tiago vira o lado prático daquela combinação, tanto mais que não sabia para onde levar Severina. E debaixo do alpendre, entre a onda dos passageiros, que finalmente, desembarcavam, quando ela se aproximou da máquina, ele aconselhou-a a que aceitasse, estendendo-lhe a chave que o fogueiro lhe entregara. Ela hesitava, vexada pelo sorriso atrevido de quem sabia tudo, com certeza.

— Não; vou para casa de uma prima que tenho e que me estende mesmo uma cama no chão.

— Aceite, ande, acabou por dizer Pecqueux, doto o seu ar de estúrdio complacente. A cama é macia, é grande, podiam lá dormir quatro pessoas!

Tiago olhava para ela, tão suplicante, que Severina pegou na chave. Ela debruçara-se e segredara-lhe baixinho:

— Espera por mim.

Severina só tinha que subir um pedaço da rua Amsterdão e voltar para o beco; mas a neve estava tão escorregadia, que teve de caminhar com grandes precauções. Teve a sorte de encontrar ainda a casa aberta, subiu a escada sem ser vista pela porteira, toda absorvida numa partida de dominó com uma vizinha; e, chegada ao quarto andar, abriu a porta e tornou a fechá-la tão suavemente, que nenhum vizinho decerto a poderia supor. Entretanto, ao passar no patamar do terceiro, ela ouvira distintamente rir e cantar em casa dos Dauvergne; sem dúvida uma das pequenas recepções das duas irmãs, que assim faziam música com as amigas, uma vez por semana. E, agora que Severina fechada a porta, nas trevas pesadas do aposento, percebia ainda, através do soalho, a alegria viva de toda aquela mocidade. Por um momento a escuridão pareceu-lhe completa: e estremeceu quando, no meio do escuro, o cuco



deu onze horas, em pancadas profundas, numa voz que ela reconhecia. Depois, os olhos habituaram-se; as duas janelas recortaram-se em dois quadrados pálidos, iluminando o teto com o reflexo da neve. Ela se orientava, procurando por cima do bufê os fósforos, num canto em que se recordava de os ter visto. Mais trabalho teve em procurar a vela; por fim achou um toquinho, no fundo de uma gaveta; e, como o acendesse, o quarto iluminou-se, e ela lançou em volta um olhar inquieto, como para ver se estava bem só. Reconhecia cada uma das coisas, a mesa redonda onde almoçara com o marido, a cama resguardada com a coberta vermelha de algodão, à beira da qual ele lhe dera um soco. Fora bem ali, nada mudara no quarto, nos dez meses em que ela não entrara mais lá.

Lentamente, Severina tirou o chapéu. Mas quando ia tirar a capa, sentiu frio. Gelava naquele quarto. Junto do fogão, num caixote, havia carvão e lenha miúda. Então, acudiu-lhe a idéia de acender o fogo e aquilo entreteve-a; foi uma distração ao mal-estar que ela primeiro experimentara. Aquele serviço doméstico, que ela fazia para uma noite de amor, aquele pensamento de que ambos ficariam bem quentes, restituiu-a à terna alegria da sua fuga; havia muito tempo, sem esperança de a alcançarem nunca, que eles sonhavam com uma noite assim! Quando o fogo começou a roncar, tratou ela de outros preparativos, colocou as cadeiras a seu modo, foi buscar lençóis lavados a refez por completo a cama, que demorou bastante, porque, efetivamente, era muito larga. O seu aborrecimento maior foi não encontrar no armário nem para comer nem beber; de certo que nos últimos três dias em que fora senhor da casa, Pecqueux havia varrido até as migalhas das prateleiras. Assim também a luz, não havia senão aquele toco de vela; mas quando se está deitado, não há necessidade de luz. E, tendo agora muito calor, animada, deteve-se no meio do aposento, dando uma vista a tudo, para certificar-se que não faltava nada.

Depois, como se admirasse de que Tiago não tivesse ainda chegado, um apito que ouviu atraiu-a a uma das janelas. Era o comboio das onze e vinte, um direto para o Havre, que partia. Embaixo, o vasto campo, a trincheira que vai da estação ao túnel das Batignolles, não era mais do que um lençol de neve, em que se distinguia melhor o leque dos carris, de varetas pretas. As máquinas e os vagões da estação pareciam montões brancos, adormecidos debaixo de arminho. E entre os envidraçamentos imaculados dos grandes alpendres e a armação da ponte de Europa, bordadas de rendas, as casas da Rua de Roma, em frente, viam-se apesar de ser noite, negras, sujas de amarelo, no meio de todo aquele branco. O direto do Havre apareceu, rastejante e sombrio com o seu farol da frente, que furava as trevas como uma chama viva; e ela viu-o desaparecer debaixo da ponte, ao passo que as três luzes da retaguarda ensangüentavam a neve. Quando se voltou para dentro do quarto, sentiu um calafrio; estaria ela realmente bem só? Parecera-lhe sentir um sopro ardente aquecer-lhe a nuca, o roçar de um gesto brutal acabava de lhe passar pela carne, através da roupa. Os seus olhos mais abertos, deram de novo a volta ao quarto. Não, ninguém...

Que estaria Tiago fazendo para demorar-se assim? Passaram-se mais de dez minutos. Uma ligeira pancada, um ruído de unhas arranhando a madeira, inquietara-a. Depois compreendeu e correu a abrir. Era ele, com uma garrafa de Málaga e um pastelão.

Cheia de alegria, num movimento exagerado de carícia, pendurou-se-lhe ao pescoço.

— Oh! Es tu, queridinho! Pensaste nisso! Mas ele, vivamente, fê-la calar.

— Chut! Chut!

Então ela baixou a voz, julgando que ele vinha perseguido pela porteira. Não, tivera sorte, porque, quando ia bater, viu sair uma senhora e a filha, que iam decerto da casa dos Dauvergne; e pudera subir sem ninguém ter dado por isso. Apenas, naquele mesmo patamar, acabava de ver, por uma porta entreaberta, a vendedora de jornais que lavava umas roupas.

— Não façamos barulho, queres? Falemos devagarinho.

Ela respondeu estreitando-o nos braços, num aperto apaixonado, cobrindo-lhe o rosto de beijos mudos. Aquilo alegrava-os, fazerem as coisas misteriosamente e não falarem senão muito baixinho.

— Sim, sim, vais ver: ninguém nos há de ouvir, é como se fôssemos dois ratinhos.

E pós a mesa com toda precaução, dois pratos, dois copos, duas facas, parando com uma grande vontade de rir, quando qualquer objeto colocado mais rapidamente fazia barulho.

Ele, que a via dançar, também divertido, disse a meia voz:

— Lembrei-me de que terias fome.

— E de fome morro! Jantou-se tão mal em Ruão...

— Dize lá, se eu saísse a buscar um frango?

— Ah! Isso não! Para que, para não poderes depois tornar a subir! Não, não, o pastelão basta.

Logo depois, sentaram-se ao lado um do outro, quase na mesma cadeira, e o pastelão foi dividido e comido com gaiatices de namorados. Ela queixava-se de que tinha sede, bebeu um sobre outro dois copos de Málaga, o que lhe fez subir o sangue às faces. O fogão aquecia-os tanto que lhe sentiam o ardente estremecer. Mas como ele lhe disse na nuca beijos por demais ruidosos, ela deteve-o por sua vez.

— Caluda! Caluda!

Fazia-lhe sinal para escutar; e, no silêncio, ouviu de novo subir, de casa dos Dauvergne, um movimento surdo, ritmado por um ruído de música: as meninas organizavam um bailezinho. Ao lado, a vendedora de jornais deitava, no cano de chumbo do pátio, a água cem sabão de seu alguidar. Tornou a fechar a porta, a dança, embaixo, cessou por momentos, e não se ouviu nada lá fora, sob a janela, no abafamento da neve, senão um rodar surdo, a partida de um comboio que parecia chorar com repetidos e fracos apitos.

— Um comboio de Auteuil, murmurou ele. Meia-noite menos dez.

Depois, com voz de carícia, ligeira como um sopro:

— Queridinha, vamos fazer nana?

Ela não respondeu, assenhoreada pelo passado na sua febre feliz, revivendo, mau grado seu, as horas que ali vivera com o mal ido. Não seria o almoço de meses antes que se prolongava naquele pastelão, comido na mesma mesa, no meio dos mesmos ruídos? Uma excitação crescente se desprendia das coisas, as recordações transbordavam-lhe, nunca ela sentira uma tão cruciante necessidade de dizer tudo ao amante, de se entregar toda. Tinha

como que o desejo físico de o confessar, que ela não distinguia já do seu desejo sensual; e parecia-lhe que ainda lhe havia de pertencer mais, que iria assim esgotar a alegria de ser dele, se lá se lhe confessasse ao ouvido num abraço. Os fatos evocavam-se, estava ali o marido, ela voltou a cabeça, imaginando que acabava de ver a sua curta mão peluda passar-lhe por cima do ombro, para pegar na faca.

— Então, queridinha, queres fazer nana? — repetiu Tiago. Ela estremeceu ao sentir os lábios do amante esmagarem os dela, como se, uma vez mais, ele quisesse selar assim a confissão. F, muda, levantou-se, despiu-se rapidamente, pôs-se na cama, sem mesmo erguer do chão as saias, que aí ficaram. Ele tão pouco arranjou coisa alguma: a mesa ficou com a desordem dos talheres, enquanto a vela acabava-se, a chama já vacilante. E, quando, despido, por sua vez, se deitou, foi um brusco enlace, uma posse arrebatada, que os sufocou a ambos, ficando sem fôlego. No ar morto do quarto, enquanto a música continuava embaixo, não houve um grito, um ruído, nada senão um grande estremecimento doido, um espasmo profundo até ao desmaio.

Tiago já não reconhecia em Severina a mulher das primeiras entrevistas, tão dócil, tão passiva, com a limpidez dos seus olhos azuis. Parecia ter-se apaixonado cada dia mais, sob a massa sombria dos seus cabelos negros; e ele sentia-a aos poucos despertar, i>s seus braços, daquela longa virgindade fria, de que nem as práticas senis de Grandmorin nem a brutalidade conjugai de Roubaud haviam conseguido tirá-la. A criatura de amor, simplesmente dócil antigamente, amava naquele momento e dava-se sem reserva e conservava do prazer um reconhecimento ardente. Chegara a uma paixão violenta, à adoração por aquele homem que lhe revelara os seus sentidos. Fora aquela grande felicidade, de o ter enfim dela, livremente, de o agarrar contra o seu peito, preso com ambos os seus braços, que acabava de lhe cerrar os dentes, a ponto de nem deixar escapar um suspiro.

Quando reabriram os olhos, foi ele o primeiro a admirar-se:

— Olha! A vela apagou-se.

Ela teve um ligeiro movimento, como para dizer que bem se importava ela com isso. Depois, com um rico abafado:

— Tive ou não tive juízo?

— Oh! Tiveste, ninguém ouviu nada... Dois verdadeiros ratinhos!

Quando se tornaram a deitar, ela voltou logo a agarrá-lo nos braços, enovelou-se nele, enterrou-lhe o nariz no pescoço. E suspirando de satisfeita:

— Oh! Meus Deus! Como é bom estar assim!

Não tornaram a falar. O quarto estava às escuras, apenas se distinguiam os quadrados pálidos das duas janelas; e no teto só havia um raio do fogão, uma mancha vermelha e sangrenta. Estavam ambos a olhar para ela com os olhos muito abertos. Os ruídos de música haviam cessado, batiam portas, toda a casa caía na paz pesada do sono. Embaixo, o comboio de Caen, que chegava, abalou as plataformas, cujos choques ensurdecidos mal lhes chegavam, por muito longínquos.

Mas, por conservar-se assim agarrada a Tiago, Severina dentro em pouco ardia de novo em desejos. E, com esses desejos, despertou nela a necessidade da confissão. Havia largas semanas que ela se atormentava! A mancha redonda, no teto, alargava-se, parecia alastrar como uma nódoa de sangue. Os olhos alucinavam-se-lhe a olhar para ela, as coisas em volta da cama tomavam voz, contavam a história muito alto. Sentia as palavras subirem-lhe aos lábios, como a onda nervosa que lhe revolvía a carne. Como havia de ser bom, não lhe facultar coisa alguma, fundir-se nele toda inteira.

— Tu não sabes, querido...

Tiago que, ele tão pouco, abandonava com o olhar a mancha sangrenta, sabia bem o que ela ia dizer. Contra ele, naquele corpo delicado agarrada ao seu corpo, acabava de seguir a onda que subia dessa coisa obscura, enorme, em que ambos pensavam, sem nunca falarem nela. Até então fizera-a calar-se, receando o sobressalto precursor do seu mal de outrora, temendo que aquilo lhes não viesse alterar a existência, causar sangue entre eles. Mas, desta vez, sentia-se sem forças, sequer, para inclinar a cabeça e fechar-lhe a boca com um beijo, de tal modo o invadira uma languidez deliciosa, naquele leito tépido, nos braços daquela mulher. Julgou que tinha de ser, que ela havia de dizer tudo. Assim sentiu-se aliviado da sua expectativa ansiosa quando ela pareceu perturbar-se, hesitar, depois recusar e dizer:

— Não sabes, queridinho, meu marido já desconfia que eu tenho relações contigo.

No ultimo segundo, sem ela querer, era a recordação da noite anterior, no Havre, que lhe saía dos lábios em vez da confissão.

— Oh! Supões? murmurou ele, incrédulo. Tem o ar tão amável! Ainda esta manhã me estendeu a mão.

— Afianço-te que sabe tudo. Neste momento deve pensar que nós estamos como na realidade estamos, agarrados um ao outro, a amarmo-nos! Tenho provas.

Calou-se, apertou-o mais estreitamente num abraço em que a felicidade de posse se aguçava de rancor. Depois, em seguida a um devaneio emocionante:

— Oh! Odeio-o, odeio-o!

Tiago ficou surpreendido. Ele não tinha nenhuma má vontade contra Roubaud. Achava-o muito acomodaticio.

— Mas então porque? perguntou. Ele não nos incomoda. Ela não respondeu; repetiu:

— Odeio-o... Agora só senti-lo ao meu lado, é um suplício. Ah! Se eu pudesse, como fugiria, como eu ficaria contigo!

Por sua vez, comovido por este movimento de ardente ternura, puxou-a mais para si, juntou-a mais à sua carne, da ponta dos pés aos ombros, toda sua. Mas, de novo, assim enovelado, sem quase despegar os lábios colados ao pescoço dele disse brandamente:

— É que tu não sabes, querido...

Era a confissão que voltava, fatal, inevitável. E, desta vez, Tiago teve disso a consciência nítida, nada neste mundo seria capaz de a adiar, porque essa confissão provinha, nela, do desejo doido de ser outra vez tomada e possuída. Não se ouvia já nem um sopro na casa, a própria vendedora de jornais devia estar dormindo. Lá fora, Paris, debaixo da neve,

não tinha um rodar de carros, sepultada, envolta em silêncio; e o último comboio do Havre, que partira à meia-noite e vinte, parecia ter levado consigo o resto de vida da estação. O fogão já não roncava, o fogo acabava de consumir-se em brasa, avivando ainda a mancha vermelha do teto, arredondada lá no alto como um olho apavorado. Estava tanto calor, que uma bruma espessa sufocante, parecia pesar sobre o leito, onde ambos confundiam os membros desfalecidos.

— Querido filho, é que tu não sabes. Então ele falou também, irresistivelmente:

— Sim, sim, sei.

— Não, desconfias talvez, mas não podes saber.

— Sei que ele fez aquilo por causa da herança.

Ela teve um movimento, um risinho nervoso, involuntário.

— Ah! Sim! A herança!

E, muito baixinho, tão baixo que um inseto noturno roçando pela vidraça, teria zumbido mais alto, ela contou a sua infância em casa do presidente Grandmorin, quis mentir, não confessar as suas relações com ele; depois cedeu à necessidade da franqueza, achou um alívio, quase um prazer em dizer tudo. Desde esse momento o seu murmúrio ligeiro correu, inesgotável.

— Imagina, foi aqui neste quarto, em fevereiro último, recordas-te, pior ocasião da questão que ele teve com o sub-prefeito... Nós tínhamos almoçado, muito alegremente, como acabamos agora de cear, ali, naquela mesma mesa. Naturalmente, ele nada sabia, nem eu lhe iria contar a história... Eis que a propósito dum anel, um antigo presente, a propósito de nada, não sei como foi que ele compreendeu tudo... Ah! filho, não, tu não podes pôr na tua idéia a maneira como ele me tratou!

Ela estremecia, sentia as suas mãozinhas crisparem-se-lhe sobre a pela nua.

— Com um soco, atirou-me ao chão. Em seguida arrastou-me pelos cabelos. E, depois, erguia o tacão sobre a minha cara, como se quisesse esmagar-me. Não! vê tu, enquanto eu viver, sempre me hei de lembrar disso. Ainda as pancadas, meu Deus, vá! Mas se eu te repetisse todas as perguntas que ele me fez, enfim, o que ele me obrigou a contar-lhe! Vês que eu sou franca, pois que te confesso as coisas, não é assim, quando coisa nenhuma me obriga a dizer-tas. Pois bem! Nunca eu me atreverei a dar-te sequer uma simples idéia das indecentes perguntas a que me foi preciso responder, porque ainda me espancaria mais, podes estar certo. Com toda a certeza que ele gostava de mim, e que devia ter tido um profundo desgosto ao saber tudo aquilo; e concordou em que teria andado mais honestamente, se o tivesse prevenido antes de casar com ele. Simplesmente, é preciso entender. Era uma coisa antiga, já estava esquecida. Só um verdadeiro selvagem, é que se torna assim doido per causa de ciúmes... Dize lá, meu amor, vais deixar de amar-me, só porque sabes agora isto?

Tiago não se mexera, inerte, refletindo, entre aqueles braços de mulher que se lhe apertavam ao pescoço, aos rins, como nós de cobras vivas. Estava verdadeiramente surpreso, nunca lhe acudira ao espírito a suspeita de semelhante história. Como tudo se

complicava, quando teria bastado o testamento para explicar tão bem as coisas! De resto, ele gostava mais daquilo; a certeza de que eles não tinham assassinado por causa de dinheiro aliviava-o do desprezo, que às vezes se lhe revolvia na consciência, mesmo sob os beijos de Severina.

— Eu, não te tornar a amar, por que? Eu rio-me do teu passado. São negócios que não me dizem respeito. Tu és a mulher de Roubaud, podias muito bem tê-lo sido de outro homem.

Houve um silêncio. Ambos se apertaram até à sufocação, e ele sentia-lhe o colo redondo, intumescido, duro, do seu flanco.

— Ah! foste amante daquele velho. Apesar de tudo, é estúpido.

Mas ela arrastou-se ao longo dele, até à boca, que beijou balbuciando:

— Só a ti é que eu amo, nunca ameí ninguém senão a ti... Oh! os outros, se tu soubesses! Com eles, nunca soube o que isto podia ser: ao passo que tu, meu amor, tornas-me tão feliz!

Ela inflamava-o com as suas carícias, oferecendo-se, querendo-o, retomando-o, com as mãos desvairadas. E, para não ceder logo, ele, que ardia com ela, teve que retê-la a plenos braços.

— Não, não, espera, logo... E, então, o velho?

Muito baixinho num abalo de todo o seu ser, ela confessou:

— Sim matamo-lo.

O calafrio do desejo perdia-se nesse outro calafrio de morte, que nela reaparecera. Era, como no fundo de toda a voluptuosidade, uma agonia que recomeçava. Por um instante ela ficou como que sufocada por uma sensação amortecida de vertigem. Depois, com o nariz de novo no pescoço do amante, com o mesmo sopro ligeiro:

— Fez-me escrever ao presidente que partisse pelo expresso ao mesmo tempo que nós, e que só se deixasse ver em Ruão. Eu tremia no meu canto, atônita, ao pensar na desgraça para que caminhávamos. E ia na minha frente uma mulher vestida de preto, que não dizia nada e que me causava grande medo. Eu nem'. via, mas já imaginava que ela lia claramente nos' nossos cérebros, que sabia perfeitamente o que nós queríamos fazer. Assim se passaram as duas horas, Paris a Ruão. Eu não disse uma palavra, não me mexi, fechando os olhos, para fazer acreditar que dormia. Ao meu lado sentia-o a ele também imóvel, e o que me espantava era conhecer as coisas terríveis que ele revolvía na cabeça, sem poder adivinhar exatamente o que resolvera fazer. Ah! Que viagem, com aquela onda vertiginosa de pensamentos no meio dos silvos da máquina, dos solavancos e do trovejar das rodas!

Tiago, cuja boca mergulhava no espesso veio odorífero dos cabelos de Severina, beijava-os em intervalos regulares, com longos beijos inconscientes.

— Mas se vocês não estavam no mesmo compartimento, como é que fizeram para o matar?

— Espera que vais perceber... Era o plano de meu marido. E verdade que se deu bom resultado, foi porque o acaso o auxiliou... Em Ruão, havia uma parada de dez minutos. Apeamos, ele obrigou-me a caminhar até o vagão do presidente, com o ar de pessoas que desentorpecem as pernas. E aí afetou grande surpresa, vendo-o à portinhola, como se tivesse

ignorado que ele ia no mesmo comboio. No cais era grande a confusão; uma multidão assaltava a segunda classe, por causa duma festa que havia no Havre ao outro dia. Quando começaram a fechar as portinholas, foi o próprio presidente que nos pediu que subíssemos para a carruagem dele. Eu balbuciei, falei da nossa mala; mas ele protestava, dizia que decerto no-la não roubariam, que poderíamos voltar para o nosso compartimento em Barentin, visto que ele apeava nessa estação.

Por um instante meu marido inquieto pareceu querer buscá-la. Nesse momento o condutor dava o apito de sinal, e ele decidiu-se, empurrou-me para o carro, subiu, fechou-o e correu a vidraça. Como foi que não nos viram? É o que eu ainda não posso explicar. Toda gente corria, os empregados perdiam a cabeça, enfim não se encontrou uma testemunha que visse claro. E o comboio lentamente largou da estação.

Ela calou-se por alguns segundos, revivendo a cena. Sem consciência do que fazia, no abandono dos seus membros, um tique agitava-lhe a coxa esquerda, fazendo-a roçar com um movimento rítmico pelo joelho do amante.

— Ah! O primeiro momento nessa carruagem quando senti o solo fugir! Estava aturdida, não pensei a princípio senão na nossa mala: de que modo reavê-la? E não viria ela denunciar-nos, se a deixássemos no compartimento onde tínhamos estado? Tudo me parecia estúpido, impossível, um assassinio de pesadelo, imaginado por uma criança, que seria preciso estar doido para pôr em execução. Logo ao outro dia seríamos presos e acusados com provas. Porisso tentei tranqüilizar-me, dizendo de mim para mim, que meu marido havia de recuar, que aquilo não se faria porque não podia ser. Mas não; bastava vê-lo conversar com o presidente para compreender que sua resolução continuava a ser imutável e feroz. Contudo estava sossegadíssimo, falava mesmo com despreocupação, com o seu ar habitual; e devia ser unicamente no seu olhar claro, fixo por momentos sobre mim, que eu lia a obstinação da sua vontade. Mata-lo-ia a um quilômetro ainda, a dois talvez, no ponto justamente que ele fixara, e que eu ignorava qual fosse; aquilo transparecia até no tranqüilo olhar em que ele envolvia o outro, aquele que dali a pouco já não existiria. Eu não dizia nada, sentia um grande tre-n:or que me esforçava por ocultar, afetando sorrir quando olhavam para mim. Porque foi então que não pensei em impedir tudo aquilo? Só mais tarde, quando quis compreender, é que me admirei de não me haver posto a gritar pela portinhola, ou de não ter premido o botão de alarme. Naquele momento estava paralisada, sentia-me impotente... Sem dúvida, meu marido parecia-me estar no seu direito; e, pois, que tudo te digo, meu amor, é preciso que confesse também isto: eu estava, mau grado meu, de todo o meu coração com ele contra o outro porque os dois me haviam possuído, não é verdade? E porque ele era jovem, ao passo que o outro, oh! As carícias do outro... Enfim, sabe-se lá? Fazem-se coisas que nunca se julgaria poder fazer. Quando penso em que não era capaz de matar uma galinha! Ah! Aquela sensação de noite de tempestade! Aquela noite espantosa que uivava dentro de mim!

E aquela criatura frágil, tão delicada entre os seus braços, Tiago achava-a agora impenetrável, sem fundo, daquela profundidade negra de que ela falava.

Por mais estreitamente que a apertasse não penetrava nela. Apoderara-se dele uma febre, àquela narrativa de morte, balbuciada num abraço.

— Dize, então ajudaste a matar o velho?

— Eu estava a um canto, continuou ela sem responder. Meu marido separava-me do presidente, que ocupava o outro canto. Conversavam juntos, das eleições próximas. Por momentos, eu via meu marido inclinar-se, lançar uma vista de olhos para fora para saber em que altura estávamos, como tomado de impaciência...

De todas as vezes lhe segui o olhar, e assim sabia também qual o caminho percorrido. A noite estava pálida, as massas negras das árvores desfilavam furiosamente. E sempre aquele estrondear de rodas, que nunca ouvi igual, um horrível tumulto de vozes enraivecidas e gementes, de lamentações lúgubres de animais uivando a morte! O comboio corria a toda a velocidade... De repente houvera claridades, um eco repercutido do comboio entre as construções de uma estação. Estávamos em Marromme, já a duas léguas e meia de Ruão. Ainda Malaunay e depois Barentin. Onde ia fazer-se a coisa? Seria preciso esperar pelo último minuto? Eu já não tinha consciência de tempo nem de distâncias, abandonava-me, corria uma pedra que se precipita, a essa queda ensurdecadora, através das trevas, quando ao atravessar Malaunay, imediatamente compreendi: a coisa far-se-ia no túnel, a um quilômetro de distância. Voltei-me para meu marido, os nossos olhos encontraram-se: sim, no túnel, ainda dois minutos... o comboio corria, passou-se o entroncamento de Dieppe, eu vi o agulheiro no seu posto.

"Há ali outeiros, onde julguei ver distintamente homens, de braços erguidos, que nos enchiam de injúrias. Depois, a máquina apitou longamente: era a entrada do túnel!... E quando o comboio nele mergulhou, oh! Que ressonância sob aquela abóbada baixa! Sabes aqueles ruídos de ferro remexido, semelhante pancadas de martelo sobre a bigorna, e que eu, naquele segundo de loucura, transformava em ribombos de trovão.

Ela tiritava; interrompeu-se para dizer numa voz mudada, quase risonha:

— É estúpido, hein? Queridinho, sentir ainda frio nos ossos. Contudo tenho bastante calor aqui, contigo, e estou tão contente! E depois, sabes, já não tenho absolutamente nada a temer: o processo foi arquivado, sem contar que os figurões do governo têm ainda menos vontade do que nós de pôr o caso claro. Oh! Eu percebi, estou sossegada.

Depois, acrescentou, rindo à vontade:

— Olha que podes gabar-te de nos teres pregado um bom susto! Mas dize-me, que aquilo sempre me intrigou muito: verdade, verdade, que viste?

— Só o que eu disse na presença do juiz, nada mais: um homem a degolar outro... Vocês estavam com caras tão idiotas quanto eu disse isto, que acabei por desconfiar. Por um momento, mesmo, reconheci teu marido.. Contudo, só mais tarde é que tive a certeza absoluta...

Ela interrompeu-o alegremente:

— Sim na praça, no dia em que eu te disse que não, recordas-te? Da primeira vez que nos achamos sozinhos em Paris... É simples! Eu dizia-te que não éramos nós, e eu sabia



perfeitamente que tu entendias o contrário. Não é verdade que era como se eu tivesse contado tudo?... Oh! meu amor, pensei nisso muitas vezes, e creio bem que é depois desse dia que te amo.

Tiveram um transporte, uma pressão, em que pareceram fundir-se. E ela continuou:

— Debaixo do túnel, o comboio corria. É um túnel muito comprido, uns três minutos de caminho. Pois acreditei que tínhamos andado uma hora... O presidente já não conversava, por causa do ruído ensurdecador daquela ferragem em movimento. E meu marido, naquele último momento, devia ter tido um desfalecimento, porque nem sequer se mexia. Via unicamente, debaixo da luz da lâmpada, que dançava, as orelhas tornarem-se-lhe roxas... Iria ele esperar que estivéssemos de novo em pleno campo? A coisa era para mim tão fatal, tão inevitável, que só tinha um desejo: não sofrer mais àquele ponto, com a expectativa, estar enfim desembaraçada. Porque é que ele então não o matava, se aquilo tinha de ser? Naquela ocasião, sentia-me capaz de agarrar na navalha para acabar, tão exasperada de medo e sofrimento eu estava... Ele olhou para mim. Com certeza que me conheceu na cara. E de súbito, arremessou-se com Ímpeto, agarrou pelos ombros o presidente, que se voltava para o lado da portinhola. Este, assustado, desembaraçou-se, num safanão instintivo, estendeu o braço para o botão de alarme, que ficava justamente por cima da cabeça dele. Chegou a outra mas foi agarrado pelo outro e atirado para cima do banco, com tal impulso, que ficou como dobrado em dois. A boca, aberta de estupefação e pavor, soltava gritos, abafados pelo rumor geral; eu ouvia distintamente meu marido repetir a palavra: Porco! Porco! Porco! com voz sibilante e enraivecida. Mas o ruído cessou, o comboio saiu do túnel, reapareceu o campo pálido, com as árvores negras que desfilavam... Eu ficara no meu canto, inteiriçada, colada contra o encosto da carruagem, o mais longe possível. Quanto tempo durou a luta? Alguns segundos apenas. E parecia-me que não acabava nunca, que todos os passageiros agora ouviam os gritos, que as árvores nos viam. Meu marido, empunhava a navalha, não podia ferir, repellido a pontapés, tropeçando no sobrado movediço da carruagem. Esteve quase a cair de joelhos e o comboio corria, arrebatava-nos em toda a velocidade, enquanto a máquina apitava à aproximação da passagem do nível da Croix-de-Maufras... Foi então que, sem que depois pudesse recordar-me como isso se deu, atirei-me para cima das pernas do homem que se debatia. Sim, deixei-me cair como um fardo, esmagando-lhe as pernas com todo o meu peso, para que ele não as mexesse mais. E eu nada vi, mas senti tudo: o choque da navalha na garganta, o longo abalo do corpo, a morte que veio em três arrancos, como um desenrolar de corda de relógio que se partisse... Oh! Aquele estremecimento de agonia de que ainda sinto a repercussão nos membros!

Tiago, ávido, quis interrompê-la, para interrogar. Mas agora ela tinha pressa de acabar.

— Não, espera... Quando eu me levantava, passávamos a todo o vapor defronte da Croix-de-Maufras. Avistei distintamente a frontaria fechada da casa, depois o posto do guarda da cancela. Ainda quatro quilômetros, cinco minutos, o máximo, antes de chegarmos a Barentin... O corpo estava dobrado sobre o assento da carruagem, o sangue corria formando um charco espesso. E meu marido de pé, estupidificado, balouçado pelos

solavancos do comboio, olhava e limpava a navalha com o lenço. Isto durou um minuto, sem que nem um nem o outro fizéssemos algo para salvar-nos... Se conservássemos aquele corpo conosco, se ficássemos ali, ia-se, talvez descobrir tudo na passagem de Barentin... Mas ele tornou a pôr a navalha no bolso e pareceu despertar. Vi-o esquadrinhar-lhe a roupa, tirar-lhe o relógio, o dinheiro, tudo quanto lhe encontrava nos bolsos; e, depois de ter aberto a portinhola, esforçou-se por atirá-lo para a linha, sem o pegar pelos braços, com medo do sangue. 'Ajuda-me, anda! Empurra comigo!' Eu nem sequer o tentei, já não sentia os membros. 'Com um milhão de diabos! Queres ajudar-me a empurrá-lo?' A cabeça, que fora a primeira a sair, estava pendurada até ao estribo, ao passo que o tronco, enrolado em bola, recusava passar..E o comboio continuava a correr... Enfim, a um empurrão, mais forte, cadáver escorregou, e desapareceu no estrondear das rodas. "Ah! O porco, acabara finalmente!" Depois agarrou a manta e atirou-a também. Só ali estávamos os dois de pé, com o charco de sangue debaixo do banco, onde não nos atrevíamos a sentar. A portinhola continuava a bater, aberta, e não compreendi a princípio, aniquilada, enlouquecida, quando vi meu marido descer, desaparecer por sua vez. Depois voltou. "Vamos depressa, segue-me, se não queres que nos cortem o pescoço"! Eu não me mexi e ele impacientou-se. 'Vem, com um milhão de diabos! O nosso compartimento está vazio, voltemos para lá'. Vazio, o nosso compartimento, então tinha ele ido lá? A mulher de escuro, aquela que não falava, que se não via, estava ele bem certo de que não se conservaria lá a um canto? 'Vens eu queres que te atire para a linha como ac outro?' Ele tornara a subir, empurrava-me, brutal, doido. E eu encontrei-me do lado de fora, em cima do estribo, com as duas mãos agarradas ao corrimão de ferro. Ele, que descera atrás de mim, tornara a fechar cuidadosamente a portinhola. "Anda, anda!" Mas eu não me atrevia, arrebatada na vertigem da carreira, flagelada pelo vento da tempestade que soprava. Os cabelos desatavam-se e eu julgava que os dedos inteiriçados iam largar o corrimão. "Anda, com o diabos!" Ele continuava a empurrar-me e eu tive que caminhar, largando uma mão após outra, colando-me contra os carros, no meio do turbilhão das saias cujo bater me prendia as pernas. Já ao longe, depois de uma curva, se avistavam as luzes da estação de Barentin. A máquina começou a apitar. "Anda, com os diabos!" Oh, aquele ruído infernal, aquela trepidação violenta em que caminhava! Parecia-me que uma borrasca se apoderara de mim e rolava-me para esmagar-me contra uma parede. Por detrás de mim, o campo fugia, as árvores seguiam-me com um golpe desenfreado, girando sobre si mesmas, torcidas, soltando cada uma delas um breve lamento, à passagem. Na extremidade do vagão, quando foi preciso estender o pé para alcançar o estribo do vagão imediato, e apanhar o corrimão, detive-me, já sem coragem. Nunca teria forças! "Vai, anda, com os diabos!" Ele empurrava-me, eu fechei os olhos e, não sei como, continuei a avançar unicamente pela força do instinto, assim como um animal que se agarrou e que não quer sair. Como foi também que não nos viram? Pois passamos diante de três carros, um dos quais, de segunda classe, vinha literalmente abarrotado de passageiros. Recorda-me de ver as cabeças, em fila, sob a claridade da lâmpada; creio que os reconheceria se um dia os encontrasse: de um sujeito gordo com suíças ruivas, principalmente e de duas jovens que se

inclinavam rindo. "Anda, com os diabos! Anda!" E nada mais sei; as luzes de Barentin aproximavam-se, a máquina apitava, a minha última sensação foi a de que era arrastada, puxada, agarrada pelos cabelos. Meu marido teve que pegar-me, abrir a portinhola por cima dos meus ombros e atirar-me para o fundo do compartimento. Ofegante, estava meio desmaiada a um canto, quando paramos; eu ouvi-o, sem fazer um movimento, trocar algumas palavras com o chefe da estação de Barentin. Depois, tornando o comboio a partir, caiu sobre o banco da carruagem, ele próprio também exausto. Até ao Havre não abrimos a boca. Oh! Odeio-o, odeio-o, vês, por todas aquelas abominações que me fez sofrer! E a ti amo-te, meu querido, tu que me dás tanta felicidade!

Em Severina, depois da confissão ardente do seu crime, aquele grito era como que a expansão máxima da sua necessidade de alegria, na execração das suas recordações. Mas Tiago, cujo espírito ela revolvera e que ardia como ela, reteve-a ainda.

— Não, não, espera. E tu, quando lhe forçavas as pernas, sentiste-ia morrer?

Nele despertava o desconhecido, uma onda feroz subia-lhe das entranhas, invadia-lhe a cabeça de uma visão vermelha. Assenhoreara-se novamente dele a curiosidade do assassínio.

— E então a navalha, sentiste a navalha entrar?

— Senti, um golpe surdo.

— Ah! Um golpe surdo. E nenhum dilaceramento, tens a certeza?

— Não, não, nada senão um choque.

— E em seguida, ele teve um estremecimento?

— Sim, três estremecimentos, de uma à outra extremidade do corpo, tão longos que os segui até aos pés.

— Estremecimentos, que o inteiriçavam, não é verdade?

— Sim, o primeiro muito forte; os outros dois mais fracos.

— E morreu! B a ti, que impressão te fez senti-lo morrer assim, com uma facada?

— A mim, oh! Nem sei.

— Não sabes; porque mentes? Dize-me, dize-me, que impressão te fez, francamente... Pena?

— Não, não, não me causou pena!

— Prazer?

— Não, não me deu prazer!

— Que foi então, meu amor? Peço-te, dize-me tudo... Se tu soubesses... Dize-me o que se experimenta.

— Meu Deus! Pode-se lá dizer isso? É terrível, arrebatá-nos, oh! Tão longe, tão longe! Vivi mais nesse minuto do que em toda a minha vida passada.

Com os dentes cerrados, mal balbuciando, Tiago desta vez apoderara-se dela; e Severina também dele tomara posse. Possuíram-se encontrando o amor no fundo da morte, a mesma voluptuosidade dolorosa dos animais que se matam durante o cio. Só se lhes ouvia a respiração rouca. No teto, o reflexo sangrento desaparecera; como o fogão se tivesse

apagado, o quarto começava a gelar, no grande frio exterior. Nem uma voz subia de Paris acolchoada de neve. Por um instante, ouviram-se roncoss, vindos da casa da vendedora de jornais, ao lado. Depois tudo mergulhara no abismo negro da casa adormecida.

Tiago, que conservara Severina presa pelos braços, sentiu logo que ela cedia a um sono invencível, como fulminada. A viagem, a expectativa prolongada em casa dos Misard, aquela noite de febre, cansaram-na. Ela balbuciou uma boa-noite infantil e dormia já, com a respiração igual. O cuco acabava de dar três horas.

Durante perto de uma hora ainda, conservou-a sobre o seu braço esquerdo que se ia a pouco e pouco entorpecendo. Ele não podia fechar os olhos, que uma mão invisível obstinadamente parecia reabrir nas trevas. Agora já não distinguia nada no quarto, afogado na noite, onde tudo desaparecera: o fogão, os móveis, as paredes; e foi preciso que se voltasse para tornar a ver os dois quadrados pálidos das janelas, imóveis, de uma leveza de sonho. Mal grado a sua fadiga esmagadora, uma atividade cerebral poderosa mantinha-o vibrante, dobrando incessantemente a mesma meada de idéias. De todas as vezes que, por um esforço de vontade, julgava cair no sono, recomeçava a mesma idéia, despertavam as mesmas imagens, despertando as mesmas sensações. E o que assim se desenrolava, com uma regularidade mecânica, enquanto os seus olhos, fixos e sempre abertos, se enchiam de sombra, era o assassinio, pormenor por pormenor. Renascia sempre, idêntico, invasor, louco. A navalha entrara na garganta com um choque surdo, o corpo tivera três longos estremecimentos, a vida ia-se numa onda de sangue tépido, na onda vermelha que se lhe figurava correr pelas mãos. Vinte vezes, trinta vezes, a navalha entrou, o corpo agitou-se. Aquilo tornava-se enorme, sufocava-o, transbordava, fazia estalar a noite. Oh! Dar com a navalha um golpe semelhante contentar esse longínquo desejo, saber o que se experimenta, saborear aquele minuto em que se vive mais do que uma existência inteira!

Como a sufocação aumentasse, Tiago pensou que só o peso de Severina sobre o seu braço o impedia de dormir. Docemente, soltou-se, deitando-a junto dele, sem a acordar. Aliviado a princípio, respirou mais à vontade, na suposição de que o sono ia finalmente chegar. Mas apesar do seu esforço, os tais dedos invisíveis reabriram-lhe as pálpebras; e, no escuro, reapareceu o assassinio em traços sangrentos, a navalha entrou, o corpo agitou-se. Uma chuva vermelha riscava as trevas, a ferida da garganta, desmesurada, abria-se como um entalhe feito a machado. Então não lutou mais, ficou de costas, presa dessa visão obstinada. Ouvia em si o labor decuplicado do cérebro, um estrondear de toda a máquina. Vinha de muito longe, da sua mocidade. Contudo, julgava-se curado, porque esse desejo morrera havia meses com a posse daquela mulher; e eis que nunca ele o sentira tão intenso, sobre a evocação daquele assassinio, que, ainda há pouco, apertada contra a sua carne, ligada aos seus membros, ela lhe ciciava. Ele desviava-se, evitava que ela o tocasse, queimado pelo menor contacto da sua pele. Um calor insuportável lhe subia ao longo da espinha, como se o colchão, debaixo dos rins, se tivesse transformado em braseira. Picadas, pontas de fogo, penetravam-lhe na nuca. Por um momento tentou tirar as mãos de baixo da roupa; mas logo elas gelaram, dando-lhe calafrios.. Tomou-o o medo das próprias mãos, e recolhendo-as,

juntou-as sobre o ventre, acabou por deslizá-las, esmagá-las debaixo das nádegas, entalando-as aí como se receasse qualquer abominação da sua parte, um ato que ele não desejaria, e que cometeria apesar de tudo.

De cada vez que o cuco dava horas, Tiago contava as pancadas. Quatro horas, cinco horas, seis horas. Aspirava pelo dia, esperava que a alvorada expulsasse aquele pesadelo. Por isso, agora voltava-se para as janelas, espreitando pelos vidros. Mas o que aí continuava a ver era o vago reflexo da neve. Às cinco horas menos um quarto, com um atraso de quarenta minutos apenas, sentira chegar o direto do Havre, o que provava que a circulação devia estar restabelecida. E só depois de terem dado as sete horas, é que ele viu clarear os vidros, numa palidez Jeitosa, muito lenta.

Enfim, o quarto clareou, daquela luz confusa, em que os móveis pareciam flutuar. Reapareceu o fogão, o armário, o bufê. Continuava a não poder fechar as pálpebras; os olhos pelo contrário, irritavam-se, numa necessidade de ver. Logo a seguir, antes mesmo de clarear bem, ele mais adivinhara do que vira, sobre a mesa, a faca de que se servira à noite para cortar o pastelão.

Não via senão a faca, uma faca pequena, muito bicuda. O dia que avançava, toda a luz branca das duas janelas, entrava agora simplesmente para se refletir nessa delgada lâmina. E o terror das suas mãos fez-lhas enterrar ainda mais debaixo do corpo porque ele bem sabia que elas se agitavam, revoltadas, mais fortes do que a sua vontade. Iriam elas por ventura deixar de pertencer-lhe? Mãos que lhe viessem de outros, mãos delegadas por algum antepassado, no tempo em que os homens, nas florestas estrangulavam os animais.

Para não ver mais a faca, Tiago voltou-se para Severina; ela dormia muito sossegada, com uma respiração de criança, no seu grande cansaço. Os seus pesados cabelos pretos, desatados, faziam-lhe um travesseiro sombrio, correndo até aos ombros; e debaixo do queixo, entre o anéis distinguia-se-lhe a garganta duma delicadeza de leite, apenas rosada. Olhou para ela, como se não a conhecesse. Todavia adorava-a, levava para toda a parte a sua imagem, num desejo dela, que, muitas vezes o angustiava, mesmo quando pilotava a sua máquina; a tal ponto que, um dia, acordara como dum sonho, no momento em que passava com todo o vapor na estação, apesar dos sinais. Mas a vista dessa garganta branca, tomava-o por completo com uma fascinação súbita, inexorável, e nele como um horror consciente ainda, sentia crescer a imperiosa necessidade de ir procurar uma faca na mesa e voltar a cravá-la até ao cabo, nessa carne de mulher. Ouvia o choque surdo da lâmina que entrava, via o corpo sobressaltar-se por três vezes, depois a morte inteiriçá-lo, sob uma onda vermelha. Lutando, querendo arrancar-se a essa obsessão, perdia a cada segundo um pouco da sua vontade, como submergido pela idéia fixa, àquele limite extremo onde, vencido, se cede aos impulsos do instinto. Tudo se baralhou. As suas mãos revoltadas, vitoriosas do esforço em ocultá-las, desataram-se, soltaram-se. E compreendeu tão bem que, daí em diante não era mais senhor delas, e elas iriam brutalmente satisfazer-se se continuasse a olhar Severina. Empregou a energia que ainda tinha em sair da cama, rebolando-se pelo chão como um homem embriagado.

Aí, agachou-se, esteve prestes a cair de novo, tropeçando nas saias que tinham ficado no chão. Vacilava, procurava sua roupa com gestos desvairados, no pensamento único de vestir-se depressa, de agarrar na faca, descer e matar outra mulher, na rua.

Desta vez o desejo torturava-o em demasia, era preciso matar uma.

Já não encontrava as calças, tocando-lhe por três vezes, antes de saber que pegava nelas. Custava-lhe calçar os sapatos. Bem que a luz do dia fosse agora já bastante, o quarto parecia-lhe cheio de fumo avermelhado, uma madrugada de nevoeiro glacial em que tudo se afogava. Tiritava de febre e, finalmente vestido, pegava na faca ocultando-a na manga, certo de matar uma, a primeira que encontrasse na rua, quando um roçar de roupa, um suspiro prolongado que vinha da cama, o deteve pregado junto da mesa, a empalidecer.

Era Severina que acordava.

— O que filho, pois sais já?

Ele não respondia, não a olhava, esperando que tornasse a adormecer.

— Onde é que vais?

— A parte alguma, balbuciou ele, mas, sim, vou em serviço. Dorme que eu já volto.

Então ela teve palavras confusas, retomada de torpor, com os olhos já fechados.

— Oh! Tenho sono, tenho sono. Vem dar-me um beijo.

Mas ele não se mexeu, porque sabia que, se voltasse com aquela faca na mão, se a tornasse simplesmente a ver, tão fina, tão bonita, na sua nudez e na sua desordem desaparecia-lhe a vontade, que o inteiriçava ali junto dela. Mau grado seu, a mão erguer-se-ia, e ele cravar-lhe-ia a faca no pescoço.

— Filho, vem dar-me um beijo...

Sua voz extinguiu-se; adormeceu muito docemente, com um murmúrio de carícia. E ele, doido, abriu a porta e fugiu.

Eram oito horas quando Tiago se achou no passeio da rua de Amsterdão. A neve não tinha ainda sido varrida, ouvia-se apenas o bater dos pés dos rasos transeuntes. Depois, avistou uma mulher, já velha; mas como ia voltar a esquina da Rua de Londres, não a seguiu. Alguns homens roçaram por ele, que desceu para a praça do Havre apertando o cabo da faca, cuja ponta levantada desaparecia debaixo da manga. Como um jovem de catorze anos saísse de uma casa defronte, ele atravessou a calçada; e, quando lá chegou, só a viu entrar para uma padaria ao lado. Era tal a sua, impaciência que não esperou, procurando mais longe, continuando a descer. Desde que ele abandonara o quarto, com aquela faca, já não era ele que operava, - mas o outro, aquele que ele sentira com tanta freqüência agitar-se no fundo do seu ser, aquele desconhecido, vindo de muito longe, abrasado da sede hereditária do assassinio. Matara outrora, queria matar ainda. E as coisas em volta de Tiago apareciam-lhe como num sonho, porque as vias através da sua idéia fixa. A sua vida de todos os dias achava-se como abolida, caminhava como sonâmbulo, sem memória do passado, sem previdência do futuro, todo entregue à obsessão da sua necessidade. No seu corpo, que andava, estava ausente a sua personalidade. Duas mulheres que roçaram por ele, passando-lhe adiante, fizeram-lhe precipitar a marcha: e ia alcançá-las, quando um homem as deteve.

Todos três riam, conversavam. Como esse homem lhe desarranjasse os planos, pôs-se a seguir outra mulher que passava, mesquinha e escura, o aspecto pobre, sob um chalinho de má morte. Ela avançava em passinho miúdo, para algum trabalho execrado decerto, duro e mal pago, porque não tinha pressa, a face desesperadamente triste. Ele também, agora que já tinha uma à mão, tão pouco se apressava, esperando escolher o sítio, para ferir à vontade. Ela decerto notou que aquele senhor a seguia, e os seus olhos voltaram-se para ele, com uma angústia indizível, espantada de que um homem pudesse querer dela alguma coisa. Seguiu-a até a Rua do Havre, e ela voltou-se duas vezes ainda, obstando assim de ambas elas a que lhe cravasse no pescoço a faca que tirava da manga. Ela tinha olhos de miséria tão suplicantes! Mais lá em baixo, quando ela descesse do passeio, feri-la-ia. E, bruscamente, fez um desvio, pondo-se em perseguição de outra mulher, que caminhava em sentido inverso. Isto sem razão, sem vontade, porque ela passava naquele minuto, e porque era assim.

Tiago, atrás dela, voltou para a estação. Muito viva, esta mulher caminhava em passinho rápido; e era adoravelmente bonita, vinte anos no máximo, nutrida, loura, com belos olhos alegres, que riam à vida. Não notou sequer que a seguia um homem; devia ter pressa, porque subiu a escadaria da estação do Havre, dirigiu-se à sala grande, que atravessou quase correndo, para precipitar-se na bilheteira da linha de subúrbio. E como ela pedisse um bilhete de primeira classe para Auteuil, ele pediu igualmente um, acompanhou-a através das salas de espera, na plataforma, até ao compartimento, onde se instalou, ao lado dela. O trem partiu.

— Tenho tempo, pensava ele, mato-a debaixo do túnel.

Mas em frente deles, uma senhora de idade, a única pessoa mais que entrou para o carro reconheceu a passageira.

— O que?! É a senhora! Onde vai tão cedo?

A outra desatou a rir, num riso claro, com um gesto de desespero cômico:

— Ora esta! não se pode dar um passo sem ser vista! Espero que não irá atraiçoar-me... Amanhã é o aniversário de meu marido e logo que ele saiu para o trabalho, eu saí também para ir a Auteuil à casa de um horticultor, onde ele viu uma orquídea que ficou desejando. Uma surpresa, compreende?

A senhora de idade abanou a cabeça, com benevolência.

— E a pequena, vai bem?

— Oh! Um verdadeiro encanto... Sabe que a desmamei há oito dias! Se visse como ela come a sopa... Passamos todos muito bem, é maravilhoso...

Ela riu-se alto, mostrando os dentes brancos, em contraste aos lábios vermelhos. E Tiago, sentado à sua direita, empunhando a faca oculta nas costas, estava numa excelente posição para o golpe. Bastava-lhe erguer o braço e dar meia volta, para tê-la debaixo da mão. Mas, sob o túnel de Batignolles, a idéia das fitas do chapéu deteve-o.

— Ela tem um laço que pode incomodar-me. Preciso estar seguro.

As duas mulheres continuavam a conversa alegremente.

— Vejo que é feliz.

— Feliz! Oh! Vivo num sonho... Há dois anos, eu sofria, recorda-se? Não nos divertíamos absolutamente nada em casa de minha tia; e nem um soldo de dote... Quando ele chegou, eu me pus a tremer, tanto gostava dele. Mas era tão bonito, tão rico... Hoje pertence-me, é meu marido, e temos uma filhinha, nós ambos! Até parece demais!

Ao estudar o nó das fitas, Tiago verificara que havia por baixo, preso a um fitilho de veludo preto, um medalhão grande de ouro; ele calculava tudo.

— Agarro-lhe pelo pescoço com a mão esquerda, e desvio-lhe o medalhão, derrubando-lhe a cabeça, para ter a garganta nua.

O comboio parava e tornava a partir. Tinham-se sucedido curtos túneis em Courcelles, em Neuilly. Na ocasião, bastaria um segundo.

— Foram à praia, este verão? perguntou a senhora de idade.

— Fomos à Bretanha, seis semanas no fundo de um buraco perdido, um paraíso! Depois passamos o mês de setembro no Poitou, em casa de meu sogro, que tem ali grandes propriedades.

— E não vão para o sul, no inverno?

— Sim; devemos estar em Cannes, lá para 15.... Já alugamos casa. Um jardimzinho delicioso, o mar em frente. Já para lá mandamos pessoa de confiança tratar da instalação para receber-nos. Não somos friorentos, nem um nem outro; mas é tão bom o sol!... Devemos regressar em março. No ano que vem, ficamos em Paris. Dentro de dois anos, quando a pequena estiver mais crescida, havemos de viajar. Eu sei lá, é uma festa atrás da outra!

Ela transbordava de felicidade, que, cedendo à sua necessidade de expansão, voltou-se para Tiago, para esse desconhecido, para sorrir. Com esse movimento, o nó das fitas deslocou-se, o medalhão desviou-se e apareceu o pescoço vermelho, com uma leve covinha, que a sombra dourava.

Os dedos de Tiago inteiriçaram-se no cabo da faca, enquanto tomava uma resolução irrevogável.

— Há de ser ali, naquele lugar, que eu hei de ferir. Sim, logo debaixo do túnel, antes de Passy.

Mas na estação de Trocadero subiu um empregado, que, conhecendo-o, se pôs a falar com ele do serviço, de um roubo de carvão de que acabavam de ser acusados, e com provas, um maquinista e o respectivo fogueiro. A partir deste momento, tudo se baralhou; ele nem pôde mais tarde, estabelecer os fatos, exatamente. Os risos haviam continuado, uma radiação de felicidade tal, que de estava como que penetrado e aborrecido. Nem sabia se tinha ido até Auteuil com as duas mulheres; unicamente não se lembrava de que elas ali tivessem apeado. Ele próprio acabara por se encontrar à beira do Sena, sem saber explicar como. Do que ele guardava muito nítida sensação, era de ter atirado ao rio, do alto, a faca que ainda conservava na mão, por dentro da manga. Depois, não sabia mais nada, estupidificado, ausente do seu ser, de onde o outro se havia também retirado, com a faca. Devia ter caminhado durante horas, pelas ruas e pelas praças, ao acaso do corpo. Pessoas e casas desfilavam muito pálidas pela sua frente. Sem dúvida entrara em alguma parte, a comer no



fundo de uma sala cheia de gente, porque se lembrava distintamente de ter visto pratos brancos. Tinha também a impressão persistente de um aviso numa loja fechada. E tudo desaparecia em seguida num abismo negro, num nada, onde não havia já nem tempo, nem esforço, onde jazia inerte havia séculos talvez.

Quando voltou a si, Tiago estava no seu acanhado quarto da Rua Cardinet, caído de través, no leito, completamente vestido. O instinto levava-o para aí, assim como um cão fatigado, que se arrasta para a sua casinhola. E não se lembrava nem de ter subido a escada, nem de ter adormecido. Despertava de um sono de chumbo, admirado de entrar bruscamente na posse de si mesmo, como se tivera um desmaio profundo. Talvez tivesse dormido três horas, talvez três dias. De repente, voltou-se a memória: a noite passada com Severina, a confissão do assassinio, a sua partida de animal carnívoro em busca de sangue. Estivera fora de si, e recordava, com estupefação as coisas que se tinham passado a contragosto seu. Depois, a recordação de que Severina estava à espera dele, pô-lo de pé, rapidamente. Olhou para o relógio, viu que eram já quatro horas; e, com a cabeça vazia, muito sossegado como depois de uma forte sangria, deu-se pressa em voltar para a Rua de Amsterdão.

Até ao meio-dia, Severina dormiu profundamente. Em seguida, despertada, surpreendida de não o ver ainda ali, reacendera o fogão; e, vestida enfim, cheia de fome, decidira-se, pelas duas horas a ir comer em um restaurante, na vizinhança. Quando Tiago apareceu, acabava ela de entrar, depois de ter dado algumas voltas.

— Oh! Queridinho, como eu estava inquieta!

E pendurando-se-lhe ao pescoço, olhava para ele muito de perto, mesmo nos olhos.

— Que sucedeu?

Ele, exausto, a carne fria, tranqüilizava-se assossegadamente, sem urna perturbação.

— Nada, uma tarefa estúpida. Quando eles nos apanham, já não nos largam.

Então baixando a voz, ela fez-se humilde, meiga:

— Imagina lá, o que é que eu pensava... Uma coisa muito feia, que me causava um desgosto! Dizia comigo mesma que talvez depois do que eu te confessei, tu não quisesses saber mais de mim... e então supus que tinhas ido embora para nunca mais voltar, nunca mais voltar, nunca mais, nunca mais!...

As lágrimas brotavam e ela pôs-se a soluçar, apertando-o perdidamente nos braços.

— Ah! meu amor, se soubesses como eu preciso de que sejam bons para mim!... Ama-me, ama-me muito, porque, vê tu, só o teu amor poderá fazer-me esquecer... Agora que te contei todas as minhas desgraças, não é assim? É preciso que não me abandones, oh! suplico-te!

Tiago era invadido por esse enternecimento. Uma frouxidão invencível amolecia-o, aos poucos. Balbuciou:

— Não, não, eu amo-te, não tenhas medo.

E, aflito, chorou também, sob a fatalidade daquele mal abominável que acabava de se reapossar dele, de que nunca mais se curaria. Era uma vergonha, um desespero.

— Ama-me, ama-me muito também, oh! com todas as tuas forças, porque tenho tanta

necessidade disso como tu.

Ela estremeceu, e falou:

— Tens desgostos, é preciso que mos contes.

— Não, não são desgostos, são suposições, tristezas que me tornam horivelmente desgraçado, sem que seja mesmo possível falar a tal respeito.

Ambos se abraçaram, confundiram a pavorosa melancolia do seu desgosto. Era um sofrimento infinito, sem esquecimento possível, sem perdão. Choravam e sentiam sobre eles as forças cegas da vida, feita de luta e de morte.

— Vamos, disse Tiago, são horas de pensar na partida; esta noite deves estar no Havre.

Severina, sombria, com os olhares perdidos, murmurou:

— Ainda se eu fosse livre, se meu marido, ali não estivesse!... Ah! como nós esqueceríamos depressa!

Ele teve um gesto violento e pensou alto:

— Contudo, não podemos matá-lo.

Fixamente, ela olhou para ele, e ele sobressaltou-se, espantado de ter dito aquilo, coisa em que jamais pensara. Pois se ele desejava matar, porque não matava aquele homem incomodativo? B como ele a ia deixar finalmente, para correr ao depósito, ela retomou-o nos braços e cobriu-o de beijos.

— Oh! meu querido, ama-me muito. Eu amar-te-ei muito mais, muito mais ainda... Vamos, havemos de ser felizes.

## IX

No Havre, nos dias imediatos, Tiago e Severina mostraram-se de grande prudência, pois estavam inquietos agora que Roubaud sabia tudo, não iria ele espreitá-los, para vingar-se deles num escândalo? Lembrava-se dos seus arrebatamentos de ciúme de outros tempos, das suas brutalidades de antigo carregador, batendo a punhos fechados. E, justamente, parecia-lhes, ao vê-lo, tão pesado, mudo com os olhos perturbados, que ele devia meditar algum plano feroz, uma surpresa, onde os conseguisse apanhar em seu poder. Por isso durante o primeiro mês, só com mil precauções se encontraram, e sempre à espreita.

Roubaud, contudo, cada vez se ausentava mais. Quem sabe! Talvez ele assim desaparecesse para voltar de improviso e encontrá-los nos braços um do outro. Mas isto não se realizava. Ao contrário as suas ausências prolongavam-se a tal ponto, que já nunca ali estava, escapando-se logo que estava livre, e voltando só no minuto preciso em que o serviço o reclamava. Na semanas em que estava de serviço de dia, arranjava meio, às dez horas, de almoçar em cinco minutos, e, depois, de não reaparecer senão às onze horas e à tarde às cinco horas, quando o colega descia para o substituir, escapava logo, às vezes a noite inteira. Apenas tinha algumas horas de sono. Sucedia coisa idêntica nas semanas em que estava de noite; livre então desde as cinco horas da manhã, comendo e dormindo fora, com toda a certeza, em todo o caso, voltando só às cinco horas da tarde. Por longo tempo, numa desordem dessas, mantivera, entretanto, uma pontualidade de empregado modelo, sempre presente no horário exato, às vezes tão moído, que mal se equilibrava, mas, contudo, de pé, cioso das suas obrigações. Agora porém, começava a faltar. Por duas vezes já, o outro sub-chefe, Moulin, esperara por ele uma hora; uma manhã mesmo, depois do almoço, sabendo que ele não tinha aparecido, viera substituí-lo, como bom camarada, para evitar uma reprimenda ao colega.

E todo o serviço de Roubaud começava assim a ressentir-se daquela desorganização lenta. De dia já não era o homem ativo, não expedindo nem recebendo comboio algum, senão depois de ter examinado tudo pelos seus próprios olhos, consignando as menores observações no seu relatório ao chefe da estação, severo para com os outros e para consigo mesmo. De noite adormecia com um sono de chumbo, no fundo da grande poltrona da sua secretária. Despertando, parecia dormir ainda, andava de um lado para outro no saguão, com as mãos cruzadas atrás das costas; dava com voz distraída as ordens, cuja execução nem verificava. Apesar disso tudo, caminhava pela força adquirida pelo hábito; apenas uma vez houve um incidente devido a uma negligência sua, um comboio de passageiros que entrou numa linha da estação. Os colegas riam-se, dizendo que ele andava na farra.

A verdade era que Roubaud vivia agora, no primeiro andar do café do Comércio, uma

saleta isolada que aos poucos se transformara numa batota. Contava-se que iam lá mulheres todas as noites; mas lá só havia realmente uma, a amiga dum capitão reformado, de uns quarenta anos de idade, jogadora inveterada, sem sexo. O que o sub-chefe fazia lá era satisfazer a sombria paixão do jugo, despertada nele, no dia seguinte ao crime, pelo acaso duma partida de *piquet*, que se desenvolvera depois, transformando-se num hábito imperioso, pela absoluta distração, pelo aniquilamento que ele proporcionava. Apoderara-se dele de modo tal, que até aquele macho brutal conseguira banir o desejo da mulher; prendia-o agora por exemplo, como única satisfação, com que se contentava. Não era porque o remorso alguma vez o atormentasse pela necessidade do esquecimento; mas no abalo em que a sua casa se desorganizava, no meio da existência estragada, aí encontrara a consolação, o atordoamento da felicidade egoísta, que ele podia saborear sozinho; e tudo se abismava agora, no fundo dessa paixão que acabava de o desorganizar. O álcool não lhe teria dado horas mais suaves, mais rápidas, livres àquele ponto. Estava desprendido do próprio cuidado da vida, parecia-lhe viver com uma intensidade extraordinária, mas aliás, desinteressado, sem que nada mais lhe viesse dos aborrecimentos de que noutros tempos, estalava de raiva. E gozava boa saúde, apesar da fadiga das noites passadas! em claro; engordara até, uma gordura flácida, as pálpebras pesavam sobre os olhos perturbados. Quando voltava para casa, com a lentidão dos seus gestos, já não tinha acerca das coisas domésticas senão uma soberana indiferença.

Na noite em que Roubaud viera buscar os trezentos francos em ouro debaixo do soalho, fora para pagar ao senhor Cauche, o comissário de vigilância, em seguida a algumas perdas sucessivas. Este velho jogador, tinha um sangue frio que o tornava temível. Depois, dizia que só jogava para divertir-se; era obrigado pelas suas funções de magistrado a conservar as aparências de antigo militar, solteirão e vivendo no café, como *habitué* tranqüilo, o que não o impedia de estar noites inteiras a bater cartas na mesa e a arrancar todo o dinheiro dos outros. Tinham circulado certos boatos: acusavam-no também de ser tão inexato no seu posto, que se tratava até de o obrigar a demitir-se. Mas as coisas demoravam; havia tão pouco que fazer, para que exigir mais zelo? E contentava-se sempre em aparecer por um instante no cais da estação, onde todos o cumprimentavam.

Três semanas depois, Roubaud tornou a dever perto de quatrocentos francos ao senhor Cauche. Explicara que a herança legada a sua mulher os deixava viver desafogadamente; mas acrescentava ainda que quem tinha as chaves da caixa era sua mulher, o que desculpava a sua lentidão em pagar as dívidas de jogo. Depois, uma noite em que ele estava só, atormentado, levantou de novo a tábua e tirou do esconderijo uma nota de mil francos. Tremia, na noite das moedas de ouro não experimentara emoção semelhante; de certo porque aquilo fora apenas um simples troco casual, ao passo que com aquela nota começava o roubo. Sentia um mal-estar, quando pensava naquele dinheiro sagrado, no qual prometera a si mesmo jamais tocar. Antigamente pensava que antes morreria de fome, e contudo agora tirava-o, e não seria capaz de dizer como que tinham desaparecido os escrúpulos, um pouco cada dia, decerto, na lenta fermentação do assassinio. Do fundo do buraco parecia-lhe ter

sentido uma umidade, o que quer que fosse de mole e de nauseabundo, de que teve horror.

Vivamente tornou a pôr a tábua no lugar, voltando a fazer o juramento de antes cortar a mão do que descolá-la outra vez. A mulher não o vira; respirou aliviado; bebeu um grande copo de água, para se refazer. Agora o seu coração batia de alegria, à idéia de que ia pagar a dívida e de que podia jogar todo aquele dinheiro.

Mas quando precisou de trocar a nota, recomeçou a sua angústia. Antigamente era valente, ter-se-ia entregue, se não tivesse cometido a asneira de envolver a mulher no negócio; ao passo que, agora, só a idéia dos policiais lhe causava suores frios. Apesar de Saber que a justiça não possuía os números das notas desaparecidas, que além disso, o processo dormia para sempre enterrado na pasta dos arquivos, um pavor se apoderava dele logo que projetava entrar em qualquer lugar, para trocar a nota. Por cinco dias nada fez; e era um hábito contínuo, uma necessidade de a apalpar, de a mudar de lugar, de não se separar dela, de noite. Fazia planos mas tropeçava sempre em receios imprevistos. Primeiro procurara trocá-la na estação: porque é que um colega encarregado de receber dinheiro, não a trocaria? Depois, tendo-lhe isto parecido extremamente perigoso, imaginara ir à outra extremidade do Havre, sem levar o boné do uniforme, comprar fosse o que fosse. Mas não se admirariam de o ver levar uma nota tão grande para comprar um objeto de tão pequeno valor? Detinha-se na resolução de dar a nota na loja de tabacos do Cours Napoléon, onde ele entrava todos os dias: não era mais simples? Sabiam perfeitamente que ele tinha herdado; portanto a dona da loja não podia surpreender-se. Foi andando até à porta, mas veio o desânimo e voltou até Vauban, para ver se adquiria coragem. Andou meia hora e voltou, ainda indeciso, sem se decidir ainda. E, à noite, no café do Comércio, estando lá o senhor Cauche, uma bravata brusca fê-lo tirar a nota do bolso, pedindo à dona da loja que trocasse; ela não tinha troco que chegasse, e teve que mandar um moço à tabacaria. Gracejou-se mesmo a respeito da nota novinha apesar de dez anos de data. O comissário de vigilância pegara nela, e voltara-a, dizendo que aquela com toda certeza tinha dormido no fundo de algum buraco; o que lançou o amigo do capitão reformado na história interminável de uma fortuna oculta debaixo da pedra de uma cômoda.

Decorreram semanas e aquele dinheiro que Roubaud tinha consigo parece que lhe aumentava o azar. Não jogava forte, mas perseguia-o uma falta de sorte tão constante que as pequenas perdes de todos os dias adicionadas, chegavam a somar grandes quantias. Isto fim do mês achou-se sem dinheiro, devendo já alguns luíses, doente por não se atrever a pegar numa carta. Contudo, lutou, estive prestes a cair de cama. A idéia das nove notas que dormiam ali debaixo do soalho da sala de jantar, transformavam-se nele numa obsessão de todos os minutos: via-as através das tábuas, sentia-as. E dizer que, se ele quisesse, já teria tirado outra! Mas estava certo desta vez. antes pôr a mão no fogo, do que tornar a mexer ali.

Mas numa noite em que Severina adormeceu muito cedo, ele foi ao friso; levantou-o, cedendo à necessidade, perdido de uma tal tristeza, que os olhos se enchiam de lágrimas. Para que resistir assim? Era um sofrimento inútil, porque ele bem via agora que as iria buscar, uma a uma, até à última.

No outro dia cedo, Severina notou por acaso, uma esfoladura fresca na aresta do friso. Baixou-se e verificou vestígios de levantamento recente. Evidentemente o marido continuava a tirar o dinheiro. Teve um movimento de cólera apesar de não ser interesseira; também se julgava resolvida a antes morrer de fome do que tocar naquelas notas manchadas de sangue. Mas não era aquele dinheiro tanto seu como do marido? Porque então ele dispunha dele, ocultando-se, sem sequer consultá-la? Até à hora do jantar, atormentou-se pela necessidade de uma certeza, e teria por sua vez deslocado o friso, para ver, se não tivesse sentido arrepio nos cabelos, à idéia esquadriñar sozinha o esconderijo. Iria a morte erguer-se desse buraco? Aquele medo de criança tornou a sala de jantar tão desagradável, que pegou seu trabalho e foi trancar-se no quarto.

Depois, à noite, quando ambos estavam ceando, uma nova irritação se apoderou dela, ao vê-lo dar olhadelas involuntárias para o canto da sala.

— Tornaste a ir lá, hein? — perguntou ela bruscamente. Ele levantou a cabeça, admirado.

— Ir lá aonde?

— Oh! Não te faças inocente, bem me entendes... Mas ouve: eu não quero que tornes a tirar nada de lá, porque aquilo é tanto teu como meu, e faz-me doente saber que tocas lá.

Por hábito ele evitava questões. Sua vida comum era apenas o contato obrigado de duas criaturas ligadas uma à outra, passando dias inteiros sem trocarem palavra, andando uma ao lado da outra, como estranhos, indiferentes e solitários. Por isso, ele contentou-se em encolher os ombros, recusando qualquer explicação.

Mas Severina muito excitada, queria acabar com aquela questão do dinheiro ali escondido, que a fazia sofrer desde o dia do crime.

— Quero que me respondas! Atreves-te a dizer que não tocaste nele?

— Mas que te importa isso?

— Importa, porque me revolta. Ainda hoje eu tive medo de ficar aqui. De todas as vezes que ali mexes, são três noites sonhando coisas horríveis... Nós nunca falamos no assunto. Portanto, fica sossegado, não me obrigues a falar nele.

Roubaud contemplava-a com os seus grandes olhos fixos, e repetiu pesadamente:

— Mas que te importa a ti que eu mexa, se eu não te obrigo a fazê-lo? É para mim, portanto, o caso é comigo.

Ela teve um gesto violento, logo reprimido. Depois, angustiada, cheia de sofrimentos e repugnância:

— Não te entendo... Contudo, eras um homem honrado; não eras capaz de tirar um soldo a ninguém. E o que tu fizeste podia-se perdoar, porque estavas doido, como me fizeste doida também. Mas aquele dinheiro! Aquele dinheiro abominável, que nunca mais devia existir para ti, e que roubas soldo a soldo para te divertires... Que é então que se passa? Como pudeste descer tão baixo?

Ele escutava-a, e, num minuto de lucidez, espantou-se também de ter chegado ao roubo. As fases da lenta desmoralização apagavam-se; ele não podia reatar o que o crime cortara

em •volta de si, já não sabia explicar como é que começara outra existência, quase uma nova criatura, com a sua casa destruída, a sua mulher afastada e hostil. Depois, o irreparável tomou posse dele e teve um gesto como para se desembaraçar das reflexões importunas.

— Quando a gente se estupidifica em casa, regougou ele, vai distrair-se fora. Desde que já não gostas de mim...

— Oh! Não, já não gosto de ti...

Ele fitou-a, deu um soco na mesa, com a face invadida por uma onda de sangue.

— Então, vai-te com os diabos, e deixa-me em paz! Eu impeço-te por ventura de te divertires? Faço-te perguntas? Há muitas coisas que um homem honrado faria em meu lugar e que eu não faço. Em primeiro lugar, devia pôr-te no olho da rua, com um pontapé nas costas. E depois, talvez eu não roubasse.

Severina empalideceu; também ela pensara muitas vezes que quando um homem ciumento é devastado por um mal interior, a ponto de tolerar um amante a sua mulher, é porque há nele indícios de uma gangrena moral, de marcha invasora, matando os outros escrúpulos, desorganizando a consciência inteira.

Mas ela debatia-se, recusando ser a responsável. E exclamou, balbuciando:

— Proíbo-te que toques no dinheiro.

Ele acabara de comer. Tranqüilamente, dobrava o guardanapo, depois levantou-se, dizendo com ar chocarreiro:

— Se é isso o que queres, repartamos o dinheiro. E ele abaixou-se para arrancar o friso. Ela teve que se precipitar, pondo o pé para impedi-lo.

— Não, não Preferia morrer. Não abras isso. Não, não! Pelo menos diante de mim!

Severina, nessa noite foi encontrar-se com Tiago por trás da estação das mercadorias. Quando ela voltou para casa, depois da meia-noite, aquela cena voltou ad seu espírito e fechou-se no seu quarto, dando duas voltas à chave. Roubaud estava de serviço de noite; ela nem sequer receava que ele entrasse para se deitar, pois que isso raras vezes sucedia. Mas, com a roupa puxada até ao queixo, o candeeiro aceso ao invés da lamparina, não conseguiu adormecer. Porque recusou ela que ele repartisse? E já não sentia tão viva a revolta da sua honestidade, à idéia de aproveitar o dinheiro. Não aceitara ela o legado do Croix-de-Maufras? Então podia também ficar com o dinheiro. Depois voltava o sobressalto. Não, não, nunca! O dinheiro legado aceita-lo-ia; no que ela não se atrevia a tocar sem receio de ficar com os dedos queimados, era aquele dinheiro roubado a um morto, o abominável dinheiro do crime. Acalmava-se novamente, raciocinava; não seria para o gastar que ficaria com ele; pelo contrário, iria escondê-lo noutra parte, enterrá-lo num lugar só dela conhecido, onde dormiria por toda a eternidade; e, àquela hora, seria ainda metade da soma salva das mãos do marido. Ele não triunfaria ficando com tudo, não iria jogar o que lhe pertencia a ela. Quando o relógio deu três horas, sentia tremendamente ter recusado a partilha. Também lhe acudiu um pensamento: levantar-se, ir buscar o que estivesse debaixo do chão, para que ele não levasse mais nada. Simplesmente, gelava-a um tal frio, que nem sequer nisso queria pensar. Tirar tudo, sem que ele se atrevesse mesmo a queixar-se! E aquele plano impunha-

se-lhe a pouco e pouco, ao passo que uma vontade, mais forte do que a sua resistência, subia das profundidades inconscientes de seu ser. Ela não queria, mas saltou bruscamente da cama, porque não podia proceder por outra forma. Puxou a torcida do candeeiro, e passou à sala de jantar.

Severina deixou de tremer. Seus terrores estavam abalados: procedeu friamente, com gestos lentos e precisos de sonâmbula. Teve que procurar o atizador do fogo, que servia para levantar o friso. Quando o buraco ficou à vista, aproximou o candeeiro porque não enxergava. Mas uma estupefação a deixou ali pregada, debruçada, imóvel; o buraco estava vazio. Evidentemente, enquanto ela fora à entrevista, Roubaud voltara, espicaçado antes dela pela mesma vontade: tirar tudo, ficar com tudo; e, de uma assentada embolsara as notas, sem deixar uma. Ela ajoelhou-se; só avistava, lá ao fundo, o relógio e a corrente, cujo ouro luzia na poeira das vigas. Uma raiva fria a conservou ali por um momento inteiriçada, semi-nua, repetindo alto, muitas vezes:

— Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Depois, com um movimento furioso, agarrou no relógio, enquanto uma grande aranha preta, interrompida do seu sossego, fugia pela parede. Tornou a pôr o friso no lugar, e voltou a deitar-se, pondo o candeeiro sobre o banquinho de cabeceira. Quando aqueceu, olhou o relógio que conservava ainda na mão fechada, voltou-o, examinou-o por muito tempo. Na tampa, as duas iniciais do presidente, entrelaçadas, interessaram-na. No interior leu o número 2516, número da fabricação. Era uma jóia perigosa de guardar, porque a justiça tomara nota do número. Mas na sua cólera de não poder salvar senão aquilo, já não tinha medo. Mesmo, sentia acabados os pesadelos, agora que debaixo do assoalho já não havia um cadáver. Enfim, andaria tranqüila pela casa, por onde ela quisesse. Pôs o relógio debaixo do travesseiro, apagou a luz e adormeceu.

No dia seguinte, Tiago, que estava de folga, devia esperar que Roubaud saísse para ir ao café do Comércio, segundo o seu costume, e subir então para almoçar com ela. Às vezes enchiam-se de coragem, e faziam assim. Nesse dia, enquanto almoçavam, ela tremendo ainda, falou-lhe do dinheiro, contou-lhe como encontrara o esconderijo vazio. Seu rancor contra o marido recrudescera e a mesma exclamação voltava incessante:

— Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Depois foi buscar o relógio e quis dá-lo a Tiago, apesar da repugnância que ele manifestava.

— Compreendes, queridinho, ninguém irá procurá-lo em sua casa. Se fico com ele, Roubaud tira-o com certeza. E quanto a isso, vês, antes queria que me arrancassem um pedaço de carne... Ele levou muito. Eu não queria aquele dinheiro. Fazia-me tremer, nunca dele teria gasto um soldo, mas, meu marido tinha porventura o direito de se aproveitar dele? Odeio-o!

Ela chorava e insistia, com tais súplicas, que o maquinista acabou por colocar o relógio no bolso do colete.

Passou-se uma hora; Tiago tinha Severina nos joelhos, meio despida ainda. Ela



encostava-se-lhe ao ombro com um braço passado pelo pescoço dele, numa carícia enlanguescida, quando Roubaud, que tinha outra chave, entrou. Num salto brusco, ela pôs-se em pé. Mas era o delito flagrante, inútil de negar. O marido parará de repente, não podendo dar mais um passo, enquanto o amante permanecia sentado, estupefato. Então ela, sem embarçar-se com explicações quaisquer, avançou e repetiu enraivecida:

— Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Por um segundo, Roubaud hesitou. Depois com *á* mesmo encolher de ombros que, agora, recebia tudo quanto o incomodava, entrou no quarto e pegou numa caderneta de serviço, de que se esquecera. Mas ela perseguia-o, sem o largar:

— Foste ao esconderijo do dinheiro, anda atreve-te a dizer que não foste!... E tiraste tudo. Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Ele, sem uma palavra, atravessou a sala de jantar. Apenas chegado à porta, voltou-se e envolveu-a no seu sombrio olhar:

— Vê se me deixas, hein!

E saiu. A porta nem sequer bateu. Saiu sem parecer ter visto, não fizera alusão alguma àquele amante que ali estava.

Ao cabo de um grande silêncio, Severina voltou-se para Tiago.

— Viste?

Este, que não dissera uma palavra, levantou-se e deu a sua opinião:

— É um homem perdido.

Ambos ficaram de acordo. À surpresa deles, o amante tolerado depois do amante assassinado, sucedia o nojo pelo marido complacente. Quando um homem chega a esse ponto está na lama, e pode chafurdar em todos os lodaçais.

Desde aquele dia, Severina e Tiago tiveram liberdade completa. Usaram dela sem mais pensar em Roubaud. Mas, agora que o marido não os inquietava, o grande cuidado deles foi a espionagem da senhora Lebleu, a vizinha sempre à espreita. Ela com certeza desconfiava de alguma coisa. Tiago podia abafar o ruído dos passos, nas suas visitas, mas via sempre a porta da frente entreabrir-se imperceptivelmente e, pela frincha, um olho a espreitá-lo. Isto tornava-se intolerável; ele já não se atrevia a subir, porque se se arriscava, era logo adivinhado; um ouvido vinha colar-se à fechadura; de modo que não era possível beijarem-se nem mesmo conversarem livremente. E foi então que Severina, exasperada desse novo obstáculo à sua paixão, recomeçou contra os Lebleu a sua antiga campanha para readquirir o seu alojamento. Era notório que em todos os tempos, ele fora ocupado pelo sub-chefe. Mas já não era a vista soberba, as janelas dando para o pátio de partida e para as alturas de Ingouville, que a tentavam. A única razão do seu desejo, que ela não dizia, era que o alojamento! tinha uma segunda entrada, uma porta que abria para uma escada de serviço. Tiago poderia subir e descer por ali, sem que a senhora Lebleu suspeitasse das suas visitas. Enfim seriam livres.

A batalha foi terrível. Aquela questão, que já havia apaixonado todo o corredor, despertou e envenenou-se cada vez mais. A senhora Lebleu, ameaçada, defendia-se

desesperadamente, certa de que morreria, se a fechassem no negro alojamento dos fundos, tapado pelo teto do alpendre, duma tristeza de masmorra. Como queriam que ela vivesse, no fundo daquele buraco, ela, habituada ao seu quarto tão claro, com o horizonte alegrado pelo contínuo movimento dos passageiros? Só teria depois por vista um telhado de zinco; antes matá-la logo. Infelizmente isso não passava de razões sentimentais, e era em verdade obrigada a confessar que, se ocupava o alojamento do antigo sub-chefe, predecessor de Roubaud, fora porque ele, celibatário, lhe cedera por gentileza; devia mesmo existir uma carta do marido, em que este se comprometia a restituí-lo, se o novo sub-chefe o reclamasse. Como a carta não tivesse ainda sido encontrada, ela negava-lhe a existência. À medida que a sua causa ia perdendo terreno, tornava-se mais violenta e mais agressiva. Por um momento chamara, comprometendo-a, a mulher de Moulin, o outro sub-chefe, que vira, dizia ela, homens abraçarem a senhora Roubaud, na escada; Moulin zangara-se, porque a mulher, doce e mesquinha criatura, que nunca ninguém via, jurava chorando, que nada vira nem nada dissera. Durante oito dias andou no ar aquela intriga duma extremidade à outra do corredor. Mas o grande erro da senhora Lebleu, o que devia levá-la à derrota, era irritar sempre a srta. Guichon, a empregada do escritório, pela sua teimosa espionagem: era uma mania, a idéia fixa de que esta ia todas as noites ver o chefe da estação, a necessidade de a surpreender, que se tornava uma doença tanto mais aguda, quanto havia dois anos que a espionava, sem ter surpreendido absolutamente nada, nem um sopro. Li como tinha a certeza de que dormiam juntos, isso enlouquecia-a. Por isso a srta. Guichon, que não podia entrar nem sair sem ser espionada, contribuía também agora para que a relegassem para o lado de trás: separa-las-ia um alojamento, não a teria mais defronte dela, não seria mais obrigada a passar-lhe pela frente da porta. Tornava-se evidente que o senhor Dabadie, o chefe da estação, até ali desinteressado da luta, tomava partido contra os Lebleu, o que era um sinal grave.

Sobrevieram umas questões que ainda mais complicaram a situação. Filomena, que, agora, trazia a Severina os ovos frescos, mostrava-se muito insolente todas as vezes que encontrava a senhora Lebleu; e como esta deixava de propósito a porta aberta para incomodar todas, ouviam-se sempre, à passagem, palavras desagradáveis entre as duas mulheres.

Esta intimidade de Severina e de Filomena chegara já a confidencias, de modo que essa já trazia recados de Tiago para a amante, quando ele próprio não podia vir. Chegava com os ovos, aprasava as entrevistas, dizia porque é que ele na véspera tinha sido tão prudente, contava as horas que ele estivera em casa dela a conversar. Tiago, às vezes, quando um obstáculo o detinha, deixava-se assim ficar de boa vontade na pequena casa de Sauvagnat, o chefe do Depósito. Acompanhava até lá o seu fogueiro Pecqueux, como se, por uma necessidade de atordoar-se, ele receasse ficar toda uma noite só. Mesmo quando o fogueiro desaparecia, a visitar as tascas dos marujos, ia ele para a casa de Filomena, encarregava-a de um recado, sentava-se e não saía mais. E ela, aos poucos envolvida nesse amor, enternecia-se, porque não conhecera até então senão amantes brutais. As mãos pequenas, os modos delicados daquele rapaz tão triste, que tinha o ar muito meigo, pareciam-lhe

gulodices de que ela se privava. Com Pecqueux, que agora vivia junto, não havia senão bebedeiras, mais brutalidades que carícias; ao passo que, quando ela levava uma palavra gentil do maquinista para a mulher do sub-chefe, já ia saboreando para si aquele gosto delicado de fruto proibido. Um dia fez-lhe ela as suas confidências, queixou-se do fogueiro, um sonsinho, que, debaixo do ar de riso, era bem capaz de um crime, nos dias em que estava bêbedo. Notou o maquinista que ela cuidava um pouco mais do seu imenso corpo de égua negra, desejável apesar de tudo, com os seus olhos de paixão, bebendo menos, trazendo a casa menos enxovalhada. Seu irmão Sauvagnat, tendo uma vez ouvido uma voz de homem, entrara de mão alçada para a corrigir; mas, reconhecendo o rapaz que conversava com ela, tinha-lhe simplesmente oferecido uma garrafa de cidra. Tiago, bem recebido, curado ali da sua doença, parecia gostar de estar naquela casa. Por isso Filomena mostrava uma amizade cada vez mais viva por Severina, irritando-se contra a senhora Lebleu, a quem, em toda a parte, tratava de "velha pelintra".

Uma noite em que ela encontrara os dois amantes por trás do seu quintal, acompanhou-os na sombra, até à casa da guarda, onde habitualmente se encontravam.

— Ah! A senhora é boa de mais! Como o quarto lhe pertence, eu é que hei de tirá-la de lá pelos cabelos... Deixe o caso comigo!

Mas Tiago não era de opinião que se fizesse escândalo.

— Não, não, o senhor Dabadie está tratando do assunto; vale mais esperar que as coisas se façam regularmente.

— Antes do fim do mês, declarou Severina, hei de dormir no quarto dela, e poderemos então ver-nos a qualquer hora.

Apesar das trevas, Filomena sentiu que com aquela esperança, ela apertava o braço do amante, numa pressão terna. E deixou-os para voltar à casa.

Mas, oculta na sombra, a trinta passos, parou e voltou-se. Aquilo causava-lhe grande emoção, sabê-los juntos. Contudo não tinha ciúmes; sentia a necessidade ignorante de amar e ser assim amada.

Tiago cada vez se tornava mais sombrio. Por duas vezes, podendo visitar Severina inventara pretextos para evitá-la; e, se se demorava às vezes em casa de Sauvagnat, fora por motivo idêntico. Contudo, continuava a amá-la, com um desejo exagerado, que não fizera senão aumentar. Mas, nos seus braços, agora, a terrível doença tomava posse dele uma tal vertigem, e depressa a abandonava, gelado, terrificado de já não poder ser senhor de si, de sentir a besta prestes a morder. Tratara de procurar cansar-se em longos percursos, solicitando tarefas suplementares, passando doze horas de pé em cima da máquina, o corpo quebra.do pela trepidação, os pulmões abrasados pelo vento. Os seus camaradas queixavam-se daquela dura profissão de maquinista que, diziam eles, em vinte anos, comia um homem; ele desejaria ser comido logo de uma vez; só era feliz quando a Lison o arrebatava, não pensando já, só tendo olhos para ver os sinais. À chegada, o sono fulminava-o, sem ao menos ter tempo para lavar-se. Unicamente, com o despertar, voltava o tormento da idéia fixa. Tentara igualmente retomar amores com a Lison, passando de novo horas a limpá-la,

exigindo a Pecqueux aços que luzissem como prata. Os inspetores, que, no caminho, subiam junto dele, felicitavam-no. Ele abanava a cabeça, ficava descontente; porque bem sabia que a sua máquina, depois da paragem na neve, já não era a valente de outros tempos. Sem dúvida que, na reparação dos êmbolos e das respectivas caixas, perdera parte da sua alma, aquele misterioso equilíbrio da vida, devido ao acaso da montagem. Sofria com isso, aquela decadência tornava-se-lhe num amargo desgosto, a ponto de perseguir os seus superiores com lamentações desarrazoadas, pedindo reparações inúteis, imaginando melhoramentos impraticáveis. Recusavam-lhe, e ele tornava-se mais sombrio, convencido de que a Lison estava muito, muito doente e de que, doravante nada havia a fazer de bom com ela. Sua ternura desanimava: para que servia amar, se ele havia de matar tudo quanto amasse? E levava para a amante aquela raiva desesperada de amor, que nem o sofrimento nem a fadiga podiam diminuir.

Severina sentia a mudança e afligia-se também, julgando que ele se entristecia por causa dela, depois do que sabia. Quando o via estremecer ao pescoço dela, evitar-lhe o beijo num brusco recuar, não seria porque se lembrasse e porque ela lhe causasse horror? Nunca ela se atrevera a fazer recair a conversação nessas coisas. Arrependia-se de ter falado, surpreendida pela espontaneidade da sua confissão, naquela cama alheia, onde ambos se haviam abrasado, não se recordando mesmo mais da longínqua necessidade de confidencia, como satisfeita hoje de o ter com ela, no fundo daquele segredo. E ela amava-o, desejava-o decerto mais, desde que ele já nada ignorava. Era uma paixão insaciável, a mulher enfim, despertada na criatura nascida unicamente para a carícia, toda amante, e que não era mãe. Só vivia para Tiago, não mentia quando falava no seu esforço para se fundir nele, porque ela só tinha um sonho: que ele a levasse e a guardasse dentro da sua carne. Muito meiga sempre, muito passiva, não recebendo prazer algum senão dele, teria dormido sonos de gata nos seus joelhos, de manhã até à noite. Do pavoroso drama ela conservara simplesmente o espanto de se ver envolvida; assim como lhe parecia ter ficado virgem e cândida, ao sair das impurezas da sua mocidade. Aquilo ia longe, ela sorria, não se teria mesmo encolerizado contra o marido, se ele não a tivesse vexado. Mas a sua execração por aquele homem aumentava, na proporção que aumentava a sua paixão, a necessidade pelo outro. Agora que o outro sabia e que a tinha absolvido, era ele o senhor, aquele a quem ela seguiria, que podia usar dela como de uma coisa sua.

Conseguira que ele lhe desse o retrato num cartão postal; e deitava-se na cama com o retrato, adormecia com a sua boca colada a ele, muito desgraçada depois que o via a ele desgraçado, sem conseguir adivinhar exatamente as razões porque ele assim sofria.

Contudo, as suas entrevistas continuavam lá fora, enquanto esperavam que se pudessem ver tranqüilamente em casa dela, no novo quarto conquistado. O inverno acabava, o mês de fevereiro ia muito macio.

Eles prolongavam os passeios, caminhavam durante horas, através dos terrenos vagos da estação; ele evitava parar, e quando ela se lhe pendurava aos ombros, e era obrigado a sentar-se e a possuí-la, exigia que fosse sem luz, no seu terror de matar, se lhe visse um

recanto da pele nua; se não a visse, talvez resistisse. Em Paris, para onde ela o seguia sempre, todas as sextas-feiras, ele corria cuidadosamente as cortinas, alegando que a luz plena lhe cortava o prazer. Aquela viagem semanal era feita agora sem sequer dar explicações ao marido. Para os vizinhos servia o antigo pretexto, uma dor no joelho e dizia também que ia abraçar a sua ama, a tia Vitória, cuja convalescença a conservava ainda no hospital. Ambos tinham com isso uma grande distração, ele muito atento naqueles dias à boa pilotagem da sua máquina, ela satisfeita por vê-lo menos sombrio, entretida também pelo trajeto, embora começasse já a conhecer os menores outeiros, as mais pequenas moitas do percurso. Do Havre a Motteville, eram pradarias, campos rasos cortados de sebes vivas, plantados de macieiras; depois até Ruão, a região cheia de lombas, era deserta. Depois de Ruão desenrolava-se o Sena, que se atravessava em Sotteville, em Oissel, em Pont-de-l'Arche; depois através das vastas planícies, reaparecia sem cessar, desdobrando-se largamente. Desde Gaillon que a linha não o abandonava mais; corria à esquerda, demoradamente, entre as suas ribanceiras baixas, orladas de choupos e de salgueiros. Corria-se pelo flanco de um outeiro, e a estrada só o abandonava em Bennière, para ir encontrá-lo em Rosny, ao sair do túnel de Rolleboise. Era como que um companheiro amável de viagem. Por três vezes ainda era transposto, antes da chegada. E era Mantes e o seu campanário por entre as árvores, Triel com as manchas brancas dos gessais, Poissy que se cortava em pleno coração, as duas muralhas verdes da floresta de Saint-Germain, os taludes de Colombes transbordando de lilases, os arredores enfim, Paris adivinhado, avistado da ponte de Asnières, o Arco do Triunfo ao longe, por cima de construções eriçadas de chaminés de fábricas leprosas. A máquina engolfava-se por baixo de Batignolles, desembarcava na estação cheia de ruído; e, até à noite, pertenciam-se, eram livres. Na volta, era já noite, ela fechava os olhos, revivia a sua felicidade. Mas tanto de manhã como à noite, quando passava pela Croix-de-Maufras, voltava a cabeça, lançava uma vista prudente, sem mostrar-se certa de encontrar ali, diante da cancela, Flora de pé, apresentando a sua bandeirinha, envolvendo o comboio no seu olhar de chama.

Desde que aquela rapariga, no dia da neve, os vira beijarem-se. Tiago avisara Severina que desconfiasse dela. Ele já não ignorava com que paixão de selvagem ela o perseguia, desde o fundo da sua mocidade, e sentia-a ciumenta, de uma energia viril, de um rancor desenfreado e homicida. Por outro lado ela devia conhecer demasiado certas coisas, porque se lembrava da sua alusão às relações do presidente com uma menina, de quem ninguém suspeitava, e que casara. Se ela sabia aquilo, seguramente tinha adivinhado o crime; ia, sem dúvida, falar, escrever, vingar-se por uma denúncia. Mas tinham decorrido os dias e as semanas e nada se produzia; encontrava-a sempre sentada no seu posto, à beira da linha, muito direita, empunhando a bandeirinha. Por mais longe que ela avistasse a máquina Tiago sentia logo sobre si a sensação do seu olhar ardente. Flora via-o, não obstante o fumo, tomava-o por completo, acompanhava-o no relâmpago da velocidade, no meio do trovão das rodas. E o comboio, ao mesmo tempo, era rondado, penetrado, visitado da primeira à última carruagem. Sempre conseguia descobrir a outra, a rival, que ela agora sabia ali todas as

sextas-feiras. Por mais que a outra se escondesse, mal avançando a cabeça, por uma necessidade imperiosa de ver, os olhares de ambas cruzavam-se como espadas. Já o comboio fugia devorador e uma delas ficava em terra impotente para o seguir, na raiva daquela felicidade que ele levava consigo. Ela parecia crescer, Tiago achava-a mais alta, inquieto daí em diante por ela não fazer nada, perguntando a si mesmo que plano se estaria amadurecendo naquela rapariga sombria, cuja imóvel aparição não podia evitar.

Um empregado também, Henrique Dauvergue, o condutor-chefe, incomodava Severina e Tiago. Era justamente o condutor daquele comboio das sextas-feiras e mostrava-se de uma amabilidade importuna para com ela. Tendo notado a ligação dela com o maquinista, dizia que a sua vez talvez ainda chegasse. À partida do Havre, nas manhãs em que ele estava de serviço, Roubaud ria chocarreiramente, de tal maneira se tornavam claras as atenções de Henrique: reservava todo um compartimento para ela, instalava-a, apalpava o esquentador. Um dia o marido, que continuava tranqüilamente a falar com Tiago, mostrara-lhe, com um piscar de olhos, o manejo de Dauvergne, como para lhe perguntar se ele tolerava aquilo. Além disso, quando tinha questões com a mulher, acusava-a redondamente de ter relações com os dois. Ela imaginara por um momento que Tiago acreditava nisso, e que era daí que provinham as suas tristezas no meio de uma crise de soluços, ela protestara a sua inocência, dizendo-lhe que a matasse se ela lhe fosse infiel. Então ele gracejava, muito pálido, beijando-a, respondendo-lhe que a sabia honesta, e que tinha esperança de não matar nunca ninguém.

Mas as primeiras noites de março foram terríveis; tiveram que interromper as entrevistas; e as viagens a Paris, as poucas horas de liberdade, procuradas tão longe, já não eram suficientes para Severina. Era, nela, uma necessidade crescente de ter Tiago todo seu, de viverem, juntas, de dia e de noite, sem nunca mais se separarem. A execração pelo marido agravava-se; a simples presença deste homem lançava-a numa exaltação doentia, intolerável. Tão dócil, de uma complacência de mulher terna, irritava-se desde que se tratava dele, enfurecia-se ao menor obstáculo à sua vontade. Então parecia que a sombra dos seus cabelos negros lhe toldava o azul límpido dos olhos.

Ela tornava-se feroz, acusava-o de lhe haver estragado a existência, a tal ponto que a vida era já agora impossível, ao lado um do outro. Não fora ele quem fizera tudo? Se já nada existia do seu viver doméstico, se ela tinha um amante, não era dele a culpa? A tranqüilidade pesada em que ela o via, a passividade indiferente com que ele lhe acolhia a cólera, as suas costas redondas, o seu ventre largo, toda aquela gordura sombria que se parecia com a felicidade, exasperava-a a ela que sofria. Romper, afastar-se, ir recomeçar a vida noutra parte, era só no que pensava. Recomeçar, fazer sobretudo com que o passado desaparecesse, recomeçar a vida antes de todas aquelas abominações, achar-se tal qual ela estava aos quinze anos, e amar e viver como ela sonhava viver sempre! Durante oito dias, acariciou um plano de fuga: partia com Tiago, ocultavam-se na Bélgica, e instalavam-se como um casal de trabalhadores. Mas nem chegou a falar-lhe nisso, logo lhe vieram à mente os impedimentos, a irregularidade da situação, o sobressalto contínuo em que estariam, sobretudo o

aborrecimento de deixar ao marido a sua fortuna, o dinheiro da Croix-de-Maufras. Por uma doação entre vivos, eles haviam legado tudo um ao outro, e ela encontrava-se em poder dele, nessa tutela legal de mulher que lhe atava as mãos. Teria preferido morrer ali, a partir, deixando-lhe um soldo que fosse. Um dia em que ele subiu lívido, dizendo que ao atravessar diante de uma locomotiva sentira uma das bombas roçar-lhe pelo cotovelo, pensou que, se ele tivesse morrido, ela ficaria livre. Fitou com os seus grandes olhos fixos: porque é que ele não morria, visto que ela não o amava, e ele agora, incomodava toda a gente?

Desde esse momento o sonho de Severina mudou. Roubaud tinha morrido de desastre, e ela partia com Tiago para a América. Casavam-se, vendiam a Croix-de-Maufras, realizavam toda a sua fortuna. Atrás deles não deixavam receio algum. Se se expatriavam era para renascer nos braços um do outro. Lá longe, nada existiria daquele que ela queria esquecer, a vida seria nova. Enganara-se, voltaria ao princípio, recomeçaria a experiência da felicidade. Ela teria facilidade em encontrar uma ocupação; ele alguma coisa havia de compreender; seria a fortuna, teriam filhos, uma existência nova de trabalho e de ventura. Quando estava só, de manhã, na cama, à noite a bordar, recaía nessa imaginação, corrigia-a, ampliava-a, acrescentava-lhe incessantemente pormenores felizes, acabava por julgar-se cumulada de alegrias e de bens. Ela, que, antigamente, tão raras vezes saía, tinha àquela hora a paixão de ir ver partir os paquetes; descia para o cais, acotovelava-se com todos, seguia o fumo do navio até se confundir com as brumas do largo; e sonhava, julgava-se no tombadilho com Tiago, já longe da França, em caminhar para o sonhado paraíso.

Uma tarde nos meados de março, o maquinista, tendo-se arriscado a subir à casa dela para vê-la, contou-lhe que acabava de trazer de Paris, no seu comboio, um dos seus antigos camaradas de escola, que partia para Nova York, a explorar uma invenção nova, uma máquina de fabricar botões; e como precisava de um associado, um maquinista, oferecera-se para levá-lo consigo. Um negócio soberbo, que talvez precisasse de um empate apenas de uns trinta mil francos e em que havia talvez milhões a ganhar. Dizia isso só para conversar, acrescentando, aliás que, ele tinha recusado o oferecimento, era claro. Contudo sentia-se um tanto pesaroso, porque ainda assim é duro renunciar à fortuna quando ela se apresenta.

Severina ouviu-o, de pé, com os olhares perdidos. Não era o seu sonho que ia realizar-se?

— Ah! murmurou ela enfim, partiríamos amanhã. Ele levantou a cabeça, surpreendido.

— Sim, se ele tivesse morrido, continuou.

Ela não nomeara Roubaud, designando-o apenas com um movimento de queixo. Mas ele compreendera, teve um gesto vago para dizer que por desgraça, ele não tinha morrido!

— Partiríamos, seríamos tão felizes, lá longe! Os trinta mil francos tê-los-ia eu, vendendo a propriedade; e teríamos ainda com que instalar-nos. Tu farias valer tudo isso; eu, arranjaría um pequeno ninho, onde nos amaríamos com todas as nossas forças... Como seria bom! Como seria bom!

E acrescentou muito baixinho:

— Longe de todas as recordações, nada senão dias novos diante de nós!

Tiago invadido de uma grande doçura, as mãos deles juntas, apertavam-se instintivamente, e nem um nem outro conversava mais, absorvidos ambos nessa esperança. Depois foi ela ainda quem falou.

— Ainda assim deverias ir ver o teu amigo, antes dele partir, e pedir-lhe que não tomasse nenhum sócio sem te prevenir.

Ele admirava-se, de novo.

— Mas para que?

— Meu Deus! Sabe-se lá! Outro dia, com aquela locomotiva, um segundo mais, e eu estava livre. Então, não é verdade que uma pessoa está viva de manhã, e à noite, morta?

Ela olhou para ele fixamente, e repetiu:

— Oh! Se ele morresse!

— Mas não queres com certeza que eu o mate? — perguntou ele tentando sorrir.

Por três vezes ela disse que não; mas os seus olhos diziam que sim, os seus olhos de mulher terna, toda entregue à inexorável crueldade da sua paixão. Se ele havia matado o outro, porque não o matariam também a ele? Aquilo acabava de brotar nela, bruscamente, como uma consequência, um fim necessário. Matá-lo e ir-se embora, nada mais simples. Morto ele, teria acabado tudo, poderiam recomeçar tudo outra vez. Já não viu outro desenlace possível; a sua resolução estava tomada, absoluta; ao passo que, com um ligeiro abanar de cabeça continuava a dizer que não, por faltar a coragem da sua violência.

Ele, encostado ao bufê, afetava sempre sorrir. Acabava de avistar a navalha, que ali estava.

— Se queres que o mate, é preciso que me dêes a navalha... Já tenho o relógio, constituiria assim um pequeno museu.

Ele ria mais alto. Ela respondia gravemente:

— Leva a navalha.

E quando a colocou no bolso, como para levar o gracejo até ao fim, beijou-a.

— Pois bem! Agora boa noite. Vou falar com o meu amigo, e dir-lhe-ei que me espere. Sábado, se não chover, vais ter comigo, por detrás da casa dos Sauvagnat. Fica entendido? E fica sossegada, não mataremos ninguém; é uma brincadeira.

Entretanto, apesar da hora tardia, Tiago desceu para o porto, para procurar no hotel, onde devia pernoitar, o amigo que partia ao outro dia. Falou-lhe de uma herança possível, pediu quinze dias antes de dar uma resposta definitiva. Depois, regressando à estação, pelas grandes avenidas escuras, pensou, admirou-se do passo que dera. Teria ele resolvido matar Roubaud, visto que dispunha já da mulher e do dinheiro? Não, decerto nada decidira, e não agira sem dúvida daquele modo senão no caso em que se decidisse. Mas a recordação de Severina foi evocada, a pressão ardente da sua mão, o seu olhar fixo que dizia que sim, quando a boca dizia não. Evidentemente ela queria que ele matasse o outro. Apossou-se de Tiago uma grande perturbação; queria ele fazer?

Voltando depois para a Rua François Mazeline, deitado junto de Pecqueux, não pôde dormir. Mau grado seu, o cérebro trabalhava naquela idéia do assassinio, aquele esboço de



um drama que ele preparava e de que calculava as mais longínquas conseqüências. Procurava, discutia as razões pró, as razões contra. Em suma, na reflexão, friamente, sem febre alguma, todas eram pró. Não era Roubaud o único obstáculo à sua felicidade? Morto ele, casava com Severina, a quem adorava, não se ocultava, possui-a para sempre, por completo. Depois havia o dinheiro, uma fortuna. Mudava a sua dura profissão, tornava-se patrão, por sua vez, naquela América, de quem ele ouvira os camaradas falarem como de um país em que as máquinas revolviam o dinheiro às pás. A sua existência nova, lá ao longe, desenrolava-se num sonho: uma mulher que o amava apaixonadamente, milhões a ganhar imediatamente, a vida ampla, a ambição ilimitada, o que ele quisesse. E, para realizar esse sonho, nada mais do que fazer um gesto, nada mais do que suprimir um homem, o animal, a planta, que incomoda o caminhar, e que se esmaga. Nem sequer era interessante aquele homem! Gordo, pesado àquela hora, enterrado naquele amor estúpido do jogo, onde naufragavam as suas antigas energias. Para que poupá-lo? Nenhuma circunstância, absolutamente nenhuma, pleiteava em seu favor. Tudo o condenava, pois que, em resposta a cada pergunta, o interesse dos outros era que ele morresse. Hesitar seria imbecil e covarde.

Mas Tiago, que se deitara de barriga para baixo, que as costas ardiam, voltou-se de um pulo, no sobressalto de um pensamento, vago até então, bruscamente tão agudo, que o sentira como um punhal no seu crânio. Ele, que desde a infância queria matar, que era devastado até à tortura pelo horror daquela idéia fixa, porque não matava Roubaud? Talvez que, sobre aquela vítima escolhida, ele satisfizesse para sempre, a sua necessidade de matar; e, por esta forma não faria só um bom negócio, ficaria curado até. Curado, meu Deus! Não tornar a ter aquele calafrio do sangue, poder possuir Severina, sem aquele despertar feroz do antigo macho, levando às costas as fêmeas assassinadas. Um suor o inundou, viu-se de faca em punho, ferindo Roubaud na garganta, como este ferira o presidente, satisfeito e saciado, enquanto da ferida lhe caía o sangue nas mãos. Mata-lo-ia, estava resolvido, porque estava aí a cura, a mulher adorada, a fortuna! A matar um, se tinha que matar, seria aquele que ele mataria, sabendo pelo menos o que fazia, racionalmente, por interesse e por lógica.

Tomada aquela decisão, como acabasse de dar três horas da manhã, Tiago pensou em dormir. Ia já perder o conhecimento, quando um abalo profundo o sobressaltou fazendo-o sentar na cama, sufocado. Matar aquele homem, santo Deus! Tinha ele, por ventura esse direito? Quando uma mosca o incomodava, esmagava-a com uma palmada. Um dia em que um gato se embaraçou nas suas pernas, quebrara-lhe os rins com um pontapé, sem querer, verdade seja. Mas aquele homem! Um seu semelhante! Foi-lhe preciso readquirir todo o raciocínio, para provar a si mesmo o direito de matar, o direito dos fortes, a quem os fracos incomodam, e a quem comem. Era a ele, naquela hora, que a mulher do outro amava, e ela mesma queria ser livre para casar com ele, para levar a felicidade. Apenas desviava o obstáculo. Na floresta, se dois lobos se encontram, quando aí está uma loba, o mais sólido não se desembaraça do outro, com uma dentada na goela? B, antigamente, quando os homens se abrigavam como os lobos, no fundo das cavernas, porventura a mulher desejada não pertencia àquele do bando que a podia conquistar ao sangue dos rivais? Então, visto que era

aquela a lei da vida, devia-se-lhe obedecer, fora dos escrúpulos que mais tarde se haviam inventado, para viverem juntos. Pouco a pouco, o seu direito pareceu-lhe absoluto, sentiu renascer a sua resolução completa: no outro dia, escolheria o lugar e a hora e prepararia o ato. O melhor decerto, seria apunhalar Roubaud de noite, na estação, durante uma das suas rondas, de modo a fazer acreditar que uns gatunos surpreendidos, o haviam assassinado. Lá por detrás dos montes de carvão havia um lugar magnífico, se aí o pudesse atrair. Apesar do seu esforço para adormecer, agora preparava a cena, discutia onde se havia de ocultar, como o feriria, a fim de o estender redondo; e, surdamente, invencivelmente, enquanto descia aos mais pequenos pormenores, voltava-lhe a repugnância, um protesto íntimo, que de novo o envolveu por completo. Não não, não mataria, isso parecia-lhe monstruoso, inexequível, impossível. Nele, o homem civilizado revoltava-se, a força adquirida da educação, o lento e indestrutível trabalho das idéias transmitidas. Não se devia matar, ele sugara isso com o leite das gerações; o seu cérebro, afinal, cheio de escrúpulos, repelia o assassinio com horror, desde que se punha a raciocinar a tal respeito. Sim, matar numa necessidade, num arrebatamento de espírito, vá! Mas matar por querer, por cálculo e por interesse, não, nunca, nunca o poderia fazer!

Nascia o dia, quando Tiago conseguiu adormecer, e de uma sonolência tão leve, que a luta continuava confusamente nele. Os dias que se seguiram foram os mais dolorosos da sua existência. Evitava Severina, mandara-lhe dizer que não fosse à entrevista de sábado, com medo dos olhos dela. Mas na segunda-feira teve que tornar a vê-la; e, como ele receava, os seus grandes olhos azuis, tão meigos, tão profundos, encheram-no de angústia. Ela não falou no assunto, sem um gesto ou uma palavra para o excitar. Apenas os olhos estavam cheios dessa idéia, interrogavam-nos, suplicavam-lhe.

Não sabia como evitar-lhes a impaciência e a censura, encontrava-os sempre fixos sobre os seus, com o espanto de que ele pudesse hesitar em ser feliz. Ao retirar-se, beijou-a num abraço brusco, para lhe fazer perceber que estava resolvido. Estava-o efetivamente, e esteve-o até ao fundo da escada; depois tornou a cair na luta da sua consciência. Quando a tornou a ver, daí a dois dias, tinha a palidez confusa, o olhar furtivo de um covarde, que recua diante de um ato necessário. Ela começou a chorar, sem nada dizer, pendurada ao pescoço dele, horivelmente desgraçada; e ele, aturdido, transbordava de desprezo por si mesmo.

— Quinta-feira lá em baixo, queres? perguntou em voz baixa.

— Sim, quinta-feira esperar-te-ei.

Naquela quinta-feira, a noite estava muito escura, o céu sem estrelas, opaco e surdo, carregado das brumas do mar. Como de costume, Tiago que fora o primeiro a chegar, de pé por detrás da casa de Sauvagnat, espreitou a vinda de Severina. Mas as trevas eram tão espessas, e ela corria num passo tão ligeiro que ele estremeceu, roçado por ela sem a ter visto. Já ela estava nos seus braços, inquieta de o sentir tremer.

— Causei-te medo, murmurou ela.

— Não, não, já te esperava. Caminhemos, ninguém nos pode ver.

E, abraçados pela cintura, docemente, andaram passeando pelos terrenos vagos. Deste lado do depósito, os bicos de gás eram raros; em certos recantos da sombra, faltava luz por completo; ao passo que ao longe, para o lado da estação, semelhantes a centelhas vivas, viam-se muitos bicos de gás.

Por largo tempo andaram assim, sem dizerem palavra. Ela encostara-lhe a cabeça ao ombro, levantava-a de vez em quando, beijava-o no rosto; e, inclinando-se, ele retribuía-lhe esse beijo na fronte, à raiz dos cabelos. A pancada grave e única da uma hora da manhã acabava de soar nas igrejas longínquas. Se não falavam, e porque ouviam os próprios pensamentos, no seu abraço. Não pensavam senão naquilo, não podiam estar juntos que não fossem obsediados por aquela idéia. A luta continuava; para que dizer em voz alta palavras inúteis, pois que o que era preciso era operar? Quando ela se aproximava dele para uma carícia, sentia-lhe a navalha no bolso. Estava então resolvido?

Mas os pensamentos dela transbordavam, os lábios abriram-se-lhe num sopro mal distinto.

— Inda agora, subiu ele, não sei para que. Depois vi-o pegar o revólver de que se havia esquecido. É, com certeza, porque vai fazer alguma ronda.

O silêncio tornou a cair, e só vinte passos mais longe é que ele disse, por sua vez:

— Na noite passada, os gatunos tiraram chumbo por este lado. É provável que ele logo venha por estes lados.

Então ela teve um pequeno estremecimento, e ambos se calaram outra vez, caminhando com passo demorado. Uma desconfiança a invadira: seria realmente a navalha que lhe sobressaía no bolso? Por duas vezes o beijou, para o verificar. Depois como se, com o roçar ao longo da perna, não tivesse a certeza, deixou pender a mão, apalpando-o ao mesmo tempo que o beijava. Era realmente a navalha. Mas ele, tendo compreendido, sufocara-a bruscamente contra o peito: e balbuciou-lhe ao ouvido:

— Ele está chegando; vais ficar livre.

O assassinio estava decidido, pareceu-lhes que já não caminhavam, que uma força estranha os trazia ao raso do solo. Os seus sentidos haviam tomado uma tal acuidade, o tato sobretudo, porque as suas mãos, uma na outra, sentiam-se dolorir, o menor roçar dos seus lábios parecia uma unhada. Ouviam também os rumores que se perdiam há pouco; o rodar, o arquejar longínquo das máquinas, choques ensurdecidos, passos errantes, no fundo das trevas. E viam a noite, distinguiam as manchas negras das coisas, como se das pálpebras lhes tivesse desaparecido um nevoeiro: passou um morcego do qual puderam ver as voltas bruscas.

Ao canto dum monte de carvão, tinham parado, imóveis, com os ouvidos à escuta e os olhos à espreita, numa tensão de todo o seu ser. Agora ciciavam:

— Não ouviste, lá embaixo, um grito de pessoa chamando?

— Não era tal; era uma carruagem que colocavam no depósito. — Mas ali, à nossa esquerda, anda alguém. Estalou a areia.

— Não, não, são ratos e o carvão a desmoronar-se. Decorreram minutos; de súbito, foi

ela quem o apertou com mais força.

— Aí vem ele.

— Onde? Eu não vejo nada.

— Voltou o telheiro da pequena velocidade, vem direito a nós. Olha! Repara a sombra dele passando no muro branco.

— O que, aquele ponto sombrio... Então ele está só.

— Está sim, está só.

E, neste momento decisivo, ela atirou-se-lhe perdidamente ao pescoço, colou a boca ardente contra a dele. Foi um beijo de carne viva, prolongado, em que ela teria querido dar-lhe o próprio sangue.

Como ela o amava, e como execrava o outro! Ah! Se ela tivesse tido coragem, já por vinte vezes teria realizado essa tarefa, para lhe evitar a ele tal horror; mas as suas mãos desfaleciam, ela sentia-as demasiado brandas, era preciso um pulso de homem. E aquele beijo que não acabava, era quanto ela lhe prometia, a comunhão do seu corpo. Ao longe apitava uma máquina, lançando a noite uma lamentação duma melancólica angústia; em golpes regulares, ouvia-se um estrondo, o choque de um martelo gigante, vindo não se sabia de onde; ao passo que as brumas, vindas do mar, punham no céu o desfilar dum caos em marcha, cujos farrapos errantes pareciam por momentos apagar as centelhas vivas dos bicos de gás. Quando por fim despegou a boca da dele, já não tinha nada que fosse dela, julgou ter passado toda inteira para ele, que, dum gesto pronto, empunhara a faca. Mas soltou uma praga abafada:-

— Com os diabos! Ainda desta se salvou; lá se vai embora.

Era verdade; a sombra movediça, depois de se haver aproximado deles, uns cinqüenta passos, acabava de voltar à esquerda e afastava-se, no passo regular dum guarda da noite, a quem nada inquieta.

Então ela incitou-o.

— Vai, anda, vai!

E ambos partiram, ele adiante, ela logo atrás, ambos correram, deslizaram por detrás do homem cuja caçada faziam, evitando todo o ruído.

Por um momento, à esquina das oficinas de reparação, perderam-no de vista; depois, como cortasse caminho, atravessando uma estrada de *garage*, tornaram a vê-lo a vinte passos, no máximo.

Tiveram que aproveitar as menores saliências do muro, para se abrigarem; um simples passo em falso tê-los-ia atraído.

— Não o apanhamos, resmoneou ele surdamente. Se chega ao posto do agulheiro, escapa-nos.

Ela continuava a repetir-lhe quase ao ouvido:

— Vai, anda, vai!

Naquele minuto, por aqueles vastos terrenos rasos, afogados em trevas, no meio daquela desolação noturna duma vasta estação, estava resolvido, como na solidão cúmplice da

garganta duma serra e, ao mesmo tempo que apressava furtivamente o passo, excitava-se, raciocinava ainda, formulava argumentos que iam fazer desse crime uma ação sensata, legítima, logicamente debatida e decidida. Era um direito que ele exercia, o direito mesmo da vida, visto que o sangue do outro era indispensável à sua própria existência. Bastava aquela navalha, e teria conquistado sua felicidade.

— Não o apanhamos, não o apanhamos! repetia ele furiosamente, vendo-o sozinho passar além do posto do agulheiro.

— Lá vai, escapou.

Ela, com a sua mão nervosa, bruscamente, agarrou-lhe no braço, imobilizou-o contra ela.

— Olha; lá volta ele!

Roubaud efetivamente voltava. Tornara à direita, depois continuou a descer. Talvez que ele tivesse tido a sensação vaga dos assassinos lançados na sua pista. Contudo continuava a caminhar no seu passo tranqüilo, como guarda consciencioso, que não quer entrar em casa sem ter dado a tudo a sua vista de olhos.

Suspensos na sua carreira, Tiago e Severina não se mexiam. O acaso levava os mesmos para o ângulo dum monte de carvão. Encostaram-se a ele, pareceram penetrá-lo, com a espinha colada à parede negra, confundidos nesse charco de tinta. Nem respiravam.

E Tiago via Roubaud vir direito a eles. Trinta metros apenas os separavam, cada passo diminuía a distância, regular, ritmado como pela pêndula inexorável do destino. Ainda vinte passos, ainda dez passos: tê-lo-iam na sua frente, ele alçaria o braço assim, enterrar-lhe-ia a navalha na garganta, cravando-a da direita para a esquerda, para abafar o grito. Os segundos pareciam-lhe abomináveis, atravessava-lhe o vácuo do crânio uma tal onda de pensamentos, que a noção do tempo tinha-lhe desaparecido. Todas as razões que o determinavam desfiavam uma vez mais, tornou a ver nitidamente o assassínio, as causas e as conseqüências. Ainda cinco passos! A sua resolução, tão dilatada que parecia estalar, ficava inabalável. Queria matar, sabia por que mataria.

Mas, a dois passos, a um passo, foi um desastre. Tudo desmoronou diante dele, de golpe. Não, não! Não mataria, não podia matar assim aquele homem sem defesa. O raciocínio nunca cometeria o homicídio, era preciso o instinto de morder, o salto que atira sobre a presa, a fome ou paixão que a despedaça. Que importava se a consciência só era feita de idéias transmitidas para uma lenta herança de justiça! Não se sentia com direito de matar, e, por mais que fizesse, não conseguia persuadir-se de que podia adquirir esse direito.

Roubaud, tranqüilamente, passou. Seu cotovelo roçou pelo deles, no carvão. Um sopro de respiração tê-los-ia descoberto; mas ficaram como mortos. O braço não se ergueu, a navalha não se cravou. Nada fez estremecer as trevas espessas, nem mesmo um calafrio. Já ele ia longe, a dez passos, e ainda eles, ambos imóveis, com as costas pregadas ao monte de carvão permaneciam sem respirar, com medo daquele homem, sozinho, desarmado, que acabava de roçar por eles com um passo tão sossegado.

Tiago teve um soluço abafado de raiva e de vergonha.

— Não posso, não posso!

Quis apossar-se de Severina, encostada a ele, na necessidade de ser desculpado, consolado. Sem dizer uma palavra, ela fugira. Ele estendera as mãos, e somente sentira a saia escorregava-lhe entre os dedos, apenas ouvindo a sua fuga ligeira. Debalde ele a perseguia por um instante, porque aquela brusca desapareição aborrecia-o. Estaria ela zangada com a fraqueza dele? Despreza-lo-ia? A prudência impedira-o de ir ter com ela. Mas quando se tornou a encontrar sozinho naqueles vastos terrenos chatos manchados de pequenas lágrimas amarelas de *gás*, tomou-o um desespero terrível, saiu logo para ir enterrar a cabeça no fundo do travesseiro, a fim de aí aniquilar a abominação da sua existência.

Só daí a uns dez dias, no fim de março, é que os Roubaud triunfaram, enfim, dos Lebleu. A administração reconheceu justo o pedido, apoiado pelo senhor Dabadie, tanto mais que a famosa carta do caixa, comprometendo-se a restituir o alojamento, se um novo sub-chefe o reclamasse, acabava de ser encontrada pela srta. Cuichon, quando procurava antigas contas nos arquivos da estação. E, logo a senhora Lebleu, exasperada da sua derrota, falou em matar-se: visto que queriam a sua morte, valia mais acabar. Durante três dias essa memorável mudança preocupou o corredor. A própria senhora Moulin, tão apagada que nunca se via entrar nem sair, se comprometera no caso, levando a máquina de costura de Severina para aquele aposento. Mas Filomena sobretudo assoprou a discórdia, indo ali para ajudar desde a primeira hora, fazendo os embrulhos, desarrumando os móveis, invadindo o alojamento da frente, antes da locatária o ter abandonado: e foi ela quem dali a expulsou, do meio da debandada das duas mobílias confundidas, misturadas, na mudança. Tinha chegado a mostrar por Tiago e por tudo quanto ele amava um tal zelo, que Pecqueux, admirado, tomado de suspeitas, perguntara-lhe com o seu mau aspecto de sonso, o seu ar de beberão vingativo, se ela agora também dormia com o maquinista, advertindo-a de que lhes regularia as contas a ambos no dia em que os surpreendesse. O fraco de Filomena pelo mancebo aumentava: fazia-se criada dele e da amante, na esperança de lucrar também a sua parte, entre os dois. Quando ela levou a última cadeira, as portas bateram. Depois, como visse um banco esquecido pela Lebleu, abriu-as novamente e atirou-o pelo corredor fora. Estava acabado.

Então, lentamente, a existência retomou o seu aspecto monótono. Enquanto a senhora Lebleu, nos fundos, pregada pelo reumatismo no fundo da poltrona morria de aborrecimento, com os olhos arrasados de água por ver unicamente o zinco do alpendre a tapar-lhe o céu, Severina trabalhava na sua manta interminável, instalada a uma janela da frente. Tinha à sua vista a agitação alegre do largo da saída, a onda contínua dos peões e das carruagens; já a primavera tèmpera esverdeava os rebentos das árvores, à beira dos passeios; e, por além as colinas longínquas de Ingouville desenrolavam as suas encostas arborizadas, picadas das manchas brancas das casas do campo. Mas ela admirava-se de sentir tão pouco prazer em realizar finalmente esse sonho, estar ali naquele alojamento invejado, ter diante de si espaço, luz, sol. Até com a mulher de limpeza diária, a tia Simon, ralhava, furiosa por não encontrar os seus hábitos; andava impacientada sentia por momentos, saudades do seu antigo buraco, onde a porcaria se via menos. Depois, ele, cada vez se ausentava mais, a desorganização

continuava. Por um momento parecia reanimar-se, sob o despertar das suas idéias políticas; não que elas fossem muito nítidas, muito ardentes: mas tinha de reserva a questão com o sub-prefeito, que quase lhe ia cortando o emprego. Desde que o império, abalado pelas eleições gerais, atravessava uma crise terrível ele triunfava, ele repetia que aquela gente nem sempre havia de ser senhora de tudo. Uma advertência amigável do senhor Dabadie, prevenido pela srta. Guichon, diante de quem havia sido aventada aquela afirmação revolucionária, bastou, de resto, para o acalmar. Visto que o corredor estava sossegado, e se vivia de acordo, agora que a senhora Lebleu enfraquecia, morta por tristeza, para que novos aborrecimentos, por causa das coisas do governo? Teve um gesto simples, importava-se tanto com a política, como com o resto! E cada dia mais gordo, mais sem remorsos, retirava-se com o passo pesado e o dorso indiferente.

Entre Tiago e Severina o mal-estar aumentava, agora que podiam encontrar-se a toda hora. Mas nada os impedia de serem felizes; para a ver, ia pela outra escada, quando lhe aprazia, sem receio de ser espionado; a casa pertencia-lhe, teria dormido lá se tivesse audácia para isso. Mas era o irrealizado, o ato desejado, consentido por eles ambos, que se não levava a termo, e cujo pensamento, daqui em diante, punha entre os dois um mal-estar, um muro insuperável. Ele, que trazia consigo a vergonha da sua fraqueza, achava-a cada vez mais sombria, doente da inútil expectativa. Os lábios deles já não se procuravam, porque aquela meia posse os havia exaurido; o que eles queriam era toda a felicidade, a partida, o casamento lá na América, a outra vida.

Uma noite, Tiago encontrou Severina em lágrimas; e quando ela o viu, não se deteve, soluçou com mais força agarrada ao seu pescoço. Ela já tinha chorado assim, mas ele sossegara-a com um abraço; ao passo que, desta vez, sentia-a devastada por um desespero que aumentava, à medida que ele a apertava. Ficou aborrecido, acabou por tomar-lhe a cabeça entre as mãos; e, fitando-a de perto, no fundo dos seus olhos rasos de lágrimas, jurou, compreendendo bem que, se ela se desesperava assim, era por ser mulher, por não se atrever ela própria a matar, na sua brandura passiva.

— Perdoa-me, espera ainda... Juro-te, apenas eu possa. Ela colara a sua boca à dele como para selar aquele juramento, e deram um desses beijos profundos, em que se confundiam, na comunhão da sua carne.

## X

A tia Fásia morrera, na quarta-feira, à noite, às nove horas numa última convulsão; e debalde, Misard, que esperava junto do leito, tentara fechar-lhe as pálpebras; os olhos obstinados continuavam abertos, a cabeça inteiriçada, um pouco inclinada sobre o ombro, como que para olhar para o quarto enquanto um gesto dos lábios parecia arregalá-los num sorriso chocarreiro. Ardia uma vela só, pousada a um canto da mesa, perto dela. E os comboios, que desde as nove horas por ali passavam, a toda a velocidade, na ignorância daquela morta, tépida ainda, abalavam-na por um segundo, sob a chama vacilante da vela.

Misard, para se desembaraçar de Flora, mandara-a participar a morte a Doinville. Como ela não podia estar de volta antes das onze horas, tinha duas horas diante de si. Tranqüilamente, cortou primeiro um pedaço de pão, porque sentia o estômago vazio, pois que não jantara, por causa daquela agonia que parecia que nunca mais acabava. E comia de pé, andando de um lado para o outro, arranjando as coisas. De vez em quando um ataque de tosse fazia-o parar, dobrado em dois, meio morto, tão magro, tão raquítico, com os seus olhos baços e com os seus cabelos sem cor, que não parecia dever gozar por muito tempo da sua vitória. Não importa, ele tinha-a comido, àquela mulherça, alta e bonita, como o inseto que rói o carvalho; ela ali estava estendida de costas, morta, reduzida a nada, e ele durava ainda. Mas uma idéia o fez ajoelhar, a fim de tirar debaixo da cama uma tigela, onde havia ainda um resto de água de sêmeas, preparada para um lavagem: depois que ela desconfiava do estratagema, já não era no sal, era nas lavagens que ele punho o veneno; e, muito tola, não desconfiando por aquele lado, ela absorvera-a do mesmo modo, e agora mais à farta. Depois de ter despejado a tigela fora, voltou e lavou com uma esponja o chão do quarto, sujo de manchas. Também para que teimara ela? Quisera ser má, pior para ela. Quando, numa casa, andam à porfia marido e mulher, a ver qual dos dois há de enterrar o outro, sem colocar ninguém no segredo da luta, abrem-se os olhos. Ele estava rodo orgulhoso, ria-se, como de uma história bem imaginada, da droga tão inocentemente absorvida por baixo, quando ela vigiava com tanto cuidado tudo quanto entrava por cima. Naquele momento um expresso, que passou, envolveu a casa baixa num tal sopro de tempestade, que, apesar do hábito, ele voltou-se para a janela estremecendo. Sim, aquela onda contínua, aquela gente vindo de toda a parte, que não sabia nada do que esmagava pelo caminho, que se ria disso, tal a pressa de ir para o diabo! O comboio se foi e, no pesado silêncio, ele viu os olhos bem abertos da morta, cujas pupilas fixas pareciam seguir cada um dos seus movimentos, enquanto o canto arregaçado dos lábios ria.

Misard, tão fleumático, foi tomado de um pequeno movimento de cólera. Ele bem ouvia o que ela lhe dizia: Procura! Procura! Mas com certeza que ela não os levava consigo, os



seus mil francos; e agora que ela já não estava aí, havia de acabar por encontrá-los. Porque não os deu ela de boa vontade? Teria assim evitado todos aqueles aborrecimentos. Os olhos seguiam-no por toda a parte. Procura! Procura! Aquele quarto que ele se não atrevera a esquadrihar, enquanto ela viveu, percorria-o agora com o olhar. Primeiro no armário; tirou as chaves debaixo do travesseiro, revolveu as prateleiras carregadas de roupa, despejou as duas gavetas, tirou-as até para ver se haveria algum esconderijo. Nada! Em seguida pensou na mesa de cabeceira. Deslocou o mármore, virou-a, inutilmente. Per detrás do espelho da chaminé, um reles espelho de feira pregado com dois pregos, praticou também uma sondagem, meteu-lhe uma régua chata, e só conseguiu reter um floco negro de poeira. "Procura! Procura!" Em seguida, para fugir aos olhos abertos que sentia sobre si, pôs-se de mãos no chão, batendo no solo leves pancadas com as mãos, escutando se alguma ressonância lhe revelaria um vácuo. Alguns dos tijolos estavam despegados, arrancou-os. Nada, sempre nada! Quando se levantou, os olhos tomaram de novo posse dele; voltou-se, quis pousar o olhar na morta, enquanto com o canto dos lábios arregaçados, ela acentuava o seu riso terrível. Já não tinha dúvida: a morta zombava dele. "Procura! Procura!" Apossava-se dele a febre; aproximou-se da morta, assaltado por uma suspeita, por uma idéia sacrílega que lhe empalidecia a face já lívida. Porque havia ele de crer que ela não o levaria consigo para a cova, os seus mil francos? Pode ser que efetivamente os levasse. Descobriu-a, despiu-a, examinou-a, procurou-lhe em todas as covas dos membros, visto que ela dizia que procurasse. Per baixo dela, por detrás da nuca, por detrás dos rins, procurou. A cama foi desmanchada, enfiou o braço até ao ombro, no enxergão. Não achou nada. Procura! Procura! E com a cabeça caída sobre o travesseiro em desordem, a morta continuava a olhar sempre para ele, com as pupilas trocistas.

Quando Misard, furioso e trêmulo, arranjava a cama, Flora entrou de regresso de Doinville.

— É para depois de amanhã, sábado, às onze horas, disse ela.

Falava do enterro. Mas, com um golpe de vista, ela compreendera em que tarefa Misard se ocupara durante a sua ausência. Teve um gesto de indiferença desdenhosa.

— Deixe-se disso, que não o encontra.

Ele imaginou que ela também o afrontava. E, adiantando-se, com os dentes cerrados:

— Ela deu-tos? Sabes onde eles estão?

A idéia de que sua mãe tivesse pedido dar os mil francos a alguém, mesmo a ela, sua filha, fez-lhe encolher os ombros.

— O que? Dar? Deu-os, sim, deu-os à terra. Olhe, eles devem estar por aí; procure-os.

E, com um gesto largo, indicou a casa inteira, o quintal com o seu peço, toda a vastidão do campo. Sim, por aí, no fundo de algum buraco em qualquer parte onde nunca ninguém pudesse descobri-los. Depois, enquanto fora de si, cheio de ansiedade, ele se punha a dar volta aos móveis, a dar pancadas nas paredes, sem se incomodar diante dela, Flora, de pé diante da janela, continuou a meia voz:

— Está tão macia a noite de hoje, tão bonita! Andei depressa: as estrelas alumiam como

em pleno dia. Amanhã, que belo tempo deve estar quando nascer o sol!

Por um momento, Flora ficou em frente da janela, com os olhos naquele campo sereno, enternecida pelos primeiros calores de abril, sonhadora, sofrendo ainda mais com a chaga viva do seu tormento. Mas quando ela ouviu Misard abandonar o quarto e encarniçar-se nos aposentos próximos, aproximou-se por sua vez do leito, sentou-se, com os olhos fitos em sua mãe. No canto da mesa, a vela continuava a arder, com uma chama alta e móvel. Passou um comboio, que abalou a casa.

A resolução de Flora foi ficar ali de noite e refletir. A princípio, a vista da morta tirou-a da sua idéa fixa, da coisa que a obsediava, que ela debatera sob as estrelas, na paz das trevas, ao longo da estrada de Doinville. Uma surpresa, agora, adormecia-lhe o sofrimento: porque não sentia ela tristeza pela morte da mãe? E porque é que, agora mesmo, não chorava? Contudo gostava dela, mau grado a sua selvageria de moça calada, andando incessantemente a vagabundear pelos campos quando lhe dava vontade e não estava de serviço. Vinte vezes, durante a última crise que a devia matar, ela tinha vindo sentar-se ali mesmo, para lhe pedir que mandasse chamar o médico; por que ela desconfiava do procedimento de Misard e esperava que o medo o detivesse. Mas nunca tinha conseguido da doente senão um "não" furioso, como se tivesse posto o orgulho da luta em não aceitar auxílio de ninguém, certa apesar de tudo, da vitória, pois que levava consigo o dinheiro; e então Flora já não intervinha mais, tomada ela também no seu mal, desaparecendo, galopando, para esquecer. Era isso decerto, que lhe tapava o coração: quando se tem um desgosto muito grande, não fica lugar para outro; sua mãe tinha partido, via-a ali, destruída, tão pálida, sem poder ficar mais triste, apesar do esforço que fazia. Chamar os policiais, denunciar Misard, para que servia, se tudo se ia desmoronar? E, pouco a pouco, invencivelmente, bem que tivesse o olhar fixo sobre a morta, deixou de vê-la, voltou à sua visão interior, reconquistada inteiramente pela sua idéa que se cravava como um prego no crânio, não tendo já a sensação do abalo profundo dos comboios, cuja passagem, para ela representava as horas.

Havia um instante que ao longe trovejava a aproximação de um misto de Paris. Quando a máquina passou diante da janela, com o seu farol, houve no quarto um relâmpago, um clarão de incêndio.

— Uma hora e dezoito, pensou ela. Ainda sete horas. Esta manhã às oito e dezesseis é que eles hão de passar.

Todas as semanas, havia meses, que aquela idéa a obcecava. Sabia que, na sexta-feira de manhã, o expresso, pilotado por Tiago, levava também Severina a Paris: e já não vivia numa tortura de ciúme, senão para os espreitar, para os ver, para dizer a si mesma que iam possuir-se livremente na grande cidade. Oh! Aquele comboio que fugia, aquela abominável sensação de não poder dependurar-se no último vagão a fim de ser também transportada! Parecia-lhe que todas aquelas rodas lhe cortavam o coração. Sofrerá tanto, que uma noite tinha-se escondido, querendo escrever à justiça, porque ficaria tudo acabado, se ela pudesse fazer prender aquela mulher; e ela que surpreendera outrora as suas porcarias com o

presidente Grandmorin, supunha que contando tudo aos juizes, a entregava. Mas, de pena na mão, não conseguira resolver-se. E, depois, ouvi-la-ia a justiça? Toda aquela boa gente se devia entender. Talvez fosse até a ela que prendessem como haviam prendido Cabuche. Não! Ela queria vingar-se, vingar-se-ia sozinha, sem ter necessidade de ninguém. Não era mesmo um pensamento de vingança, como ela ouvira contar a outras, o pensamento de fazer mal, para curar-se do seu; era uma necessidade de acabar com aquilo, de saltar por cima de tudo, como se o trovão os varresse. Era muito orgulhosa, mais forte e mais bela do que a outra, convencida do seu direito de ser amada, e quando ela caminhava solitária, pelos atalhos dessa região de lobos, com o seu pesado capacete de cabelos louros, sempre ao ar, desejaria tê-la, à outra, para liquidarem a sua questão num recanto do bosque, como duas guerreiras inimigas.

Nunca homem algum a tocara ainda, ela batia os machos; e era essa a sua força invencível; ficaria vitoriosa.

Uma semana antes, cravara-se-lhe, tomara conta dela uma idéia brusca, como sob um martelo vindo não sabia de onde: matá-los, para que não tornassem a passar, para que nunca mais fossem juntos a Paris. Não raciocinava, obedecia ao instinto selvagem de destruir. Quando um espinho lhe entrava na carne, ela arrancava-o, seria até capaz de cortar o dedo. Matá-los, matá-los da primeira vez que por ali passassem, e, para isso, fazer descarrilar o comboio; pôr um barrote na linha, arrancar um carril, enfim partir tudo, escangalhar tudo. Ele com certeza, ficaria na máquina, com os ombros desconjuntados; a mulher, sempre no primeiro carro, para estar mais perto, não podia escapar; quanto aos outros, essa onda contínua de gente, nem sequer pensava neles, ela conhecia-os lá? Esse esmagamento de um comboio, esse sacrifício de tantas vidas, tornava-se a obsessão de cada uma das suas horas, a única catástrofe, bastante vasta, bastante profunda de sangue e de dor humana, para que pudesse banhar o seu coração enorme intumescido de lágrimas.

Contudo, sexta-feira de manhã, tinha fraquejado, não tendo ainda decidido em que lugar nem de que maneira arrancaria o carril. Mas à noite, como não estivesse de serviço, teve uma idéia; foi pelo túnel afora, rondar até à bifurcação de Dieppe. Era um dos seus passeios, aquele subterrâneo de meia légua de comprido, aquela avenida abobadada, toda direita, onde tinha a emoção dos comboios rolando sobre ela, com o seu farol deslumbrante: de todas as vezes se arriscava a ficar esmigalhada, e devia ser esse o perigo que a atraía numa necessidade de bravata. Mas naquela noite, depois de ter escapado à vigilância do guarda e de ter avançado até ao meio do túnel, sempre pela esquerda, para ter a certeza de que qualquer comboio que lhe viesse da frente lhe passaria, à direita, ela cometera a imprudência de virar-se, justamente para seguir as lanternas de um comboio que ia para o Havre; quando de novo se pusera a caminho, tendo, a um passo dado em falso, sido obrigada a dar uma reviravolta, ela já não sabia para qual dos lados acabavam de desaparecer as luzes vermelhas. Apesar da sua coragem, aturdida ainda pela barulheira das rodas, parará, com as mãos frias, os cabelos em pé por sopro de vapor. Agora, quando passasse outro comboio, imaginava ela que já não saberia se era ascendente ou descendente, atirar-se-ia

para a direita ou para a esquerda, e seria esquartejada ao acaso. Por um esforço, tentava conter a razão, recordar-se. Depois, subitamente o terror apoderara-se dela, arrebatando-a, ao acaso, na sua frente, num galope furioso. Não, não! Ela não queria ser morta antes de matar os outros dois! Os pés tropeçavam nas calhas, escorregava, Caía, corria com mais força. Era a loucura do túnel, as paredes que pareciam apertarem-se para a estreitarem, a abóbada que repercutia rumores imaginários, vozes de ameaça, estrondos formidáveis. A cada instante voltava a cabeça, julgando sentir no pescoço o hálito ardente duma máquina. Por duas vezes, uma súbita certeza de que se enganara, de que seria morta pelo lado onde fugia, fizera-lhe com um pulo, mudar a direção da corrida. E galopava, galopava, quando na sua frente, ao longe, apareceu uma estrela, um olho redondo e flamejante que ia aumentando. Mas ela lutava contra a irresistível vontade de voltar ainda para trás. O olho tornava-se um braseiro, uma goela de forno devorador. Cega, saltara para a esquerda sem saber; e o trem passara como um trovão, soprando-a com o seu vento de tempestade. Cinco minutos depois saía pelo lado de Malaunay, sã e salva.

Eram nove horas; mais alguns minutos, e o expresso de Paris ia chegar. Então, continuou, em passo de passeio, até à bifurcação de Dieppe, a duzentos metros, examinando a via, procurando qualquer circunstância que pudesse servi-la. Justamente na linha de Dieppe em reparação, estacionava um comboio de balastro, que o seu amigo Ozil acabava de encaminhar para ali, fazendo a respectiva agulha; e numa iluminação súbita, delineou um plano: impedir simplesmente o agulheiro de refazer a agulha para a linha do Havre, de modo que o expresso iria esbarrar contra o comboio de balastro. Aquele Ozil, um que se tinha atirado a ela, ébrio de desejo, e a quem ela abrira o crânio com uma paulada, dedicava a Flora uma certa amizade, gostava de fazer-lhe visitas imprevistas, através do túnel, como uma cobra fugida do monte. Antigo militar, muito magro e pouco falador, todo agarrado ao serviço, nunca fora censurado por uma negligência, de olho aberto de dia e de noite. Só aquela selvagem que lhe batera, forte como um rapaz, é que conseguia, revoltar-lhe a carne, apenas com seu dedo mínimo. Apesar dele ser mais velho do que ela catorze anos, queria-a e jurara possuí-la, esperando com paciência, tornando-se amável, já que pela violência nada havia conseguido. Por isso naquela noite, pela sombra, quando ela se aproximara do seu posto, chamando-o para fora, fora ter com ela, esquecendo tudo. Ela atordoava-o, levava-o para o campo, contava-lhe histórias complicadas, que a mãe estava doente, que não ficaria na Croix-de-Maufrais, se a perdesse. O seu ouvido, ao longe, escutava o rumor do expresso, saindo de Malaunay e aproximando-se a todo o vapor. E quando o sentiu ali perto, voltou-se para o ver. Mas não pensava nos novos aparelhos de entroncamento: a máquina, ao entrar na linha de Dieppe, acabava por si mesma, de pôr o sinal de parar: e o maquinista tivera tempo para suspender a marcha, a alguns passos do comboio de balastro. Ozil, com o grito de um homem que acorda sob o desmoronar de uma casa, alcançava correndo o seu posto, ao passo que ela, hirta, imóvel, seguia, do funda das trevas, a manobra exigida pelo acidente. Dois dias depois, o agulheiro que fora transferido, viera despedir-se dela, não suspeitando de nada, pedindo-lhe que fosse procurá-lo logo que a mãe falecesse. Adiante! o golpe falhara,

era preciso arranjar outra coisa.

Naquele momento, sob aquela recordação evocada, a bruma do devaneio, que obscurecia o olhar de Flora, desaparecera; e de novo reparou na morta, iluminada pela luz amarelenta da vela. A mãe já não existia; devia ela, pois, partir, casar com Ozil que a queria, que a tornaria talvez feliz? Todo o seu ser se revoltou. Não, não! Se ela era bastante covarde para deixar viver os outros dois, e para ela mesma viver, preferia bater as estradas, empregar-se como criada, antes do que pertencer a um homem a quem não amava.

E chamando-lhe um rumor inusitado a atenção, compreendeu que Misard, com uma picareta, tratava de escavar, para o explorar, o solo batido da cozinha: enraivecia, na busca do pecúlio, teria deitado a casa abaixo. Entretanto ela também não queria ficar com ele. Que faria ela? Soprou uma rajada, as paredes tremeram, e pelo resto branco da morta passou um reflexo de fornalha, avermelhando os olhos abertos e o rictus irônico dos lábios. Era o último comboio misto de Paris, com a sua pesada e lenta máquina.

Flora voltara a cabeça, olhara para as estrelas que luziam, na serenidade da noite primaveril.

— Três horas e dez. Ainda cinco horas e eles hão de passar. Recomeçaria, sofria demais. Vê-los assim todas as semanas ir para o amor, estava acima das suas forças. Agora que ela tinha a certeza de nunca possuir Tiago só para si, preferia que ele não existisse, que não houvesse mais nada. E aquele lúgubre quarto onde ela velava envolvia-a de luto, sob uma necessidade crescente do aniquilamento de tudo. Visto que já não ficava ninguém que a amasse, os outros podiam bem partir com a sua mãe. Mortos teria de havê-los ainda e sempre, e leva-los-iam a todos de uma vez. Sua irmã morrera, sua mãe morrera, e o seu amor morrera, o que fazer? Estar só ficar ou partir, sempre só quando os outros eram dois. Não não! Que tudo desmoronasse antes que a morte, que estava ali naquele quarto cheio de fumo, soprasse sobre a linha e varresse toda a gente!

Então, decidida depois desta longa luta, discutiu o melhor meio de pôr o seu projeto em execução. E voltou à idéia de arrancar um carril. Era o meio mais seguro, mais prático, uma execução fácil: nada mais do que tirar com um martelo os ferros com que ele está seguro, e depois fazer saltar o carril das travessas. Ela tinha a ferramenta: ninguém a via naquele lugar deserto. O melhor lugar era com certeza, passada a trincheira, como quem vai para Barentin, a curva que atravessava em vales sobre um aterro de sete ou oito metros: aí o descarrilamento era certo, o trambolhão seria pavoroso. Mas o cálculo das horas que a ocupou depois deixou-a ansiosa. Pela via ascendente, antes do expresso do Havre, que passou às oito e dezesseis, só havia um comboio misto às sete horas e cinquenta e cinco. Isto dava-lhe vinte e cinco minutos para fazer o trabalho, o bastante. Unicamente entre os comboios regulamentares metiam-se de permeio muitas vezes comboios de mercadorias, vagonetas, principalmente nas épocas de grandes carregamentos. E que risco inútil, nesse caso! Como saber de antemão se seria realmente o expresso que viria ali esboroar-se? Por muito tempo revolveu na cabeça as probabilidades. Era ainda noite: a vela ardia ainda, afogada em sebo, com um alto morrão, que ela não espevitava mais.

Justamente quando chegava um comboio de mercadorias, vindo de Ruão, entrou Misard. Trazia as mãos cheias de terra, depois de ter andado a esquadrihar na casa da lenha e estava anhelante, perdido nas suas vãs explorações, tão cheio de febre pela raiva da impotência, que se pôs a procurar debaixo dos móveis, na lareira, por toda a parte. O comboio interminável não acabava com o fragor regular das suas grandes rodas, cada um dos seus abalos agitava a morta no leito. E ele, estendendo o braço para desprender um pequeno quadro pendurado na parede, encontrou ainda os olhos abertos que o seguiam; ao passo que os lábios mexiam, no seu riso irônico.

Tornou-se lívido, tiritou, gaguejando numa cólera apavorada:

— Sim, sim, procura! procura!... Sim hei de encontrá-los, com um milhão de diabos! Antes que eu tenha de revolver todas as pedras da casa e todos os torrões do país.

O comboio negro passara numa lentidão esmagadora nas trevas, e a morta, que voltara à imobilidade, continuava a olhar para o marido, tão escarninha tão certa de vencer que ele desapareceu de novo deixando a porta aberta.

Flora, distraída nas suas reflexões, erguera-se. Foi fechar a porta, para que aquele homem não viesse mais atormentar a mãe. E espantou-se de se ouvir dizer em voz alta:

— Dez minutos antes, basta.

De fato teria tempo em dez minutos. Sim, dez minutos antes do expresso, não era apontado nenhum comboio, podia entregar-se a sua tarefa. Regulada a coisa, a sua ansiedade caiu e ficou muito sossegada. Às cinco horas nasceu o dia uma aurora fresca, duma limpidez pura. Apesar da intensidade do frio, abriu a janela toda e a deliciosa manhã entrou pelo quarto lúgubre, cheio de fumo e de cheiro a defunto. O sol estava ainda baixo no horizonte, por trás duma colina coroada de árvore; mas apareceu vermelho, escorrendo pelas encostas, inundando os caminhos, na alegria viva da terra, a cada nova primavera. Não se enganara na véspera: estava bom tempo, naquela manhã, um desses tempos de mocidade e de radiosa saúde, em que se gosta de viver. Naquele país deserto, entre as colinas contínuas, cortadas de vales estreitos, como seria bom ir pelos caminhos de cabras, seguindo a liberdade da fantasia! E, quando se voltou, ao reentrar no quarto, ficou surpreendida de ver a vela, como apagada manchar a luz do dia apenas como uma lágrima pálida. A morta parecia agora olhar para a linha, onde os comboios continuavam a cruzar-se, sem mesmo repararem naquele clarão empalidecido de círio junto daquele corpo.

De dia é que Flora pegava no serviço. E só abandonou o quarto para o misto de Paris, das seis e doze. Misard, também, às seis horas é que ia render o seu colega da noite. Foi ao apelo de cor-neta que ela foi perfilar-se diante da cancela, de bandeirinha na mão. Por um instante seguiu o comboio com a vista.

— Ainda duas horas! — pensou alto.

Sua mãe já não precisava de ninguém. De ora em diante experimentava uma repugnância invencível em voltar ao quarto. Estava acabado, abraçara-a, podia dispor da sua existência e da dos outros. Habitualmente, entre comboio e comboio, eclipsava-se, desaparecia; mas, naquela manhã, um interesse pessoal parecia conservá-la adstrita ao seu posto, junto da

cancela, sentada num banco, uma simples tábua que havia à beira da linha. O sol subia no horizonte, um tépido chuveiro de ouro caía no ar puro; e ela nem se mexia, banhada dessa doçura, no meio da vastidão do campo, toda fremente da seiva de abril.

Por um momento, interessa-se por Misard, na sua barraca de madeira, no outro lado da linha, visivelmente agitado, fora da sua sonolência habitual: saía, tornava a entrar, manobrava os aparelhos com a mão nervosa, lançando contínuas olhadelas para a casa, como se o seu espírito continuasse a procurar. Depois esquecera-o, nem sabendo mesmo se ele estava ali. Toda entregue à expectativa, absorvida, a face muda e rígida, os olhos fitos na extremidade da linha, do lado de Barentin. E, lá ao fundo, na alegria do sol, devia erguer-se para ela uma visão em que se encarniçava a selvageria obstinada do seu olhar.

Decorreram os minutos. Flora não se mexia. Por fim, quando, às sete e cinquenta e cinco, Misard, com dois sons de cometa deu sinal da próxima chegada do misto do Havre, da via ascendente, ela levantou-se, fechou a cancela, e colocou-se-lhe diante, de bandeirinha em punho. Lá ao longe ainda se sentia o comboio, depois de ter sacudido o solo, e ouviam no abismar-se no túnel, onde o ruído cessou. Ainda não tinha voltado para o banco, estava ainda de pé contando de novo os minutos. Se, dentro de dez minutos, não houvesse sinal de aproximação de algum comboio de mercadorias, desceria para além da trincheira, e faria saltar um carril. Estava muito sossegada, simplesmente sentia o peito oprimido pelo peso enorme do ato. Além de que, neste último momento, o pensamento de que Tiago e Severina se aproximavam, de que ainda ali passariam, indo para o amor, se ela não os detivesse, bastava para a manter firmemente cega e surda, na sua resolução, sem que fosse preciso recomeçar a luta. Era o irrevogável, a patada da loba que quebra os rins à passagem. No egoísmo da sua vingança, o que ela só via sempre, eram os seus corpos mutilados, sem se preocupar com a multidão, com a onda de gente que desfilava na sua frente, havia anos, desconhecida. Mortos, sangue, o sol ficaria talvez oculto por isso tudo, esse sol cuja eterna alegria a irritava.

Mais dois minutos, mais um, e ela ia partir, quando surdos solavancos na estrada de Bécourt, a detiveram. Um veículo, um carro de carga, decerto. Pedir-lhe-iam passagem, ser-lhe-ia preciso abrir a cancela, conversar, ficar ali: impossível fazer nada, o golpe falharia. E teve um gesto de colérica negligência, começou a correr, deixando o seu posto, abandonando o veículo e o condutor, que sairia da dificuldade como pudesse. Mas, no ar estalou um chicote e uma voz gritou alegremente:

— Eh! Flora!

Era Cabuche. Ficou pregada ao solo e parou ao primeiro impulso, mesmo diante da cancela.

— Não ouves? continuou ele. Dormes com um sol destes? Depressa, para eu passar, antes de chegar o expresso.

Nela produzia-se um desmoronamento. Falhara o golpe, os outros dois iriam para a felicidade, sem ela encontrar meio de acabar com eles. E, ao tempo que abria lentamente a velha cancela meio apodrecida., cujas ferragens guinchavam na sua ferrugem, procurava ela

furiosamente um obstáculo, qualquer coisa que pudesse atirar na linha, a tal ponto desesperada, que ela própria se teria atravessado na estrada, se pudesse supor que tinha os ossos tão duros que fizessem saltar a máquina para fora do trilhos. Mas os seus olhos acabaram de cair sobre o espesso e baixo veículo carregado com dois blocos de pedra, que cinco vigorosos cavalos demoravam a puxar. Enormes, altos e largos, duma massa gigante a barrar a estrada, aqueles blocos ofereciam-se-lhe, e eles despertaram, nos seus olhos, uma brusca vontade, um desejo doido de agarrar neles, de os colocar no meio da linha. A cancela estava toda aberta, os cinco animais, ofegantes, esperavam, suando.

— Que tens esta manhã? perguntou Cabuche. Está com um ai aparvalhado.

Então Flora falou.

— Minha mãe morreu ontem à noite.

Ele teve uma exclamação de dolorosa amizade. Pousando o chicote, apertava-lhe as mãos nas dele.

— Oh! Minha pobre Flora! isso era de esperar há muito tempo, mas enfim sempre custa!... Então, como ela ainda está em casa, quero vê-la, porque, se não fosse o desastre que sucedeu, sempre acabaríamos por nos entender.

Lentamente, foi andando com ela até a casa. Contudo, chegando ao limiar da porta, teve um olhar para os cavalos. Com uma frase, ela tranqüilizou-o.

— Não há perigo que eles se mechem dali! E, depois, o expresso ainda está longe.

Ela mentia. Com o seu ouvido experimentado, no frêmito tépido do campo, acabava de ouvir o expresso sair da estação de Darentin. Mais cinco minutos, e estava ali, desembocaria da trincheira, a cem metros da passagem de nível. Enquanto Cabuche, de pé, no quarto da morta, se esquecia, pensando em Luizinha, muito comovido, ela, que ficara de fora diante da janela, continuava a ouvir ao longe o sopro regular da máquina, cada vez mais próxima. Bruscamente veio-lhe à idéia Misard: ele devia vê-la, fa-la-ia parar; e teve como que um choque, quando, tendo-se voltado, não o viu no seu posto. Encontrou-o do outro lado da casa, a cavar a terra, em volta do muro do poço, não tendo podido resistir à sua loucura de procurar, tomado sem dúvida da certeza de que o pecúlio estava ali; todo entregue à sua paixão, cego, surdo, procurava, procurava. E foi para ela a última excitação. Estava determinado: um dos cavalos pôs-se a rinchar, enquanto para lá da trincheira, a máquina soprava alto, como uma pessoa que viesse acudir apressada.

— Vou agüentá-los, disse Flora a Cabuche. Não tenhas medo! Ela foi correndo, pegou no primeiro cavalo pelo freio, puxou com a sua força duplicada de lutadora. Os cavalos inteiriçaram-se; por um instante, o carro, pesadíssimo com a enorme carga, oscilou sem arrancar; mas como se ela se tivesse atrelado em pessoa, como besta de reforço, o carro abalou e entrou na linha. E estava em cheio sobre os carris, quando o expresso, lá em baixo, a cem metros, desembocou da trincheira. Então, para imobilizar o carro, com receio de que não ficasse bem atravessado, reteve os animais, num brusco safanão, com um esforço sobre humano, que os próprios membros lhe estalaram. Ela que, tinha a sua lenda, de quem se contavam rasgos de força extraordinários, um vagão lançado num declive, suspenso na



carreira, um carro a correr salvo de um comboio, fazia hoje aquela coisa, mantinha com o seu pulso de ferro, os cinco cavales, encabritados e a rinchar no instinto do perigo.

Foram apenas dez segundos de um terror sem fim. As duas pedras gigantes pareciam barrar o horizonte. Com os seus aços luzidios, a máquina deslizava, chegava com o seu andar doce e fulminante, sob a chuva, de ouro da bela manhã. Estava ali o inevitável, nada no mundo podia obstar o esmagamento. E a expectativa durava.

Misard, que voltara de um pulo para o seu posto, uivou com os braços no ar, agitando os punhos, na vontade louca de prevenir e parar o comboio. Saindo de casa ao ruído das rodas e dos rinchos dos cavalos, Cabuche arremessara-se, uivando, também, para fazer avançar os animais. Mas Flora, que acabava de se atirar para o lado, reteve-o, o que o salvou. Julgava ele que ela não tivera forças para conter os cavalos, e que haviam sido eles que a haviam arrastado. E acusava-se, soluçava, num estertor de terror, desesperado, enquanto ela imóvel, mais alta, as pálpebras abertas e abrasadoras, olhava. No momento mesmo em que o cabeçote da máquina ia a tocar os blocos, quando lhe restava talvez um metro a percorrer, durante esse tempo inapreciável, ela viu nitidamente Tiago, com a mão no volante de mudança de andamento. Ele voltara-se, os olhos de ambos encontraram-se num olhar, que ela achou desmesuradamente longo.

Naquela manhã, Tiago sorria para Severina, quando ela chegara ao cais, no Havre, para tomar o expresso, como era costume todas as semanas. Para que estragar a vida com pesadelos? Porque não aproveitar os dias felizes, quando eles se apresentavam? Tudo acabaria, talvez, por se acomodar. E ele estava resolvido a saborear pelo menos a alegria daquele dia, fazendo projetos, sonhando almoçar com ela no restaurante. Por isso, como ela lhe lançasse um olhar desolado por não haver carro de primeira classe na frente, e por ser obrigada a ir longe, na cauda do comboio, ele quis consolá-la, sorrindo-lhe alegremente. Sempre haviam de chegar ao mesmo tempo; em Paris se desferrariam de terem ido separados. Mesmo depois de se haver debruçado para a ver subir para um compartimento, levou o bom humor até gracejar com o condutor-chefe, Henrique Dauvergne, que ele sabia enamorado dela. Na semana precedente, imaginara ele que este se atrevera a mais, e que ela o animava por uma necessidade de distração, querendo fugir à existência atroz que levava. Roubaud bem o dizia, havia de acabar por dormir com aquele rapaz, sem prazer, só pela vontade de começar outra coisa. E Tiago pedira a Henrique que, na véspera, escondido por trás de um dos olmeiros, do largo da estação, mandasse beijos para o ar; o que fizera rir às gargalhadas Pecqueux, quando este estava carregando a fornalha da Lison, fumegante, pronta a partir.

Do Havre para Barentin, o expresso caminhara na sua velocidade regulamentar, sem incidente, e foi Henrique o primeiro que, do alto da sua guarita de vigia, ao sair da trincheira, viu a zorra atravessada na linha. O furgão da frente estava empilhado de bagagens, porque o comboio, muito pesado, trazia todo um carregamento de passageiros, que haviam desembarcado, na véspera, de um vapor. No fim do corredor em meio daquele amontoado de malas e sacos de viagem, que a trepidação fazia dançar, o condutor-chefe

estava de pé à sua escrivaninha, classificando folhas; enquanto o frasco da tinta, pendurado a um prego, balouçava também com um movimento contínuo. Depois das estações, onde deixara bagagens, tinha escrituração para quatro ou cinco minutos. Em Barentin, tinham apeado dois viajantes; acabava, pois, de pôr os seus papéis em ordem quando, subindo para sentar-se na sua vigia, lançou, para trás e para diante, segundo o seu costume, um olhar para a linha. Nessa guarita de vidro passava todas as horas livres, sentado, de vigilância; o *tender* ocultava-lhe o maquinista; mas mercê do seu posto elevado via muitas vezes mais longe e mais depressa do que este. Por isso o comboio ia ainda dando a volta na trincheira, quando ele avistou, lá embaixo, o obstáculo. Foi tal a sua surpresa, que duvidou per um instante, assustado, paralisado. Houve alguns segundos perdidos, o comboio corria já fora da trincheira, e um grande grito subia da máquina, quando se decidiu a puxar a corda da sineta de alarme, cuja ponta pendia na sua frente.

Tiago, naquele momento supremo, com a mão no volante da mudança do andamento, olhava sem ver, num momento de ausência. Pensava em coisas confusas e longínquas, de que a própria imagem de Severina se desvanecera. O badalar doido da sineta, o uivo de Pecqueux, por detrás dele, acordaram-no. Pecqueux que alçara a haste do cinzeiro, descontente da tiragem, acabava de ver, debruçando-se para verificar a velocidade. E Tiago, de uma palidez de morte, viu tudo, compreendeu tudo, a zorra de través, a máquina lançada, o espantoso choque, tudo isso com uma nitidez tão aguda que distinguiu até a granulação das duas pedras, ao mesmo tempo que já sentia nos ossos a impressão do esmagamento. Era inevitável. Violentemente voltara o volante da mudança de andamento, fechara o regulador, apertara o freio. Fazia contra-vapor, pendurava-se com mão inconsciente ao botão do apito, na vontade, impotente e furiosa, de avisar, de desviar a barricada gigante lá embaixo. Mas, no meio desse pavoroso silvar de angústia, que despedaçava o ar, a Lison não obedecia, continuava a sua marcha, um tudo nada afrouxada. Não era já a dócil de outros tempos, depois que perdera na neve a sua boa vaporização, o seu arranque tão macio; agora era caprichosa e áspera, como mulher envelhecida a quem um ataque de frio, escangalhou o peito. Ela soprava, empinava-se debaixo do freio, andava, andava sempre, na obstinação pesada da sua massa. Pecqueux, doido de medo, saltou. Tiago, hirto no seu posto, a mão direita crispada na mudança de andamento, com a outra mão agarrada ao apito, sem dar por isso, esperava. E a Lison, fumegante, anhelante, nesse rugido agudo, que não cessava, veio chocar contra a zorra, com o peso enorme dos treze vagões que arrastava.

Então, a vinte metros de distância, da beira da linha onde os pregava o pavor, Misard e Cabuche com os braços no ar, e Flora de olhos hiantes, viram essa coisa horrível: o comboio erguer-se de pé, sete vagões subirem uns por cima dos outros, depois tornarem a cair com um abominável estridor, numa derrocada informe de minas. Os três primeiros haviam ficado reduzidos a migalhas, os outros quatro constituíam apenas, na montanha, uma confusão de tetos arrombados, de rodas partidas, de portinholas, de correntes, de bombas, em meio de pedaços de vidro. E principalmente, ouvira-se e esborrachar da máquina contra as pedras um esmagamento surdo terminado por um grito de agonia. A Lison, de ventre rasgado,

saltava à esquerda por cima da zorra, enquanto as pedras, fendidas voavam em estilhaços, como sob uma explosão de mina, e dos cinco cavalos, quatro rolados, arrastados, tinham ficado logo mortos. A cauda do comboio, seis vagões ainda, tinham parado, intactos, sem mesmo saírem dos carris. Mas saíram gritos, apelos cujas palavras se perdiam em uivos, inarticulados de animal.

— Socorro!... Acudam!... Oh! meu Deus! eu morro! Socorre! socorro!

Já se não ouvia, já se não via. A Lison derrubada sobre o flanco, o ventre aberto, perdia o vapor pelas torneiras arrancadas, pelos tubos rebentados, em sopros que roncavam, semelhantes a estertores furiosos de gigante. Deitava de si uma respiração branca, inesgotável, rolando espessos turbilhões que razavam o solo; enquanto da fornalha, as brasas caídas, vermelhas como o próprio sangue das suas entranhas, soltavam, confundindo-se, o seu fumo negro. A chaminé, na violência do choque, entrara pela terra a dentro; no lugar onde batera, a grade de ferro sobre que estava montada a máquina estalara, torcendo, amolgando e amassando as grandes hastes laterais; e, com as rodas no ar, semelhante a um touro monstruoso, descozido por uma formidável chifrada, a Lison mostrava as peças de movimento torcidas, os cilindros partidos, as caixas dos êmbolos e os excêntricos esmagados, toda uma pavorosa chaga aberta em pleno ar, por onde a alma continuava a sair, num estrépito de raivoso desespero. Justamente, perto dela, o cavalo que não tinha morrido, jazia também, com os pés da frente arrancados, mostrando igualmente as entranhas, por um rasgão na barriga. Com a cabeça direita, inteiriçada num espasmo de dor atroz, via-se-lhe o estertor, num rinchar terrível, de que nada chegava ao ouvido no meio do trovejar da máquina agonizante.

Os gritos estrangulavam-se, nos ouvidos, perdidos, desaparecidos.

— Salvem-me! Matem-me!... Sofro muito, matem-me! Matem-me antes!

Nesse tumulto ensurdecador, no meio deste fumo que cegava, as portinholas das carruagens que haviam ficado intactas acabavam de abrir-se, e uma onda de passageiros se arremessava para fora. Caíam sobre a estrada, levantavam-se, lutavam a pontapé, a soco. Depois, logo que sentiam o chão sólido, o campo livre na sua frente, fugiam, saltavam a sebe viva, cortavam através dos campos, cedendo ao instinto único de estarem longe do perigo, longe, muito longe. Mulheres, homens uivando, perderam-se no fundo das florestas.

Espezinhada, com os cabelos em desordem, o vestido em farrapos, Severina acabara de desembaraçar-se; mas não fugia, corria para a máquina que roncava, quando se encontrou frente a frente com Pecqueux.

— Tiago? Tiago? Salvou-se, não é verdade?

O fogueiro que, por milagre, nem uma esfoladela fizera, acudiu também, com o coração oprimido por um remorso, à idéia de que o seu maquinista podia estar debaixo daqueles escombros. Tinham viajado tanto, penado tanto, juntos, sob a fadiga contínua das rajadas violentas! E a sua máquina, a sua pobre máquina, a boa amiga tão amada daquela família a três, que estava ali de costas, a exalar toda a respiração pelos pulmões rebentados!

— Eu saltei, gaguejava ele. Não sei, não sei absolutamente nada... Vejamos...

Foram de encontro a Flora, que os viu chegar. Não se mexera ainda, na estupefação do ato realizado, aquele morticínio que ela fizera. Estava acabado, estava bem; e nela só havia o alívio de uma necessidade, sem compaixão pelo mal dos outros, que ela nem sequer via. Mas, quando reconheceu Severina, os olhos abriram-se-lhe desmesuradamente e uma sombra de terrível sofrimento enegreceu-lhe o rosto pálido. Pois que? Ela vivia, aquela mulher, quando ele decerto estava morto? Naquela dor aguda do seu amor assassinado, aquela facada que ela se dera em pleno peito, teve a brusca consciência da abominação do seu crime. Ela fizera aquilo, matara-o, matara toda aquela gente! Um grande grito lhe despedaçou a garganta, torcia os braços, corria doidamente.

— Tiago, oh! Tiago... Está ali, foi arremessado para trás eu vi-o... Tiago, Tiago!

A Lison tinha o estertor menos alto, um gemido rouco que ia enfraquecendo, e no meio do qual, agora, se ouvia crescer, cada vez mais despedaçador, o clamor dos feridos. Unicamente, o fumo continuava espesso; o enorme montão de escombros, donde saíam essas vozes de tristeza e de terror, parecia envolvido numa poeira negra, imóvel no sol. Que fazer? Por onde começar? Como chegar até àqueles desgraçados?

— Tiago! continuava Flora aos gritos, eu lhe disse que olhou para mim; e que foi arremessado para aquele lado, para debaixo do *tender*! Acudam-me! Ajudem-me!

Já Cabuche e Misard acabavam levantando Henrique, o condutor-chefe, que no último momento, saltara também. Tinha deslocado um pé, sentaram-no no chão, encostado à sebe, de onde, estupidificado, mudo, olhava os trabalhos de salvamento, sem parecer sofrer.

— Cabuche, ajude-me. Se eu te digo que Tiago está ali debaixo!

Cabuche não ouvia, corria para os outros feridos, transportava uma mulher jovem, cujas pernas pendiam, partidas pelas coxas. E foi Severina que se precipitou ao chamamento de Flora.

— Tiago! Tiago!... Onde está ele, eu a ajudo!

— Sim, é isso, ajude-me a senhora!

As mãos de ambas encontraram-se, puxavam ambas per uma roda quebrada. Mas os dedos delicados de uma não chegavam a coisa alguma, ao passo que a outra, com o seu forte pulso, desviava os obstáculos.

— Atenção! disse Pecqueux, que vinha também prestar o seu auxílio.

Com um movimento brusco, detivera Severina, no momento em que ela ia pôr um pé sobre um braço, cortado pelo ombro, ainda vestido com uma manga de pano azul. Ela teve um recuo de terror. Contudo não conhecia a manga; era um braço desconhecido, que rolara para ali, de um corpo que com certeza se iria encontrar noutra parte. E isto tornou-a tão trêmula, que ficou como paralisada, chorando e de pé, vendo trabalharem os outros, incapaz até de pegar os pedaços de vidro, em que as mãos se cortavam.

Então, o salvamento dos moribundos, a procura dos mortos foram cheios de angústia e de perigo, porque o fogo da máquina comunicara-se às peças de madeira; foi necessário para extinguir esse começo de incêndio jogar terra às pasadas. Enquanto se corria a Barentin para pedir socorro, e se expedia em telegrama para Ruão, organizava-se a desobstrução o mais

ativamente que era possível; todos os braços entravam nisto com grande coragem. Muitos dos fugitivos tinham voltado, envergonhados do seu pânico. Mas avançava-se com infinitas precauções, cada escombro ao levantar exigia cuidados, porque se receava acabar os desgraçados ali sepultados, se se produzissem desabamentos. Do montão emergiam feridos, entalados até ao peito, apertados ali como num torno e uivando. Trabalhava-se um quarto de hora para libertar um, que não se queixava, de uma palidez de cera, dizendo que nada tinha, que não sofria de nada; e, quando o tiram, já não tinha pernas; expirou imediatamente, sem ter sabido nem sentido aquela mutilação horrível, no atordoamento do medo. Uma família inteira foi retirada duma carruagem de segunda, onde pegara fogo: o pai e a mãe estavam feridos nos joelhos, a avó tinha um braço partido; mas eles tão pouco sentiam o mal, soluçando, chamando pela sua filhinha, desaparecida no esmagamento, uma lourinha de três anos apenas, que foram encontrar debaixo dum pedaço de teto, sã e salva, de carinha alegre e sorridente. Uma outra jovem, coberta de sangue, com as mãos esmigalhadas, que tinham trazido para um lado, esperando descobrir-lhe os pais, permanecia solitária e desconhecida, tão sufocada, que não dizia uma palavra, a face unicamente convulsionada de uma máscara de indizível horror, quando alguém se aproximava dela. Não se podiam abrir as portinholas, cujos fechos o choque torcera, sendo perigoso descer para os compartimentos pelos vidros partidos. À margem da linha já estavam quatro cadáveres, postos a par uns dos outros. Uns dez feridos, estendidos por terra, perto dos mortos, esperavam, sem um médico para os pensar, sem um socorro. E mal começava a desobstrução, apanhava-se uma nova vítima sob cada escombro, o mente não parecia diminuir, todo palpitante dessa carnificina humana.

— Se eu lhe digo que Tiago está ali debaixo! repetia Flora, sentindo alívio, a este grito obstinado que soltava sem razão, como a própria lamentação do seu desespero. Lá está ele a chamar, olhem! Escutem!

O *tender* estava entalado debaixo dos vagões, que, tendo galgado uns por cima dos outros, tinham depois desabado sobre ele, e, efetivamente, depois que o estertor da máquina era menos alto ouvia-se uma grossa voz de homem rugir no fundo do desmoronamento. À medida que se avançava, o clamor dessa voz de agonia tornava-se mais alto, de uma tão enorme dor, que os trabalhadores não podiam suportá-la, chorando eles também. Depois, finalmente, como segurassem já o homem, de quem já tinham desembaraçado as pernas e que puxavam para si, o rugido do sofrimento cessou. O homem tinha morrido.

— Não — disse Flora, não é ele. Está mais no fundo, por baixo de tudo.

E, com os seus braços de guerreira, levantava as rodas, atirava-as para longe, torcia o zinco dos tetos, quebrava portinholas, arrancava pedaços de corrente. E, logo que caía sobre um morto ou sobre um ferido, chamava para que a desembaraçassem dele, não querendo abandonar por um segundo a sua busca enraivecida.

Por detrás dela, trabalhavam Cabuche, Pecqueux, Misard, enquanto Severina, desfalecida por estar assim de pé, sem nada poder fazer, acabava de sentar-se sobre o banco arrombado de um vagão. Mas Misard, readquirida a sua fleuma, calmo e indiferente, evitava as grandes fadigas, ajudava principalmente a transportar os corpos. E ele, bem como Flora,

olhava para os cadáveres, como se esperassem reconhecê-los, no meio da confusão dos milhares e milhares de rostos, que, em dez anos, tinham desfilado diante deles a todo o vapor, deixando-lhes unicamente a lembrança confusa duma multidão, trazida e levada num relâmpago. Não! Era sempre a onda desconhecida do mundo em marcha: a morte brutal, acidental, ficava anônima, como a vida apressada, cujo galope passava, indo para o futuro; e eles não podiam pôr nome algum, informação alguma precisa sobre as cabeças apavoradas daqueles miseráveis, caídos na estrada, espezinhados, esmagados, semelhantes aos soldados cujos corpos atulham os buracos diante da carga dum exército correndo ao assalto. Contudo, Flora julgou reconhecer um, a quem falara, no dia do comboio perdido na neve: aquele americano, a quem ela acabava por conhecer familiarmente o perfil, sem lhe saber sequer o nome, nem nada a respeito dele e dos seus. Misard levou-o com os outros mortos, vindos não se sabia de onde, parados ali, dirigindo-se não se sabia para onde.

Depois, houve ainda um espetáculo dilacerante. Na caixa derrubada de um compartimento de primeira classe, acabavam de descobrir um casal de recém-casados, atirados um contra o outro, tão desgraçadamente, que a mulher esmagava debaixo de si o homem, sem poder fazer um movimento para o aliviar. Ele sufocado, estertorava já; enquanto ela, com a boca livre, pedia perdidamente. que se apressassem, apavorada, com o coração despedaçado, por saber que era ela que o matava. E, quando os libertaram um do outro, foi ela quem, de súbito, morreu logo, com o flanco dilacerado por uma bomba. E o homem, volvido a si, clamava de dor ajoelhado junto dela, cujos olhos estavam ainda cheios de lágrimas.

Agora havia doze mortos, mais de trinta feridos. Mas conseguiu-se desentalar o *tender*; e Flora, de tempos a tempos, parava, punha a cabeça por entre as madeiras entaladas, os ferros torcidos, esquadrinhando ardentemente com os olhos, para ver se não encontraria o maquinista. De repente soltou um grande grito:

— Já o vi, está ali debaixo! Olhem! É o braço dele com a sua camisola de lã azul. E não se mexe, não respira...

Erguera-se, praguejara como um homem.

— Mas com um milhão de diabos, aviem-se, tirem-no dali debaixo!

Com as duas mãos tentava arrancar o forro dum carro, que outros escombros a impediam de puxar para si. Então correu, voltou cem o machado que servia em casa dos Misard para partir a lenha; e brandindo-a como um lenhador brande o machado no meio duma floresta de carvalho, atacou o soalho com um vigor furioso. Todos se tinham desviado, deixando-a trabalhar sozinha, recomendando-lhe que tomasse cuidado. Mas ali não havia outro ferido senão o maquinista, e esse mesmo abrigado sob uma grande confusão de eixos e de rodas. Ela não ouvia nada, levada num impulso irresistível. Desfazia a madeira, cada um dos seus golpes cortava um obstáculo. Com os seus cabelos louros, voando, o colete arrancado mostrando os braços nus, era como uma ceifeira abrindo uma clareira entre aquela destruição que ela fizera. Uma última pancada que atirou a um eixo, partiu em dois o ferro do machado. Auxiliada por outros, afastou as rodas que haviam protegido o maquinista dum

esmagamento certo, e foi a primeira a agarrar nele, a trazê-lo nos braços.

— Tiago, Tiago!... Ele respira, ele vive. Ah! meu Deus, ele vive... Eu bem sabia que o tinha visto cair, e que estava ali.

Severina, com a cabeça perdida, seguia-a. Ambas sozinhas, depuseram-no junto da sebe, junto de Henrique, que, estupefato, continuava a olhar sem parecer compreender onde estava e o que se fazia em volta dele. Pecqueux, que se aproximara, permanecia de pé diante do seu maquinista, transtornado por vê-lo em tão deplorável estado: enquanto as duas mulheres, ajoelhadas agora, uma à direita, outra à esquerda, amparavam a cabeça do desgraçado, espiondo-lhe com angústia os menores estremecimentos do rosto.

Enfim, Tiago abriu as pálpebras. Os seus olhos perturbados caíram sobre elas, alternadamente, sem parecer reconhecê-las. Elas não lhe importavam. Mas tendo os seus olhos encontrado a alguns metros, a máquina, que expirava, assustaram-se primeiro, depois fixaram-se vacilantes, numa emoção crescente. Ela, a Lison, reconhecia-a bem e recordava-lhe tudo, as duas pedras atravessadas na linha, o abominável abalo, aquele esmigalhamento que sentiram simultaneamente ela e ele, de que ele ressuscitava, ao passo que ela, seguramente, ia morrer. Ela não tinha culpa de se mostrar teimosa; por que, depois da sua doença contraída na neve, não era sua culpa, se era menos viva; sem contar que chegara à idade, que torna os membros pesados e endurece as juntas. Por isso ele lhe perdoava a boa vontade, tomado dum desgosto imenso, ao vê-la ferida de morte, na agonia. A pobre Lison só tinha vida para alguns minutos. Ia esfriando, as brasas da fornalha caíam em cinzas, a respiração que se lhe escapara com tanta violência dos flancos abertos, acabava num pequeno queixume de criança a chorar. Manchada de terra e de baba, ela, sempre tão luzente, deitada de costas, num charco negro de carvão, tinha o fim trágico dum animal de luxo, que um acidente fulmina em plena rua. Por um instante pudera ver-se, pelas suas entranhas rebentadas, funcionar os órgãos, os êmbolos baterem como dois corações gêmeos, o vapor circular pelos tubos como o sangue das suas veias; mas, semelhantes a braços convulsivos, os condutores do movimento tinham agora só estremecimentos, as últimas revoltas da sua vida; e a alma voava-lhe com a força que lhe dava vida, aquele resfolegar imenso de que não chegava a despojar-se por completo. A gigante, de ventre rasgado, acalmou-se, ainda, adormeceu, pouco a pouco num som muito suave, e acabou por calar-se. Estava morta. E o montão de ferro, aço e cobre, que ali deixava, aquele colosso esmigalhado, com o seu tronco fendido, os seus membros esparsos, os seus órgãos magoados, expostos à luz do dia, tomava a pavorosa tristeza dum cadáver humano, enorme, donde a vida acabava de ser arrancada, na dor.

Então Tiago, compreendendo que a Lison já não existia, torno-i?. fechar os olhos com o desejo de morrer também, tão fraco aliás. que julgava ser levado no último sopro da máquina; e das suas pálpebras fechadas, cerram agora lentamente as lágrimas inundando-lhe as faces. Foi demais para Pecqueux, que estava ali imóvel, com a garganta estrangulada. A sua boa amiga morria, e o seu maquinista queria segui-la. Estava então acabada aquela família a três? Acabadas as viagens onde, trepados no dorso dela faziam as cem léguas sem

trocarem uma palavra, entendendo-se, apesar de tudo, tão bem todos três que não precisavam sinal algum para se perceberem! Ah! a pobre Lison, tão doce na sua força, tão formosa quando luzia ao sol! E Pecqueux, sem ter bebido, arrancou em soluços violentos, cujos ecos lhe sacudiam o seu grande corpo, sem que pudesse retê-los.

Severina e Flora também desesperavam, inquietas com este novo delíquio de Tiago. Flora correu em casa e voltou com aguardente canforada, pondo-se a friccioná-lo para fazer alguma coisa. Mas as duas mulheres, na sua angústia, estavam exasperadas ainda pela agonia interminável do cavalo, o único dos cinco que sobrevivia, com os dois pés dianteiros arrancados. Jazia junto deles, tinha um relinchar contínuo, um grito quase humano, retinindo tanto a tão pavorosa dor, que dois feridos, conquistados pelo contágio, uivavam também como animais. Nunca um grito de morte despedaçara o ar com aquele queixume profundo, inolvidável, que gelava o sangue. A tortura tornava-se atroz, vozes trêmulas de piedade e de cólera suplicavam que se acabasse aquela miserável vida do cavalo que sofria tanto, e cujo estertor sem fim, agora que a máquina estava morta, ficara ali como a última lamentação da catástrofe.

Então Pecqueux, sempre soluçante, pegou no machado de ferro partido, e com um só golpe, em pleno crânio, acabou com ele. E o campo da carnificina caiu no silêncio.

Chegava enfim o socorro, após duas horas de espera. No choque do encontro, as carruagens tinham sido todas atiradas para a esquerda, de modo que a desobstrução da estrada descendente se fazia em poucas horas. Um comboio de três vagões, conduzido por um piloto, acabava de trazer de Ruão o chefe do gabinete do prefeito, o procurador imperial, engenheiros e médicos da Companhia, toda uma onda de passageiros perturbados e apressados, enquanto o chefe da estação de Barentin, o senhor Bessière, já ali estava com um troço de trabalhadores, atacando os escombros. Reinava uma agitação, um enervamento extraordinário nesse recanto do país perdido, tão deserto e tão mudo habitualmente. Os passageiros, são e salvos conservavam ainda, no frenesi do seu pânico, uma necessidade febril de movimento; uns procuravam carros, aterrados, com a idéia de tornarem a subir para um vagão da estrada "de ferro; outros, vendo que nem sequer encontrariam um carrinho de mão, inquietavam-se por não saber onde comeriam, onde dormiriam; e todos reclamavam uma repartição telegráfica, alguns partiam a pé para Barentin, levando telegramas. Enquanto as autoridades, auxiliadas pela administração, começavam um inquérito, os médicos procediam à pressa ao penso dos feridos. Muitos tinham desmaiado no meio de charcos de sangue. Outros, vítimas das pinças e das agulhas, lamentavam-se com voz fraca. Havia em suma, quinze mortos e trinta e dois passageiros feridos gravemente. Enquanto se esperava que a identidade de todos eles pudesse ser estabelecida, os mortos ficaram no chão, colocados ao longo da sebe, com o rosto para o céu. Só um substituto, um rapaz novo, louro e rosado, que mostrava zelo, se ocupava deles, esquadrinhava-lhes os bolsos, para ver se algum papel, bilhete ou carta lhe permitiriam etiquetar cada um deles com o nome e a morada. À volta dele formava-se um círculo de pessoas porque, embora não houvesse casas em cerca de uma légua ao redor, chegavam curiosos não se sabia de onde, uns trinta homens,



mulheres e crianças, que só atrapalhavam. Tendo-se dissipado o pó negro, o véu de fumo e de vapor, que envolvia tudo, radiosa manhã de abril triunfava por cima daquele morticínio, banhando com a chuva doce e alegre do seu sol claro os moribundos e os mortos, a Lison de ventre rasgado, os escombros amontoados, que o troço dos trabalhadores varria, semelhantes a formigas reparando as devastações dum pontapé dado por um transeunte distraído, no seu formigueiro.

Tiago continuava desmaiado e Severina detivera um médico à passagem, suplicante. Este acabava de examinar o maquinista, sem achar nenhum ferimento aparente! Mas receava lesões internas, porque lhe apareciam nos lábios delgados fios de sangue. Não podia pronunciar-se, aconselhava que levassem o ferido o mais depressa possível e que o instalassem numa cama, evitando os abalos.

Sob as mãos que o apalpavam, Tiago abria de novo os olhos, com um ligeiro grito de sofrimento; e, desta vez reconhecendo Severina, gaguejou no seu delírio:

— Leva-me daqui, leva-me daqui!

Flora debruçara-se. Mas tendo voltado a cabeça, ele reconheceu-a também. Seu olhar exprimiu um terror infantil e atirou-se para Severina, num recuo de ódio e de terror.

— Leva-me contigo já, já!

Então ela perguntou-lhe, tratando-o por tu, sozinha com ele, porque para ela aquela moça era como se ali não estivesse:

— Para a Croix-de-Maufras, queres? Se não te contraria, é ali em frente, estaremos em nossa casa.

E ele aceitou, trêmulo também, com os olhos fitos na outra.

— Para onde quiseses, mas já!

Imóvel, Flora se tornara lívida, sob aquele olhar de execração aterrada. Assim, naquela carnificina de desconhecidos e de inocentes, ela não conseguira matar nem a um nem a outro: a mulher saía sem uma arranhadura; ele agora talvez escapasse; e ela não conseguira dessa maneira senão aproximá-los, atirá-los juntos bem sós, para o fundo daquela casa solitária. Viu-os aí instalados, o amante curado, convalescente, a amante toda cheia de cuidados, paga das suas vigílias por carícias contínuas, ambos prolongando, longe do mundo, numa liberdade absoluta, aquela lua-de-mel de catástrofe. Um grande frio a gelava; olhava para os mortos; matara para coisa nenhuma.

Naquele momento, depois de uma vista lançada à matança, Flora avistou Misard e Cabuche, a quem uns sujeitos interrogavam, a justiça, com toda a certeza. Efetivamente, o procurador imperial e o chefe do prefeito tentavam compreender como é que aquela zorra se achava atravessada na linha. Misard sustentava que não abandonara o seu posto, mas não podia dar nenhuma informação exata; não sabia realmente nada, dizia que estava de costas voltadas, ocupado com os seus aparelhos. Quanto a Cabuche, que ainda não estava em si, contava uma longa história confusa porque cometera o erro de deixar os cavalos, para ver a morta, e de que modo os cavalos tinham partido sozinhos, e como a jovem não os pudera fazer parar. Atrapalhava-se e recomeçava, sem conseguir fazer-se entender.

Uma selvagem necessidade de liberdade fez bater de novo o sangue gelado de Flora. Ela queria ser livre por si mesma, livre de refletir e de tomar um partido, não tendo nunca precisão de alguém para estar no verdadeiro caminho. Para que esperar que a aborrecessem com perguntas, que a prendessem talvez? Porque, fora o crime, havia uma falta no serviço, haviam de torná-la responsável. Entretanto, deixava-se ali estar, enquanto Tiago estivesse também.

Severina tanto suplicara a Pecqueux que este arranjava, por fim, uma maça; e ele reapareceu com um camarada, para transportar o ferido. O médico decidira igualmente a jovem senhora a aceitar em sua casa o condutor-chefe, Henrique, que parecia sofrer unicamente duma comoção cerebral, apalermado. Transporta-lo-iam depois do outro.

E, como Severina se inclinasse, para desabotoar o colarinho de Tiago, que o incomadava, beijou-o nos olhos abertamente, querendo dar-lhe coragem para suportar o transporte.

— Não tenhas medo, havemos de ser felizes.

A sorrir, ele beijou-a por sua vez. E isto foi, para Flora, o dilaceramento supremo, o que a arrancava dele para sempre. Parecia-lhe a ela que o seu próprio sangue corria em Ondas, agora, duma ferida incurável. Quando o levaram, ela fugiu. Mas, ao passar diante da casa baixa, avistou pelas vidraças, a câmara mortuária, com a mancha pálida da vela, que ardia «em pleno dia, junto do corpo de sua mãe. Durante o acidente, a morta ficara sozinha, com a cabeça meia voltada, os olhos muito abertos, os lábios torcidos, como se estivesse vendo esmigalhar-se e morrer toda aquela gente que ela não conhecia.

Flora correu, voltou logo ao cotovelo que fazia a estrada de Doinville, depois correu para a esquerda por entre as silvas. Conhecia todos os recantos do país; desafiava os policiais a que a prendessem, se se lançassem em sua perseguição. Porisso, cessou bruscamente de correr, andando em passo miúdo, dirigindo-se para um esconderijo, onde gostava de ocultar-se nos seus dias tristes, uma escavação por cima do túnel. Levantou os olhos e viu, pelo sol, que era meio-dia. Logo que se colocou no seu buraco, estendeu-se sobre a rocha dura e permaneceu imóvel, com as mãos atrás da nuca, refletindo. Então, unicamente, um vácuo terrível se produziu nela, a sensação de estar morta, já lhe entorpecia a pouco e pouco os membros. Não era o remorso de ter matado inutilmente toda aquela gente, porque precisava fazer um esforço para sentir o pesar e o horror da ação que praticara. Mas agora tinha a certeza. Tiago vira-a segurar os cavales; e acabara de o compreender pelo seu instintivo movimento do recuo, ele tinha por ela a repulsão terrificada que se tem pelos monstros. Nunca o esqueceria. Além de que, quando nos falham os outros, não deve a gente falhar a si mesma. Daí a pouco matar-se-ia. Não tinha outra esperança, cada vez mais sentia a necessidade absoluta de morrer, depois que ali estava a raciocinar. A fadiga, um aniquilamento de todo o seu ser. era unicamente o que a impedia de levantar-se para procurar uma arma e matar-se. Todavia, do fundo da invencível sonolência que dela se apoderava, subia ainda o amor da vida, a necessidade de felicidade, um sonho último de ser feliz, ela também, pois que deixava os dois entregues à felicidade de viverem juntos, livres.

Porque não esperava ela pela noite, e não corria para Ozil, que a adorava, que saberia bem defendê-la? As suas idéias tornavam-se suaves e confusas e adormeceu dum sono negro, sem sonhos.

Quando Flora acordou, fizera-se noite profunda. Atordoadas, apalpou em volta de si, lembrou-se de tudo, sentindo a rocha fria em que estava deitada. E foi como, ao choque do raio, a necessidade implacável: era preciso morrer. Parecia que a doçura covarde, aquele desfalecimento diante da vida possível ainda, tinha desaparecido com a fadiga. Não, não! Só a morte era boa. Ela não podia viver em todo aquele sangue, o coração arrancado, execrada pelo único homem que ela amara e que pertencia a outra. Agora que tinha força, era preciso morrer.

Flora levantou-se e saiu do buraco de rochedos. Não hesitou, porque acabava de ver instintivamente para onde devia ir. Por um novo olhar lançado ao céu, às estréias, soube que eram perto de nove horas. Quando ela chegava à linha da estrada de ferro, passou um comboio em grande velocidade, na via descendente, o que pareceu causar-lhe prazer: tudo iria bem, tinham evidentemente desobstruído aquela linha, ao passo que a outra estava decerto obstruída, porque a circulação não parecia restabelecida. Desde então, seguiu a sebe viva, no meio do grande silêncio daquela região selvagem. Nada apertava, não haveria mais comboios antes do expresso, de Paris, que só ali chegaria às nove e vinte e cinco; e ela continuava a caminhar em passo vagaroso ao longo da sebe, na sombra espessa, muito zangada, como se desse um dos seus passeios transpôs a sebe e continuou a avançar mesmo pela linha, com o seu passo de passeio, caminhando ao encontro do expresso. Foi-lhe preciso usar manha para não ser vista pelo guarda, assim como acontecia ordinariamente todas as vezes que ia visitar Ozil, lá embaixo, na outra extremidade. E, uma vez dentro do túnel, caminhou ainda, sempre, sempre, para a frente. Mas já não era como na semana passada, já não tinha medo, se se voltasse, de perder a noção exata do sentido em que ia. Soe o seu crânio já não batia a loucura do túnel aquele ataque de loucura em que soçobravam as coisas, o tempo e o espaço, no meio do trovejar dos rumores e do esmagamento da abóbada. Que lhe importava! Ela não raciocinava, nem pensava sequer, não tinha senão uma resolução fixa: caminhar, caminhar na sua frente enquanto não encontrasse o comboio, e caminhar ainda direito ao farol, logo que o visse flamejar na noite.

Flora admirou-se contudo, porque supunha caminhar assim havia horas. Como ficava longe, aquela morte que ela queria! A idéia de que não a encontraria, de que andaria léguas e léguas, sem dar com ela, desesperou-a por um momento. Os pés cansavam-se; seria, pois, obrigada a sentar-se, a esperar por ela, deitada atravessada nas calhas? Mas isso parecia-lhe indigno, tinha necessidade de caminhar até ao fim, de morrer direita, por instinto de virgem e de guerreira. E isto foi nela um despertar de energia, um novo impulso para a frente, quando ela viu, muito ao longe, o farol do expresso, semelhante a uma estrelinha, cintilante e única no fundo de um céu de tinta. O comboio não estava ainda debaixo da abóbada, nenhum rumor o denunciava, não havia senão aquela luz, muito viva, muito alegre, aumentando a pouco e pouco. Erguida a sua alta figura flexível de estátua, balouçada nas fortes pernas, ela

avançava agora com passo largo, todavia sem correr, como à aproximação de uma amiga, a quem queria poupar um pedaço de caminho. Mas o comboio acabava de entrar no túnel, o terrível estrondear aproximava-se, abalando a terra num sopro de tempestade, enquanto a estrela se tornara num olho enorme, sempre aumentando, ressaltando como da órbita das trevas. Então, sob o império de um sentimento inexplicável, talvez para morrer só, despejou os bolsos, sem afrouxar na sua marcha de obstinação heróica, pousou um embrulho à beira da linha, um lenço, chaves, cordel, duas navalhas; tirou até o lenço atado ao pescoço, deixou o colete desacolchetado, meio arrancado. O olho transformava-se num braseiro, numa goela de forno vomitando o incêndio, a respiração do monstro chegava úmida e quente já, naquele rolar de trovão cada vez mais ensurdecador. E, no espantoso choque, no abraço, ela endireitou-se ainda, como se, excitada por uma última revolta de lutadora, tivesse querido abraçar o colosso, e derrubá-lo. A cabeça batera em cheio no farol, que se apagou.

Só passada mais de meia hora é que vieram levantar o cadáver de Flora. O maquinista bem vira aquela grande figura pálida caminhar de encontro à máquina, de uma estranheza assustadora de aparição, sob o jacto de claridade viva que a inundava; e quando bruscamente apagada a lanterna o comboio se achara numa escuridão profunda rolando com o seu estrépito de raio, ele estremecera ao sentir passar a morte. Ao sair do túnel, esforçara-se por comunicar, gritando, o acidente ao guarda. Mas só em Barentin pudera contar que alguém, acabava de expor-se à morte lá para baixo, decerto uma mulher; cabelos pegados a restos de crânio, estavam colados ainda ao vidro quebrado do farol. E quando os homens mandados à procura do corpo, o descobriram, ficaram surpreendidos de o verem tão branco, de uma brancura de mármore. Jazia na via ascendente, projetado para ali pela violência do choque, a cabeça em papas, os membros sem uma arranhadura, meio despido, de uma beleza admirável, na pureza e na força. Silenciosamente os homens embrulharam-na. Haviam-na reconhecido. Seguramente fizera-se matar, louca, para escapar à terrível responsabilidade que sobre ela pesava.

Desde a meia-noite que o cadáver de Flora repousava, na casinha baixa ao lado do cadáver de sua mãe. Tinha-se estendido uma enxerga no chão, e acendido uma vela entre elas duas. Fásia, com a cabeça sempre inclinada, com o riso pavoroso da sua boca torcida, parecia agora olhar a filha com os seus olhos fixos; ao passo que, na solidão, no meio do profundo silêncio, se ouvia por todos os lados, o surdo trabalho, o esforço anelante de Misard, que de novo se entregava às suas pesquisas. E com os intervalos regulamentares, os comboios passavam, cruzavam-se, nas duas linhas, pois que a circulação acabava de restabelecer-se completamente. Passavam inexoráveis, com a sua onipotência mecânica, indiferentes, ignorantes desses dramas e desses crimes. Que importavam os desconhecidos da multidão, caídos no caminho, esmagados debaixo das rodas? Tinham-se levado os mortos, havia-se socorrido os feridos e tornava-se a partir lá para baixo, para o futuro.

# XI

Estava-se no vasto quarto da Croix-de-Maufras, o quarto forrado de damasco vermelho, cujas duas altas janelas davam para a linha da estrada de ferro, a poucos metros. Do leito, um antigo leito de colunas colocado em frente, viam-se passar os comboios. E, havia anos, não se tinha tirado um objeto, mudado um móvel.

Severina fizera transportar para esse quarto Tiago ferido, desmaiado; ao passo que deixara Henrique Dauvergne no rés-do-chão, num outro quarto de dormir. Para ela reservara um quarto próximo do de Tiago, de que só os separava o patamar. Em duas horas, a instalação estava suficientemente confortável, porque a casa ficara toda montada, havia até roupa no fundo dos armários. Com um avental branco, Severina achava-se transformada em enfermeira, depois de ter telegrafado simplesmente a Roubaud, que se demoraria ali decerto alguns dias, para tratar dos feridos, recebidos em casa deles.

E, logo no outro dia, o médico julgara poder responder por Tiago, contava mesmo em oito dias pô-lo em pé; um verdadeiro milagre, apenas ligeiras lesões internas. Mas recomendava os maiores cuidados, a mais absoluta imobilidade. Por isso, quando o doente abriu os olhos, Severina, que velava por ele como por uma criança, suplicou-lhe que lhe obedecesse em tudo. Ele muito fraco ainda, prometeu com um sinal de cabeça. Tinha toda a lucidez, reconhecia aquele quarto, descrito por ela na noite da sua confissão; o quarto vermelho, onde, aos dezesseis anos e meio ela cedera às violências do presidente Grandmorin. Era a mesma cama que ele agora ocupava, eram as janelas pelas quais, sem mesmo levantar a cabeça, ele via passar os comboios, no brusco abalo da casa inteira. E aquela casa sentia-a em volta de si, tal como tantas vezes a vira, quando ele por ali passava, levado na sua máquina. Tornava a vê-la, colocada de viés à beira da linha, no abandono das persianas fechadas, tornada, desde que estava à venda, mais lamentável, e mais duvidosa pelo imenso letreiro, que aumentava a melancolia do jardim, obstruído de silvas. Recordava-se da assustadora tristeza que experimentava da cada vez que por ali passava, do mal-estar de que ela o enchia, como se se levantasse naquele lugar para desgraça da sua existência. Deitado naquele quarto, fraco, julgava compreender, agora, porque não podia ser senão isso: ele ia morrer, naturalmente. Quando percebeu que ele a podia escutar dera-se pressa em tranquilizá-lo, dizendo-lhe ao ouvido, enquanto lhe aconchegava a roupa:

— Não te inquietes, tirei tudo quanto tinhas nos bolsos, guardei o relógio.

Ele fitava-a com os olhos muito abertos, fazendo um esforço de memória.

— O relógio... Ah! Sim, o relógio.

— É que podiam esquadrinhar-te os bolsos. E eu escondi-o entre as minhas jóias. Não tenhas medo.

Ele agradeceu-lhe com um aperto de mão. Ao voltar a cabeça, avistara, em cima da mesa, a navalha encontrada igualmente num dos seus bolsos. Simplesmente, aquilo não era preciso ocultar: uma navalha como tantas outras.

Mas, no outro dia, Tiago sentiu-se mais forte e viu que não morreria. Sentiu verdadeiro prazer em reconhecer, perto dele, Cabuche, cheio de cuidados, ensurdecendo no sobrado os seus passos de colosso; depois do descarrilamento, Cabuche não abandonara Severina, como se ali fosse, também, por uma ardente necessidade de dedicação: largava do trabalho, vinha todas as manhãs ajudá-la nos trabalhos grosseiros da casa, servia-a como cão fiel, os olhos fitos nos dela. Como ele dizia, ela era uma rude mulher, apesar do seu ar franzino. Podia-se fazer alguma coisa em favor dela, que tanto bem fazia pelos outros. E os dois amantes habituavam-se a ele, tratavam-se por tu, beijavam-se até sem se incomodarem, quando ele atravessava o quarto discretamente, ocultando o mais possível o seu corpanzil.

Tiago, entretanto, admirava-se das freqüentes ausências de Severina. No primeiro dia, para obedecer ao médico, ela ocultara-lhe a presença de Henrique, embaixo, sentindo a doçura tranqüilizadora que para ele seria a idéia de uma solidão absoluta.

— Estamos sós, não é verdade?

— Sim, queridinho, absolutamente. Dorme sossegado! Simplesmente, ela desaparecia de minuto a minuto, e, num dia, ele ouvira no rés do chão, barulho de passos e de cochichos. Depois, no dia seguinte, foi como uma alegria abafada, risos claros e duas vozes juvenis que não se calavam.

— Que é que há? Quem é? Nós então não estamos sós?

— Pois bem! Não, queridinho, está lá embaixo, justamente por baixo do teu quarto, outro ferido que eu tive que recolher.

— Ah!... Então quem é?

— Henrique, sabes, o condutor-chefe.

— Henrique... Ah!

— E esta manhã chegaram as irmãs dele... São elas que estás ouvindo, riem de tudo. Como ele vai melhor, elas partem esta noite para casa do pai, que não pode ficar só; e Henrique fica dois oi: três dias ainda para se refazer completamente. Imagina tu, que ele saltou e não quebrou nenhum osso; unicamente, ficou abobado, mas já passou...

Tiago calara-se, fitando nela um olhar tão longo, que ela acrescentou:

— Percebes? Se ele não estivesse aqui, poderiam falar de nós dois. Enquanto ele estiver aqui, meu marido nada tem que dizer, tenho um bom pretexto para ficar aqui... Compreendes?

— Sim, está bem.

E, até à noite, Tiago ouviu as risadas das pequenas Dauvergne, que ele se recordava de ter ouvido em Paris subir do andar inferior, no quarto onde Severina se confessara entre os seus braços. Depois tudo sossegou, e ele não ouviu mais senão o passo leve desta, indo de um ferido para o outro. A parte debaixo fechara-se e a casa caíra num silêncio profundo. Por duas vezes, como tivesse muita sede, teve que bater com uma cadeira no soalho, para que ela subisse. E, quando ela apareceu, vinha sorridente, muito apressada, explicando que aquilo

não acabava nunca, porque era preciso manter sempre na cabeça de Henrique compressas de água gelada.

Ao quarto dia Tiago pode levantar-se e passar duas horas numa poltrona diante da janela. Debruçando-se um pouco, via o estreito jardim que a estrada cortara, fechado por um muro baixo cheio de roseiras bravas e de flores pálidas. E recordava-se da noite em que, nos bicos dos pés, para olhar por cima do muro, tornava a ver o terreno vasto, do outro lado da casa, fechado unicamente por uma sebe viva, que ele transpusera, e atrás da qual dera com Flora, sentada no limiar da pequena estufa em ruínas, desembaraçando a tesouradas, as cordas roubadas. Ah! A abominável noite, toda cheia do pavor do seu mal! Aquela Flora, com a sua figura alta e flexível de guerreira louca, os olhos flamejantes fitos nos dele, obsediava-o, depois que a lembrança lhe voltava cada vez mais nítida. A princípio não abrira a boca, acerca do desastre, e à volta dele ninguém falava no assunto por prudência. Mas nele despertavam todos os pormenores, reconstruía tudo, só pensava naquilo, num esforço contínuo, que, agora, à janela a sua única preocupação era procurar os vestígios, espreitar os autores da catástrofe, porque é que ele já não a via no seu posto de guarda das cancelas, de bandeirola em punho? Não se atrevia a fazer a pergunta, isso agravava o mal-estar que lhe causava aquela casa lúgubre, que lhe parecia toda povoada de espectros.

Uma manhã, contudo, quando Cabuche estava ali ajudando Severina, acabou por decidir-se.

— Flora está doente?

Cabuche, surpreso, não compreendeu um gesto de Severina! na, julgou até que ela lhe ordenava que falasse.

— A pobre Flora morreu.

Tiago olhava para eles, tremente; e foi preciso então dizer-lhe tudo! Então os dois contaram-lhe o suicídio da pobre rapariga, que se fizera despedaçar debaixo do túnel. Retardaram o enterro da mãe até à noite, para levarem a filha ao mesmo tempo; e dormiam ao lado uma da outra no pequeno cemitério de Doinville, aonde tinham ido ter com aquela que já partira, a mais moça, aquela doce e delicada Luízinha, levada também violentamente, toda manchada de sangue e lama. Três miseráveis que caem pelo caminho, e que se esmagam, desaparecidas, como varridas pelo vento terrível desses comboios que passavam!

— Morta, meu Deus! repetiu Tiago muito baixinho, a minha pobre tia Fásia, e Flora e Luízinha!

Ao nome desta, Cabuche, que ajudava Severina a empurrar a cama, ergueu instintivamente os olhos para ela, perturbado pela recordação da sua ternura de outrora, da paixão nascente de que for» invadido sem defesa, como criatura terna e pouco inteligente, como bom cão que se dedica desde a primeira carícia. Mas a juvenil senhora, já ao corrente dos seus trágicos amores, permanecia grave, mirava-o com olhos de simpatia; e ele ficou muito comovido com isso; e tendo a sua mão, sem querer, roçado pela dela, ao passar lhe os travesseiros, sufocou, respondeu com voz hesitante a Tiago que o interrogava:

— Acusaram-na de ter provocado o desastre?

— Oh! Não não... Unicamente diziam que foi culpa dela, compreende bem?

Em frases entrecortadas, ele disse que o sabia. Nada vira porque estava em casa da morta, quando os cavalos andaram, levando o carro para a linha. Era esse o seu surdo remorso, aqueles senhores da justiça haviam-no exprobrado duramente; não se deixavam assim os animais; a horrível desgraça não se teria dado se ele tivesse ali ficado atento.

O inquérito terminara atribuindo-se tudo à negligência de Flora; e como esta se castigara a si mesma atrozmente, o processo ficara aí; nem mesmo Misard fora transferido, ele que com o seu ar humilde e servil, sairá das dificuldades, fazendo carga na morta: ela só fazia o que lhe dava na cabeça, de modo que ele tinha que sair de vez em quando do seu posto para fechar a cancela. E a Companhia só pudera estabelecer, naquela manhã, a perfeita correção do seu serviço; e, enquanto não se casasse novamente, acabava de o autorizar a tomar com ele, para guardar a cancela, uma mulher já velha das proximidades, a Ducloux, antiga criada de estalagem, que vivia de ganhos equívocos, juntos noutros tempos.

Quando Cabuche saiu do quarto, Tiago reteve Severina com o olhar. Estava muito pálido.

— Tens a certeza se foi Flora que puxou os cavalos e que obstruiu a linha com as pedras?

Severina empalideceu por sua vez.

— Oh! Filho, dize? Tens febre, precisas tornar a deitar-te.

— Não, não, não é um pesadelo. Ouves? Eu vi-a, como te estou vendo a ti. Ela segurava os animais, impedia o carro de avançar com o seu pulso sólido.

Severina caiu numa cadeira, em frente dele, com as pernas sem força. >

— Meu Deus! Meu Deus! Isso faz-me horror... É monstruoso, já não posso dormir pensando nisso.

— Que diabo! continuou ele, a coisa é clara; ela tentou matar-nos a ambos, na confusão... Havia muito que ela me desejava; tinha ciúmes. E além disso era uma cabeça desequilibrada, tinha idéias extravagantes... Tantos assassínios de um só golpe, toda uma multidão em sangue... Ah! A maldita!

Os olhos alargavam-se-lhe, um tique nervoso repuxava-lhe o lábios; e calou-se, e continuaram a olhar-se durante um grande minuto, arrancando as visões abomináveis que se evocavam entre eles, continuou a meia voz:

— Ah! Ela morreu, é por isso que ela me aparece! Depois que recuperei os sentidos, parece-me estar sempre a vê-la. Esta manhã, ainda, voltei-me, julgando senti-la à cabeceira da cama.. Ela morreu e nós vivemos. Contanto que ela não se vingue agora!

Severina estremeceu.

— Cala-te, que me fazes doida!

E saiu; Tiago ouviu que ela descia para falar com o outro ferido. Ele, que ficara à janela, esqueceu-se de novo a examinar a estrada, a casinha do guarda da cancela, com o seu grande poço, a barraca onde Misard parecia dormir na sua regular e monótona faina. Aquelas coisas absorviam-no agora durante horas, como à procura da solução de um problema que importava à sua salvação. Misard não se cansava de olhar para ele, aquela criatura



mesquinha, parada, e macilenta, continuamente sacudida numa tossezinha má, que envenenara a mulher, e que conseguira dar cabo daquela mulheraça, como um inseto roedor obstinado na sua paixão. Seguramente, havia anos, ele não tivera outra idéia na cabeça, de dia e de noite, durante as doze intermináveis horas do seu serviço. A cada repique elétrico que lhe anunciava um comboio, tocava a cometa; passado o comboio, fechava a estrada, premia um botão para anunciar ao posto imediato e premia outro para tornar o caminho livre; eram movimentos simplesmente mecânicos, que tinham acabado por entrar como hábitos do corpo na vida vegetativa. Ilétrado, obtuso, não lia nunca, ficava de mãos abanando, olhar perdido entre os sons dos seus aparelhos. Quase sempre sentado na sua guarita, sua única distração era almoçar, porisso prolongava o almoço o mais possível. Depois, caía outra vez no seu embotamento.

O crânio vazio, sem um pensamento, atormentado principalmente por terríveis sonolências, adormecendo às vezes com os olhos abertos. De noite se não queria sucumbir àquele irresistível torpor, levantava-se, andava, com as pernas bambas, como um homem embriagado.

E era assim que a luta com sua mulher, aquele surdo combate pelos mil francos escondidos, que só obteria depois da morte dela, devia ter sido, durante meses, a única reflexão nesse cérebro entorpecido de homem solitário. Quando ele tocava a cometa, quando manobrava os sinais, velando como autômato pela segurança de tantas vidas, pensava no veneno; e quando esperava, com os braços inertes, os olhos vacilantes de sono, pensava ainda. Nada para além disso; ele matara-a, procuraria, seria ele quem possuiria o dinheiro.

Tiago admirava-se de o encontrar ainda no mesmo. Matava-se, pois, sem conseqüência, e a vida continuava. Depois da febre das primeiras pesquisas, Misard efetivamente, cairá de novo na sua fleugma, de uma brandura sonsa de criatura frágil que receia cheques. No fundo, apesar de haver matado, sua mulher continuava a triunfar; porque ele ficava batido, virava e revirava a casa, sem descobrir nem um cêntimo; e só pelo olhar, inquieto e investigador, se sabia da sua preocupação, na sua face terrosa. Tornava a ver, mirando-o aos olhos abertos da morta, o riso pavoroso dos seus lábios, que repetiam: "Procura! Procura!" Procurava, sem dar ao cérebro um minuto de repouso; sem descanso ele trabalhava, à procura do lugar em que o pecúlio estaria enterrado, recomeçando o exame dos lugares possíveis, deixando os que já havia esquadrinhado, abrasando em febre, logo que imaginava um novo lugar, possuído então de uma tal pressa que deixava tudo para a ele correr inutilmente; suplício de Tântalo, tortura vingadora, espécie de insônia cerebral que o mantinha acordado, e sempre, refletindo a pesar seu, sob o compasso da idéia fixa. Quando soprava na cometa, uma vez para os comboios descendentes, duas para os comboios ascendentes, procurava; quando obedecia aos toques de campainha, quando tocava os botões dos aparelhos, fechando e abrindo o caminho, procurava, procurava sem parada, procurava indefinidamente, de dia durante as longas esperas, estupidificado pela ociosidade, de noite, atormentado de sono, como exilado no fim do mundo, no silêncio de imenso cemitério. E a Ducloux, a mulher que agora guardava a cancela trabalhada no desejo de se fazer esperar entregava-se aos

pequenos cuidados caseiros, inquieta porque ele nunca sossegava.

Uma noite, Tiago dando já uns passos pelo quarto, levantou-se e aproximou-se da janela; viu, então, uma lanterna a caminhar de um lado para o outro em casa de Misard: certamente um homem procurava alguma coisa. Mas, na noite seguinte, como o convalescente espreitasse de novo, teve o assombro de reconhecer Cabuche, numa grande forma sombria, de pé, na estrada, debaixo da janela do quarto onde dormia Severina. Isto, sem que ele soubesse o motivo, ao invés de o irritar, encheu o seu coração de comiseração e tristeza: mais um desgraçado, aquele grande bruto ali, como animal, doido de amor e fiel. Na verdade, Severina, tão franzina, que quando analisada em seus traços, não era bonita, era, contudo, de um encanto poderoso com os seus cabelos negros e os pálidos olhos de pervinca, para que os próprios selvagens, os colossos acanhados, tivessem assim a carne presa, a ponto de passarem a noites à porta dela, como rapazinhos nervosos! Recordou-se dos fatos, do interesse de Cabuche em auxiliá-la, dos olhos de servidão com que ele se lhe oferecia. Assim decerto, Cabuche amava-a, desejava-a. No outro dia, tendo-o espreitado, viu-o apanhar furtivamente um grampo de cabelo, que cairá da cabeça dela, ao fazer a cama, e que ele guardava na mão fechada, para não ter de restituir. Tiago pensava no seu próprio tormento, tudo o que ele tinha sofrido de desejo, tudo quanto lhe voltava de perturbante e assustador, com a saúde.

Passaram-se ainda dois dias, estava findando a semana e, assim como o médico previra, os feridos poderiam recomeçar seu serviço. uma manhã, de sua janela, o maquinista viu passar sobre uma máquina completamente nova o seu fogueiro, Pecqueux, que lhe acenou com a mão, como se o chamasse. Mas ele não tinha pressa, um despertar de paixão, retinha-o ali na expectativa ansiosa do que esperava. Nesse mesmo dia, ouviu, lá embaixo, de novo, as risadas frescas e juvenis, uma alegria de meninas crescidas, enchendo a triste habitação com a algazarra de um colégio na hora de recreio. Reconheceu as pequenas Dauvergne. Não falou nisso a Severina, aliás, fugida o dia inteiro, sem estar cinco minutos junto dele. Depois, à noite, a casa caiu num silêncio de morte. E como, com o ar grave, um pouco pálida, ela se demorasse no seu quarto, ele olhou-a nos olhos e perguntou-lhe:

— Então ele foi-se embora, as irmãs levaram-no?

Ela respondeu em voz breve:

— Sim.

— Estamos sós, enfim, completamente sós?

— Sim, completamente sós... Amanhã é preciso separar-nos, eu volto para o Havre.

Acabou-se o acampamento neste deserto.

Ele continuava a olhar para ela, sorridente e, ao mesmo tempo, vexado.

Contudo decidiu-se:

— Sentes que ele tenha partido, hein?

Ela estremeceu, quis protestar, mas ele a impediu.

— Não procuro questões. Bem vêes que não sou ciumento. Um dia disseste-me que te matasse, se me fosses infiel, e, bem vêes, eu não tenho o aspecto de um homem que pensa em

matar a amante... Mas, realmente não saias de lá de baixo. Era impossível estar a gente um minuto comigo. Acabei por recordar-me do que me dizia teu marido, que tu, uma bela noite, ainda havias de dormir com aquele rapaz, sem prazer, unicamente para recomeçares uma coisa nova.

Ela repetiu per duas vezes, lentamente, sem protestar.

— Recomeçar, recomeçar...

Depois, num lance de irresistível franqueza:

— Pois bem! Escuta, é verdade. Nós podemos dizer-nos tudo. Há muitas coisas que nos ligam. Há meses que este homem me perseguia. Ele sabia que eu te pertencia, e pensava que não me custaria também pertencer-lhe. E, quando o encontrei lá embaixo, falou-me ainda, dizendo que me amava muito, com o ar tão cheio de reconhecimento pelos cuidados que eu lhe dava, com uma tal suavidade de ternura, que, é verdade, tive um momento o devaneio de o amar também, de recomeçar outra coisa sem prazer talvez, mas que me teria acalmado.

Interrompeu-se, hesitante antes de continuar:

— Porque, diante de nós ambos, agora, está tudo fechado, não podemos ir mais longe. O nosso sonho de partida, aquela esperança de sermos ricos e felizes, lá longe, na América, toda aquela felicidade que dependia de ti, é impossível, porque não pudeste. Oh! não te censuro, vale mesmo mais que isso não se tenha realizado; mas eu quero fazer-te compreender que, de ti já nada mais tenho a esperar: amanhã será como ontem, os mesmos enfados, os mesmos tormentos.

Ele deixava-a falar e, quando a viu calada, falou:

— E foi por isso que foste com o outro?

Ela dera alguns passos pelo quarto mas voltou, encolhendo o: ombros:

— Não, eu não fui com ele, digo-te com toda a simplicidade, e tu acreditas-me, estou certa, porque doravante não teremos que mentir um ao outro. Não, não pude, assim como tu não pudeste quanto ao outro caso, não é? Espanta-te que uma mulher não se possa dar a um homem, quando raciocina no caso, achando que teria nisso algum interesse. Eu mesma, não pensava tanto, não me custava ser gentil, quero dizer, fazer essa vontade a meu marido ou a ti, quando os via amarem-me tanto. Espera-me em Paris, mais tarde, porque eu, vendo-o infeliz, não o quis-deseesperar.

Ela tinha razão, Tiago acreditava-a, via bem que não mentia. E apoderara-se dele uma angústia, a perturbação terrível do seu desejo aumentava, ao pensar que estava agora fechado sozinho com ela, longe do mundo, na chama reacendida da paixão. Para disfarçar, falou:

— Mas o outro, ainda há outro, aquele Cabuche!

Um brusco movimento a fez de novo voltar para trás.

— Ah! Reparaste, sabes também isso! Sim, é verdade, há também esse. Eu pergunto a mim mesma o que é que eles têm todos... Esse nunca me disse uma palavra. Mas eu bem vejo que ele torce os braços quando nos beijamos. Ouve-me tratar-te por tu e chora pelos cantos. Depois, furta tudo, coisas de meu uso, luvas até lenços desaparecem e que ele leva lá para

baixo, para a caverna, como tesouros. Simplesmente, não vais imaginar que eu seja capaz de ceder àquele selvagem. É grande demais, far-me-ia medo. Tanto mais que ele não pede nada. Não, não, aqueles grandes animais, quando são tímidos, morrem de amor sem nada exigirem. Pode-rias deixar-me um mês à sua guarda, que não me tocava com a ponta dos dedos, como nunca tocara na Luizinha, oh! por isso respondo eu hoje.

A esta recordação seus olhares encontraram-se: reinou o silêncio. As coisas do passado evocavam-se, o seu encontro em casa do juiz de instrução, em Ruão, depois a sua primeira viagem a Paris, tão doce, os seus amores, no Havre, e tudo que se seguira de bom e de terrível. Ela aproximou-se mais: estava tão perto que ele sentiu a tepidez da sua respiração.

— Não, não, ainda menos com esse do que com o outro. Com ninguém, ouves, porque não poderia... E queres saber porque? Sinto-o nesta hora, estou certa de não me enganar: é porque me tomaste toda por completo. Não há outro termo: sim, tomada, como se toma qualquer coisa com ambas as mãos, que se leva, de que se dispõe a cada minuto, assim como de um objeto que é nosso. Antes de ti, nunca fui de ninguém. Sou tua, e tua ficarei sendo, mesmo se não quiseses, mesmo se eu própria não quisesse... Não o saberia explicar. Encontramo-nos assim. Com os outros torna-se em medo, repugna-me; ao passo que tu fizeste isso com um prazer delicioso, uma verdadeira felicidade do céu... Ah! Eu só amo a ti, não posso já amar senão a ti!

Ela estendeu os braços, para o ter num abraço, para pousar a cabeça no ombro dele, a boca nos seus lábios. Mas ele segurara-lhe as mãos, retinha-a, perdido, aterrado de sentir o antigo calafrio subir-lhe pelos membros, com o sangue que lhe batia o crânio. Era o zumbido de seus ouvidos, as marteladas, o clamor de multidão das suas grandes crises de outrora. Desde certo tempo que ele não podia já possuí-la em pleno dia, nem mesmo à claridade de uma vela, no receio de enlouquecer, se a visse. E estava ali um candeeiro, que os iluminava vivamente a ambos; e se ele tremia assim, se começava a enraivecêr-se, devia ser porque lhe divisava a redondeza branca do colo, pelo decote aberto do vestido.

Suplicante, abrasadora, ela continuou:

— Pode a nossa existência estar fechada, tanto pior! Se eu não espero de ti nada de novo, se sei que o dia de amanhã há de trazer para nós os mesmos enfados e os mesmos tormentos, isso é-me indiferente, não tenho outra coisa a fazer senão arrastar? minha vida e sofrer contigo. Vamos voltar para o Havre, contanto que eu te tenha assim uma hora umas vezes por outras... Há três noites que não durmo, torturada no meu quarto, ali do lado de lá do patamar, pela necessidade de vir ter contigo. Tinhas sofrido tanto, parecias-me tão sombrio, que não me atrevia... Mas, deixa-me ficar contigo esta noite. Verás como há de ser bom, hei de fazer-me muito pequenina para não te incomodar. Depois, lembra-te, é a última noite... Estamos no fim do mundo, nesta casa. Escuta, não se sente um fôlego, não há uma alma. Ninguém pode vir, estamos sós, tão absolutamente sós que ninguém o saberia, se morrêssemos nos braços um do outro.

Agora, no furor do seu desejo de posse, exaltado por aquelas carícias, Tiago não tinha armas, estendia os dedos para estrangular Severina, quando, espontaneamente, ela cedeu ao

hábito adquirido, voltou-se e apagou o candeeiro. Então agarrou nela e deitaram-se. Foi uma das suas mais ardentes noites de amor, a melhor, a única em que eles se sentiram confundidos, desaparecidos um no outro. Quebrados dessa felicidade, aniquilados ao ponto de já não sentirem o corpo, não adormeceram, entretanto, ficaram ligados num abraço. E, como durante a noite da confissão em Paris, no quarto da tia Vitória, ele ouvia-a silencioso, enquanto ela, com a boca colada ao seu ouvido, ciciava baixinho palavras sem fim. Talvez naquela noite ela tivesse sentido a morte passar-lhe pela nuca, antes d apagar o candeeiro. Até àquele dia, ela permanecera sorridente, inconsciente, sob a ameaça contínua da morte nos braços do amante. Mas acabava de sentir-lhe o calafrio, e era aquele terror inexplicado que a ligava tão estreitamente àquele peito de homem numa necessidade de proteção. A sua ligeira respiração era como que o próprio dom da sua pessoa.

— Oh! Queridinho, se tivesses podido, como seríamos felizes lá longe! Não, não, já não tornarei a pedir que me faças o que não podes fazer; unicamente pesa-me tanto o nosso sonho! Tive medo, há pouco. Não sei, parece que me ameaça qualquer coisa. É uma criancice sem dúvida; a todos os minutos me volto, como se estivesse aí alguém, prestes a ferir-me! E só tenho a ti, meu amor, para defender-me. Toda a minha alegria depende de ti, és agora a minha única razão de viver.

Sem responder, ele apertou-a mais, pondo nessa pressão o que não dizia; a sua emoção, o seu desejo sincero de ser bom para e o amor violento, que ela sempre lhe inspirava. Ele quisera ainda matá-la naquela noite; porque se ela não se tivesse voltado pa apagar a luz, era certo que a teria estrangulado. Nunca ele se curaria, as crises voltavam ao acaso dos fatos, sem que ele pudesse descobrir-lhe, discutir-lhe as causas. Assim porque tinha vindo essa crise naquela noite, quando ele a encontrava fiel, de uma paixão ampla e confiante? Era então verdade que, quanto mais ela o amava, mais ele a queria possuir até ao ponto de a destruir, nessas trevas pavorosas do egoísmo do macho? Tê-la como a terra, morta...

— Dize, meu amor, porque é então que eu tenho medo? Sabes ss pesa sobre mim alguma ameaça?

— Não, não, sossega, nada te ameaça.

— É que há momentos em que todo o meu corpo treme. Sinto um perigo contínuo, que não vejo mas que pressinto. Porque tenho eu medo?

— Não, não, não tenhas medo. Eu amo-te, não deixarei que ninguém te faça mal. Vês como é bom estar assim um dentro do outro!

E houve um silêncio delicioso.

— Ah! Meu amor, continuou ela com o seu pequeno sopro de carícias, noites e noites ainda, todas iguais a esta, noites sem fim em que estivéssemos nós dois assim fazendo um só... Sabes, venderíamos esta casa, partiríamos cem o dinheiro, para irmos à América com o teu amigo, que continua a esperar por ti. Não me deito um dia sem pensar na nossa vida lá longe. E todas as noites seriam como esta noite, tu tomar-me-ias, eu seria tua, acabaríamos por adormecer nos braços um do outro. Mas não podes, eu bem o sei. Se te falo nisso, não é para causar-te desgosto, é porque brota do meu coração, sem eu querer.

Uma decisão brusca, que ele tantas vezes tomara já, invadiu Tiago: matar Roubaud, para não a matar. Desta vez, como das outras, julgou ter a vontade absoluta, inabalável.

— Não pude, murmurou ele por sua vez, mas hei de poder. Não o prometi eu?

Ela protestou fracamente.

— Não, não prometas, peço-te. Ficamos doentes depois, quando te faltou a coragem. E, depois, é horrível, não é preciso, não, não é. necessário.

— Sim, bem o sabes, é preciso, pelo contrário. E porque é preciso, é que hei de encontrar a força. Eu queria falar-te nisso, e vamos falar, pois que estamos sós os dois, tranqüilos a ponto de não vermos a cor das nossas palavras.

Já ela se resignava, suspirando, o coração intumescido, batendo tão fortemente, que até ele o sentia bater contra o seu próprio coração.

— Oh! Meu Deus! Enquanto isso não se devia fazer, eu o desejava... Mas agora, que se torna sério, já não posso viver.

E calaram-se, houve um novo silêncio, sob o peso violento dessa resolução. Em volta deles sentiam o deserto, a desolação daquela região feroz. Tinham muito calor, os membros lentos, enlaçados, fundidos juntos.

Depois, como numa carícia errante, ela dava-lhe beijos no pescoço, na barba; foi ela quem recomeçou o seu ligeiro murmúrio:

— Seria necessário que ele aqui viesse... Sim, eu poderia chamá-lo, sob um pretexto. Não sei qual. Veremos mais tarde... Então, não é assim? Tu o esperarias, ocultar-te-ias; e isso caminhará por si, porque aqui há a certeza de não haver quem incomodasse. É isso que se torna preciso fazer, não achas?

Dócil, enquanto os seus lábios desciam da barba para o colo, ele contentou-se em responder:

— Sim, sim.

Mas ela, muito refletida, pesara todos os pormenores; e à medida que o plano se ia desenvolvendo na sua cabeça, aprimorava-o e melhorava-o.

— Unicamente, amor, seríamos muito tolos se não tomássemos precauções. Para sermos presos no dia seguinte, preferiria estar como estamos. Vês tu, li isto, não me recordo aonde, num romance com certeza: o melhor seria fazer acreditar num suicídio. Ele anda tão estúpido, tão desequilibrado e tão sombrio, que não surpreenderia ninguém saber bruscamente que ele veio para aqui se matar... Mas o caso estava em achar o meio, arranjar a coisa, de medo que fosse aceitável a idéia do suicídio... Não te parece?

— Sim, decerto.

Ela procurava, um tanto sufocada, porque ele lhe prendia a garganta com os lábios para a beijar toda.

— Hein? Qualquer coisa que ocultasse os vestígios... é uma idéia! Se, por exemplo, a coisa fosse no pescoço, o que teríamos a fazer era levá-lo nós dois, e pô-lo atravessado na estrada. Percebes? Por-lhe-íamos o pescoço em cima da calha, de modo que o primeiro comboio que viesse o decapitasse. Depois podiam procurar à vontade, quando tudo ficasse

esmagado: nem mais buraco, nem mais nada... Que te parece, dize?

— Isso assim era bom.

Ambos se animavam, ela estava quase alegre, e orgulhosa de ter imaginação. A uma carícia mais viva, percorreu-lhe todo o corpo um estremecimento.

— Não, deixa-me, espera um pouco mais... Porque, queridinho, penso no caso; aquilo ainda não serve. Se ficas aqui comigo, o suicídio parecerá equívoco de toda a maneira. É preciso que te vás embora, entendes? Amanhã partes, mas de modo ostensivo, diante de Cabuche, diante de Misard, para que a tua partida fique bem estabelecida. Tomas o comboio em Barentin, apeias-te em Ruão, sob qualquer pretexto; depois, logo que cair a noite, voltarás e eu faço-te entrar pelos fundos. São apenas quatro léguas, podes estar de volta em menos de três horas. Desta vez está tudo preparado. Se quiseres, está feito.

— Está feito, sim, quero.

Ele próprio, agora, refletia, já não a beijava, inerte. E houve ainda um silêncio, enquanto eles se conservavam assim, sem se mexerem nos braços um do outro como aniquilados no ato futuro, resolvido, certo, doravante. Depois, lentamente, voltou-lhes a sensação dos seus dois corpos e abafavam-se num abraço muito apertado, quando ela se deteve com os braços desenlaçados.

— É verdade! E o pretexto para o fazer vir? Nunca poderá tomar senão o comboio das oito da noite, depois do seu serviço, e não pode chegar antes das dez horas: ainda vale mais... Olha! Justamente aquele pretendente para a casa, de quem Misard me falou e que deve vir vê-la depois de amanhã de manhã! Olha. logo que me levante, vou telegrafar a meu marido que a sua presença é absolutamente necessária aqui. Amanhã à noite está aqui. Tu partes à tarde, e podes estar de volta antes dele chegar. Já está escuro, não há lugar, nada que nos incomode... Tudo se arranja perfeitamente.

— Sim, perfeitamente.

E, desta vez, transportados até ao desmaio, amaram-se. Quando adormeceram, finalmente, no fundo do grande silêncio, conservando-se sempre muito abraçados, ainda não era dia, a madrugada começava a branquear as trevas que os havia ocultado um ao outro como envolvidos num manto negro. Ele até às dez horas dormiu um sono profundo, sem um sonho; e quando abriu os olhos, estava só; ela vestia-se no seu quarto, do outro lado do patamar. Uma faixa de sol claro entrava pela janela, incendiando os cortinados vermelhos da cama, as guarnições vermelhas das paredes, todo aquele vermelho de que flamejava o quarto; enquanto a casa toda tremia com o Trovejar de um comboio que passava. Devia ter sido o comboio que c tinha despertado. Deslumbrado, olhou para o sol, para aquele jorro vermelho em meio do qual se encontrava; depois, lembrou-se: estava decidido, seria na próxima noite que ele havia de matar, quando esse grande sol tivesse desaparecido.

As coisas passavam-se naquele dia, como Severina e Tiago as tinham resolvido. Ela, antes do almoço, pediu a Misard que levasse a Doinville o telegrama para seu marido; e, pelas três horas, como Cabuche ali estava, ele fez abertamente os preparativos de partida. Até, como ele se dispunha a tomar em Barentin o comboio das quatro e catorze, Cabuche

acompanhou-o, por não ter nada que fazer pela surda necessidade que o aproximava dele, feliz por encontrar no amante um pouco da mulher que desejava. Em Ruão, onde Tiago chegou às cinco horas menos vinte, foi hospedar-se, perto da estação, numa estalagem dirigida por uma patrícia sua. Ao outro dia falava em visitar uns camaradas, antes de ir para Paris, a fim de retomar o serviço. Mas disse-se muito fatigado, por ter presumido de mais das suas forças; e, logo às seis horas, retirou-se para dormir, para um quarto que ele pedira que lhe dessem no rés-do-chão, com uma janela que dava para uma rua deserta. Daí a dez minutos estava a caminho de Croix-de-Maufras, depois de haver transposto essa janela, sem ser visto, tendo o cuidado de ajustar as persianas, de moda a poder entrar secretamente.

Só às nove e um quarto é que Tiago se encontrou em frente da casa solitária, situada em viés à beira da linha, na angústia do seu abandono. A noite estava muito escura, luz alguma iluminava a fachada hermeticamente fechada. E sentia ainda no coração o choque doloroso, aquele ataque de terrível tristeza, que era como que o pressentimento da desgraça, cujo inevitável vencimento o esperava ali. Assim como estava combinado com Severina, atirou três pedrinhas para a janela do quarto vermelho; depois passou por detrás da casa, onde, silenciosamente, uma porta abriu-se. Depois de a fechar após si, seguiu os passos ligeiros que subiam a escada, às apalpadelas. Mas lá em cima, à luz do candeeiro grande que ardia no ângulo de uma mesa, quando ele avistou a cama já desfeita, os vestidos da amante atirados sobre uma cadeira, e ela própria em camisa, de pernas nuas, e penteada já para a noite, com os cabelos espessos enrolados no alto da cabeça deixando o pescoço a descoberto, ficou imóvel de surpresa.

— Como, já estavas deitada?

— Pois então! Assim é melhor... Foi uma idéia que eu tive, percebes; quando ele chegar, e eu descer a abrir-lhe a porta assim como estou, ainda menos desconfiaria. Conto-lhe que me apoquentaram umas grandes dores de cabeça. Já Misard imagina, que efetivamente me dói. Isto permitir-me-á dizer que não saí deste quarto, quando amanhã de manhã o encontrarem atravessado na linha.

Mas Tiago estremecia, irritava-se.

— Não, não, veste-te... É preciso que estejas em pé. Não podes ficar assim.

Ela começou a sorrir, admirada.

— Mas porque, filho? Não te inquietes, afianço-te que não tenho frio absolutamente nenhum. Vê como estou quente!

Com um movimento gracioso, aproximava-se, para se lhe pendurar ao pescoço com os seus braços nus, erguendo o colo redondo, que a camisa, que escorregara dum ombro, punha a descoberto.

E como ele recusasse, numa irritação crescente, ela tornou-se dócil.

— Não te zangues, eu vou outra vez deitar-me. Assim não tens razão para ter medo que eu adoça.

Quando ela se deitou, puxando a roupa até ao queixo, ele pareceu efetivamente sossegar um pouco. Depois, ela continuou a falar com ar tranqüilo, explicando-lhe como tinha



arranjado as coisas lá na sua cabeça.

— Logo que ele bater, eu desço a abrir-lhe. Primeiro tive a idéia de o deixar subir até aqui, onde o esperarias. Mas para o levar para baixo, havia de trazer complicações; e depois, este quarto tem soalho de madeira, ao passo que o vestíbulo é lajeado, o que me permitirá lavar facilmente, se houver manchas... Mesmo, quando ainda agora me despia, pensava num romance, em que o autor conta que um homem, para matar outro se pusera completamente nu. Tu compreendes? Lava-se depois, e não lhe fica na roupa o menor pinga... Hein! Se te despisses também, se tirássemos as camisas?

Assustado, Tiago olhou para ela. Mas Severina tinha o seu rostinho suave, os seus olhos claros de moça, simplesmente preocupada com o bom andamento no negócio, para o seu bom efeito, tudo isto se passava na sua cabeça.

Dele, a esta evocação das suas duas nudezas, sob o salpicar do assassinio, apossava-se de novo, sacudindo-o até aos ossos... o abominável estremecimento.

— Não, não!... Como selvagens, então! Porque não lhe comer também o coração? Tu o detestas.

A face de Severina assombrara-se bruscamente. Aquela pergunta levava-a, dos seus preparativos de dona-de-casa prudente, para o horror do ato. Arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas.

— Tenho sofrido demasiado de há meses para cá, não posso gostar dele. Tudo de preferência a viver com aquele homem uma semana sequer. Mas tens razão, é horroroso chegar a isto; somente para podermos ser felizes juntos... Enfim, desceremos sem luz. Colocar-te-ás por trás da porta e eu a abrirei e, quando ele tiver entrado, procederás como quiseres... Eu, se me ocupo disto, é para ajudar-te, é para que não tenhas o trabalho todo. Eu preparo tudo o melhor que posso.

Diante da mesa, ele parará, vendo a faca, a arma que já servira ao próprio marido, que ela acabava de pôr ali evidentemente para que ele, por sua vez, ferisse com ela.

A faca luzia à luz do candeeiro. Pegou-a e examinou-a. Ela, calada, olhava também. Pois que, ele a tinha na mão, era inútil falar-lhe nela. E Severina só continuou quando Tiago a pousou outra vez em cima da mesa.

— Não é verdade, amor? Não sou eu que te impilo. É tempo ainda; se não podes, vai-te embora.

Mas, com um' gesto violento, ele teima.

— Então tomas-me por algum cobarde? Desta vez tem de ser; jurei-o!

Naquele momento a casa foi abalada pelo trovão dum comboio que passava como um raio, tão perto do quarto, que parecia atravessá-lo com o seu estrondear. Ele acrescentou:

— Aí tens o comboio dele, o direto de Paris. Apeou-se em Barentin, dentro de meia hora está aqui.

Tiago e Severina não falaram mais; reinou um longo silêncio. Viam lá no fundo, aquele homem adiantando-se pelos estreitos atalhos, através da noite escura. Ele, mecanicamente, pusera-se também a andar pelo quarto, como se contando os passos do outro, que cada

passada ia aproximando mais. Mais um, mais outro; e, ao último, estaria ele emboscado detrás da porta do vestíbulo, cravar-lhe-ia a faca no pescoço, logo que o outro entrasse. Severina, sempre com a roupa puxada até ao queixo, deitada de costas, com os grandes olhos fixos, via-o andai' de um lado para o outro, com o espírito embalado pela cadência do seu andar, que lhe chegava como o eco dos passos longínquos de Roubaud. Nada os deteria já. Quando chegassem ao fim, ela saltaria da cama, desceria para abrir, descalça, sem luz. "És tu, meu amigo, entra, eu já estava deitada". E ele sequer responderia, cairia na escuridão, com a garganta aberta. De novo passou o comboio, este descendente, o misto que cruzava com o direto diante de Croix-de-Maufrais, a cinco minutos de distância. Tiago parará surpreendido. Cinco minutos apenas. Impelia-o a necessidade de movimento. Recomeçou outra vez a andar duma extremidade a outra do quarto. Interrogava-se já inquieto, semelhante a um macho, a quem um acidente nervoso fere na sua virilidade: poderia ele? Conhecía bem, em si, a marcha do fenómeno, por já haver seguido mais de dez vezes: a princípio uma certeza, uma resolução absoluta de matar; depois uma opressão dentro do peito, um resfriamento dos pés e das mãos; e, de súbito, o desfalecimento, a inutilidade da vontade sobre os músculos torrados inertes. A fim de se excitar pelo raciocínio, repetiu a si mesmo o que por tantas vezes já pensara: o seu interesse em suprimir aquele homem, a fortuna que o esperava na América, a posse da mulher que ele amava. O pior era que, ainda agora, ao vê-la, meio nua, julgava que a coisa ainda falhara; porque ele deixava de pertencer-se, logo que reaparecia o seu antigo calafrio. Por um momento ele tremeu diante da tentação demasiado forte, ela a oferecer-se, e aquela faca, ali diante dela. Mas agora sentia-se sólido, preparado para o esforço. Havia de poder. E continuava a esperar o homem, medindo o quarto da porta para a janela, passando a cada volta, por junto do leito, que ele não queria ver.

Severina, naquela cama onde se haviam amado durante as horas abrasadoras e negras da noite precedente, continuava quieta. Com a cabeça imóvel sobre o travesseiro seguia-o com um vaivém de olhar, ansiosa ela também, agitada do receio de que, nessa noite ainda, ele se não atrevesse. Acabar com o outro, recomeçar, não queria senão isso no fundo da sua inconsciência de mulher de amor, complacente para o homem, toda dedicada àquele que a possuía, sem coração para o outro que ela nunca desejara. Desembaraçavam-se dele, porque ele incomodava, nada mais natural; e ela devia refletir para comover-se com a abominação do crime; desde que a imagem de sangue, das complicações horríveis se desvanecia de novo, recaía ela no seu repouso sorridente, com o seu rosto de inocência, terno e dócil. Contudo ela, que julgava conhecer bem Tiago, assombrava-se. Tinha a cabeça redonda de rapaz formoso, os cabelos encaracolados, os bigodes muito pretos, os olhos pardos diamantados de ouro; mas o maxilar inferior mexia de tal modo, numa espécie de movimento para devorar, que o desfigurava. Ao passar junto dela fitava-a e o brilho dos seus olhos embaciara-se dum fume avermelhado, ao passo que se empertigava para trás, num recuar de todo o seu corpo. Que tinha ele, pois, para a evitar? Abandona-lo-ia uma vez mais a coragem? Desde algum tempo que, na ignorância do contínuo perigo de morte em que estava para com ele, Severina explicava o medo sem causa, instintivo que experimentava, pelo

pressentimento de um rompimento próximo. Bruscamente, teve a convicção de que, se, logo, não pudesse matar, fugiria, para nunca mais voltar. Então ela decidiu que ele havia de matar, que saberia dar-lhe força para isso, se dessa força, tivesse necessidade. Naquele momento passava um novo comboio, de mercadorias, interminável, cuja cauda de vagões parecia rodar h;via muito tempo, no silêncio pesado do quarto. E, erguida sobre um cotovelo, esperava que aquele abalo de furacão se perdesse ao longe, no fundo do campo adormecido.

— Ainda um quarto de hora, disse Tiago muito alto. Já passou o bosque de Bécourt, está na metade do caminho. Como é longo!

Mas, quando voltava para a janela, encontrou de pé, diante da cama, Severina em camisa.

— Se descêssemos com o candeeiro, explicou ela, verias o lugar, colocar-te-ias, mostrar-te-ia como hei de abrir a porta, e qual o movimento que tu terias de fazer.

Ele recuava, tremendo.

— Não, não! O candeeiro não!

— Mas ouve, ocultamo-nos depois. Contudo precisas saber... Ela não obedecia, caminhava para ele, pelo contrário, com o sorriso invencível e despótico da mulher que se sabe onipotente pelo desejo. Quando ela o tivesse nos seus braços, ele cederia à sua carne, faria o que ela quisesse. E continuava a falar numa voz de carícia, pata o vencer.

— Vamos, meu filho, que tens? Dir-se-ia que tens medo de mim. Se eu me aproximo, pareces evitar-me. E se soubesses neste momento a necessidade que eu tinha de me apoiar a ti, de sentir que estás aí, que estamos completamente de acordo, para sempre, percebes?

Ela acabara por fazê-lo encostar-se à mesa, não podendo ele fugir mais; ele fitava-a na viva claridade do candeeiro. Nunca a vira assim, com a camisa aberta, o penteado tão alto, porque estava toda nua, o pescoço nu, os seios nus. Ele sufocava, lutando já vencido, atordoado pela onda do próprio sangue, no abominável calafrio. E lembrava-se de que por detrás dele em cima da mesa, estava a faca: sentia-a, bastando estender a mão.

Com um esforço, conseguiu ainda gaguejar:

— Torna a deitar-te, suplico-te.

Ela não se enganava; era a muita vontade que ele tinha dela que o fazia assim tremer. Severina sentia até com isso uma espécie de orgulho. Porque lhe havia ela de obedecer se queria ser amada naquela noite tanto quanto ele podia amá-la, até à loucura? Com uma flexuosidade caridosa, aproximava-se cada vez mais; estava quase sobre ele.

— Aqui estou, beija-me. Abraça-me com tanta força quanta aquela com que me amas. Isso dar-nos-á coragem... A coragem de que bem precisamos. É preciso amar-nos de modo diverso dos outros, para fazer o que vamos fazer. Abraça-me com todo o teu coração, com toda a tua alma.

Estrangulado, ele já não respirava. O clamor de multidão que sentia no crânio impedia-o de ouvir; enquanto mordeduras de fogo, por detrás das orelhas, lhe furavam a cabeça, lhe tomavam os braços, as pernas, o expulsavam do próprio corpo, ao galope do outro, a besta invasora. As mãos deixavam-lhe de pertencer, na embriaguez excessivamente forte, dessa

nudez de mulher. Os seios nus esmagavam-se contra a sua roupa, o pescoço patenteava-se, muito branco, muito delicado, numa irresistível tentação; e o aroma quente e áspero, soberano, acabou de o lançar numa furiosa vertigem, num balouçar sem fim, em que soçobrada a s»a. vontade, arrancada, aniquilada.

— Abraça-me, meu amor, enquanto temos um minuto ainda. Ele vai chegar. Se ele caminhou depressa, de um segundo para o outro, pode bater. Visto que não queres que desçamos, lembra-te bem: eu abro; estás atrás da porta; e não esperes, logo, oh! logo, para acabar... Amo-te tanto, seremos tão felizes! Ele não passa de um mau homem, que me tem feito sofrer, que é o único obstáculo à nossa felicidade. Abraça-me, anda! Oh! Muito, muito! Abraça-me, como se me devorasses, para que, fora de ti, nada mais reste de mim!

Tiago, sem se virar, com a sua mão direita, tateando para trás, pegara na faca. £, por um memento, permaneceu assim, a apertá-la no punho. Seria a sua sede que voltara, de vingar ofensas muito antigas, de que tivesse perdido a memória exata, aquele rancor amontoado de macho para macho, desde a primeira traição no fundo das cavernas? Fitava em Severina os seus olhos doidos, sentia a necessidade de a atirar morta para cima dos próprios ombros, como uma presa que se arranca aos outros. A porta do espanto abria-se sobre esse abismo negro do sexo, o amor até na morte, destruir, para possuir mais.

— Abraça-me, abraça-me...

Ela derrubava o seu rosto submisso, de uma ternura suplicante, descobria o pescoço nu, na atração voluptuosa do colo. E ele, vendo aquela carne branca, como num clarão de incêndio, ergueu o punho armado da faca. Mais ela vira o relâmpago da lâmina, atirou-se para tias, hiante de surpresa e de terror.

— Tiago, Tiago... Eu, meu Deus! Por que? Por que? Com os dentes cerrados, ele não dizia uma palavra, perseguia-a.

Uma curta luta a levou para junto da cama. Ela recuava, desvairada, sem defesa, a camisa caída.

— Por que? Meu Deus! Por que?

E ele deixou cair o punho, e a faca cravou-lhe a pergunta na garganta. Quando feriu, revolveu a arma, por uma terrível necessidade da mão que com isso se satisfazia: o mesmo golpe que para o presidente Grandmorin, no mesmo lugar, com o mesmo ódio. Ela tinha gritado? Ele nunca o soube. Naquele segundo passava o expresso de Paris, tão violento, tão rápido, que o soalho tremeu, e ela estava morta, como fulminada nessa tempestade.

Imóvel, Tiago olhava para ela, estendida a seus pés diante da cama. O comboio perdia-se ao longe, e ele fitava-a no pesado silêncio do quarto vermelho. No meio daquelas guarnições vermelhas, daqueles cortinados vermelhos, deitada por terra, ela jazia numa onda de sangue, que corria por entre os seios, expandia-se sobre o ventre, até uma das coxas, de onde caía em grossas gotas para o chão. A camisa meio rasgada, estava ensopada. Nunca ele supôs que ela tivesse, tanto sangue. E o que o retinha, pasmado, era a máscara de abominável terror que tomava, na morte, aquela face de mulher bonita, doce, tão submissa. Os cabelos, pretos, tinham-se eriçado, um capacete de horror, sombrio como a noite. Os

olhos de pervinca, desmesuradamente abertos, perguntavam ainda, perdidos, terrificados do mistério. Por que, por que a havia ele assassinado?

E ela acabava de ser esmagada, levada na fatalidade do assassinio, como inconsciente que a vida rolara da lama para o sangue, terna e inocente, apesar de tudo, sem que ela nunca o houvesse compreendido.

Mas Tiago surpreendeu-se. Ouviu um rinar de cavalo, grunhido de javali, rugido de leão, -a tranqüilizou-se: era ele que resfolegava. Enfim! Enfim! Satisfizera-se finalmente, havia matado! Sim, ele tinha feito aquilo! Uma alegria desenfreada, um gozo enorme o levantava na plena satisfação do eterno desejo, experimentava uma surpresa de orgulho, um engrandecimento da sua soberania de macho, a mulher, matara-a, possuía-a como ele havia muito desejava possuí-la, por completo, até a aniquilar. Já não existia, nunca mais pertenceria a ninguém. E uma recordação agora lhe voltava, a do outro assassinado, o cadáver do presidente Grandmorin, que ele vira naquela noite terrível, a quinhentos metros dali. Aquele corpo delicado, tão branco, riscado de vermelho, era o mesmo farrapo humano, o palhaço partido, o trapo mole, que uma facada faz de uma criatura. Sim era isso. Matara e tinha aquilo por terra. Como o outro, ela dera também uma cambalhota, mas cairá de costas, as pernas desviadas, o braço esquerdo dobrado debaixo do flanco, o direito torcido, meio arrancado do ombro. Não era naquela noite que com o coração batendo, ele jurara executar, por sua vez, num prurido de assassinio, que se exasperava como uma concupiscência, ao espetáculo do homem degolado? Ah! Não ser covarde, satisfazer-se, cravar a faca! Obscuramente, aquilo havia germinado, havia crescido nele; não se passava uma hora, havia um ano, sem que ele estivesse caminhando para o inevitável; mesmo no pescoço daquela mulher, sob os seus beijos, o trabalho surdo completava-se; e os dois assassinios tinham-se ligado; não seriam um a lógica do outro?

Um alarido de desmoronamento, um abalo do soalho tiraram Tiago da contemplação hiente em que estava em frente da morta. Voavam as portas em estilhaços? Seriam homens para o prender? Ele olhou, não vendo em redor de si senão a solidão surda e muda. Ah! sim, mais um comboio! E aquele homem que ele ia ferir embaixo, aquele homem que ele queria matar? Esquecera-o completamente. Se de nada se sentia pesaroso, é porque se julgava imbecil. O que? Que se tinha passado? A mulher que ele amava, de quem era apaixonadamente amado, jazia ali no chão, de garganta rasgada; ao passo que o marido, o obstáculo à sua felicidade, vivia ainda, continuava a avançar passo a passo, nas trevas. Aquele homem a quem havia meses poupavam os escrúpulos de sua educação, as idéias de humanidade lentamente adquiridas e transmitidas, não o pudera ele esperar, e com desprezo do seu interesse, acabava de ser arrebatado pela hereditariedade da violência, por aquela necessidade de assassinio que nas florestas primitivas, lançava a fera para cima da fera. Mata-se, porventura, por raciocínio? Só se mata sob o impulso do sangue e dos nervos, um vestígio das antigas lutas, a necessidade de viver e a alegria de ser forte. Só sentia uma lassitude saciada, perturbava-se, procurava compreender, sem encontrar outra coisa no mundo mesmo da sua paixão satisfeita, senão o espanto e a amarga tristeza do irreparável. A

vista da desgraçada, que continuava a olhar para ele com a sua interrogação terrificada, tornava-se atroz. Quis desviar os olhos, tendo a sensação de que outra figura branca se erguia aos pés da cama. Seria um desdobramento da morta?

Depois reconheceu Flora. Ela já lhe havia aparecido, na febre, depois do acidente. Sem dúvida, ela triunfava, vingada àquela hora. Gelou-o um terror; perguntava a si mesmo o que estava a fazer, demorando-se tanto naquele quarto. Matara, estava satisfeito, embriagado com o terrível vinho do crime. Tropeçou na faca que ficara no chão, e fugiu, desceu aos trambolhões a escada, abriu a porta principal da entrada como se a pequena não fosse suficientemente larga, e arremessou-se para fora, internando-se na noite escura como tinta, e no seu galope se perdeu, furioso. Não se voltou. A casa equívoca à beira da linha, ficou aberta e desolada, atrás dele, no seu abandono de morte.

Cabuche, naquela noite, como nas anteriores, transpusera a sebe do terreno, rondando sob a janela de Severina. Ele bem sabia que Roubaud era esperado e não se admirava da luz que filtrava pela fenda duma persiana. Mas aquele homem que galgara a porta de entrada, aquele homem cujo galope desvairado de animal correndo pelo campo acabava de o pregar de surpresa. E já não era tempo de se lançar em perseguição do fugitivo! Cabuche ficou perturbado, inquieto e hesitante, diante da porta aberta, sobre a grande mancha negra do vestíbulo. Que sucederia? Deveria entrar? O silêncio, a imobilidade absoluta, enquanto aquele candeeiro ardia lá em cima, oprimia-lhe o coração numa angústia crescente.

Por fim, Cabuche decidiu-se e subiu às apalpadelas. Diante da porta do quarto, que vira aberta, parou de novo. Na claridade tranqüila, parecia-lhe ver de longe um monte de saias diante da cama; Severina estava despida, com toda a certeza. Mansamente, chamou, perturbado, as veias batendo-lhe com força. Depois, avistou o sangue, compreendeu, correu, com um grito horrível que saía do seu coração despedaçado. Meu Deus! Era ela, assassinada, atirada ali, na sua imobilidade. Julgou que estertorava, sentia um tal desespero, uma tão dolorosa vergonha, em vê-la agonizar completamente nua, que a tomou num ímpeto fraterno, em plenos braços, levantou-a sobre o leito, puxou um lençol para a cobrir. Mas nesse abraço, única ternura que entre eles houvera, cobrira-se ele de sangue, ambas as mãos e o peito. O sangue dela corria por ele. E, naquele minuto, viu que Roubaud e Misard chegavam.

Acabavam, eles também de subir, achando abertas todas as portas. O marido chegava com atraso, por se ter demorado conversando com o guarda das cancelas, que depois o acompanhara, continuando a conversação. Ambos, estupefatos, olhavam para Cabuche, com as mãos cobertas de sangue, como as de um açougueiro.

— O mesmo golpe que para o presidente, acabou por dizer Misard, examinando o ferimento.

Roubaud abanou a cabeça, sem responder, sem poder desprender os olhos de Severina, dessa máscara de abominável terror, os cabelos negros eretos sobre a fronte, os olhos azuis desmesuradamente abertos, que perguntavam: por que?

## XII

Três meses depois, por uma tépida noite de junho, Tiago pilotava o expresso do Havre, que partira de Paris às seis horas e trinta. Sua nova máquina, a máquina 608, absolutamente nova, que começava a conhecer bem, não era cômoda, não pegava nem era rebelde, como aquelas éguas novas que era preciso domar com o exercício, antes de se resignarem ao arnez. Praguejava muita vez contra ela, tendo saudades da Lison; tinha que vigiá-la de perto, com a mão sempre no volante da mudança de andamento. Mas naquela noite, o céu estava duma suavidade tão deliciosa, que ele sentia-se inclinado à indulgência, deixando-a galopar um pouco segundo a sua fantasia, ele próprio satisfeito por respirar largo. Nunca ele passara tão bem, sem remorso, o aspecto consolado, numa grande paz feliz.

Ele, que nunca falava pelo caminho, gracejou com Pecqueux, que continuava a ser o seu fogueiro.

— O que? Você abre os olhos como uma pessoa que nunca bebeu senão água?

Pecqueux, efetivamente, contra o seu costume, parecia estar em jejum e muito sombrio. Respondeu com voz dura:

— É preciso abrir os olhos quando se quer ver claro. Desconfiado, Tiago olhou para ele como homem que não tem

a consciência limpa. Na semana precedente, deixara-se levar nos braços da amante do camarada, aquela terrível Filomena, que, havia muito, se esfregava por ele, como uma galinha amorosa. E não houvera nisso unicamente um mínimo de curiosidade sensual; cedera principalmente ao desejo de fazer uma experiência: estaria ele realmente curado, agora que satisfizera a sua horrorosa necessidade? Poderia ele possuir aquela sem lhe cravar uma faca na garganta? Por duas vezes já a possuirá, e nem um mal-estar nem um calafrio. A sua grande alegria, o seu aspecto tranqüilo e ri-sonho, devia provar, mesmo sem ele o saber, a felicidade de já não ser um homem como os mais.

Pecqueux abria a fornalha da máquina, para colocar carvão; ele deteve-o:

— Não, não, não lhe dê impulso demais; ela assim vai bem. Então o fogueiro grunhiu más palavras:

— Oh! muito bem. Um bonito estupor, uma bela porcaria! Quando penso que se batia na outra, na velha, que era tão dócil! Esta marafona não vale um pontapé no rabo.

Tiago para não se zangar, evitara responder. Mas bem sentia que a antiga família a três já não existia porque a boa amizade, entre ele, o camarada e a máquina tinha desaparecido com a morte da Lison. Agora questionavam por qualquer motivo, por um parafuso apertado demais, por uma pá de carvão atirada de través. *h* prometia a si mesmo ser prudente com Filomena, não querendo chegar a uma guerra aberta, naquele estreito pavimento movediço

que os transportava, a ele e ao seu fogueiro. Enquanto Pecqueux, por gratidão de não ter sido maltratado, de poder tirar os seus sonos marotos, de acabar os restos das provisões, se fizera seu cão obediente, dedicado até estrangular toda a gente, ambos tinham vivido como irmãos, silenciosos no perigo cotidiano, sem necessidade de palavras para se entenderem. Mais aquilo ia-se transformar num inferno, se não estivessem já de acordo, vivendo sempre ao lado um do outro, sacudidos juntos. Justamente a Companhia tivera, na semana anterior, de separar o maquinista e o fogueiro do expresso de Cherburgo, desunidos por causa de uma mulher; o primeiro, brutalizava o segundo, que já não obedecia: pancadas, verdadeiras batalhas pelo caminho, no esquecimento completo da cauda de viajantes, que rodava atrás deles, a toda a velocidade.

Por duas vezes ainda, Pecqueux reabriu a fornalha, atirando-lhe carvão para dentro, por desobediência, procurando um pretexto para questão, decerto, e Tiago fingiu não dar por isso, com a precaução, em cada uma das vezes, de fazer girar o volante do injetor, para diminuir a pressão. Estava tão macio, o ventinho fresco da marcha era tão bom, naquela quente noite de julho. Às onze horas e cinco, quando o expresso chegou ao Havre, os dois homens, fizeram a *toilette* da máquina, num ar de bom acordo, como dantes.

Mas no momento em que deixavam o Depósito para irem deitar-se, na casa da Rua François-Mazeline, chamou-os uma voz.

— Vão hoje com muita pressa! Entrem um minuto!

Era Filomena, que, do limiar da casa do irmão, devia espreitar Tiago. Tivera um movimento de viva contrariedade, avistando Pecqueux; e só se decidiu a chamar os dois pelo prazer de conversar ao menos com o seu novo amigo, apesar de ter de suportar a presença do antigo.

— Não nos amoles, trovejou Pecqueux. Só serves para aborrecer-nos; o que nós temos é sono.

— É amável! replicou alegremente Filomena. Mas o senhor Tiago não é como tu, e bebe um copinho. Não é verdade, senhor Tiago?

O maquinista ia recusar, por prudência, quando o fogueiro bruscamente aceitou, cedendo à idéia de os espreitar, para adquirir a certeza. Entraram para a cozinha, e sentaram-se em frente de uma mesa, onde ela pusera copos e uma garrafa de aguardente, continuando em voz baixa:

— Mas não façam barulho, porque meu irmão dorme lá em cima, e não gesta que eu receba amigos.

Depois quando os servia, acrescentou:

— A propósito, sabem que a tia Lebleu foi-se, esta manhã... Oh! Isto já eu tinha dito: aquilo há de matá-la se a puserem nos quartos de trás, uma verdadeira prisão. Durou ainda quatro meses, a consumir-se, por não ver senão o zinco da marquise. E o que a acabou mais, desde que se lhe tornou impossível mexer-se da sua -poltrona, foi seguramente não poder continuar a espionar a sra. Guichon e o senhor Dabadie, um hábito que ela tomara.

É verdade, foi tanta a raiva por não ter surpreendido nunca entre eles a mínima coisa,



que morreu disso.

Filomena deteve-se, bebeu uma golada de aguardente, e, com uma risada:

— Com certeza que eles dormem juntos. O que eles são é espertos! Não te vi, nem te conheci; por aqui me sirvo... Eu creio que aquela magricela da senhora Moulin já o viu uma noite. Mas não há perigo de que essa dê à língua...

De novo se interrompeu para dizer:

— É verdade, é na próxima semana que se julga em Ruão o processo dos Roubaud.

Até ali Tiago e Pecqueux tinham-na escutado, sem dizerem uma palavra. O último achava-a simplesmente muito faladora, nunca, com ele, fizera tanta despesa de conversação; e não tirava os olhos de cima dela, pouco a pouco esquentado pelo ciúme, ao vela assim excitar-se na presença do seu chefe.

Filomena aproximou-se, muito contente por ter roçado nêie com o cotovelo.

— Eu também sou testemunha. Ah! senhor Tiago, quando me interrogavam a seu respeito, porque o senhor sabe que quiseram conhecer a verdade acerca das suas relações com aquela pobre senhora; sim, quando me interrogaram, eu disse ao juiz: 'Mas senhor juiz, ele adorava-a: é impossível que lhe tivesse feito mal!' Não é verdade? Eu via-os juntos, e estava em situação de poder falar.

— Oh! disse Tiago num gesto de indiferença, eu não estava inquieto, podia dar hora por tora conta do emprego do meu tempo. Se a Companhia me conservou, foi porque nada havia a censurar-me.

Reinou um silêncio; os três beberam lentamente.

— Faz estremecer, explicou Filomena. Aquele animal feroz, aquele Cabuche, que prenderam, ainda rodo coberto de sangue da pobre senhora! Há realmente homens muito idiotas! Matar uma mulher, porque se tem vontade dela, como se isso lhes adiantasse alguma coisa, depois da mulher morta!... E o que eu nunca mais poderei esquecer enquanto for viva, foi quando o senhor Cauche, lá embaixo, no apeadeiro, veio prender também o senhor Roubaud. Eu estava presente. Sabem que isto se passou unicamente oito dias depois, quando o senhor Roubaud, no dia seguinte ao do enterro da mulher, retomara o seu serviço com ar tranqüilo. Foi então que o senhor Cauche lhe deu uma palmada no ombro, dizendo que tinha ordem de o prender. Imaginem! Eles, que não se separavam, que jogavam juntos noites inteiras! Mas quando se é comissário, não é assim? Até se conduz pai e mãe à guilhotina, visto que a profissão assim o exige. O senhor Cauche! ainda agora o vi no café do Comércio, jogando cartas, lembrando-se tanto do amigo como do grão Turco!

Pecqueux deu uma palmada na mesa.

— Com um milhão de diabos! Se eu estivesse no lugar daquele Roubaud! O senhor dormia com a mulher dele. Vem outro e mata-a. E a ele é que mandam para os tribunais... Não, é de estourar de raiva!

— Mas, grande animal, exclamou Filomena, se o acusam de ter impellido o outro a desembaraçá-lo da mulher, sim, por questões de dinheiro, eu sei lá! Parece que encontraram em casa de Cabuche o relógio do presidente Grandmorin; vocês lembram-se,

aquele sujeito que assassinaram na carruagem da estrada de ferro, há dezoito meses. Então ligaram este crime, com o crime doutro dia, uma história muito complicada, e muito escura. Eu não posso explicar, mas veio no jornal, duas colunas.

Distraído, Tiago parecia nem ouvir. Murmurou:

— Para que serve quebrar a cabeça? A gente não tem nada com isso! Se a justiça não sabe o que faz, não havemos de ser nós que o havemos de saber.

Depois acrescentou com os olhos perdidos ao longe, as faces invadidas de palidez:

— Em tudo isto, só há essa pobre mulher. Ah! pobre, pobre mulher!

— Eu, concluiu violentamente Pecqueux, eu, que tenho uma mulher, se alguém se lembrasse de tocar nela, começaria por estrangulá-los a ambos, depois podiam cortar-me o pescoço à vontade, que isso para mim era indiferente.

Houve um novo silêncio, Filomena, que enchia pela segunda vez os copinhos, afetou encolher os ombros, rindo escarninhamente. Mas, no fundo, estava muito atrapalhada, estudava-o com um olhar oblíquo. Ele desleixava-se muito, andava muito porco, todo esfarrapado, depois que a tia Vitória, tornada impotente em seguida à sua fratura, fora obrigada a abandonar o seu posto de saúde e a fazer-se admitir num hospital. Já lá não estava em Paris, tolerante e maternal, para lhe por nos bolsos as suas moedas de prata, para o remendar, não querendo que a outra, a do Havre, a acusasse de trazer o seu marido mal arrumado. E Filomena, seduzida pelo ar engraçado e limpo de Tiago, fazia-se enojada.

— Era a tua mulher de Paris que tu estrangulavas? perguntou ela por bravata. Haveria perigo de que te roubassem aquela!

— Aquela ou outra! resmungou ele.

Mas já ela saudava com um ar de gracejo.

— A tua saúde, olha! E traze-me a roupa, para eu mandar lavar e remendar, porque realmente, tu não nos dás honra, nem a uma nem à outra. À sua saúde, senhor Tiago!

Como se tivesse saído de um sonho, Tiago estremeceu. Na ausência completa do remorso, naquele alívio, naquele bem-estar físico em que vivia, depois do assassinio, Severina era lembrada às vezes comovendo até às lágrimas o homem sensível que nele havia. E ele correspondeu dizendo precipitadamente, para ocultar a sua perturbação:

— Sabem que vamos ter guerra?

— Não é possível! exclamou Filomena. Com quem?

— Com os prussianos, por causa de um príncipe deles, que quer ser rei de Espanha. Ontem na câmara, não se tratou doutra coisa.

Então ela mostrou-se desolada.

— Está bem! Isto vai ser bonito! Já nos têm atormentado com as tais eleições, com o plebiscito, com os tumultos de Paris!... Só nos faltava esta!... E se houver guerra levam os homens todos?

— Oh! Nós estamos livres; as comunicações não se podem desorganizar. Mas só a maçada que a gente há de ter por causa do transporte das tropas e dos aprovisionamentos! Enfim, se ela vier, não teremos remédio senão cumprir o dever.

E dizendo isto levantou-se, quando ela acabara de pôr uma das pernas por baixo das dele e que Pecqueux dera por isso, com o sangue no rosto, apertando já os punhos.

— Vamos deitar-nos, que são horas.

— Sim, sempre será melhor, gaguejou o fogueiro.

Ele agarrara um braço de Filomena e apertava-o até quase o quebrar. Ela reteve um grito de dor, contentando-se em segredar ao ouvido do maquinista, enquanto o outro raivosamente esvaziava o copo:

— Desconfia dele, é um verdadeiro bruto quando bebe. Mas na escada sentiam-se passos pesados; e ela assustou-se:

— Meu irmão!... Fugam depressa!

Ainda os dois homens não estavam a vinte passos da casa, quando ouviram bofetadas, seguidos de gritos. Era a abominável correção, como uma rapariga apanhada em flagrante, com o nariz num boião de doce. O maquinista parará, querendo ir em seu socorro. Mas foi detido pelo fogueiro:

— Que? Que tem o senhor com aquilo! Ah! O estupor! Assim ele desse cabo dela!

Chegado à Rua François-Mazeline, Tiago e Pecqueux deitaram-se, sem trocar uma palavra. As duas camas quase se tocavam, na estreiteza do quarto; e por muito tempo ficaram acordados, de olhos abertos, cada um a escutar a respiração do outro.

Era na segunda-feira que deviam começar, em Ruão, os debates do processo Roubaud. Era um triunfo para o juiz de instrução, Denizet, porque eram inesgotáveis os elogios, no mundo judiciário, sobre o modo porque ele acabava de encaminhar aquele processo complicado e obscuro: uma obra-prima de fina análise, dizia-se, uma reconstituição lógica da verdade, uma verdadeira criação, numa palavra.

Em primeiro lugar, logo que se transportou para o local do crime, na Croix-de-Maufras, algumas horas depois do assassinio de Severina, o senhor Denizet mandou prender Cabuche... Tudo o condenava abertamente: o sangue que dele corria, os depoimentos esmagadores de Roubaud e de Misard, que contavam de que maneira o haviam surpreendido, com o cadáver, só, perdido... Interrogado, compelido a dizer porque e como se achava naquele quarto Cabuche, balbuciou uma história, que o juiz recebeu com um encolher de ombros, de tal modo que ela lhe pareceu néscia e clássica. Ele já esperava aquela história, sempre a mesma, do assassino imaginário, do criminoso inventado, de quem o verdadeiro criminoso dizia ter ouvido a fuga, através da escuridão do campo. Se corresse bem devia estar longe. Depois, quando lhe perguntaram o que ele fazia àquela hora diante da casa, Cabuche perturbou-se, recusou responder acabando por dizer que passeava. Era infantil; como acreditar naquele desconhecido misterioso, assassinando, fugindo, deixando abertas todas as portas, sem ter esquadrinhado um móvel nem levado sequer um lenço? De onde teria vindo? Por que teria ele matado? O juiz, todavia, tendo sabido, logo que principiou o inquérito, da ligação da vítima com Tiago, tratou de saber como este empregara o tempo; mas, além do próprio acusado ter declarado que acompanhara Tiago até Barentin, para seguir no comboio das quatro a catorze, o estalajadeiro de Ruão afirmava que o rapaz, que

se deitara logo depois de jantar, só sairá do quarto no dia seguinte de manhã, às sete horas. E depois, um amante não degola sem razão a amante a quem adora, com quem nunca teve a sombra de uma questão. Seria absurdo. Não! Não! havia somente um assassino possível, um assassino evidente, o indivíduo que a justiça encontrara ali, com as mãos tintas de sangue, a faca aos pés, aquele estúpido animal que contava à justiça histórias da carochinha.

Mas, chegado a esse ponto, apesar da sua convicção, apesar do seu faro, que, dizia ele, o esclarecia melhor do que quaisquer provas o senhor Denizet teve um instante de embaraço. Numa primeira pesquisa, feita no pardieiro do acusado, em plena floresta de Bécourt, não se descobrira absolutamente nada. Não podendo ser estabelecido o roubo, era preciso procurar outro motivo para o crime. Bruscamente do acaso de um interrogatório, Misard pô-lo no caminho, contando que vira numa noite Cabuche escalar o muro da propriedade, para ver, pela janela do quarto, a senhora Roubaud que se deitava. Interrogado por sua vez, Tiago disse tranqüilamente o que sabia, a muda adoração de Cabuche, o desejo ardente com que a perseguia, sempre atrás das saias dela, a servi-la. Não havia, pois, a menor dúvida: só uma paixão bestial o impulsionara; e tudo se reconstruía muito bem, o homem voltando e entrando pela porta de que podia ter uma chave deixando a aberta na sua perturbação, depois a luta de que resultará o assassinio, em seguida a violação interrompida unicamente pela chegada do marido. Contudo, apresentou-se uma última objeção, porque era singular que aquele homem, sabendo desta chegada inesperada tivesse escolhido justamente a hora em que o marido podia surpreendê-lo; mas, refletindo bem, essa circunstância tornava-se uma agravante para o acusado, acabava de o enterrar, estabelecendo que devia ter procedido assim sob o império de uma crise suprema de desejo, excitado pelo pensamento de que, se não aproveitasse o minuto em que Severina estava ainda só, naquela casa isolada, nunca mais seria possível, pois que ela partia no dia imediato. Desde esse momento, a convicção do juiz ficou completa, inabalável.

Aguilhado de interrogatórios, preso na meada sabiamente conduzida das perguntas, ignorante dos laços que lhe eram armados, Cabuche obstinava-se na sua primeira versão. Passara pela estrada, respirava o ar fresco da noite, quando um indivíduo roçara por ele, e numa tal carreira, no fundo das trevas, que ele nem sequer podia dizer para que lado fugia. Então, inquieto, tendo lançado uma vista para a casa, vira que a porta tinha ficado escancarada. Decidira subir e encontrara a morta, quente ainda, que o fitava com os grandes olhos, tanto que, para a pôr sobre a cama, julgando-a viva, se tinha enchido de sangue. Não repetia senão isto, não variava num pormenor parecendo assim confinar-se numa história preparada de antemão. Quando procuravam fazê-lo sair daí, perturbava-se, calava-se, como homem de espírito limitado. Da primeira vez que o senhor Denizet o interrogara acerca da paixão em que ele ardia pela vítima, tornara-se vermelho como um rapazote a quem se exproba a sua primeira ternura; e negara, defendera-se, de ter pensado em deitar-se com aquela senhora, como de uma coisa muito feia, inconfessável, uma coisa delicada e misteriosa também, sepultada no mais profundo do seu coração, de que não devia confessar a ninguém. Não, não! Não a amava, não a desejava, nunca o obrigariam a falar do que lhe

parecia uma profanação, agora que ela estava morta. Mas aquela obstinação em não concordar com um fato que várias testemunhas afirmavam, agravava ainda a situação. Pela versão da acusação, ele tinha interesse em ocultar o desejo furioso em que estava daquela que ele devia matar, para satisfazer-se. B, quando o juiz, reunindo todas as provas, querendo arrancar-lhe a verdade, ferindo o golpe decisivo lhe lançara em rosto aquele assassinio e aquela violação, ele investira num furor louco de protesto. Ele, matá-la para a possuir! Ele, que a respeitava como a uma santa! Os policiais que foram chamados, tiveram que segurá-lo, porque ele prometia acabar com tudo. Um vilão dos mais perigosos, em suma, sonso, mas cuja violência rebentava sem querer, confessando por ele os crimes que negava.

Estava nesse ponto a instrução, o acusado enfurecia-se, gritava que fora o outro, o fugitivo misterioso, de cada vez que se voltava ao assassinio, quando o senhor Denizet fez um achado, que transformou o processo, decuplicando de súbito a importância. Ele o dizia, tinha o faro da verdade! Assim quis, por uma espécie de pressentimento, proceder pessoalmente a uma outra pesquisa no pardieiro de Cabuche; e aí descobriu, simplesmente, por trás de uma trave, um esconderijo onde havia lenços e luvas de mulher, debaixo dos quais estava um relógio de ouro que ele reconheceu imediatamente, com grande pasmo; era o relógio do presidente Grandmorin, tão procurado por ele noutro tempo, um magnífico relógio com duas iniciais entrelaçadas, tendo no interior da caixa o número de fabricação 2516. Foi como um raio; tudo se iluminou, o passado ligava-se ao presente, os fatos que ele juntava, encaminhavam no pela sua lógica. Mas as conseqüências iam até tão longe, que sem falar primeiro do relógio, interrogou Cabuche acerca das luvas e dos lenços. Este teve, por um momento, a confissão nos lábios; sim, adorava-a, sim desejava-a, a ponto de beijar os vestidos que ela usava, a ponto de apanhar, de roubar tudo quanto caía da sua pessoa, lenços, colchetes, alfinetes. Depois, uma vergonha, um pudor invencível, fê-lo calar. E quando o juiz, decidindo-se, lhe pôs o relógio diante, Cabuche olhou para ele com um ar estupefato.

Lembrava-se bem: aquele relógio tivera ele a surpresa de encontrar amarrado na ponta de um lenço, que ele tirara debaixo do travesseiro, que levava para casa como uma presa; depois, deixara-o ficar, enquanto quebrava a cabeça à procura da maneira de o restituir. Unicamente, para que servia contar com ele? Seria preciso confessar todos os outros roubos, aqueles trapos, aquela roupa que cheirava bem, e de que tinha tanta vergonha. Já não acreditavam nada do que ele dizia.

E ele começava já a não compreender, tudo se baralhava no seu crânio de homem simples, entrava em pleno pesadelo. Já nem se irritava quando o acusavam de assassino; ficava aparvalhado, repetia a cada pergunta que não sabia. Quanto às luvas e aos lenços, não sabia. O que ele queria é que o deixassem sossegado, e o guilhotinassem logo.

O senhor Denizet, no dia seguinte, mandou prender Roubaud. Lançara o mandado de prisão, forte da sua onipotência em um desses minutos de inspiração, em que acreditava no gênio da sua perspicácia, antes mesmo de ter, contra o sub-chefe provas suficientes. Apesar de numerosas obscuridades ainda, adivinhava nesse homem o fundo da origem do duplo processo; e triunfou logo quando apanhou à mão a doação ao sobrevivente, que Roubaud e

Severina se haviam feito, perante mestre Collin, notário no Havre, oito dias depois de haverem entrado na posse da Croix-de-Maufras. Desde então, reconstruiu-se a história inteira no seu crânio, com certeza de raciocínio, força de evidência, que deu à sua acusação uma solidez tão indestrutível, que a própria verdade teria sido menos verdadeira, sobrecarregada de mais fantasia e ilogismo. Roubaud era um covarde, que por duas vezes, não tendo coragem, se servira do braço de Cabuche, esse animal violento. Da primeira vez, na pressa de herdar de Grandmorin, cujo testamento conhecia, sabendo também do rancor do canteiro contra este, empurrara-o em Ruão para o *coupé*, depois de lhe haver posto a faca na mão. Depois, divididos os dez mil francos, os dois cúmplices não se teriam talvez tornado a ver, se o assassinio não se originasse do assassinio. E aqui o juiz mostrou aquela profundidade de psicologia criminal, que tanto lhe admiravam: porque, declarava-o hoje, nunca deixara de vigiar Cabuche, a sua convicção era de que o primeiro crime traria matematicamente o segundo. Só dezoito meses: o casamento desorganizara-se, o marido gastara os cinco mil francos no jogo, a mulher tomara um amante para distrair-se. Ela decerto recusara vender a Croix-de-Maufras, com receio de que ele dissipasse o dinheiro; talvez que, em contínuas discussões, ela ameaçasse entregá-lo à justiça. Em qualquer dos casos, havia numerosas testemunhas que estabeleciam a absoluta desunião dos dois esposos; e, aí, por fim, produziu-se a conseqüência longínqua do primeiro crime: Cabuche reaparecia, com os seus instintos de fera, o marido punha-lhe a faca na mão, para assegurar-se definitivamente a propriedade daquela casa maldita, que já havia custado uma vida. Tal era a verdade, a deslumbrante verdade, tudo aí ia dar: o relógio achado em casa do canteiro, sobretudo os dois cadáveres, feridos com golpe igual, na garganta, pela mesma mão, com a mesma arma, aquela faca apanhada no quarto.

Contudo, neste ponto, a acusação emitia uma dúvida: era que a ferida do presidente parecia ter sido feita por uma lâmina mais pequena e mais cortante.

Roubaud, a princípio respondia apenas sim e não, com o ai sonolento e pesado que adquirira. Não parecia admirado de ser preso, tudo se lhe tornara indiferente, na lenta desorganização do seu ser. Para o fazer falar haviam-lhe dado um guarda, com o qual ele jogava as cartas desde manhã até à noite; e era completamente feliz. Além do que, estava convencido da culpabilidade de Cabuche: só ele podia ter sido o assassino. Interrogado acerca de Tiago, encolhera os ombros, sorrindo, mostrando assim que conhecia as relações do maquinista com Severina. Mas quando o senhor Denizet, depois de o apalpar, acabou por desenvolver o seu sistema, impelindo-o, fulminando-o com a sua cumplicidade, esforçando-se por arrancar-lhe uma confissão, na surpresa de se ver descoberto, tornara-se muito circunspecto. Que diabo lhe faziam? Já não era ele, era o canteiro que havia matado o presidente, como havia matado Severina; e das duas vezes ele, contudo, era o criminoso, pois que o outro matara por sua conta e em seu lugar.

Esta aventura complicada estupidificava-o, enchia-o de desconfiança: seguramente armavam-lhe um laço, mentiam-lhe para o obrigar a confessar a sua parte no assassinio, no primeiro crime. Desde a sua prisão que já desconfiava de que a velha história renascia.

Confrontado com Cabuche, declarou não o conhecer. Unicamente, como ele, repetia que o encontrara tinto de sangue e prestes a violar a sua vítima, o canteiro irritou-se, e uma cena violenta, de confusão extraordinária veio baralhar ainda mais as coisas. Passaram-se três dias; o juiz multiplicava os interrogatórios, certo de que os dois cúmplices se entendiam para representarem na presença dele a comédia da hostilidade. Roubaud, muito cansado, tomara o partido de não responder, quando, de súbito, num minuto de impaciência, querendo acabar com aquela situação, cedendo a uma necessidade surda que o minava havia meses declarou a verdade, toda a verdade, só a verdade.

Naquele dia justamente, o senhor Denizet esforçava-se, sentado à sua secretária, velando os olhos com as suas pesadas pálpebras, enquanto os lábios móveis adelgaçavam num esforço de sagacidade. Havia uma hora que ele se exauria em continuadas astúcias, com aquele réu grosseiro, invadido de uma doentia gordura, que ele supunha de uma astúcia muito diluída, sob aquele pesado invólucro. E julgava tê-lo encurralado passo a passo, enlaçado por todos os lados, apanhado, enfim, na armadilha, quando o outro, com um gesto de homem levado à última extremidade, gritou que estava farto, que preferia confessar tudo, para não o atormentarem mais. Visto que queriam a todo o transe que ele fosse criminoso, ao menos que o fosse então das coisas que realmente praticara. Mas, à medida que contava a história, a sua mulher maculada quase em criança por Grandmorin, a sua raiva no crime ao saber dessas porcarias, e como havia morto, e por que é que tinha ficado com os dez mil francos, as pálpebras do juiz erguiam-se numa dúvida, ao passo que uma incredulidade irresistível, a incredulidade profissional distendia-lhe a boca numa careta escarninha. Sorria abertamente quando o acusado se calou. O sujeito era ainda mais forte do que ele pensava: tomar a responsabilidade do assassinio, fazer dele um crime passionnal, lavar-se assim de toda premeditação do roubo e sobretudo de toda cumplicidade, no assassinio de Severina, era decerto manobra atrevida, que indicava uma inteligência, uma vontade pouco vulgar. Unicamente, aquilo não podia subsistir.

— Vejamos, Roubaud, é preciso que nos não tome por crianças... Diz, então, o senhor, que era ciumento e que foi num dos seus acessos de ciúme que a matou?!

— Per certo.

— Mas se admitirmos o que conta, casou então com sua mulher não sabendo das relações dela com o presidente... Será verossímil? Pelo contrário, isso provaria, no seu caso, a especulação oferecida, discutida, aceita. Dão-lhe uma jovem, educada como uma senhora, dotam-na, o protetor dela torna-se seu protetor, o senhor não ignora que ele lhe deixa uma casa de campo em testamento, e pretende que não desconfiava de nada, absolutamente de nada! Vamos, o senhor sabia tudo, de outra forma não se explica o seu casamento... Além de que, basta a verificação dum fato para o confundir. O senhor não é ciumento, diga ainda, se é capaz, que é ciumento.

— Digo a verdade, matei num acesso de ciúme.

— Então, depois de ter morto o presidente por causa de antigas relações vagas, e que, de resto, o senhor inventa, explique-me como é que pôde tolerar um amante à sua mulher, sim,

aquele Tiago Lantier, um *tipo* sólido, aquele! Toda gente me falou naquela ligação, o senhor mesmo não me ocultou que a conhecia... Dava-lhes até liberdade de andarem juntos, por que?

Prostrado, com os olhos turvos, Roubaud olhava fixamente o vago sem achar uma explicação. Acabou por balbuciar:

— Não sei... Matei o outro, não matei este.

— Mas não me torne, pois, a dizer que foi um ciumento que se vingou, e não o conselho a que repita esse romance diante dos senhores jurados, porque encolheriam os ombros... Creia-me, mude de sistema, só a verdade o salvaria.

Desde esse momento, quando Roubaud se obstinava em dizer a verdade, mais convencido estava o juiz de que ele mentia. Tudo, aliás, se voltava contra ele, a ponto tal que o seu antigo interrogatório, por ocasião do primeiro inquérito, que deveria ter apoiado a sua nova razão, porque ele denunciara Cabuche tornou-se, pelo contrário, a prova de uma combinação extraordinariamente hábil entre os dois. O juiz refinava a psicologia do processo, com verdadeiro amor da profissão. Nunca, dizia ele, tinha descido tão ao fundo da natureza humana; e era adivinhação mais do que observação, porque se gloriava de pertencer à escola dos juizes videntes, dos que, num relance, desconcertam um homem. De resto, provas não faltavam, um conjunto esmagador. Doravante a instrução teria base sólida, a certeza brilhava, deslumbrante como a luz do sol. E o que aumentou ainda mais a glória do senhor Denizet foi ele ter resolvido o duplo processo duma só vez, depois de o haver reconstituído pacientemente no maior segredo. Depois, o êxito ruidoso do plebiscito não cessava de agitar o país, uma febre, que precede e anuncia as grandes catástrofes. Era, na sociedade daquele fim de império, na política, na imprensa principalmente, uma inquietação contínua, uma exaltação em que a própria alegria tomava uma violência doentia. Por isso, quando, depois do assassinio de uma mulher, no fundo daquela casa isolada da Croix-de-Maufras, se soube porque golpe de gênio, o juiz de instrução de Ruão acabava de exumar o velho processo Grandmorin e de o ligar ao novo crime, houve uma explosão de triunfo entre os jornais officiosos. De vez em quando efetivamente reapareciam, ainda nas folhas da oposição, as indiretas sobre o assassinio lendário, impossível de achar, aquela invenção da política, posta em evidência para ocultar as torpezas de certos figurões comprometidos. E a resposta ia ser decisiva, o assassino e o seu cúmplice tinham sido presos, a memória do presidente Grandmorin saíria intacta da aventura. As polêmicas recomeçaram, a emoção cresceu de dia para dia, em Ruão e em Paris. A solução neste romance atroz, que preocupava as imaginações, e aproximava todos, como se a verdade, irrefutável consolidasse o Estado. Durante uma semana inteira, a imprensa superabundou em pormenores.

Chamado a Paris, o Senhor Denizet apresentou-se na Rua do Rocher, no escritório particular do secretário-geral, senhor Camy-Lamotte. Encontrou-o de pé, no meio do seu gabinete, severo, de rosto emagrecido, mais fatigado; porque declinava, invadido de tristeza no seu cepticismo, como se tivesse pressentido, sob aquele esplendor de apoteose, o desmoronamento próximo do regime a que servia. Havia dois dias que era vítima de uma



luta interior, não sabendo ainda que uso faria da carta que teria arruinado todo o sistema da acusação, apoiando a versão de Roubaud, como prova irrecusável. Ninguém no mundo a conhecia, podia destruí-la. Mas, na véspera, o imperador lhe dissera que exigia, desta vez, que a justiça seguisse o seu curso, fora de qualquer influência, mesmo que com isso o seu governo viesse a sofrer: um simples clamor de honestidade talvez a superstição de que só um ato de injustiça, depois da aclamação do país, mudaria o destino. E se o secretário-geral não tinha, por si, escrúpulos de consciência, porque reduzira os negócios deste mundo a uma simples questão de mecânica, estava perturbado com a ordem recebida, e pensava consigo se deveria amar o amo até ao ponto de o desobedecer. O senhor Denizet triunfou, porém.

— Pois bem! O meu faro não me enganara, fora Cabuche que matara o presidente. Unicamente, talvez, a outra pista continha um pouco da verdade, e eu próprio sentia que o caso de Roubaud ficava escuro... Enfim, temo-los agora a ambos.

O senhor Camy-Lamotte olhava-o firmemente, com os seus olhos pálidos.

— Então todos os fatos do processo que me transmitiu estão provados, e a sua convicção é absoluta?

— Absoluta, sem hesitação, tudo se encadeia. Não me recordo dum processo, onde, apesar das aparentes complicações, o crime tenha seguido marcha mais lógica, menos fácil de determinar de antemão.

— Mas Roubaud protesta, confessa o primeiro assassinio, conta uma história, a mulher deflorada, ele doido de ciúmes, matando, numa alucinação de raiva cega. As folhas da oposição contam minuciosamente.

— Contam, para fazer escândalo, mas nem elas acreditam. Ciumento, aquele Roubaud, que facilitava as entrevistas da mulher com um amante! Ah! Ele pode, em pleno tribunal contar essa história, mas não conseguirá ser acreditado! Se ele ainda apresentasse alguma prova! Mas nada! Fala duma carta que ele pretende ter feito escrever à mulher e que deveria ter sido encontrada entre os papéis da vítima... O senhor secretário-geral, que classificou esses papéis, te-la-ia encontrado, se fosse verdade, não é?

O senhor Camy-Lamotte não respondeu. Era verdade. O escândalo ia ficar realmente enterrado, com o sistema do juiz: ninguém acreditaria em Roubaud; a memória do presidente seria lavada das suspeitas abomináveis, o império se beneficiaria dessa situação ruidosa de uma das suas criaturas. E, depois, visto que Roubaud se reconhecia criminoso, que importava que ele fosse condenado por uma ou por outra razão? Havia também Cabuche; mas se este não tinha tomado parte no primeiro assassinio, parecia ser realmente o autor do segundo. Depois, meu Deus! a justiça, que derradeira ilusão! Querer ser justo, não era um logro, quando a verdade anda tão obstruída? Mais valia ser prudente, escorar com os ombros aquela sociedade decadente, que ameaçava mina.

— Pois não é assim? repetiu o senhor Denizet, que o senhor não encontrou essa carta?

De novo o senhor Camy-Lamotte levantou para ele a vista; e, tranqüilamente, senhor único da situação, assumindo para a sua consciência o remorso que inquietara o imperador, respondeu:

— Não encontrei absolutamente nada.

Em seguida, sorrindo, muito amável, cumulou o juiz de elogios. Apenas uma ligeira prega dos lábios indicava uma invencível ironia. Nunca uma instrução fora conduzida com tanta penetração; e, era coisa decidida, Chama-lo-iam como conselheiro em Paris, depois das férias, para um lugar de renome. E assim o acompanhou até ao patamar.

— Só o senhor viu claro, é realmente admirável! E, quando a verdade fala, nada a pode deter, nem interesses pessoais, nem razões de Estado. Continuai, que o processo siga o seu curso, sejam quais forem as conseqüências.

— O dever da magistratura está todo aí — concluiu o senhor Denizet, saudando-o; e saiu, radiante.

Quando ficou só, o senhor Camy-Lamotte acendeu primeiro uma vela; depois, foi buscar a carta na gaveta, onde a guardara. A vela ardia, ele desdobrou a carta, releu as duas linhas; e evocou a recordação daquela criminosa delicada, de olhos de pervinca, que outrora o agitara de uma tão terna simpatia.

Agora, que estava morta, tornava a vê-la trágica. Quem sabia o segredo que se enterrara com ela? De certo, sim, uma ilusão, a verdade, a justiça! Para ele não restava dessa mulher desconhecida e encantadora, senão o desejo de um minuto, em que ela roçara nele e que ele não satisfizera. E, quando aproximava a carta da vela, e quando essa carta começava a queimar, apossou-se dele uma grande tristeza, um pressentimento de desgraça; para que destruir aquela prova, carregar a consciência com essa ação, se o destino era que o império fosse varrido, tal como a pitada de cinza negra que lhe cairá dos dedos?

Em menos de uma semana, o senhor Denizet concluiu a instrução. Encontrava na Companhia do Oeste uma boa vontade extrema, todos os documentos precisos, todos os testemunhos úteis, porque ela também desejava vivamente acabar com aquilo, como aquela deplorável história de um dos seus empregados, que, remontando através das rodagens complicadas do seu organismo, quase abalara o seu conselho de administração. Era preciso, o mais depressa possível, cortar o membro gangrenado. Por isso de novo desfilaram pelo gabinete do juiz, o pessoal da estação do Havre, o senhor Debadie, Moulin e os outros, que deram pormenores desastrosos sobre o mau procedimento de Roubaud; depois, o chefe da estação de Barentin, o senhor Bessière, assim como vários empregados de Ruão, cujos depoimentos tinham uma importância decisiva relativamente ao primeiro assassinato; em seguida, o senhor Vandorpe, o chefe da estação de Paris, o sinaleiro Misard e o condutor-chefe Henrique Dauvergne, estes dois últimos muito convidativos sobre as complacências conjugais do acusado. Mesmo Henrique, de quem Severina tratara na Croix-de-Maufrais, contava que uma noite, enfraquecido ainda, lhe parecia ter ouvido as vozes de Roubaud e de Cabuche, fazendo combinações diante da janela, o que bem explicava as coisas e punha por terra o sistema dos dois acusados, os quais pretendiam não se conhecerem.

Em todo o pessoal da Companhia se levantara um clamor de aprovação, levantavam-se as desgraçadas vítimas, aquela pobre moça, cujas faltas tantas desculpas tinham, aquele velho tão digno, hoje lavado das histórias escandalosas que corriam a seu respeito.

Mas o novo processo despertara principalmente paixões vivas na família Grandmorin e, por este lado, se o senhor Denizet encontrava ainda um auxílio poderoso, teve que batalhar para salvaguardar a integridade da sua instrução. Os Lachesnaye cantavam vitória, porque haviam sempre afirmado a culpabilidade de Roubaud, exasperados pelo legado da Croix-de-Maufrais, sangrando de avareza. Por isso, na ressurreição do processo, só viam uma ocasião de atacar o testamento; e, como só existia esse meio de alcançar a revogação do legado, o de ferir Severina com a acusação de ingratidão, aceitavam em parte a versão de Roubaud. A mulher cúmplice ajudando-o a matar, não para vingarem uma infâmia, mas para o roubar; de modo que o juiz entrou em conflito com eles, com Berta principalmente, muito severa contra a assassinada, sua antiga amiga, que ela acusava abominavelmente, e que ele defendia, aquecendo-se, arrebatando-se, desde que se tocava na sua obra-prima, naquele edifício de lógica, tão bem construído, como ele próprio declarava com seu ar de orgulho que, se lhe descolassem uma peça, tudo se desmoronaria.

Por este motivo houve no seu gabinete uma terrível cena entre os Lachesnaye e a senhora Bonnehon. Esta, outrora favorável aos Roubaud, abandonara o marido; mas amparava a mulher, por uma espécie de terna cumplicidade, tolerância para o encanto e para o amor, agitada por esse trágico romance de sangue. Foi muito clara, cheia de desdém pelo dinheiro. Sua sobrinha não tinha vergonha de falar ainda aquela questão da herança? Severina criminosa, não seria o mesmo que aceitar por completo as pretendidas confissões de Roubaud, e tornar a enxovalhar a memória do presidente? A verdade, se a instrução não tivesse tão engenhosamente estabelecido, teria sido preciso inventá-la para honra da família. E falou com certa amargura da sociedade de Ruão, onde o processo fazia tanto barulho, aquela sociedade em que ela já não reinava, agora que vinha a idade e que ela perdia até a sua opulenta beleza loira de deusa envelhecida. Na véspera ainda, em casa da senhora Leboucq, a mulher do conselheiro, essa loura alta e elegante que a destronava, contavam anedotas singulares, a aventura de Luizinha, tudo que a malícia pública inventara. Naquele momento, tendo intervindo o senhor Denizet, para lhe dizer que o senhor Leboucque tomaria parte como assessor nas seguintes audiências, os Lachesnaye calaram-se, com o aspecto de quem cedia, tomados de inquietação. Mas a senhora Bonnehon tranqüilizou-os, dizendo que a justiça cumpriria o dever; as audiências seriam presididas pelo seu velho amigo, o senhor Desbazzelles, a quem os reumatismos só permitiam a recordação, e o segundo assessor devia ser o senhor Chaumette, o pai do moço substituto, que ela protegia. Estava pois, sossegada, embora um melancólico sorriso lhe aflorasse aos lábios, quando citou este último, de quem, há algum tempo, se via o filho em casa da senhora Leboucq, onde ele o mandava, para não lhe entrar o futuro.

O famoso processo chegou enfim, mas o rumor de uma guerra próxima, a agitação que alastrava pela França inteira, prejudicaram a ressonância dos debates. Apesar disso, Ruão passou três dias de febre; a multidão comprimia-se às portas da sala, os lugares reservados eram invadidos pelas senhoras da cidade. Nunca o antigo palácio dos duques da Normandia tivera tal afluência de gente, desde que se tornara o palácio de Justiça. Era nos últimos dias

de junho, tardes quentes e cheias de sol, cuja claridade viva incendiava os vitrais das dez janelas, inundando de luz as guarnições de carvalho, o calvário de pedra branca que se destacava ao fundo sobre a parede vermelha semeada de abelhas, o celebre teto do tempo de Luís XII, com os seus caixotões de madeira esculpidos e dourados, de ouro velho muito suave. Abafava-se antes mesmo de abrir a audiência. As mulheres punham-se em bicos de pés, para ver em cima da mesa os objetos do corpo de delito, o relógio de Grandmorin, a camisa manchada de sangue de Severina, a faca que servira para os dois assassinios. O defensor de Cabuche, um advogado que viera de Paris, era igualmente observado. Nos bancos do júri alinhavam-se doze habitantes de Ruão, em sobrecasacas pretas, austeros e graves. E, quando o tribunal entrou, produziu-se um tal sussurro no público que estava de pé, que o presidente ameaçou evacuar a sala.

Finalmente, abertos os debates, os jurados prestaram juramento, e o chamamento das testemunhas agitou de novo a multidão num frêmito de curiosidade; aos nomes da senhora Bonnehon e do senhor de Lachesnaye, as cabeças ondularam; mas Tiago, sobretudo, apaixonou as senhoras, que o seguiram com os olhos. Além disso, desde que os acusados chegaram, cada um entre dois polícias, os olhares não os deixaram mais, trocando-se apreciações. Achavam-lhes o ar feroz, de bandidos. Roubaud com o seu jaquetão de cor sombria, com uma gravata descuidada, surpreendia pelo seu ar avelhantado, a face aparvalhada e rebentando de gordura. Quanto a Cabuche, era bem o que se imaginava, vestido com um comprida blusa azul, o tipo mesmo do assassino, punhos enormes, maxilas de carnívoro, enfim um desses tipos que nunca é bom encontrar num recanto de floresta. Os interrogatórios confirmaram essa má impressão, certas respostas levantaram violentos murmúrios. A todas as perguntas do presidente, Cabuche respondeu nada saber; não sabia como o relógio aparecera em casa dele, não sabia porque deixara fugir o verdadeiro assassino; e agarrara-se à historia daquele desconhecido misterioso, de quem dizia ter ouvido o galope na escuridão. Depois, interrogado acerca da sua paixão bestial pela sua desgraçada vítima, gaguejara, numa tão brusca e violenta cólera, que os dois polícias tiveram que segurá-lo pelos braços: não, não! não amara, não a desejara, eram mentiras, nunca imaginaria enxovalhá-la só à idéia de a querer, a ela que era uma senhora, ao passo que ele tinha estado preso e vivia como selvagem! Em seguida, acalmado, cairá num silêncio sombrio, só pronunciando monossílabos, indiferente à condenação que poderia feri-lo. Pelo seu lado, Roubaud manteve-se naquilo a que a acusação chamava o seu sistema; contou como e porque matara Grandmorin, negou a participação no assassinio da sua mulher; mas fazia-o em frases cortadas como que incoerentes, com perdas súbitas de memória, os olhos perturbados, a voz tão pastosa, que parecia procurar e inventar os pormenores. E o presidente, a apertá-lo, demonstrando-lhe os absurdos da narrativa. Acabou por encolher os ombros e recusar responder: para que servia dizer a verdade, se a mentira é que era lógica? Esta atitude de ordem agressiva a respeito da justiça fez-lhe o maior mal. Notou-se também o profundo desinteresse que os dois acusados mostravam um pelo outro, como uma prova de entendimento prévio, todo um plano hábil, seguido de extraordinária força de vontade.

Pretendiam não se conhecer, acusavam-se até, unicamente para desmentir o tribunal. Quando os interrogatórios terminaram, estava julgado o processo, por tal modo o presidente o conduziu com destreza, de modo que Roubaud e Cabuche, caindo nos laços armados, parecessem ter-se entregue por si mesmos. Naquele dia ouviram-se ainda algumas testemunhas sem importância. O calor tornara-se tão insuportável, pelas cinco horas, que duas senhoras desmaiaram. Mas, no outro dia, a grande emoção foi para a audição de certas testemunhas. A senhora Bonnehon teve um verdadeiro sucesso de distinção e de tato. Ouviu-se com interesse os empregados da Companhia, senhor Vandorpe, senhor Bessière, senhor Dabadie, o senhor Cauche principalmente, este, muito prolixo, contou como conhecia bem Roubaud tendo muitas vezes feito com ele a sua partida no café do Comércio; Henrique Dauvergne repetiu o seu testemunho aterrador, a quase certeza em que estava de ter, na sonolência da febre, ouvido as vozes surdas dos dois acusados, que se consertavam; e, interrogado acerca de Severina, mostrou-se discreto, fez compreender que a amara, mas que, sabendo-a pretendida por outro, se retrairá lealmente. Por isso quando esse outro, Tiago Lantier, foi finalmente introduzido, um zumbido subiu da multidão, levantaram-se pessoas para o ver melhor, houve mesmo entre os jurados um movimento apaixonado de atenção. Tiago, muito tranqüilo, apoiara-se com as duas mãos à barra das testemunhas, com o gesto profissional a que se habituara quando pilotava a máquina. Este comparecimento, que deveria perturbá-lo profundamente, deixava-o numa completa paz de espírito, como se nada do processo lhe dissesse respeito. Ia depor como estranho, como inocente; depois do crime, nem um estremecimento lhe viera, não pensava sequer naquelas coisas, sem memória, os órgãos num estado de equilíbrio, em saúde perfeita; ali ainda, naquele tribunal, ele não tinha nem remorsos, nem escrúpulos, de uma inconsciência absoluta. Depois, fitara Roubaud e Cabuche com os seus olhos claros. Ao primeiro, sabia-o criminoso, dirigiu-lhe um ligeiro sinal de cabeça, um cumprimento discreto, sem pensar em que era abertamente o amante de sua mulher. Depois sorriu para o segundo, o inocente, de quem ele deveria ocupar o lugar naquele banco: um bom animal no fundo, debaixo do seu aspecto de bandido, um valente, que ele vira no trabalho, a quem apertara a mão. E, bem à vontade, depôs, respondeu em pequenas frases nítidas às perguntas do presidente, que, depois de o haver interrogado, sem rodeios, acerca das suas relações com a vítima, lhe fez contar a sua partida de Croix-de-Maufras, algumas horas antes do assassinio; como tinha ido procurar o comboio em Barentin, como dormira em Ruão. Cabuche e Roubaud ouviam-no e confirmavam as suas respostas, pela sua atitude; e, naquele minuto, entre aqueles três homens, houve uma indizível tristeza. Um silêncio de morte fizera-se na sala, uma emoção vinda da garganta dos jurados: era a verdade que passava, muda. À pergunta do presidente que desejava saber o que pensava ele do desconhecido desaparecido nas trevas, de que o canteiro falava, Tiago contentou-se em mover a cabeça, como se não desejasse incriminar mais o réu. E um fato então se produziu, que acabou de perturbar o auditório. Apareceram lágrimas nos olhos de Tiago, transbordaram e correram-lhe pelas faces. Tal como a vira já, Severina acabava de ser invocada, a mísera assassinada de que ele levava em espírito a imagem, com os olhos

azuis desmesuradamente abertos, os cabelos negros em pé sobre a fronte, como um capacete de terror. Adorava-a ainda, uma compaixão imensa se apoderara dele, chorava-a com lágrimas quentes, na inconsciência do seu crime, esquecendo onde estava, no meio daquela multidão. Senhoras, tomadas de enternecimento, soluçavam. Achou-se extremamente comovedora aquela dor do amante, quando o marido permanecia de olhos secos. O presidente perguntou em seguida à defesa se não, tinha pergunta alguma a fazer à testemunha; os advogados agradeceram e os acusados, estupificados, acompanhavam, com o olhar, Tiago, que se sentara novamente no meio da simpatia geral.

A terceira audiência foi toda tomada pela requisitória do procurador imperial e pelos discursos dos advogados. Primeiro, o presidente apresentara um resumo do processo, onde, sob uma afetação de imparcialidade absoluta, as cargas da acusação eram agravadas. Depois, o procurador imperial não pareceu empregar todos os seus meios; tinha habitualmente mais convicção, uma eloquência menos vazia. Levou-se isso, à conta do calor, realmente de asfixiar. Ao contrário, o defensor de Cabuche, o advogado de Paris, agradou muito, sem convencer. O defensor de Roubaud, um membro muito distinto do foro de Ruão, tirou igualmente todo o partido que pôde da sua má causa. Fatigado, o ministério público nem sequer replicou. E, quando o júri passou à sala das deliberações, ainda não eram seis horas, a luz do dia entrava ainda a jorros pelas dez janelas, um último raio do sol iluminava as armas da cidade da Normândia, que lhe ornamentavam as impostas. Um grande rumor de vozes se ouviu debaixo do antigo teto dourado, alaridos de impaciência abalaram as grades de ferro que separam os lugares reservados do resto do público. Mas o silêncio tornou-se religioso logo que o júri, juizes e advogados reapareceram. O *verdictum* admitiu circunstâncias atenuantes, o tribunal condenou os dois homens a trabalhos forçados por toda a vida. E foi uma viva surpresa, a multidão escoou-se em tumulto, fizeram-se ouvir alguns assobios, como no teatro.

Em toda a cidade de Ruão, nessa mesma noite, falava-se naquela condenação com comentários sem fim. Segundo a opinião geral, era um choque para a senhora Bonnehon e para os Lachesnaye. Só uma condenação à morte, parecia, teria satisfeito a família: e, seguramente, tinham achado influências diversas. Já não se pronunciava baixinho o nome da senhora Leboucq, que contava entre os jurados três ou quatro dos seus fiéis. A atitude do seu marido, como assessor, nada indubitavelmente apresentava de incorreto; contudo julgava-se ter notado que nem o outro assessor, o senhor Chaumette, nem mesmo o presidente, o senhor Desbazzelles, se tinham sentido senhores dos debates tanto quanto eles o desejariam. Talvez, simplesmente, o júri cheio de escrúpulos, concedendo circunstâncias atenuantes, acabasse de ceder ao mal-estar dessa dúvida, que por um memento atravessara a sala, o vôo silencioso da melancólica verdade. Quanto ao resto, o processo ficava sendo um triunfo do juiz de instrução, o senhor de Denizet, de quem nada poderia destruir a obra prima, porque a própria família perdeu muitas simpatias quando correu o boato de que, para reaver a Croix-de-Maufrais, o senhor Lachesnaye, em contrário à jurisprudência, pensava em intentar uma ação de revogação, apesar da morte do donatário, o que admirava da parte de um

magistrado.

Quando Tiago saiu do tribunal foi encontrar-se com Filomena, que ficara como testemunha, e que o não largou mais, retendo-o e tentando-o para passar aquela noite com ela em Ruão. Ele só devia voltar ao trabalho, ao outro dia e queria então que ele ficasse para jantar na estalagem onde pretendia ter dormido na noite do crime, perto da estação; mas ele não acedeu, era absolutamente forçado a voltar a Paris, no comboio da meia-noite e cinquenta.

— Não sabes, contou ela quando se dirigia pelo braço de Tiago para a estalagem, iria jurar que há pouco vi alguém do nosso conhecimento. Sim, Pecqueux, que ainda outro dia repetia que, por causa do processo, não seria ele que poria os pés em Ruão. Houve um momento em que me voltei, e um homem, de quem só avistei as costas, desapareceu no meio da multidão.

O maquinista interrompeu-a encolhendo os ombros.

— Pecqueux está em Paris, e naturalmente anda na pândega, satisfeitíssimo pela folga que a minha licença lhe proporciona.

— É possível... Não importa, desconfiemos sempre, porque, quando está irritado, é o pior animal que eu conheço.

Uniu-se mais a ele e acrescentou, deitando um relance de olhos para trás:

— E aquele que nos segue, conheces?

— Conheço, não te inquietes. Talvez queira perguntar-me alguma coisa.

Era Misard que, efetivamente, desde a Rua dos Judeus os acompanhava a distância. Depusera ele também, com o ar ensonado; e demorara-se rodando à volta de Tiago, sem se resolver a fazer-lhe uma pergunta, que tinha visivelmente na ponta da língua. Quando os dois desapareceram na estalagem, entrou ele também e pediu um copo de vinho.

— Olá, é você, Misard! exclamou o maquinista. E, com a sua nova mulher, como vai a coisa?

— Assim, assim, resmungou o sinaleiro. Ah! A desavergonhada pregou-me uma boa partida. Hein! Eu já lhe contei a coisa na minha outra viagem aqui em Ruão.

Tiago rira-se muito daquela história. A Ducloux, a antiga criada equívoca, que Misard tomara para guardar a cancela, não levara muito tempo a perceber, ao vê-lo andar a esquadrinhar pelos cantos, que ele devia procurar algum pecúlio escondido pela defunta; e acudira-lhe uma idéia de gênio para se fazer desposar; a de lhe deixar entender por meio de reticências, por pequenas risadinhas, que ela já o tinha achado. Primeiro estivera prestes a matá-la; depois lembrara-se de que os mil francos mais uma vez lhe escapariam ainda, se a suprimisse como à outra, antes de os haver à mão; tornara-se muito curioso, muito meigo; mas ela repelia-o e não queria sequer que ele lhe tocasse; não, não, quando ela fosse sua mulher, então teria tudo, ela e ainda por cima o dinheiro. E casara e ela tinha escarnecido dele, chamando-o tolo por acreditar tudo quanto ela lhe contara. O mais bonito é que, posta ao corrente do caso, também ela se acendera no mesmo contágio da sua febre, e andava agora a ver quem achava primeiro o pecúlio. Ah! Aqueles mil francos que ninguém achava,

havam de dar um dia com eles, agora que eram dois a procurar! Procuravam, procuravam!

— Então, ainda nada? perguntou Tiago chacoteando, a Ducloux não o ajuda?

Misard olhou para ele e falou:

— Se sabe onde eles estão, diga-mo.

O maquinista zangou-se.

— Eu sei lá nada! A tia Fásia nada me deu, e você não se lembra decerto, de acusar-me de roubo!

— Oh! não lhe deu nada, tenho a certeza. Bem vê que isto até me faz doente. Se sabe onde eles estão, diga-mo.

— Olhe, deixe-me! Tome cuidado mas é em que eu não queira falar de mais. Olhe, vá ver no saleiro, se eles lá estão!

Lívido, com os olhos ardentes, Misard continuava a olhar para ele. Teve uma brusca iluminação.

— No saleiro, olha! É verdade. Efetivamente, debaixo da gaveta onde o sal se guardava, há um esconderijo que eu ainda não esquadrinhei.

Tomou rapidamente o seu copo de vinho, e correu para a estação, a ver se poderia ainda apanhar o comboio das sete e dez. Quando chegasse em casa, iria procurar, e procuraria eternamente.

À noite, depois de jantar enquanto esperava o comboio da meia-noite e cinquenta, Filomena quis levar Tiago por umas ruazinhas escuras, para os lados do campo que ficava perto. A atmosfera estava pesada, uma noite de julho, ardente e sem lua, que lhe intumescia a garganta de fortes suspiros, quase pendurada no pescoço dele.

Por duas vezes, tendo-lhe parecido ouvir passos atrás deles, voltara-se sem ver ninguém, tão espessas eram as trevas. Ele sofria, muito naquela noite de trovoadas. No seu tranqüilo equilíbrio, naquela saúde completa de que gozava depois do assassinio, ele sentira, havia pouco, à mesa um longínquo mal-estar, todas as vezes que aquela mulher se esfregara nele. O cansaço, sem dúvida, um enervamento causado pelo abafadiço do ar. Mas, de repente, como passassem junto dum talude, por um caminho deserto, e como ela para ali o levou, estendendo-se, apossou-se dele a necessidade monstruosa, foi arrebatado por uma raiva, procurou por entre a erva uma arma, uma pedra, para lhe esmagar a cabeça. Num safanão, levantara-se e fugira, já doido, quando ouviu uma voz de homem, pragas, toda uma batalha.

— Ah! miserável, esperei até ao fim, quis ter a certeza!

— Não é verdade, deixa-me!

— Ah! Não é verdade? O outro, deixa-o correr! Eu bem sei quem ele é e hei de apanhá-lo! Toma! Estupor, diz ainda que não é verdade!

Tiago galopava na escuridão, não para fugir de Pecqueux, a quem acabava de reconhecer; mas fugia de si mesmo, louco de dor.

O que! Pois não bastara uma morte, não estava saciado com o sangue de Severina, como ele supusera de manhã, ainda? E agora recomeçava? Outra, depois outra e depois sempre outra? Desde que se satisfazia, após algumas semanas de torpor, a sua terrível fome tornaria



a despertar, ser-lhe-ia necessário incessantemente carne de mulher para se saciar? Mesmo, atualmente, já não precisava vê-la, a essa carne de sedução; bastava senti-la tépida nos seus braços, cedia ao cio do crime, como macho feroz, que rasgava o ventre das fêmeas. Doravante só tinha diante de si aquela noite profunda, de um desespero sem limites, por onde fugia, fora-se-lhe a vida...

Passaram-se alguns dias. Tiago retomara o seu serviço, evitando os camaradas, caindo de novo na sua selvageria atroz de outros tempos. Acabava de ser declarada a guerra, depois de tempestuosas sessões na Câmara; e houvera já um pequeno combate de postos avançados, feliz, ao que se dizia. Havia uma semana que o transporte de tropas esmagava de fadiga o pessoal das estradas de ferro. Uma noite, no Havre, Tiago, ao invés do seu expresso habitual, teve de pilotar um comboio enorme, dezoito vagões absolutamente atulhados de soldados.

Naquela noite Pecqueux chegou ao Depósito muito embriagado. No dia seguinte àquele em que surpreendera Filomena com Tiago, subira para a máquina 608, como fogueiro, com este último, e, desde essa ocasião não fazia alusão alguma, carrancudo, parecendo não olhar para o chefe. Este, porém, sentia-o cada vez mais revoltado, recusando obedecer, acolhendo com um grunhido surdo qualquer ordem dada. Tinham acabado por deixarem completamente de falar um com o outro. Aquela chapa de ferro movediça, aquela pequenina ponte que os transportava outrora, tão unidos, não era já a esta hora senão a prancha estreita e perigosa, onde se checava a sua rivalidade. O ódio crescia, estavam no ponto em que seriam capazes de se devorar nesses poucos pés quadrados, onde o mais pequeno encontrão os teria precipitado. Naquela noite, vendo Pecqueux embriagado, Tiago desconfiou, porque o sabia velhaco demais para zangar-se em jejum: só o vinho era capaz de desencadear nele o bruto.

O comboio, que devia partir às seis horas, saiu atrasado. Era já noite, quando embarcaram os soldados como carneiros, em vagões de gado. Tinham-se-lhe simplesmente pregado umas tábuas à maneira de bancos, empilhavam-nos lá dentro, por esquadras, enchendo as carruagens além do possível, ficando uns sentados em cima dos outros, alguns de pé, apertados de modo que nem um braço podiam mexer. Logo que chegassem a Paris, passariam para outro comboio que os transportaria ao Reno. Estavam já esmagados de fadiga, no atordoamento da partida. Mas como se lhes havia distribuído aguardente, e muitos se tinham espalhado pelas vendas próximas, tinham uma alegria quente e brutal, muito vermelhos, os olhos a saltarem-lhes das órbitas. E logo que o comboio abalou, saindo da estação, começaram a cantar.

Tiago examinou logo o céu, cujas estrelas um vapor de tempestade ocultava. A noite havia de ser muito sombria, nem um sopro agitava o ar abrasador; e o vento da carreira, sempre tão fresco, parecia tépido. A pequena lanterna da máquina que iluminava o nível da água, deixava a plataforma numa penumbra, que a porta da fornalha, em brasa, tornava violácea. Tiago não distinguia bem Pecqueux; tivera nas pernas, por duas vezes, a sensação de um roçar, como se estivessem uns dedos a exercitar-se para o agarrarem por ali. Mas aquilo não passava de algum movimento inconsciente de borracho, porque o ouvia, no meio

do rumor, rir alto, partir o carvão a golpes de marreta exagerados, batendo-lhe com a pá. De minuto a minuto, abria a porta, atirava combustível para a grelha em quantidade desarrazoada.

— Basta! gritou Tiago.

O outro afetou não entender, e continuou a colocar pasadas umas sobre as outras; e, como o maquinista lhe agarrasse pelo braço, ele voltou-se, ameaçador, tendo enfim a questão que procurava, no furor crescente da sua embriaguez.

— Não me toques, ou chego-te! Isto a mim diverte-me, andar depressa!

O comboio, agora, rodava a toda a velocidade, sobre o planalto que vai de Bolbec a Sotteville. Devia correr direto a Paris, sem paragem alguma, salvo nos pontos marcados para tomar água. A enorme massa, os dezoito vagões, carregados, atulhados de gado humano, atravessaram a escuridão do campo, num trovejar contínuo. E aqueles homens, que caminhavam para a carnificina, cantavam, cantavam como possessos, num clamor tão alto que dominava o estridor das rodas.

Tiago, com o pé, tornara a fechar a porta. Depois, mostrando o injetor, contendo-se ainda:

— Há fogo de mais... Se está bêbedo, vá cozer a bebedeira! Imediatamente, Pecqueux tornou a abrir, encarniçando-se em pôr carvão, como se quisesse fazer saltar a máquina. Era a revolta, as ordens não cumpridas, a paixão exasperada, que nem tinha em linha de conta todas aquelas vidas humanas. E como Tiago se debruçasse para baixar, ele próprio, a haste do cinzeiro, de modo a diminuir pelo menos a tiragem, o fogueiro agarrou-se bruscamente a ele, corpo a corpo, tentando empurrá-lo para a linha, num empuxão violento.

— Canalha! Era então isso! Não é assim? Para dizeres depois que eu caíra, grandíssimo malandro!

Agarrara-se a um dos rebordos do *tender* a escorregarem ambos; a luta continuou na pequena ponte de ferro, que dançava violentamente. Com os dentes cerrados já não falavam, esforçavam-se por se precipitarem um ao outro pela estreita abertura, vedada apenas por uma barra de ferro. Mas não era cômodo; a máquina devoradora rodava, rodava sempre; e passou-se Barentin, e o comboio abismou-se no túnel de Malaunay, e ainda eles estavam estreitamente agarrados espojados no carvão, batendo com a cabeça contra as paredes do recipiente da água, evitando a porta rubra da fornalha, onde se lhe queimavam as pernas cada vez que as estendiam.

Por um momento, Tiago pensou que poderia levantar, fechar o regulador, chamar por socorro, para que o libertassem daquele doido furioso, enraivecido de embriaguez e de ciúmes. Sentia-se enfraquecer; mais pequeno, desesperava, sem força para o precipitar, vencido já, sentindo passar pelos cabelos o terror da queda. Quando fazia um pequeno esforço, com a mão a tatear, o outro compreendeu, inteiriçou-se nos rins, e levantou-o como uma criança.

— Ah! Queres parar... Roubaste-me a mulher... Vai, vai, é preciso que morras!

A máquina rodava, rodava, o comboio acabava de sair do túnel com grande estrépito, e

continuava a sua carreira, através do campo vazio e sombrio. A estação de Malaunay foi transposta numa tal rajada, que o sub-chefe, de pé, sobre o cais, nem sequer viu aqueles dois homens em ação de se devorarem, enquanto os arrebatava o raio.

Mas Pecqueux, num último esforço, precipitou Tiago; e este, sentindo o vago, perdido, agarrou-se-lhe ao pescoço tão estreitamente, que o arrastou. Houve dois gritos terríveis, que se confundiram, que se perderam. Os dois homens, caídos juntos, arrastados para baixo das rodas pela reação da velocidade, foram tragados, triturados, no seu abraço, naquele terrível amplexo, eles que, durante tanto tempo, tinham vivido como irmãos. Acharam-nos sem cabeça, sem pés, dois troncos sangrentos que se apertavam ainda como para se sufocarem.

E a máquina, livre de qualquer direção, rodava, rodava sempre. Enfim, a teimosa, a fantástica, podia ceder ao impulso da mocidade como uma égua indomada ainda escapa das mãos do guarda, galopando pela montanha rasa. A caldeira estava provida de água, o carvão, de que a fornalha havia sido cheia, ardia; e durante a primeira meia hora a pressão subiu doidamente, a velocidade tornou-se assustadora. Sem dúvida, o condutor-chefe, cedendo à fadiga, havia adormecido. Os soldados, cuja embriaguez aumentava, por estarem assim amontoados, subitamente alegraram-se com aquela corrida violenta, cantavam mais alto ainda. O comboio atravessou Maromme como um raio. Já não havia apito, à aproximação dos sinais, à passagem das estações. Era o galope direto, o animal que punha a cabeça baixa muda aos obstáculos. Rodava, rodava sem fim, como enlouquecida cada vez mais pelo ruído estridente da própria respiração.

Em Ruão, devia-se tomar água; e o pavor gelou a estação, quando viu passar, numa vertigem de fumo e de chamas, aquele comboio doido, aquela máquina sem maquinista nem fogueiro, vagões de gado cheios de tropa que uivavam canções patrióticas. Iam para a guerra, era para chegarem mais depressa à beira do Reno. Os empregados tinham ficado hiantes, agitando os braços. Em seguida o clamor foi geral: nunca aquele comboio desenfreado, abandonado a si mesmo, poderia atravessar sem desastre grande a estação de Sotteville, sempre cheia de manobras, obstruída por carruagens e máquinas como todos os grandes Depósitos. E precipitavam-se para o telégrafo, a prevenir. Justamente nessa estação, um comboio de mercadorias que ocupava a linha, pôde recuar para um Depósito. Ao longe já se via o rodar do monstro fugido. Engolfara-se nos dois túneis que ficam próximos de Ruão, chegava com o seu galope furioso, com uma força prodigiosa e irresistível, que nada podia deter. E a estação de Sotteville ardeu, deslizou por meio de obstáculos sem nada encontrar, mergulhou de novo nas trevas, onde o seu trovejar se extinguiu a pouco e pouco.

Agora todos os aparelhos telegráficos da linha tilintavam, todos os corações batiam, à notícia do comboio fantasma que acabava de ser visto passar em Ruão e em Sotteville. Tremiam de medo: um expresso que caminhava na frente, ia decerto ser abalroado. Ele, como um javali numa floresta, continuava na sua carreira, sem ligar a luzes vermelhas ou petardos. Em Oissel esteve quase a esmigalhar-se contra uma máquina piloto; aterrou Port-de-l'Arche porque a sua velocidade não parecia afrouxar. De novo, desaparecido, rodava na noite negra lá para baixo, nem se sabia para onde.

Que importavam as vítimas que a máquina esmagava no caminho! Não ia ela também para o futuro, indiferente ao sangue derramado? Sem condutor no meio das trevas, fera cega e surda, indômita, rodava, rodava atulhada dessa carne para canhão, desses soldados já estupidificados de fadiga e embriagados, que cantavam.